

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**A ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS: GÊNESE E TRAJETÓRIA DE
UM SISTEMA LITERÁRIO**

Aline Rullian Germann Woloski

Prof^a. Dr. Maria Eunice Moreira
Orientadora

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor
em Letras, na área de concentração de Teoria da Literatura

Data da defesa: 15 de março de 2013

Instituição depositária:
Biblioteca Central Irmão José Otão
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, janeiro de 2013.

W866a Woloski, Aline Rullian Germann

A Academia Rio-Grandense de Letras: gênese e trajetória de um sistema literário / Aline Rullian Germann Woloski; orientadora Maria Eunice Moreira. – Porto Alegre : PUCRS, 2013.
276 f.

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Letras. Programa de Pós-graduação em Letras. Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Academia. 2. Literatura. 3. Movimentos literários. 4. Literatura brasileira. 5. Literatura sul-rio-grandense. I. Moreira, Maria Eunice. II. Título.

CDU 061.12:82.02
821.134.3(81)
821.134.3(816.5)

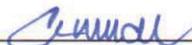
ALINE RULLIAN GERMANN WOLÓSKI

**A ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS: GÊNESE E
TRAJETÓRIA DE UM SISTEMA LITERÁRIO**

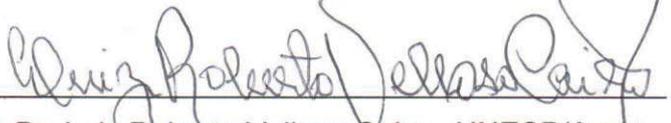
Tese apresentada como requisito para
obtenção do grau de Doutor, pelo
Programa de Pós-Graduação em
Letras da Faculdade de Letras da
Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul.

Aprovada em 15 de março de 2013

BANCA EXAMINADORA:



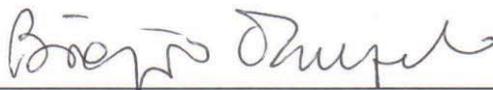
Profa. Dra. Maria Eunice Moreira - PUCRS



Prof. Dr. Luiz Roberto Velloso Cairo - UNESP/Assis



Profa. Dra. Luciana Murari - UCS



Prof. Dr. Biagio D'Angelo - PUCRS



Profa. Dra. Regina Kohlrausch - PUCRS

AGRADECIMENTOS

Como em todas as etapas de minha vida, fui auxiliada por familiares e pessoas queridas que tornaram este momento de chegada (ou seria de partida?) possível. Agradecer por todo apoio e atenção ao longo da redação da tese é o mínimo que posso fazer.

Primeiramente, agradeço ao Ir. Elvo Clemente, meu professor, orientador e amigo querido que acompanhou minha trajetória pelo mundo das letras desde o princípio. As lições e conselhos solidificaram minha formação e foram decisivas nas escolhas que fiz e nas que ainda farei. Sua orientação durante a graduação e o mestrado e, mais ainda, a sugestão em propor uma tese sobre a Academia Rio-Grandense de Letras foram essenciais.

Agradeço à minha orientadora, Prof^ª. Maria Eunice Moreira, pela orientação segura e elucidadora e pelo apoio em todos os momentos do trabalho.

À Prof^ª. Dr. Alice Therezinha Campos Moreira, pelo auxílio e atenção que me dedicou desde o princípio dos meus estudos como bolsista de iniciação científica. Aos demais funcionários da Faculdade de Letras em especial à secretária do Programa de Pós-Graduação em Letras, Isabel Cristina Pereira Lemos, pela ajuda e esclarecimentos.

À banca examinadora, pela disposição em participar da arguição e pela leitura do trabalho.

À Academia Rio-Grandense de Letras e aos seus acadêmicos, por permitirem a minha entrada na entidade e a pesquisa em seus arquivos. Em especial, gostaria de agradecer aos agremiados José Francelino de Araújo e Francisco Pereira Rodrigues pelos relatos e documentos indicados.

Um parágrafo dedico à Marília Beatriz Cibils Becker, acadêmica e secretária geral da Academia Rio-Grandense de Letras, que me assessorou e viabilizou o acesso aos arquivos e documentos oficiais da entidade. Marília, muito obrigada!

Ao Colégio Nossa Senhora da Glória, em especial à diretora Irmã Maria Angelina Enzweiler e à Irmã Nídia Antonia Roggia, e aos queridos colegas que me apoiaram ao longo desses cinco anos de convivência.

À Helena Ana Grings, a melhor bibliotecária que conheço, pelo contínuo auxílio e pelo carinho ao desenvolver a ficha catalográfica da tese;

Agradeço à CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que financiou meus estudos em uma universidade de excelência como a PUCRS.

Às minhas amigas Daniela, Débora, Fernanda, Maira e Patrícia pelas palavras de encorajamento.

À Flávia, amiga querida, que, mesmo longe, está sempre presente em minha vida. Obrigada pelo incentivo e pelo 'abstract'.

Agradeço à família Woloski que, durante os anos de doutoramento, passou a ser minha também. Obrigada pelo carinho!

Não há como não agradecer à minha família, minha mãe e meu pai, Rozana e Odanei, minha irmã, Amanda, minha avó, Dinorá e minha tia, Rejane. Em meus vinte e nove anos de vida não houve um dia em que não me senti amada. Sinto-me abençoada por ter vocês, obrigada!

Agradeço, ainda, ao Rodrigo, que passou a fazer parte da minha vida ao longo desta caminhada, me apoiando incondicionalmente em todos os momentos e sendo meu parceiro na concepção do que chamo de o melhor de nós: nosso filho, Victor.

“Pertencer à Academia não é apenas uma distinção, uma valorização dos meus trabalhos, mas essencialmente uma missão de levar adiante o amor às letras, principalmente às letras da Língua Portuguesa”.

Ir. Elvo Clemente, *PUCRS Informação*, 2004

RESUMO

Esta tese estuda a Academia Rio-Grandense de Letras, resgatando sua história e produção, tendo como base a teoria dos polissistemas, de Itamar Even-Zohar.

O material analisado baseia-se em fontes primárias originárias da própria Academia e privilegia dados da história da instituição, seu quadro social e o seu periódico que circula de 1910 até a presente data.

Através do corpus selecionado, o estudo evidencia como a agremiação consiste em um sistema literário que alicerça outro maior: o sistema literário rio-grandense.

Palavras-chave: academia – literatura rio-grandense - sistema literário

ABSTRACT

The present thesis consists in a study of the Rio-Grandense Academy of Letters, reviewing its history and production, based on Itamar Even-Zohar's polysystem theory.

The material hereby analysed is based on primary sources originated by the Academy itself and focuses on data about the institution's history, membership, and periodical journal, which has been in circulation since 1910.

This study uses the selected corpus to highlight the way in which this association comprises a literary system that serves as foundation for a larger one: the rio-grandense literary system.

Key words: academy – rio-grandense literature - literary system

SUMÁRIO

1 OS ALICERCES.....	11
1.1 A ORIGEM.....	11
1.2 A TEORIA DOS SISTEMAS.....	14
1.3 A TESE.....	26
2 AS ACADEMIAS.....	30
2.1 AS ACADEMIAS CLÁSSICAS.....	30
2.2 A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.....	33
2.3 A ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS.....	40
2.3.1 1910: a retomada.....	54
2.3.2 1934: o recomeço.....	64
2.3.3 1944: a unificação.....	75
2.3.4 Após a unificação.....	79
3 OS ACADÊMICOS.....	87
3.1 AS CONDIÇÕES ESTATUTÁRIAS.....	87
3.2 TRÊS DESTAQUES.....	91
3.2.1 Olinto de Oliveira.....	91
3.2.1.1 O empreendedor e a Academia Rio-Grandense de Letras.....	100
3.2.2 Zeferino Brasil.....	103
3.2.2.1 O entusiasta e a Academia Rio-Grandense de Letras.....	106
3.2.3 Ir. Elvo Clemente.....	114
3.2.3.1 O revitalizador e a Academia Rio-Grandense de Letras.....	122
4 A REVISTA.....	126
4.1 OS PRIMEIROS PERIÓDICOS.....	126
4.2 A REVISTA ACADÊMICA.....	129

4.2.1 A década de 1910.....	133
4.2.2 As décadas de 1940 e 1950.....	140
4.2.3 A década de 1980.....	152
4.2.3.1 A literatura rio-grandense.....	156
4.2.3.2 A herança cultural do Rio Grande.....	176
5 SISTEMAS EM PERSPECTIVA.....	181
REFERÊNCIAS.....	196
ANEXOS.....	206
ANEXO A – Periódicos.....	207
ANEXO B – Correspondências.....	227
ANEXO C – Documentos.....	242
ANEXO D – Acadêmicos.....	261

1 OS ALICERCES

1.2 A ORIGEM

Politicamente abalada pelos acontecimentos bélicos que a cercavam na década de 1860, a Província de São Pedro e seus habitantes observaram, nesse mesmo período, a alternância de seus presidentes, de acordo com a vontade do Império. Em 1868, o cargo foi ocupado por Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo, o Barão Homem de Melo, Joaquim Vieira da Cunha, político e magistrado, Guilherme Xavier de Sousa, militar e combatente na Guerra do Paraguai e pelos políticos Israel Rodrigues Barcelos e Antônio da Costa Pinto e Silva.

Paralelamente, ocorria a Guerra do Paraguai, iniciada quatro anos antes, em 1864. O conflito, que teve fim somente em 1870, foi travado entre uma potência emergente, o Paraguai, que tinha planos de constituir um grande império guarani, e um Brasil ameaçado, temendo perder seu território e hegemonia regional. A Província do Rio Grande do Sul era um dos palcos desse enfrentamento bélico. Por causa do entrave em território gaúcho, que ocorria pelas bandas de Itaqui, São Borja e Uruguaiana, Porto Alegre vivia, na segunda metade da década de 1860, sob tensão. Nesse período, a vida social da Capital esteve retraída. Poucas casas de festa tocavam suas polcas, as confeitarias, os cafés famosos foram deixados à solidão e nas ruas estreitas e nas vilas vagavam moribundos e escravos em fuga¹.

Os anos que se seguiram foram marcados pelo término da Guerra do Paraguai, a mais cruel da América do Sul desde a Guerra da Cisplatina (1825-1828), a Guerra Civil dos Farrapos (1835-1845) e as guerras do Prata, ocorridas entre os anos 50 e 60 do século XIX. Encerrados os combates, o Rio Grande passou por um período de paz e prosperidade. Com a ascensão da economia cafeeira de Minas Gerais e de São Paulo, a partir da década de

¹ VIEIRA, Athos Damasceno. **Sociedades Literárias em Porto Alegre no Século XIX**. Porto Alegre: UFRGS, 1962. p. 54-56.

1870, o Rio Grande do Sul voltou a ser grandioso no cenário econômico nacional.

Nesse contexto, surgiu em Porto Alegre um alento para os interessados em ampliar seus conhecimentos. Alguns dos intelectuais da região, preocupados com a cultura escrita, organizaram a primeira sociedade com objetivos de discussão e produção literária, a Sociedade do Partenon Literário.

Movidos pelo espírito romântico, estilo predominante dos estudiosos do Rio Grande no final do século XIX, e empenhados em desenvolver aspectos do regionalismo o poeta Caldre e Fião e o professor e escritor Apolinário Porto Alegre fundaram, no final do século XIX, a Sociedade do Partenon Literário, na sede da Sociedade Firmeza e Esperança² na Rua Bragança, atual Marechal Floriano, localizada na Capital. Os fundadores, apoiados por seus sócios, procuravam divulgar e fazer valer seus talentos literários e seus ideais libertários e abolicionistas.

Não se pode, contudo, dizer que o Partenon foi a única tentativa de organizar uma associação, uma vez que, um ano antes foi erguido o Grêmio Literário Rio-Grandense, fundador do periódico *A Arcádia*. Esse, porém, não conseguiu sobreviver nem ter a relevância da agremiação de Apolinário Porto Alegre. Sobre as sociedades do período, Athos Damasceno Vieira³ observou:

Sociedade de letras, propriamente dita, só a tivemos na capital do Rio Grande do Sul, em julho de 1868, com a fundação do Partenon Literário. E essa sociedade literária, não só a primeira, cronologicamente considerada, como a de maior envergadura na ordem cultural, de modo tão intenso e demorado haveria de exercer sua influência em todas as direções da vida da Província. O Partenon Literário surgiu precisamente aí, aos primeiros sinais do decênio renovista, sacudido pelos sentimentos cívicos que acordavam no fragor de uma luta sangrenta, apoiado nas transformações econômicas que se operavam em torno e, sobretudo, na aliciante ideologia oitocentista que pretendia assegurar ao

² ZILBERMAN, Regina; SILVEIRA, Carmen Consuelo; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **O Partenon Literário: poesia e prosa**. Porto Alegre: EST; Instituto Cultural Português, 1980.

³ VIEIRA, Athos Damasceno. **Sociedades Literárias em Porto Alegre no Século XIX**. Porto Alegre: UFRGS, 1962, p. 54-56.

homem e à sociedade um mundo digno de sua condição superior.

Ainda acerca das tentativas de organização societária que precederam o Partenon Literário, Mauro Póvoas salientou⁴:

Antes do Partenon não existia um conjunto de produtores literários conscientes de seu papel, nem tampouco havia um conjunto de receptores, formando diferentes tipos de público – faltava a constituição efetiva de um sistema literário. Sendo assim, o que aconteciam eram manifestações esparsas que não se davam em decorrência de uma rede de relações, mas do esforço pessoal de algum abnegado ou da sorte do escritor em vir a ser subvencionado pelo poder público.

Se antes as organizações eram escassas, após a instauração do Partenon Literário uma série de novas tentativas ocorreram. Segundo Athos Damasceno Vieira⁵, a partir do surgimento dessa entidade, verificou-se extraordinária vitalidade na esfera das letras: em trinta e dois anos, isto é, de 1868 a 1900, trinta e seis sociedades literárias foram fundadas e atuaram em uma cidade que, ao final do século XIX, ainda não havia alcançado a casa dos cem mil habitantes. Nem todos esses núcleos de cultura, porém, tiveram vida longa, mas não se pode deixar de constatar que uns substituíram os outros, em um encadeamento que não conheceu interrupções.

Entre o final do século XIX e o princípio do XX, o Brasil rompeu definitivamente com a monarquia e o regime escravocrata e a república emanavam ideais libertários. O positivismo, uma nova doutrina política, ganhava espaço e poder através do presidente da Província, Júlio de Castilhos. Entre os anos de 1893 a 1896, o Rio Grande do Sul esteve polarizado entre os

⁴ PÓVOAS, Mauro Nicola. **Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX**. 2005. 296p. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. p. 75.

⁵ VIEIRA, Athos Damasceno. **Sociedades Literárias em Pôrto Alegre no Século XIX**. Porto Alegre: UFRGS, 1962, p. 66.

maragatos e os pica-paus, dois grupos divergentes, que lembravam o Rio Grande de batalhas de outrora. Agora eram os homens daqui, lutando entre si, na chamada Revolução Federalista. É nesse Rio Grande do Sul, de feridas abertas e de manutenção dos privilégios da elite campeira, que é fundada a Academia Rio-Grandense de Letras.

Em meio a tantas instituições recém-fundadas, a Academia estabeleceu-se, desde seus primeiros momentos, como um sistema que colaborou na formação identitária do sistema literário rio-grandense, através da preservação, divulgação e manutenção da literatura e dos costumes do Estado.

1.2 A TEORIA DOS SISTEMAS

O termo sistema é, ao mesmo tempo, versátil e complexo devido às suas inúmeras acepções. Na teoria dos polissistemas, proposta por Itamar Even-Zohar⁶, especialista no campo dos estudos culturais e na construção do identitário nacional, o vocábulo supõe a ideia de uma rede de relações que podem ser apresentadas com base em dados ou fenômenos sociais observados. A palavra polissistema explicita uma concepção do sistema como algo dinâmico e heterogêneo totalmente oposto a enfoques sincrônicos.

O sistema literário pode ser entendido como uma rede de relações hipotéticas entre certa quantidade de atividades chamadas literárias e, conseqüentemente, essas mesmas atividades observadas através de uma rede que possibilita verificar as conexões que são e não são estabelecidas entre diferentes sistemas. O sistema literário não existe fora das relações que o sustentam, não havendo um conjunto que *a priori* seja necessariamente parte desse sistema. Optar pela inclusão ou exclusão de alguns elementos dessa organização não é uma questão de descrição sistêmica da literatura, mas uma questão que deve ser considerada de acordo com o ponto de vista da

⁶ ZOHAR, Itamar Even. Teoría de los polisistemas. In: **Polisistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007. p. 3.

adequação teórica⁷. A adequação teórica pode ser utilizada de acordo com cada caso específico não existindo acordo sobre as atividades que devem ou não ser consideradas parte da literatura. A eleição dos elementos que integram um sistema depende da relevância e da conveniência de quem propõe a organização sistêmica.

Segundo Zohar⁸, um acordo sobre a compreensão das noções teóricas de sistema ou polissistema não conduzem necessariamente a um acordo sobre o leque de fenômenos entre aqueles que creem no sistema que está em vigor. Juntamente ao desenvolvimento da teoria dos polissistemas, também progrediram as diferentes visões desse leque, mas elas não foram transformadas em parte dessa teoria. Inicialmente, a teoria dos polissistemas era capaz de desenvolver percepções dos processos literários mesmo que a gama de fatores que assumia como participantes desse polissistema estivesse limitada somente a trechos de textos. Pensando que a teoria pressupõe que não se pode dar conta dos conjuntos frutiferamente se os consideram independentes entre si, a proposta gradualmente tem ampliado os fatores que são reconhecidamente pertencentes ao sistema.

Com a amplitude das percepções e possibilidades de inclusão de elementos ficam mais claras as relações estabelecidas entre diferentes nichos do sistema literário, da mesma forma que se elucidam os seus desdobramentos. Assim, escritores, obras, agremiações e periódicos literários são partes do sistema literário e como seus componentes não é possível determinar qual é a atividade literária por excelência, uma vez que estruturalmente são fragmentos de um todo.

Pensando no papel de cada componente do sistema literário, tendo por base o esquema de comunicação e linguagem estabelecido por Roman Jakobson⁹, Zohar¹⁰, produziu uma tabela dos fatores que compõem o

⁷ ZOHAR, Itamar Even. El sistema literario. In: **Polisistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007. p. 26.

⁸ ZOHAR, Itamar Even. El sistema literario. In: **Polisistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007. p. 26.

⁹ JAKOBSON, Roman. Mentalanguage as a linguistic problem. In: **The framework of language**. Ann Arbor: Michigan Studies in the Humanities. p. 81-92.

¹⁰ ZOHAR, Itamar Even. El sistema literario. In: **Polisistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007. p. 29.

polissistema voltado à literatura no qual os termos de Jakobson, entre parênteses, adquiriram nova nomenclatura e desdobramento de significação.¹¹

INSTITUIÇÃO (contexto)
REPERTÓRIO (código)
PRODUTOR (emissor / escritor) ⇒ CONSUMIDOR (receptor / leitor)
MERCADO (contato / canal)
PRODUTO (mensagem)

De acordo com Zohar¹², Jakobson manteve durante a sua vida uma ideia de que a linguagem deveria ser investigada em toda a variedade de suas funções. Tal pensamento distinguia-se das tendências de seu tempo, pois descartava os modelos redutores. Nessas visões simplificadas, em um determinado momento percebe-se que a análise isolada dos elementos é insuficiente para explicar os mecanismos de funcionamento de diferentes sistemas.

Seguindo a proposta de Jakobson, para se possa estudar uma língua é preciso considerar os fatores que a cercam. Baseando-se nisso, Zohar¹³ afirma que são as interdependências entre os sistemas que permitem ter clareza de seu processo¹⁴:

¹¹ Factores implicados en el (poli) sistema literario con los términos de Jakobson entre corchetes:

INSTITUCION [contexto]
 REPERTORIO [código]
 PRODUCTOR [emissor]-----[receptor] CONSUMIDOR
 ("escritor") ("lector")
 MERCADO [contacto/canal]
 PRODUCTO [mensaje]

¹² ZOHAR, Itamar Even. Factores y dependencias en la cultura. In: **Polisistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007. p. 30.

¹³ ZOHAR, Itamar Even. Factores y dependencias en la cultura. In: **Polisistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007. p. 30-31.

¹⁴ Un consumidor puede consumir un producto producido por un productor, pero para que el producto pueda ser generado y después propiamente consumido debe existir un repertorio común, cuya utilización está delimitada, determinada o controlada por una institución y por un mercado que permita su transmisión. Por un lado, ninguno de los factores enumerados puede ser descrito funcionando aisladamente; por outro, el tipo de relaciones que se detecta discurren a lo largo de todos los posibles ejes del esquema.

Um consumidor pode consumir um produto produzido por um produtor, mas para que o produto possa ser gerado e depois propriamente consumido deve existir um repertório comum, cuja utilização está delimitada, determinada ou controlada por uma instituição e por um mercado que permita sua transmissão. Por um lado, nenhum dos fatores enumerados pode ser descrito funcionando isoladamente, por outro, os tipos de relações detectadas discorrem sobre o maior número possível de possibilidades do esquema.

Para que se compreenda o papel do repertório, produto, produtor, consumidor, mercado e instituição no processo de formação de um sistema literário é fundamental que cada elemento seja observado com maior atenção.

O repertório, de acordo com Zohar, designa um conjunto de regras e materiais que regulam tanto a construção como o manejo de um produto ou, em outras palavras, sua produção e consumo. O termo adotado por Jakobson poderia ter servido para o mesmo propósito se não existisse uma visão de que só dever ser aplicado às regras e não aos materiais. Sobre a construção e a produção do repertório, Even-Zohar¹⁵ explica mais objetivamente quando afirma¹⁶:

No caso da construção ou da produção podemos falar em uma operação ativa do repertório, ou, de modo abreviado, de um repertório ativo. Da mesma maneira, se nos referimos à utilização ou ao consumo podemos falar de uma operação passiva, ou um repertório passivo. Sugiro estes termos simplesmente por comodidade; um repertório não é em si mesmo ativo nem passivo, porém pode ser utilizado de maneiras diferentes em duas circunstâncias distintas: uma situação em que uma

¹⁵ ZOHAR, Itamar Even. Factores y dependências en La cultura. In: **Polisistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007. p. 31.

¹⁶ En el caso de la construcción o la producción podemos hablar de una operación activa del repertorio, o, de modo abreviado, de un repertorio activo. De la misma manera, si nos referimos a la utilización o al consumo podemos hablar de una operación pasiva, o un repertorio pasivo. Sugiero estos términos simplemente por comodidad; un repertorio no es en sí mismo ni <activo> ni <pasivo>, pero puede ser utilizado de maneras diferentes en dos circunstancias distintas, como escrito antes: una situación en la que una persona produce algo, frente a una situación en la que una persona <descifra> lo que otra produce.

pessoa produz algo, frente a uma situação em que uma pessoa decifra o que a outra produziu.

Pensando na pluralidade característica dos sistemas e na sua relação com os repertórios, podemos concluir que não existe uma situação em que funcione apenas um repertório que abranja todas as circunstâncias de uma sociedade. Ao mesmo tempo, diversas opções constituem repertórios em conflito que competem entre si. Quando um deles se estabelece como dominante, os que não foram escolhidos passam a compor repertórios alternativos que podem ser utilizados por outros grupos sociais que não aceitaram o selecionado pela maioria como o padrão.

Quanto à proliferação dos repertórios, disseminam-se aqueles que apresentam maior disponibilidade e recursos de trocas. Frequentemente, de acordo com Zohar¹⁷, esse fenômeno está ligado à antiguidade de uma cultura¹⁸, ou seja, quando se encontra em seu princípio seu repertório tende a ser limitado, mas uma vez que tenha acumulado um número maior de opções passa a requerer um repertório mais amplo e multiforme para abarcar todos os sistemas que se formam. O surgimento e correlações entre diferentes repertórios são uma estratégia importante para que uma cultura se adapte a mudanças e amplie seus horizontes.

O número variado de repertórios, fundamentais na construção do social e do cultural, consiste, conforme Zohar¹⁹, em produtos acumulados de gerações de indivíduos anônimos, ou, em outras palavras, como criações espontâneas da sociedade²⁰:

¹⁷ ZOHAR, Itamar Even. Factores y dependencias en la cultura. In: **Polisistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007. p. 33.

¹⁸ Quando o vocábulo 'cultura' é utilizado entende-se o mesmo como um marco, uma esfera que torna possível a organização da vida social, portanto o repertório na cultura ou da cultura seria a reunião dos elementos necessário para que ela exista. Para definir ainda melhor, Zohar compara o repertório como uma caixa de ferramentas de hábitos, técnicas e estilos com os quais as pessoas estabelecem estratégias de ação derivadas das suas interpretações do mundo.

¹⁹ ZOHAR, Itamar Even. Factores y dependencias en La cultura. In: **Polisistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007. p. 40.

²⁰ No podemos realmente rastrear <quién generó qué> a lo largo de la historia de la humanidad, aunque con frecuencia los historiadores atribuyen a unas sociedades específicas la construcción de ciertos repertorios. Por ejemplo, adjudican la creación de la escuela a los sumerios, cuyas é dubba se consideran el modelo primogenio de todo tipo de escuelas y academias y de sus múltiples productos, entre ellos el canon textual.

Não podemos rastrear “quem criou o que” ao longo da história da humanidade ainda que com frequência os historiadores atribuam a uma sociedade específicas a construção de certos repertórios. Por exemplo, atribuem a criação da escola aos sumérios, porém é dúvida se consideram esse modelo como o que deu origem a todos os tipos de escolas, academias e seus múltiplos produtos, entre eles o cânone literário.

Refletindo acerca da afirmação acima, devemos entender um modelo como uma cadeia aberta, repleta de ramificações e não como uma série estanque e fechada. As adaptações dos repertórios são necessárias para que o homem possa evoluir social e culturalmente. Sobre esse aspecto, Boyd e Richerson²¹ afirmaram que os humanos modificam seu comportamento em resposta às modificações ao seu redor mediante diferentes mecanismos. Esses oscilam desde as respostas condicionadas simples, que são estudadas pelos psicólogos do comportamento, até os processos cognitivos complexos da eleição racional, estudada pelos psicólogos cognitivos e pelos economistas.

Dentro da organização social, alguns indivíduos se interessam pelo domínio, controle ou regulamentação da cultura e, por isso, também se mostram ativos na configuração de seu repertório. Mais do que produzir novos repertórios, esses grupos, ou melhor, instituições, buscam inclusão aos já existentes. Sendo, porém, impossível tal adaptação cabe aos seus sócios a criação de um novo repertório ou espaço. A preferência pela adesão ao que já está consolidado advém da dificuldade em fazer com que o repertório recém-formado encontre seu espaço no sistema e, mais ainda, que consiga estabelecer contato com os que estão solidificados.

Todos os repertórios têm como resultado produtos que, sob a acepção de Zohar²², consistem em qualquer realização de um conjunto de signos ou materiais, incluindo um comportamento determinado. Em outras palavras, o resultado de ações ou atividades podem ser considerados produtos

²¹ BOYD, R. RICHERSON, P. J. **Culture and Evolutionary Process**. Chicago: Chicago U. P., 1985. p. 83

²² ZOHAR, Itamar Even. Factores y dependencias en la cultura. In: **Polisistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007.

independente de sua manifestação ontológica, seja um objeto físico, uma declaração verbal, um artefato ou uma imagem. Os elementos negociados e manipulados pelos participantes de uma cultura são, portanto, seus produtos. Zohar²³ refletiu sobre a ligação entre esses elementos seguindo a ideia de que nada pode ser construído sem um repertório²⁴:

Nada é capaz de criar regras e conjuntos de elementos completamente novos para todos e cada um dos produtos ao mesmo tempo em que estão sendo produzidos. Os novos elementos, incluindo novas opções combinatórias (regras), só podem ser gerados em conexão com os repertórios disponíveis. Isto não significa que um produto consista somente na realização ou atualização de um modelo. Todo repertório permite mais de uma possibilidade de combinação de elementos concretos e modelos já existentes. Qualquer instância de produção move-se entre os modelos conhecidos e pré-estabelecidos e a inovação de outros. A inovação, por sua parte, pode ser o resultado de uma simples falta de competência ou, ao contrário, de um expressivo valor da mesma.

Em meio a diversas redes de sistemas que possibilitam diversas combinações e diferentes produtos, destaca-se o responsável por disponibilizá-los, o produtor. Segundo Zohar²⁵, o responsável pela produção é um indivíduo que constrói operando efetivamente no repertório, fornecendo bens desenvolvidos a partir de releituras do que já existe ou com um caráter totalmente novo.

²³ ZOHAR, Itamar Even. Factores y dependências en la cultura. In: **Polisistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007. p. 43.

²⁴ Nadie es capaz de crear reglas y conjuntos de elementos completamente nuevos para todos y cada uno de los productos al tiempo que está produciéndolos; los nuevos elementos, incluyendo nuevas opciones combinatorias (<reglas>), solo pueden ser generados en conexión con el repertorio disponible. Esto no significa que un producto consista sencillamente en la realización o actualización de un modelo. Todo repertorio permite más de una posibilidad de combinación de elementos concretos y modelos ya existentes. Cualquier instancia de producción se mueve entre una meticolosa puesta en práctica de modelos conocidos y preestablecidos por un lado, y la innovación por otro. La innovación, por su parte, puede ser el resultado de una simple falta de competencia o, por el contrario, de un alto grado de la misma.

²⁵ ZOHAR, Itamar Even. Factores y dependências en la cultura. In: **Polisistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007. p. 46.

Os produtos que podem ser facilmente reproduzidos proporcionam êxito a um produtor por serem facilmente aceitos pelos consumidores. Os novos, porém, tendem a ser pouco atrativos por serem desconhecidos sendo, portanto, de difícil colocação no mercado, uma vez que nenhuma instituição gostaria de ter a sua produção rejeitada. O papel do produtor está na eficiência de tornar um produto necessário, por isso competência e destreza para criar são indispensáveis em qualquer cultura variando apenas a intensidade dessas habilidades de acordo com o que cada repertório solicita.

Para que um trabalho individual seja reconhecido, ele deve manter características diferenciadas e, por ser inovador, ser aceito dentro de um grupo de novos provedores de elementos culturais. A atividade, quando defendida por um grupo, torna-se mais forte e, assim, consegue se sedimentar. Enquanto grupo, constitui certo tipo de indústria na qual seus produtos podem competir no mercado com mais força do que os produzidos por produtores casuais. Ao longo da história humana, diversos grupos se institucionalizaram com grande êxito através de agremiações ou associações. Assim organizaram-se políticos, legisladores, fundadores de religiões e igrejas, intelectuais, magistrados e letrados.

Uma vez organizados e produzindo de acordo com os repertórios em que se inserem, os produtos são entregues aos consumidores. Dentro dessa rede, considera-se consumidor o indivíduo que utiliza um produto operando passivamente²⁶ com o repertório. Pode-se dizer, ainda, que qualquer pessoa é, em algum momento, produtora e consumidora, o conhecimento e as habilidades implicadas na produção não são idênticas às que exige o consumo.

Quanto maior a complexidade para assimilar o conteúdo produzido maior distância existe entre o produzir e o consumir. Um exemplo são as entrelinhas deixadas pelo autor de um texto literário para o seu consumidor, o leitor. A partir do momento em que esse interage com a obra e decifra o que está em um nível mais profundo de interpretação também passa a criar; em outras

²⁶ Operar passivamente significa em princípio identificar relações (conexões) entre o produto e o conhecimento que se tem do repertório. De forma mais simples, tal processo pode ser descrito como compreender, entender, resolver ou decifrar. ZOHAR, Itamar Even. Factores y dependencias en la cultura. In: **Polisistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007. p. 48.

palavras, no momento em que interpreta e infere, produz algo novo a partir da história que lê.

Um conjunto de consumidores não consiste em um mero somatório de indivíduos, mas em uma rede relacional de poder capaz de determinar o destino de um produto. A essa rede o estudioso dá o nome de mercado. Quando um produto é dirigido a um consumidor individual, é possível comprovar sua eficácia imediatamente através da interação entre ambos, porém se é voltado a um grupo anônimo, os parâmetros de sucesso variam enormemente e, na maioria das vezes, não se tem como saber o grau de eficiência a ser obtido.

O âmbito de circulação da produção, o mercado, constitui, de acordo com Zohar²⁷, um conjunto de fatores implicados na criação e venda do repertório cultural no qual se promovem determinados tipos de consumo. Da mesma forma que as instituições, o mercado media a intenção de gerar algo e as possibilidades que tal invento tem de atingir seus consumidores. É, por isso, o responsável pela concretização das possibilidades em realidades. Sem o mercado não haveria lugar onde o repertório cultural pudesse se desenvolver e se ampliar, portanto, quanto mais espaço proporciona maior é a proliferação dessa rede.

Even-Zohar esclarece que o mercado não se manifesta apenas nas instituições óbvias, como livrarias, escolas e associações, mas compreende todos os fatores que participam de seu sistema. O êxito de uma produção depende da relação que as instituições conseguem estabelecer com o mercado, uma vez que culturalmente ambas se entrecruzam em um mesmo espaço. Um exemplo são os salões literários que se caracterizam por serem instituições e, simultaneamente, mercado para a produção de seus agremiados. Como instituição, esses lugares são responsáveis pela divulgação e manutenção do que formará a cultura de uma sociedade, como Zohar²⁸ destaca²⁹:

²⁷ ZOHAR, Itamar Even. Factores y dependencias en la cultura. In: **Polisistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007. p. 51.

²⁸ ZOHAR, Itamar Even. Factores y dependencias en la cultura. In: **Polisistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007. p. 49.

²⁹ La institución se define como el conjunto de factores implicados en el control de la cultura. La institución regula las normas, sancionando algunas y rechazando otras. También remunera y reprime a productores y agentes. Determina qué modelos – y qué productos cuando éstos son

A instituição consiste em um conjunto de fatores implicados no controle da cultura, é ela que regula as normas, sanciona ou recusa outras e remunera ou reprime produtores e agentes. Determina também que modelos serão conservados por uma comunidade por um período de tempo. Em poucas palavras, a instituição pode ser, assim como o mercado, a intermediadora das forças sociais e dos repertórios de cultura. O que a diferencia do mercado é o poder que tem de tomar decisões que perduram por mais tempo. Não estou me referindo apenas à memória coletiva enquanto fator de coesão de grande duração, mas à tarefa básica de preservar um repertório canonizado para transmiti-lo de uma geração a outra.

Responsáveis pelo que culturalmente organiza a sociedade, os componentes mais visíveis da instituição são possivelmente os agentes oficiais que formam parte da administração, podendo funcionar como centrais para todas as implicadas em repertórios educativos e literários, como o ministério da educação, escolas e universidades, meios de comunicação em massa e, certamente, as academias voltadas às belas letras.

Além de funcionarem como perpetuadoras ou mantenedoras da cultura, estabelecendo o que é canônico, as instituições podem também proporcionar apoio àqueles que estão vinculados à produção e à criação de repertórios, colaborando na preservação dos aspectos como, por exemplo, o tradicionalismo³⁰ e a produção literária de cada região.

relevantes – serán conservados por una comunidad por un largo período de tiempo. En pocas palabras, la institución puede verse, al igual que el mercado, como la intermediaria entre las fuerzas sociales y los repertorios de la cultura. Pero, a diferencia del mercado, tiene el poder de tomar decisiones que perviven durante mayor tiempo. Me estoy refiriendo no solo a la <memoria colectiva> en cuanto factor de cohesión de larga duración, sino a la muy básica tarea de preservar un repertorio canonizado para transmitirlo de una generación a otra.

³⁰ A palavra tradicionalismo é utilizada nesse estudo seguindo a definição do Movimento Tradicionalista Gaúcho, o MTG: tradicionalismo é um estado de consciência, que busca preservar as boas coisas do passado, sem conflitar com o progresso, através do cultural, vivenciar e preservar o patrimônio sociocultural do povo gaúcho. É a sociedade que defende, preserva, cultua e divulga a tradição gaúcha, que congrega defensores dos costumes, dos hábitos, da cultura e dos valores do gaúcho. **MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO.** Disponível em: <<http://www.mtg.org.br/conceituacoes.html>> Acesso em: 10 nov. 2012.

Como em todo espaço social, na instituição também existem disputas por domínio, provocando, assim, uma alternância de posicionamento da entidade de acordo com o pensamento de quem, naquele momento, a preside. É possível, porém, que em um mesmo âmbito instituições distintas operem ao mesmo tempo em diferentes sessões do sistema, uma vez que ele é múltiplo e amplo.

Considerando tais aspectos, não raramente podem-se encontrar escolas, igrejas e demais associações políticas e culturais seguindo normas e preceitos que não estão de acordo com o grupo que apoia o repertório central. A instituição, enfatiza Zohar³¹, não é um corpo unificado, todavia qualquer decisão tomada, em qualquer nível, dependerá das legitimações e restrições estabelecidas por ponderações concretas e relevantes da instituição. Tanto a natureza da produção como a do consumo são reguladas por ela, dependendo sempre das relações com os outros fatores que operam no sistema. Para exemplificar o que seria o relacionamento da instituição com elementos paralelos, Zohar³² utiliza o termo reputação sob a ótica Pierre Bourdieu³³:

O que cria uma reputação não é como creem os Rastignac das províncias, tal qual uma pessoa influente, tal qual uma instituição, revista, academia, cenáculo, marchand ou editor, nem sequer como os que chamamos às vezes de personalidades do mundo das artes e das letras, mas sim como o campo da produção baseando-se em um sistema de relações objetivas entre os agentes ou das instituições e o lugar das lutas pelo monopólio do poder de consagração em que se engendram continuamente o valor das obras e no acreditar neste valor.

³¹ ZOHAR, Itamar Even. Factores y dependências en la cultura. In: **Polisistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007. p. 50.

³² BOURDIEU, Pierre. Le marche des biens symboliques. In: **L'année sociologique**. 1971. p. 7. In: ZOHAR, Itamar Even. Factores y dependências en la cultura. In: **Polisistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007. p. 51.

³³ Lo que 'crea una reputación' no es, como creen ingenuamente los Rastignac de provincias, tal o cual persona 'influyente', tal o cual institución, revista, academia, cénaculo, marchante o editor, ni siquiera el conjunto de lo que llamamos a veces 'las personalidades del mundo de las artes y las letras', sino el campo de la producción como sistema de relaciones objetivas entre los agentes o las instituciones y el lugar de las luchas por el monopolio del poder de consagración en el que se engendran continuamente el valor de las obras y la creencia en dicho valor. (Bordieu, 1971:7).

A reputação de uma instituição não advém de aparências, mas do trabalho efetivo em prol daquilo que é de seu interesse e por aquilo que acredita. Considerando o repertório que compõe o sistema literário, as instituições que os representam não estão unificadas e seus agentes podem reunir-se em qualquer lugar, seja em uma suntuosa sala, seja em um pequeno local. O que importa são os valores e as legitimações que defende. São esses aspectos que irão fazer com que ela sobreviva ainda que sem o apoio dos que estão coordenando um sistema que não contemple o que os literatos que nela estão inseridos.

Mesmo isoladamente, a instituição literária, munida de seus preceitos, funcionará paralelamente a diferentes instituições que, assim como ela, procuram colaborar para a formação cultural de sua sociedade. Ela mais que estabelecer cânones irá preservar e divulgar tudo aquilo que envolve a tradição³⁴ e a cultura na qual era se insere.

É com essa base teórica, entendendo a Academia Rio-Grandense de Letras como um sistema que se articula com outros sistemas que a presente tese será desenvolvida.

³⁴ Quando o vocábulo tradição for utilizado neste estudo, o será com a seguinte acepção: Tradição: ato ou efeito de transmitir ou entregar; transferência; comunicação oral de fatos, lendas, ritos, usos, costumes etc. de geração para geração. Herança cultural, legado de crenças, técnicas etc. de uma geração para outra. Conjunto dos valores morais, espirituais etc., transmitidos de geração em geração. (TRADIÇÃO. In: HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009). Ainda é válido destacar a definição atribuída à palavra pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho: A palavra tradição vem do latim, do verbo "tradere" (traditio, traditionis) que significa trazer, entregar, transmitir, ensinar. Logo, tradição é a transmissão de fatos culturais de um povo, quer de natureza espiritual ou material, ou ainda é a transmissão dos costumes feita de pais para filhos no decorrer dos tempos, ao sucederem-se as gerações. É a memória cultural de um povo. É um conjunto de ideias, usos, memórias, recordações e símbolos conservados pelos tempos, pelas gerações, sendo assim a eterna vigilância cultural. A linguagem é o veículo de transmissão da tradição, sendo ela o elemento fundamental de qualquer sociedade, de qualquer povo.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. Disponível em: <<http://www.mtg.org.br/conceituacoes.html>> Acesso em: 10 nov. 2012.

1.3 A TESE

Se em 1868 o Partenon Literário estabelecia-se como uma das instituições do sistema literário rio-grandense, com a sua extinção, a Academia Rio-Grandense de Letras veio para preencher esse lugar vazio³⁵.

Esta tese tem o intuito de analisar a Academia de Letras do Rio Grande do Sul como um sistema que colabora para com outro sistema, o literário rio-grandense, contribuindo efetivamente na cultura e história do Estado. respondendo às seguintes perguntas: quais movimentações históricas, os objetivos traçados e transformações literárias e por que não, sociais e culturais, são abordados nessa tese, onde tantas figuras, ilustres e reconhecidas das letras gaúchas, aparecem levando ao encontro da arte literária a história de um estado que preserva tradições, cultua seu passado, mas que possui uma intensa produção literária inovadora, crítica do seu tempo e que convida a embates acadêmicos.

Tendo como eixo esse pensamento, a teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar, associada a uma visão correlacionadora e não segmentadora do fazer literário, fundamenta teoricamente o estudo proposto. Tal postura permite que se relacione as informações de forma que se perceba que não existe criação, estudo ou manutenção do saber isolados.

Este trabalho orienta-se pela hipótese de que a Academia Rio-Grandense de Letras, através de suas atividades e publicações, articula-se com o sistema literário rio-grandense, colaborando para sua consolidação e para a manutenção da produção literária e das tradições do Estado.

Os documentos e os materiais selecionados a partir de minuciosa pesquisa nos arquivos da agremiação literária, e em bibliotecas e museus do Rio Grande do Sul, permitem que se estabeleça o papel da Academia Rio-Grandense de Letras no cuidado com a literatura e a cultura na qual se insere, de forma que se pode compreender que a entidade é um (poli) sistema que faz a sua parte para manter outro maior, o sistema literário rio-grandense. A

³⁵ ZOHAR, Itamar Even. Teoria de los polissistemas. In: **Polissistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007. p. 18.

importância dos documentos consiste na comprovação documental das observações e conclusões obtidas a partir da reflexão proposta.

A fim de demonstrar que, desde o seu surgimento, a entidade estabeleceu-se como um sistema confluyente com a literatura e a cultura do Rio Grande escolhem-se dados e publicações que representam a proposição deste estudo. O primeiro elemento selecionado é a visitação à historiografia da instituição e as relações que ela mantém com os seus pares. Para isso, são utilizados documentos oficiais, notícias veiculadas na imprensa e obras que retratam os períodos históricos e literários em que a associação se insere. Outro fator importante é o papel dos agremiados no desenvolvimento da Academia e no que seus posicionamentos e funções sociais podem influenciar no bem acadêmico.

A *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras* é a publicação mais representativa em relação ao sistema que compõe a entidade, uma vez que agrupa os estudos realizados dentro da instituição literária. Mesmo que alguns exemplares tenham sido extraviados ao longo dos anos, os existentes retratam a consolidação desse sistema através dos seus anos de existência, divulgando a produção literária dos acadêmicos pelas diversas cidades do Rio Grande e do Brasil. Os trabalhos que compõem as edições são variados quanto ao gênero e às preferências de seus autores. Um dos pontos de convergência da produção dos associados é a preferência por temas que valorizam a literatura e a cultura do Estado.

O primeiro capítulo, “Os alicerces”, busca demonstrar como a instituição constitui um (poli) sistema que estabelece relações a fim de manter-se e divulgar seus objetos, a literatura e a cultura rio-grandenses. Para isso, revisita a teoria proposta por Itamar Even Zohar em sua obra *Polisistemas de cultura*. O trabalho de Zohar norteia o estudo proposto da mesma forma que é fundamental para a seleção do *corpus* utilizado na tese.

Paralelo ao trabalho de Zohar observa-se que os documentos, revistas e demais materiais encontrados são de extrema importância para a consolidação do sistema literário rio-grandense, pois cumprem com o seu papel de perpetuar as tradições e a produção dos literatos do Estado. Da mesma forma, quando desempenha tarefa a que se propôs, a Academia também colabora com a formação de diversos leitores ao longo de sua existência, pois, além de

divulgar estudos em suas revistas e periódicos, abriga diversos talentos da literatura do Rio Grande que, até então, não tinham espaço para suas práticas e para troca com seus colegas. Em um período histórico de renovação, a entidade surge para reforçar a literatura da região e fortalecer o identitário de seu povo.

O segundo capítulo, “As academias”, a fim de que se compreenda o porquê da necessidade e importância de uma entidade defensora das letras, resgata a origem e o desenvolvimento das primeiras agremiações do gênero. O histórico da primeira academia, erguida por Aristóteles, as tentativas de inaugurações que falharam, o surgimento da Academia Francesa de Letras, modelo no qual a Brasileira e Rio-Grandense se espelharam, as tentativas nacionais de solidificar uma associação brasileira para brasileiros e, finalmente, a fundação da Academia Brasileira de Letras.

O histórico permite que se perceba que conforme as academias se sucedem, ocorre um amadurecimento do sistema literário no qual se inserem. A verdade é que seja grega, francesa ou brasileira, uma academia de letras sempre procura participar efetivamente da estruturação do sistema literário de seu país.

Após um panorama histórico do surgimento de academias erguidas em importantes lugares, o terceiro capítulo volta-se para a instalação da agremiação do Rio Grande, a Academia Rio-Grandense de Letras. O levantamento anterior, acerca das diversas sociedades voltadas às letras possibilita entender a motivação do erguimento da entidade gaúcha e, a partir dessa motivação, passa-se a acompanhar a trajetória da sociedade literária desde o seu momento fundacional até as atividades mais recentes.

O quarto capítulo, “Os acadêmicos”, traz à memória, com um caráter exemplar do que é ser acadêmico, a história de três associados que representam épocas determinantes da Academia Rio-Grandense de Letras. Suas personalidades e desenvoltura nos meios sociais de suas épocas contribuíram determinantemente para a solidificação desse sistema.

Olinto de Oliveira é o princípio de tudo, a personificação da renovação e do pioneirismo, uma vez que fundou várias sociedades voltadas à Medicina, à música e às letras. Já a presença de Zeferino Brasil no meio acadêmico é fundamental, pois sem o seu apoio talvez a entidade não conseguisse superar

a coexistência com outra de igual objetivo e valor. A unificação acadêmica nasceu em suas mãos. O terceiro acadêmico, Ir. Elvo Clemente, representa a contemporaneidade, a renovação dos ideais semeados por Olinto de Oliveira através da revitalização de atividades até então pouco desenvolvidas, caso da edição da revista, retomada em 1980, após dezessete anos de recesso.

O quinto capítulo, “A revista”, estuda os artigos que compõem as revistas da Academia disponíveis para consulta. Apesar de algumas terem desaparecido ao longo dos anos, as encontradas foram suficientes para que, através de um levantamento, se pudesse constatar quais eram os temas predominantes nos trabalhos. As revistas e os textos que as compõem também comprovam que, por valorizarem a literatura e a cultura do Rio Grande, cumprem com os objetivos propostos pela Academia Rio-Grandense de Letras em seu estatuto.

O sexto capítulo conclui o estudo demonstrando através de notícias publicadas por periódicos, correspondências e documentos pertencentes aos arquivos acadêmicos que a Academia Rio-Grandense de Letras é efetivamente um sistema literário que se articula com outros sistemas afins, colaborando, dessa forma, para a continuidade do sistema literário rio-grandense.

Seguem, após o capítulo 6, as referências bibliográficas do trabalho e os anexos, organizados de acordo com quatro nomenclaturas: periódicos, correspondências, documentos e acadêmicos. Para ordenar o conteúdo, foi feita, ainda, uma identificação progressiva com a colocação de algarismos arábicos após cada letra (ANEXO A – Periódicos / ANEXO A1 - Primeiras notícias publicadas pelo Correio do Povo a respeito da Academia Rio-Grandense de Letras).

2 AS ACADEMIAS

2.1 AS ACADEMIAS CLÁSSICAS

A primeira entidade consagrada aos estudiosos e que originou as modernas academias remonta à Grécia antiga. O jardim de Academos, localizado próximo a Atenas, surgiu da necessidade de os interessados em filosofia, ciências e letras estabelecerem um espaço aberto ao diálogo e à troca. Nesse lugar dedicado à Atena, a deusa da sabedoria, o filósofo Platão reunia outros amantes da condição humana, do ser e do pensamento, que, assim como ele, buscavam o entendimento e a finalidade da existência do homem, para discutir e aprofundar seus conhecimentos. Da escola de Platão e de outros gregos, como Aristóteles, surgiu a nomenclatura academia, utilizada, ainda hoje, para designar universidades ou instituições de ensino superior e associações de escritores, artistas, cientistas e pensadores.

Tendo em mente a última acepção, as primeiras agremiações foram erguidas no século XV na Itália. No século XVI, mais especificamente em 1582, foi inaugurada na cidade de Florença, conhecida mundialmente pelos seus pontos turísticos e pelas diversas ofertas culturais, a Academia della Crusca, oriunda da motivação do poeta Antonio Francisco Grazzini e um grupo de humanistas. Após a Academia della Crusca instauraram-se na Itália e em outros países inúmeras sociedades com o mesmo intuito, porém nenhuma obteve continuidade, encerrando suas atividades algum tempo depois. Cinquenta e três anos após a tentativa italiana, despontou na França a agremiação acadêmica que manteria suas atividades até o presente, sendo modelar para todas as que foram erguidas posteriormente: a Academia Francesa de Letras.

O ideal academicista repercutiu enormemente com o erguimento em 22 de fevereiro de 1635 da Academia Francesa de Letras. Idealizada pelo Cardeal Richelieu, a nova sociedade foi aprovada pelo Parlamento em 10 de julho de 1637, durante o reinado de Luís XIII. Criada com o intuito de preservar o idioma francês estabelecendo, para isso, regras e usos. As primeiras definições a esse

respeito ocorreram entre os séculos XVII e XVIII envolvendo, além da entidade, gramáticos e estudiosos renomados. O papel da Academia Francesa é duplo: vigiar a língua francesa e executar atos de filantropia. A primeira missão foi concedida desde o início pelos seus estatutos³⁶. Para ter sucesso, a Academia trabalhou para definir o idioma e torná-lo uma herança comum a todos os franceses e a todos aqueles que o praticam. Hoje, ela trabalha para manter e monitorar as qualidades necessárias e possíveis mudanças. A Academia faz isso através do desenvolvimento de seu dicionário, mas também por suas recomendações e participações em diversas comissões da terminologia. O primeiro exemplar do dicionário da Academia Francesa de Letras foi lançado em 1694 e, atualmente, encontra-se na nona reformulação, sem data prevista para a sua impressão³⁷. A edição é realizada por doze membros encarregados da revisão da versão anterior. Acertados os últimos detalhes, o volume é encaminhado para impressão, a cargo da Livros Polity Press e da Imprensa Nacional, sendo, em seguida, distribuídos pela Fayard Librairie. Os imortais, alcunha dada aos associados por seu edificador, são responsáveis por definir os conceitos e os valores que as palavras do léxico do seu idioma transmitem, sendo autoridades no campo da linguagem enraizadas nos costumes e tradições da França.

A Academia é composta por quarenta membros eleitos por seus pares e, desde a sua fundação, figuram em seu quadro setecentos e vinte e um sócios voltados, em grande parte, à literatura, filosofia, ciências, etnologia, arte, organizações militares e estatais e à religião.

Em relação às vagas ficou estabelecido que nenhum acadêmico pode abdicar de seu posto, salvo casos de exclusão por motivos graves nos quais todos votaram contra ou a favor da permanência do associado em questão. A farda de um imortal é composta pelo famoso casaco verde, chapéu, capa e

³⁶ **ACADEMIA FRANCESA DE LETRAS**. Disponível em: <www.academiafrancesa.com> Acesso em: 25 dez. 2011.

³⁷ A entidade ainda desenvolve trabalhos filantrópicos que só foram possíveis graças a doações realizadas por cidadãos e empresas interessados na promoção das atividades acadêmicas. Também concede prêmios para sociedades literárias ou acadêmicas, instituições de caridade, ajuda famílias, as viúvas, os menos favorecidos ou que se distinguiram por realizar atos de devoção concedendo para estes bolsas de estudo. (Bolsas Zellidja, Neveux, Corblin Damade).

espada, comum a todos os agremiados e utilizada em sessões formais. O feitiço da vestimenta oficial foi reproduzido por academias de todo o mundo.

Em seus três séculos e meio de existência, a sociedade passou por apenas um momento de inatividade, de 1793 a 1803, devido à Revolução Francesa, retomando suas atividades durante o período napoleônico. Seu primeiro protetor foi seu fundador, sendo, após a sua morte, substituído, respectivamente, pelo Chanceler Séguier e, em seguida, por Luís XIV e, posteriormente, por todos os reis, imperadores e chefes de Estado da França.

No século XIX, surgiu um movimento expansionista, a propagação colonial francesa, que disseminou a influência da França por outros locais como a América Latina e Oriente Médio. Com a ampliação do domínio norte-americano a língua inglesa foi, aos poucos, passando a ser a língua dos negócios, ciências e dos meios de comunicação modernos.

Envolvida com a promoção da língua francesa, a Academia, com o apoio de diversos sistemas inter-relacionados e empenhados em fazer o projeto funcionar, desenvolve essa atividade tendo por base cinco aspectos³⁸:

1. Educação básica, a prioridade: formação de professores e fornecimento de materiais de ensino;
2. Cultura e comunicação: apoio à difusão da arte e do idioma;
3. Liberdade e democracia: ações a serem tomadas para a consolidação e afirmação do Estado de Direito;
4. Desenvolvimento econômico: apoio às empresas e à formação;
5. Desenvolvimento da língua francesa no mundo, promovendo-a em instituições internacionais e nas áreas de ciência e tecnologia através de congressos e conferências.

Em uma tentativa de reavivar e continuar divulgando o idioma francês o governo, ao lado da Academia Francesa de Letras, lançou um movimento nomeado francofonia o qual pretende que o maior número possível de pessoas

³⁸ Aspectos informados pelo site da Academia Francesa de Letras. **ACADEMIA FRANCESA DE LETRAS**. Disponível em: <www.academiafrancesa.com> Acesso em: 25 dez. 2011.

passem a utilizar o francês. Entre os anos de 1986 e 1995, foi criada a Conferência de Chefes de Estado e de Governo dos países para verificar novos e antigos usuários. Dessa assembleia fazem parte, dentre outras organizações, a Secretaria-Geral da Francofonia, instituição criada em 1996 e liderada por Abdou Diouf³⁹, desde 2002.

2.2 A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

No Brasil, o movimento que impulsionou o erguimento de sociedades literárias, conhecido como academicista, iniciou na segunda metade do século XVIII para o XIX. Segundo José Aderaldo Castello⁴⁰, a organização de entidades voltadas às belas letras estava filiada aos ideais barrocos, refletindo a transposição de procedimentos europeus frequentes em vários países desde o século XVI e XVIII, ligados a atividades culturais e intelectuais da nobreza, mas contando, em alguns casos, com a participação do povo.

O movimento academicista brasileiro estimulou o esforço em equipe para o desenvolvimento de pesquisas destinadas à elaboração de monografias que pudessem levar à composição de obra geral e complexa. De acordo com Castello⁴¹, esse movimento prenuncia uma atividade universitária, ausente no País, assim compensada pelas academias. É o princípio irrevogável da vontade de produzir artisticamente apoiada pelo espírito associativo.

É da necessidade de criar de forma independente que nasce o literato brasileiro. Os intelectuais da virada do século XVII procuravam libertar-se da condição de colônia, reconhecendo-se como autores de sua própria cultura e não mais divulgadores do que era realizado na metrópole. Segundo Luciana

³⁹ Nasceu em 7 de setembro de 1935 em Louga, Senegal. Administrador público e político, foi presidente do Senegal de 1981 a 2000. Foi também primeiro-ministro do Senegal entre 26 de fevereiro de 1970 e 31 de dezembro de 1980. Atualmente, é Secretário Geral da Organização Internacional da Francofonia.

⁴⁰ CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira: origens e unidade (1500 – 1960)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. p. 91.

⁴¹ CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira: origens e unidade (1500 – 1960)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. p. 92.

Picchio⁴², nesse período, conhecido como o “século das academias”, nasceu o escritor brasileiro, empenhado política e socialmente na construção de uma autonomia em relação à mãe-pátria, com consciência de sua qualidade intelectual não mais ligado ao lugar de onde saiu, mas para onde se sente depositário e partícipe.

Até os primeiros anos do século XVIII, as manifestações culturais da Colônia não apresentavam qualquer nexos entre si, pois a vida dos poucos centros urbanos ainda não propiciava condições para socializar o fenômeno literário. Os grandes centros, como Rio de Janeiro e Bahia estabeleceram-se econômica e socialmente, nasceu a necessidade de organizar sistemas que suprissem as necessidades da população. Dessa forma, foram criadas as primeiras academias⁴³.

A primeira instituição academicista fundada no Brasil foi a Academia Basílica dos Esquecidos erguida em 1724 em Salvador, na Bahia, pelo vice-rei Vasco Fernandes César de Menezes com o intuito de compor uma história do Brasil, sob o lema *Sol oriens in occiduo*⁴⁴. Organizada segundo os modelos lusitanos como, por exemplo, a Academia dos Singulares e a Academia dos Generosos, seus agremiados adotaram o nome ‘esquecidos’ em protesto à Academia Portuguesa que não incluiu escritores brasileiros em seu quadro⁴⁵.

Em 6 de maio de 1736 foi instaurada no Rio de Janeiro pelo governador Gomes Freire de Andrade a Academia dos Felizes. Segundo Nireu Oliveira Cavalcanti⁴⁶, pouco se sabe sobre as atividades da agremiação, a não ser que funcionou até 28 de fevereiro de 1740 e que teve como membros ilustres Inácio José da Mota Leite, advogado, José da Silva Paes, brigadeiro e engenheiro, Mateus Saraiva, médico, e Simão Pereira de Sá, advogado e procurador da Coroa e da Fazenda Real. Pelo menos mais vinte e seis membros ficaram no anonimato. Dos trabalhos desenvolvidos pelos associados, apenas os de Mateus Saraiva e Simão Pereira de Sá foram divulgados. Os do primeiro permanecem sob a tutela da Biblioteca Nacional do

⁴² PICCHIO, Luciana Stegagno. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. p. 119.

⁴³ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

⁴⁴ Tradução: Sol nascido no Ocidente

⁴⁵ PICCHIO, Luciana Stegagno. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. p. 119.

⁴⁶ CAVALCANTI, Nireu Oliveira. **O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da corte**. São Paulo: Zahar, 2004. p. 219.

Rio de Janeiro e os do segundo foram publicados em 1900 em comemoração ao quarto centenário do descobrimento do Brasil, recebendo introdução de J. Capistrano de Abreu⁴⁷.

Para substituir a extinta Academia dos Felizes, o governador Gomes Freire de Andrade reuniu trinta intelectuais fundando nova associação, a Academia dos Seletos. Como Gomes Freire de Andrade havia sido nomeado Comissário-régio para demarcação das fronteiras do Sul do País, e promoveu, em caráter urgente, uma sessão para expressar contentamento com a nova posição. Uma vez que tinha que assumir o cargo imediatamente, a reunião ocorreu pouco tempo depois, no dia 30 de janeiro de 1752. Os trabalhos apresentados na ocasião foram editados e divulgados em 1754 sob o título *Júbilos da América*. Essa academia teve a duração de apenas um dia e isso é compreensível, pois, naquele período, era costume os intelectuais se reunirem e darem a esse encontro o nome de academia. Esses momentos podiam evoluir para uma academia propriamente estruturada, com membros e estatutos da mesma forma que poderia encerrar suas atividades após uma reunião⁴⁸, caso da dos Seletos.

Na Bahia, nova tentativa foi feita em 6 de junho de 1759, na então capital do Brasil Colônia, Salvador. O conselheiro ultramar, José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho Melo, no intuito de fazer ressurgir a Academia dos Esquecidos, organizou a Academia Brasílica dos Renascidos com o objetivo de escrever a história da América portuguesa. Esse empreendimento encerrou-se com a prisão de seu fundador, condenado à prisão pela acusação de colaborar com os franceses, então em guerra contra Portugal, e de negligenciar sua investida contra os jesuítas.

⁴⁷ Sobre os trabalhos desenvolvidos: “Apenas os trabalhos de Matheus Saraiva chegaram a ser divulgados pelos pesquisadores. São manuscritos que existem na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O mais citado é o discurso “América Portuguesa mais ilustrada que outro algum Domínio deste Continente Americano”, escrito em estilo extremamente empolado, característica que dificulta seu entendimento. Já os textos de Simão Pereira de Sá são de fácil compreensão. Sua prestigiosa História topográfica e bélica da nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata mereceu, por suas qualidades, ser publicada em 1900, em comemoração ao quarto centenário do descobrimento do Brasil, recebendo magistral introdução de J. Capistrano de Abreu”. CAVALCANTI, Nireu Oliveira. **O Rio de Janeiro Setecentista: a Vida e a Construção da Cidade da Invasão Francesa Até a Chegada da Corte**. São Paulo: Zahar, 2004. p.219.

⁴⁸ CAVALCANTI, Nireu Oliveira. **O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da corte**. São Paulo: Zahar, 2004. p.219 – 220.

As tentativas em reunir os intelectuais brasileiros e as suas produções demonstram que, aos poucos, o Brasil começava a assumir uma fisionomia unitária e, mesmo com curta duração, movimentaram a vida cultural do período.

Foi na virada do século XIX que Afonso Celso Júnior, ainda no Império, e Medeiros de Albuquerque, já na República, manifestaram a necessidade de uma academia de letras nacional. Como o Estado, em um primeiro momento, não apoiou a inauguração de uma associação literária, a instituição foi erguida com o patrocínio dos próprios participantes. De acordo com o *site* da Academia Brasileira de Letras⁴⁹, as primeiras notícias relativas à fundação da academia foram divulgadas a 10 de novembro de 1896, pela *Gazeta de Notícias*, e, no dia imediato, pelo *Jornal do Comércio*, ambos do Rio de Janeiro. A primeira sessão preparatória ocorreu com o auxílio de José Veríssimo que ofereceu uma sala da sede da *Revista Brasileira*, localizada na travessa Ouvidor, nº 81, na então Capital do País, para que o evento ocorresse. Machado de Assis foi, desde o princípio, aclamado presidente.

No dia 28 de janeiro de 1897, ocorreu a sétima e última sessão preparatória, instituindo-se, enfim, a Academia Brasileira de Letras. Participaram Araripe Júnior, Artur Azevedo, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglês de Sousa, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabelo, Rodrigo Otávio, Silva Ramos, Teixeira de Melo, Visconde de Taunay. Ainda Coelho Neto, Filinto de Almeida, José do Patrocínio, Luís Murat e Valentim Magalhães, também presentes às sessões anteriores, e ainda Afonso Celso Júnior, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Carlos de Laet, Garcia Redondo, Pereira da Silva, Rui Barbosa, Sílvio Romero e Urbano Duarte, que aceitaram o convite nessa sessão. Até aquele momento trinta cadeiras haviam sido preenchidas, mas era preciso completar as quarenta, como na Academia Francesa. Assim fizeram os presentes, elegendo os dez seguintes: Aluísio Azevedo, Barão de Loreto, Clóvis Beviláqua, Domício da Gama, Eduardo Prado, Luís Guimarães Júnior, Magalhães de Azeredo, Oliveira Lima,

⁴⁹ A partir dessa ocorrência, toda a vez que for mencionada a sigla ABL deve-se atribuí-la à Academia Brasileira de Letras. **ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=2>> Acesso em: 23 set. 2012.

Raimundo Correia e Salvador de Mendonça. Os Estatutos foram assinados por Machado de Assis, presidente; Joaquim Nabuco, secretário-geral; Rodrigo Otávio, 1º secretário; Silva Ramos, 2º secretário; e Inglês de Sousa, tesoureiro.⁵⁰

Aos vinte dias de julho de 1897, em uma das salas do Pedagogium, localizado na Rua do Passeio, no centro do Rio de Janeiro, aconteceu a sessão inaugural da Academia Brasileira de Letras. A partir daquele momento estava instaurada a instituição que seria referência para as que surgiriam no restante do País. Sobre essa ocasião única para a sociedade brasileira o autor de *Dom Casmurro* pronunciou as seguintes palavras aos que compareceram à inauguração da ABL:



Investindo-me no cargo de presidente, quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade. Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos. É símbolo da parte de uma instituição que conta viver, confiar da idade funções que mais de um espírito eminente exerceria melhor. Agora que vos agradeço a escolha, digo-vos que buscarei na medida do possível corresponder à vossa confiança.

Não é preciso definir esta instituição, iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova, naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige, não só a compreensão pública, mas ainda e

⁵⁰ **ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.** Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=2> Acesso em: 23 set. 2012.

principalmente a vossa constância. A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloquência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles o transmitam aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira.

Em seu pronunciamento, Machado de Assis reforçou a vontade maior da agremiação de manter a harmonia entre todos os literatos e suas produções. Sua grande inspiração veio da Academia Francesa de Letras que, mesmo enfrentando diversas modificações sociais e políticas, manteve o cultivo da língua, da literatura e da cultura francesas acima de qualquer obstáculo. Prosseguir com a mesma perseverança da congênere francesa era um dos desafios da época que persiste até hoje para ambas associações.

Se a Academia Francesa de Letras embasou a fundação e a definição estatutária da brasileira, as normas organizadas pelos agremiados foram modelares para as que surgiram nos demais Estados. Os artigos, apresentados oficialmente em 28 de janeiro de 1897, delimitam alguns aspectos fundamentais para a organização e funcionamento da entidade⁵¹:

Estatutos da Academia Brasileira de Letras

Art. 1º - A Academia Brasileira de Letras, com sede no Rio de Janeiro, tem por fim a cultura da língua e da literatura nacional, e funcionará de acordo com as normas estabelecidas em seu Regimento Interno.

§ 1º - A Academia compõe-se de 40 membros efetivos e perpétuos, dos quais 25, pelo menos, residentes no Rio de Janeiro, e de 20 membros correspondentes estrangeiros, constituindo-se desde já com os membros que assinarem os presentes Estatutos.

⁵¹ **ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.** Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=2> Acesso em: 23 set. 2012.

§ 2º - Constituída a Academia, será o número de seus membros completado mediante eleição por escrutínio secreto; do mesmo modo serão preenchidas as vagas que de futuro ocorrerem no quadro dos seus membros efetivos ou correspondentes.

Art. 2º - Só podem ser membros efetivos da Academia os brasileiros que tenham, em qualquer dos gêneros de literatura, publicado obras de reconhecido mérito ou, fora desses gêneros, livro de valor literário. As mesmas condições, menos a de nacionalidade, exigem-se para os membros correspondentes.

Art. 3º - A administração da Academia compete a um Presidente, um Secretário-Geral, um Primeiro-Secretário, um Segundo-Secretário e um Tesoureiro, eleitos anualmente por escrutínio secreto e reelegíveis.

§ 1º - O Presidente dirige os trabalhos da Academia e a representa em juízo e nas suas relações com terceiros.

§ 2º - As funções dos três Secretários serão discriminadas no Regimento.

§ 3º - Ao Tesoureiro incumbe a guarda e a administração do patrimônio social, de acordo com os outros membros da Diretoria.

Art. 4º - A Academia terá uma comissão de contas, composta de três membros e eleita anualmente, além das demais comissões que forem criadas pelo Regimento.

Art. 5º - A Academia funciona com cinco membros e delibera com dez. Parágrafo único. Para eleições exige-se, em primeira assembléia, a maioria absoluta dos membros residentes no Rio de Janeiro.

Art. 6º - Sem vênia da Academia nenhum Acadêmico tem o direito de declarar essa qualidade nos livros que publicar.

Art. 7º - Os membros da Academia não respondem individualmente pelas obrigações contraídas em nome dela, expressa ou implicitamente, pelos seus representantes.

Art. 8º - A Academia poderá aceitar auxílios oficiais e particulares, bem como encargos que visem o progresso das letras e da cultura nacional.

Art. 9º - No caso de extinção da Academia, liquidado o seu passivo, reverterá o saldo, que houver, em favor da União, se antes não se resolver seja transferido a algum estabelecimento público ou outra associação nacional que tenha fins idênticos ou análogos aos seus.

Art. 10º - Para reforma destes estatutos, extinção da Academia e aplicação do patrimônio acadêmico, no caso do art. 9º, será preciso o voto expresso da maioria absoluta dos membros efetivos da Academia.

Respeitando as normas estabelecidas por seus sócios-fundadores, a ABL contempla escritores de diferentes gêneros literários com o objetivo de estimular as diferentes manifestações literárias produzidas nos quatro cantos do Brasil. Inspirada na iniciativa que ergueu a Casa de Machado de Assis, literatos rio-grandenses, que vinham há alguns anos buscando seu espaço de divulgação e manutenção da literatura e cultura gaúchas, uniram forças na tentativa de fundar uma entidade que os representasse.

2.3 A ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Vivendo dias inóspitos após um intenso conflito no Rio Grande do Sul, no final do século XIX, agora com outra luta entre maragatos e pica-paus, a Província sofreu com os resultados negativos dessa guerra nos aspectos econômicos e políticos que interferiram no cotidiano da população. Na virada do século XIX para o XX, as ideias positivistas do então presidente do Rio Grande, Júlio de Castilhos, influenciaram na reconstrução e desenvolvimento do Estado.

Através de uma política que incentivava a ordem e o progresso, o Rio Grande do Sul, seguindo o exemplo de Rio de Janeiro e São Paulo, iniciou um programa de obras públicas com o intuito de modernizar e transformar a Capital gaúcha em modelo a ser seguido pelo restante da população gaúcha. Vislumbrando o que estava por vir e empolgados com a chegada de um novo século, homens de diferentes esferas empenharam-se na renovação e no desenvolvimento de diversos setores da sociedade. As inovações atingiram tanto os segmentos políticos e religiosos, como também o plano cultural com diversas inaugurações de teatros, museus e arquivos.

No Rio Grande do Sul, a vida cultural fora movimentada pelas atividades propostas pela Sociedade Partenon Literário, a qual organizava frequentemente saraus e esquetes, recitais de música e, principalmente, encenações teatrais que tiveram no Teatro São Pedro, localizado no centro da Capital, seu mais destacado espaço.

No final do século XIX, surgiam a cada ano várias sociedades dedicadas à música, à literatura e ao teatro. Dentre elas, destacam-se o *Club Hayden*, uma sociedade voltada à organização de concertos, e a *Sociedade Literária Castro Alves*, muito ativa e responsável pela publicação de uma revista mensal. O intuito desses grêmios e associações, compostos por figuras representativas da Província, consistia em estimular e desenvolver em seu público o gosto pelas diversas expressões de arte. A ideia era a de que, com o tempo, através da promoção de atividades culturais, essas entidades pudessem ocupar papel de efetiva e incontestável importância, adquirindo, por meio de atuações constantes e proveitosas, seu lugar no patrimônio cultural de Porto Alegre⁵². O caráter inovador dessa página da história gaúcha tem como principal característica a inquietação, uma vez que a promoção de diversas atividades simultâneas em diferentes setores culturais refletia a ânsia por conhecer e aprender mais. Dentre os diversos órgãos fomentadores das tradições e dos valores intelectuais do Rio Grande, destaca-se, ainda nos primeiros momentos do século XX, a fundação da Academia Rio-Grandense de Letras.

O surgimento da academia marca não só o crescimento do Estado em diversas áreas como também retoma o ideal da primeira grande organização social e artística surgida no sul do País, a Sociedade Partenon Literário. Além disso, o erguimento de uma entidade voltada às belas letras acompanhava o movimento iniciado por duas outras capitais, Ceará, em 1884, e Pernambuco, em 26 de janeiro de 1901, somando a essas duas a que representa até hoje os literatos do Brasil, a Academia Brasileira de Letras.

A Academia Rio-Grandense de Letras foi fundada em 1º de dezembro de 1901, mas os preparativos para o início de suas atividades começaram a ser noticiados semanas antes por jornais que circulavam no Rio Grande do Sul, devendo ser destacada a colaboração do *Correio do Povo*, de Porto Alegre.

Na manhã do dia 19 de novembro de 1901 esse periódico publicou a primeira notícia sobre o surgimento da Academia. O texto enfatizou que, a exemplo da Capital da República, Rio de Janeiro, e dos Estados do Ceará e

⁵² FERREIRA, Athos Damasceno. **Palco, salão e picadeiro em Porto Alegre no século XIX: contribuição para o estudo do processo cultural do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Globo, 1956. p. 185

Pernambuco, seria fundada no Rio Grande do Sul a primeira entidade voltada exclusivamente à literatura e à cultura gaúchas:



Trata-se de fundar, nesta capital, a *Academia Rio-Grandense de Letras*, a exemplo da que existe na capital da República e em diversos Estados da União.

Com tal intuito, houve anteontem, às 13h, no Teatro São Pedro, uma reunião de alguns literatos, comparecendo os Srs. tenente-coronel Aurélio de Bittencourt, Aquiles Porto Alegre, Apeles Porto Alegre (representando também o Sr. Apolinário Porto Alegre), Alcides Maia, Joaquim Alves Torres (representando também Alarico Ribeiro), Souza Lobo, Marcelo Gama e Zeferino Brasil (representando também Mario Totta).

Aclamado para presidir a sessão o tenente-coronel Aurélio de Bittencourt, por este foram convidados para secretários os Srs. Alves Torres e Zeferino Brasil.

Em seguida, pelo presidente, foi declarada aberta a primeira sessão preparatória, e expostos, em breves palavras, os fins da reunião...

A primeira reunião preparatória das atividades acadêmicas foi realizada no Teatro São Pedro, polo artístico, social e político, localizado em Porto Alegre na antiga Rua da Ladeira, atual General Câmara. As atividades foram conduzidas e presididas por Aurélio Veríssimo de Bittencourt, tenente-coronel do Exército, sócio fundador da Sociedade Partenon Literário e dirigente do *Jornal do Comércio* entre os anos de 1903 e 1911. A assembleia contou com as presenças do professor, escritor e jornalista Aquiles Porto Alegre, do professor e escritor Apeles Porto Alegre, do político, contista e romancista Alcides Maia, do teatrólogo Joaquim Alves Torres, do professor, engenheiro e

escritor José Teodoro de Souza Lobo, do poeta e jornalista Marcelo Gama, pseudônimo de Possidônio Cezimbra Machado, e do poeta Zeferino Brasil.

Alguns desses nomes, como Aurélio Veríssimo de Bittencourt, Aquiles Porto Alegre, Apeles Porto Alegre e Zeferino Brasil, defendiam há anos o enguimento de uma agremiação desse caráter, tendo participado de inúmeras tentativas. O encontro ocorrido no principal teatro do Estado era o primeiro passo para a concretização de uma longa caminhada. A presença desses nomes influentes no meio literário fez com que as bases constitutivas da Academia Rio-Grandense de Letras fossem sólidas.

Na primeira reunião preparatória, Joaquim Alves Torres apresentou a estrutura organizacional da futura academia e leu os cerca trinta nomes escolhidos até aquele momento para formarem o número efetivo de associados. Na fase inicial, a agremiação não adotou o modelo francês de quarenta membros com seus respectivos patronos. Além de apresentar um quadro menor, que não era o definitivo, cada acadêmico tinha a liberdade de escolher seu patrono de acordo com as suas preferências, desde que o mesmo fosse um literato rio-grandense de reconhecido valor e já falecido.

Aurélio de Bittencourt ainda nomeou uma comissão para elaborar a constituição e o regimento interno da sociedade. O grupo foi composto por Aquiles Porto Alegre, Joaquim Alves Torres e Zeferino Brasil, tendo os dois últimos assumido ainda o ofício de secretários da entidade. Os associados Mario Totta, Souza Lobo e Marcelo Gama ficaram responsáveis pela tarefa de convidar as pessoas constantes na relação de acadêmicos que não estiveram presentes na primeira reunião. Ficou acertado também que, no domingo seguinte, dia 25 de novembro de 1901, no mesmo Teatro São Pedro, às 13h, seria realizada nova reunião para a leitura do projeto de constituição e organização definitiva do número e escolha dos membros efetivos do sodalício⁵³.

Convidados oficialmente pelo presidente da agremiação, constituíram o quadro efetivo da Academia Rio-Grandense de Letras Aquiles Porto Alegre, o político Alcides Cruz, Alcides Maia, o poeta Alarico Ribeiro, o escritor Alfredo

⁵³ Os presentes dados sobre a segunda reunião preparatória da *Academia Rio-Grandense de Letras* foram localizados no exemplar do jornal *Correio do Povo*, publicado no dia 26 de novembro de 1901 na página 1.

Lasbor, Apolinário Porto Alegre, Apeles Porto Alegre, o poeta e político Artur Pinto da Rocha, o jornalista e escritor Aurélio de Bittencourt, o advogado e escritor José Joaquim Andrade Neves Neto, o jornalista e escritor Paulino Azarenha, o jornalista e empresário Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, Souza Lobo, Alves Torres, o médico e romancista Mário Totta, Marcelo Gama, o médico e escritor Sebastião Afonso de Leão, o médico e escritor Olímpio Olinto de Oliveira, Zeferino Brasil, o professor e escritor Graciano Alves de Azambuja, o professor Ildelfonso Gomes, todos residentes na Capital, e o historiador e poeta Alfredo Ferreira Rodrigues, o historiador e teatrólogo João Maia, o advogado, historiador e político Alcides de Mendonça Lima, o médico, político e escritor José Romaguera da Cunha Correia e o jornalista e escritor Antônio da Costa Correia Leite, sob o pseudônimo Mário de Artagão, residentes no interior do Estado.

Foram escolhidos pelo grupo de acadêmicos residentes na Capital como sócio-correspondentes o diplomata e poeta Antônio Vicente da Fontoura Xavier, o historiador e diplomata Alfredo Augusto Varela de Vilares, o político e escritor Joaquim Francisco de Assis Brasil, o poeta Adalberto Guerra Duval, o diplomata, jornalista e escritor Múcio Scévola Lopes Teixeira, o escritor Carlos Ferreira, o historiador e escritor João Damasceno Vieira Fernandes, o conselheiro Ferreira Viana e o escritor Oliveira Belo, residentes fora do Rio Grande do Sul.

Ainda empolgados com a primeira sessão preparatória, os membros da Academia Rio-Grandense de Letras promoveram a segunda reunião que, conforme o jornal *Correio do Povo*⁵⁴, ocorreu no dia 25 de novembro do mesmo ano, às 13h, no Teatro São Pedro. Tamanha era a animação dos acadêmicos com os detalhes da fundação da entidade que as atividades, previstas para serem concluídas em duas horas, duraram até às 15h30min. Após a leitura da ata, procedeu-se à análise do projeto de constituição, ficando acertado que o texto seria submetido a duas discussões para, só então, ser aprovado.

O mesmo informativo destacou ainda que Andrade Neves Neto não pôde comparecer à reunião e, por esse motivo, enviou por escrito seu voto sobre um dos itens do projeto. Nesse texto, Neves estimulava e felicitava os

⁵⁴ *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 1, 26 nov. 1901.

presentes pela fundação do instituto e se dispunha a ajudar no que fosse preciso. Após a discussão, foi acertado que a agremiação seria acessível não só aos rio-grandenses, mas também aos brasileiros natos ou naturalizados que, por sua dedicação às letras sulinas, demonstrada em atos ou obras, merecessem a insígnia acadêmica.

Os associados presentes discutiram e votaram, ainda, artigo por artigo o projeto de constituição da instituição. Chegaram à conclusão, após caloroso debate, que a agremiação seria um grande centro defensor das letras do Rio Grande e que teria por fim promover e impulsionar o desenvolvimento das letras sulinas e ocupar-se da história, bibliografia e biografia rio-grandenses. Seria constituída com vinte e cinco membros efetivos, residentes no Estado, e dez correspondentes. A verdadeira vocação da Academia foi exposta em um artigo publicado na primeira página do jornal *Correio do Povo*⁵⁵:

A Academia, tendo por único escopo a preocupação literária, será inteiramente alheia às lutas de outra ordem, sobretudo políticas ou religiosas, nada impedindo, entretanto, que cada um de seus membros tenha liberdade de pensamento nas produções ou escritos que firmar nos exercícios dos seus direitos de cidadão.

No mesmo texto, que ressaltava o espírito livre da Academia Rio-Grandense de Letras, foi noticiado que, após a votação da constituição, os presentes e, até o momento membros provisórios da entidade, seriam reconhecidos como acadêmicos efetivos, sendo, em seguida, distribuídos nas vinte e cinco vagas existentes. A nota do *Correio do Povo* ainda destacou que a terceira reunião preparatória ocorreria no dia 30 de janeiro de 1901, no Teatro São Pedro, às 13h, tendo como tema a segunda e última discussão do projeto de constituição da agremiação.

⁵⁵ *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 1, 26 nov. 1901.

Alguns dias depois, mais especificamente no dia 3 de dezembro de 1901, foi publicada novamente no *Correio do Povo*⁵⁶ uma notícia que destacava a votação do projeto da instituição e o reconhecimento dos membros efetivos fundadores da agremiação. Aproveitando o espaço de divulgação, o grêmio informou à sociedade gaúcha sobre uma quarta reunião, na qual seria votada a redação da constituição, procedendo, em seguida, à nomenclatura das cadeiras e à eleição e posse da primeira administração, a qual competiria determinar o dia da inauguração pública da entidade.

A última reunião preparatória ocorreu no dia 15 de dezembro de 1901 no mesmo local e horário da anterior. O encontro recebeu destaque em notícia publicada no *Correio do Povo*⁵⁷ de 17 de dezembro de 1901. Segundo essa nota, após a leitura e a aprovação da ata da reunião anterior, os acadêmicos presentes realizaram algumas votações, sendo elas a eleição da primeira administração do instituto e de duas comissões: uma responsável por assuntos relacionados à história e bibliografia, e outra à publicidade e crítica. Nessa oportunidade, indicaram ainda o orador oficial da inauguração da instituição, seus membros correspondentes e a listagem definitiva de seus agremiados.

Compondo a primeira administração foram unanimemente escolhidos os seguintes acadêmicos: Presidente, Tenente-Coronel Aurélio de Bittencourt; secretário-geral, Joaquim Alves Torres; 1º secretário, o escritor Benjamim Flores; 2º secretário, Mário Totta; tesoureiro e bibliotecário, Apeles Porto Alegre. Para a comissão de história e bibliografia, elegeram Alcides Lima, o historiador e poeta Alfredo Ferreira Rodrigues, João Maia, Sebastião Leão e o escritor e Tenente Tito Vilalobos; para a de publicidade e crítica, foram escolhidos Aquiles Porto Alegre, Alcides Maia, Apolinário Porto Alegre, Caldas Júnior, Andrade Naves Neto, Mário de Artagão e Olinto de Oliveira. No ato inaugural figurou como orador oficial, por sugestão de Andrade Neves, Alcides Maia.

Em seguida, os acadêmicos domiciliados em Porto Alegre, ou seja, os que são elencados como agremiados efetivos, selecionaram os membros

⁵⁶ Notícia referente à terceira reunião preparatória para a instalação da *Academia Rio-Grandense de Letras divulgada* pelo jornal *Correio do Povo* do dia 3 de dezembro de 1901, p.2.

⁵⁷ Informe noticiando a última reunião preparatória da *Academia Rio-Grandense de Letras* divulgado pelo jornal *Correio do Povo* de 17 de dezembro de 1901, p. 1.

correspondentes: Alfredo Varela, Adalberto Guerra Duval, Antônio F. Viana, Carlos Edmundo Amálio da Silva, Carlos Ferreira, Canto e Melo, Damasceno Vieira, Francisco Cunha, Fontoura Xavier, Geraldino Silveira, Dr. Assis Brasil, Joaquim Marques da Cunha, Lourenço da Fonseca, Múcio Teixeira e Oliveira Belo.

Após a eleição dos membros correspondentes, foi divulgada a lista oficial dos associados à Academia Rio-Grandense de Letras reconhecidos na sessão preparatória de 1º de dezembro: Aquiles Porto Alegre, Alcides Maia, Alcides Lima, Alfredo Lisboa, Alfredo Ferreira Rodrigues, Apolinário Porto Alegre, Apeles Porto Alegre, Artur Pinto da Rocha, Aurélio de Bittencourt, Benjamim Flores, Ernesto Silveira, Caldas Júnior, Andrade Neves Neto, José Carlos de Souza Lobo, João Maia, Joaquim Alves Torres, Romaguera Correia, Mário Totta, Mário de Artagão, Olinto de Oliveira, Paulino de Azurena, Possidônio Machado (Marcelo Gama), Tito Vilalobos, Sebastião Leão e Zeferino Brasil. Até aquele momento os patronos dos selecionados ainda não haviam sido escolhidos.

A escolha do Tenente-Coronel Aurélio Veríssimo de Bittencourt para a presidência da entidade recebeu elogios por parte da imprensa, que assim se manifestou no *Correio do Povo*:

Cabe-nos dizer que a escolha do nosso amigo tenente-coronel Aurélio Bittencourt para presidente foi acertadíssima, porque ao velho cultor das letras não faltaram requisitos nem prestígio para colocar a Academia em condições de honrar o Rio Grande do Sul.

No entanto, em 7 de maio de 1902⁵⁸, o mesmo jornal porto-alegrense publicou uma nota sobre a solenidade de inauguração da agremiação na qual já não consta o nome do tenente-coronel Aurélio de Bittencourt como presidente da Academia Rio-Grandense de Letras. Em seu lugar, assumiu a

⁵⁸ *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 2, 7 maio 1902.

liderança da entidade o médico Olinto de Oliveira, que passou a ser reconhecido como primeiro presidente da instituição, a partir do ato inaugural.

A troca da presidência foi esclarecida em publicação do *Correio do Povo*, no dia 13 de maio de 1902, com a seguinte nota:

Aurélio de Bittencourt, o considerado acadêmico que, por impedimento de ordem relevante, renunciou o cargo de presidente, fez sentir que só por impossibilidade ocasional deixará de comparecer à inauguração da *Academia Rio-Grandense de Letras*.

Ainda no dia 7 de maio de 1902, o *Correio do Povo* destacou que em poucos dias ocorreria a inauguração da Academia Rio-Grandense de Letras. Para o evento havia sido reservado um requintado salão do Clube do Comércio no qual o escritor e membro da Academia Brasileira de Letras, Alcides Maia⁵⁹, figuraria como orador oficial. A solenidade contaria ainda com a apresentação de uma orquestra composta por dezesseis professores, sob a regência do maestro Assis Pacheco. O periódico divulgou, em primeira mão, o repertório escolhido até aquele momento, merecendo destaque a fofonia da ópera *Salvador Rosa*, de Carlos Gomes, o poemeto sinfônico da ópera *Dor*, de Assis Pacheco, e a *Marcha da exposição*, de Araújo Viana.

A participação no ato inaugural foi estendida através de nota publicada no mesmo periódico⁶⁰ às famílias dos convidados. No dia seguinte, foi divulgado um informe completo sobre a instalação da Academia Rio-Grandense de Letras, quando o *Correio do Povo* publicou o seguinte⁶¹:

Não há muito, a coincidência da iniciativa, nesta Capital, da fundação daquela futura agremiação, destinada, talvez, a ser um dia a genuína expressão literária do Rio Grande do Sul, com a afirmação irrefletida, por parte do hábil cronista fluminense, de

⁵⁹ O discurso de Alcides Maia, apesar da importância, não foi encontrado em nenhuma das revistas da *Academia Rio-Grandense de Letras* às quais se teve acesso.

⁶⁰ *Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 2, 9 maio 1902.

⁶¹ *Correio do Povo*. Porto Alegre, p.1, 9 maio 1902.

um suposto atraso intelectual da nossa terra, já nos oferecera ensejo para registrar aqui que dava testemunho positivo, em contrário, a academia cuja instalação estava anunciada o que o nosso adiantamento mental estava reclamando, como uma necessidade de importância visceral para a vulgarização dos trabalhos literários e históricos dos nossos homens de letras e dos nossos eruditos, que os temos, em confronto com os Estados irmãos, numa relatividade que nos honra e, para alentar, na emulação do afã coletivo, vocações predestinadas, mas retraídas.

O texto acima faz referência às críticas recorrentes na época. Elas enfatizavam que os dedicados às letras no Rio Grande, quando comparados aos que desempenhavam tal atividade na Capital do Brasil, o Rio de Janeiro, apresentavam certo atraso, uma vez que o território no qual habitavam era demasiadamente afastado da efervescência que ocorria naquele centro político e econômico do País. A notícia destacava que a iniciativa de fundar um centro voltado à literatura evidencia que a mentalidade dos escritores do Sul quando comparada à de outros Estados não deveria, em momento algum, ser desvalorizada.

O problema relacionado à publicação das obras produzidas na Província de São Pedro é oriundo dos conflitos armados que assolaram o Rio Grande pelos mais diversos motivos, destacando-se, dentre esses eventos, a delimitação de fronteiras e a luta pela independência. A preocupação em consolidar a posição do Estado nos níveis políticos e econômicos resultou no atraso do desenvolvimento e da disseminação dos trabalhos literários aqui produzidos, uma vez que a imprensa só passou a desempenhar tal papel entre as décadas de 1850 e 1880⁶².

Além de discorrer brevemente sobre a posição do Rio Grande em relação às demais capitais, principalmente o Rio de Janeiro, a notícia evidenciou, ainda, que, em nome dos gaúchos que constituem a academia, pelos que não puderam se filiar por não haver permitido o número de cadeiras

⁶² PÓVOAS, Mauro Nicola. **No rastro do Parthenon Literário**. Rio Grande. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/56751084/3/Bibliografia-sobre-o-Parthenon-Literario>> Acesso em: 20 dez. 2012. p. 7.

existentes, pelos sócios-correspondentes e pelos membros que partiram e cujas produções representam o Estado, as ideias que remontam ao atraso cultural do Sul do País não são verídicas. Existem nessa região do Brasil homens talentosos que representam sua terra, comprovando que, se ocorreu alguma situação que sugestionou algum atraso, não estava vinculado ao intelecto e sim à divulgação da literatura gaúcha que só aconteceu a partir da definitiva incorporação da Província ao Brasil com o final da Revolução Farroupilha.

Fora as ponderações acerca da criação de uma entidade acadêmica gaúcha, o *Correio do Povo* adiantou aos seus leitores que brevemente viria a público o primeiro número de uma revista histórica e literária da Academia Rio-Grandense de Letras. A edição traria volume expressivo de documentos históricos e variadas produções literárias⁶³.

A instalação da agremiação foi divulgada pelo *Correio do Povo* no dia 13 de maio de 1902, sendo detalhadamente descrita nesse exemplar. Na chuvosa noite do dia 10 de maio de 1902, um sábado, aconteceu a sessão de inauguração da Academia Rio-Grandense de Letras, em um salão do Clube do Comércio⁶⁴. Infelizmente, a chuva que começou a cair pouco antes do início do ato impediu que várias famílias comparecessem, mas ainda assim o número de convidados que participaram da festividade foi expressivo.

As senhoras presentes ao ato vestiram-se luxuosamente, ostentando joias e adornos requintados. Nos vestidos, prevaleciam tons pastel, com detalhes florais extremamente delicados. Chapéus e pequenas bolsas arrematavam o visual. Já os senhores, trajavam roupas de gala em sua maioria de cor escura, acompanhadas de cartolas e bengalas, essas últimas dando aos que a utilizavam uma imagem de poder e requinte. Dentre os convidados, destacavam-se homens de letras, jornalistas, negociantes, funcionários públicos, médicos, advogados, artistas, professores e estudantes. A classe militar foi representada por oficiais das guarnições federais e estaduais, contando com a presença de representantes da Capital do Rio Grande, o

⁶³ A *Revista* da Academia prometida para o ano de 1902 não foi publicada. A primeira *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras* só foi editada anos mais tarde, mais especificamente em 1910, após alguns anos de recesso. Naquele período a entidade retomou suas atividades sob nova nomenclatura, Academia de Letras do Rio Grande do Sul.

⁶⁴ Na edição de 13 de maio de 1902, foram publicados no *Correio do Povo* detalhes da cerimônia de instalação da Academia.

Capitão Figueiró e mais dois colegas, o Alferes Heraclides Vieira Teixeira, representante do Coronel Salustiano dos Reis, comandante da guarnição. Antes da instalação, a banda do 25º Batalhão de Infantaria tocou à porta do edifício do Clube do Comércio, tombado pelo Patrimônio Histórico e Cultural de Porto Alegre e localizado à Rua dos Andradas, 1085.

No amplo salão planejado para encontros e simpósios, por volta das 20h30min, o presidente, Dr. Olinto de Oliveira, ocupando o centro da mesa de conferências, declarou instalada a Academia Rio-Grandense de Letras. Os convidados estavam dispostos em dois corredores repletos de cadeiras, deixando o centro do local liberado para que os demais, que iriam se apresentar, chegassem ao palco rapidamente.

Estavam à direita do presidente os acadêmicos Mário Totta, segundo secretário, Sebastião Leão, Apeles Porto Alegre, Ernesto Silva, Alcides Maia, Andrade Neves Neto, e à esquerda Benjamim Flores, primeiro secretário, José Carlos de Souza Lobo, Caldas Júnior, Paulino de Azurena, Alfredo Lisboa, e Joaquim Alves Torres, secretário geral. Logo após o discurso de Olinto de Oliveira, acerca do solene momento inaugural, foram lidos, pelo primeiro secretário, os nomes dos membros efetivos da entidade e de seus respectivos patronos.

Os acadêmicos presentes escolheram como seus patronos, respectivamente, os seguintes intelectuais: Joaquim Caetano, de Olinto de Oliveira; Hilário Ribeiro, de Mário Totta; Argemiro Galvão, de Sebastião Leão; Afonso Marques, de Apeles Porto Alegre; Leopoldo Chaves, de Ernesto Silva; Pardal Mallet, de Alcides Maia; Ernesto Alves, de Andrade Neves Neto; Antunes da Luz, de Aquiles Porto Alegre; José Bernardino dos Santos, de Benjamin Flores; Araújo Porto Alegre, de José Carlos de Souza Lobo; Inácio de Vasconcelos, de Caldas Júnior; Eudoro Berlink, de Paulino de Azurena; Fernando Gomes, de Alfredo Lisboa e Artur Rocha, de Joaquim Alves Torres.

Os agremiados que não compareceram, por não se encontrarem em Porto Alegre, optaram pelos seguintes patronos: Bernardo Taveira Júnior, de Alfredo Ferreira Rodrigues; Caldre Fião, de Apolinário Porto Alegre; Félix da Cunha, de Aurélio de Bittencourt; Antonio Coruja, de Romaguera Correia; Bibiano de Almeida, de Lourenço da Fonseca; Ismael Lopes, de Mário de Artagão; Alberto Correia Leite, de Possidônio Machado; José Vilalobos Júnior,

de Tito Villalobos; e Lobo da Costa, de Zeferino Brasil. Ficaram pendentes apenas os patronos das cadeiras de Alcides de Mendonça Lima e João Cândido Maia.

Após a nomeação dos acadêmicos e de seus patronos, Alcides Maia proferiu o discurso oficial por ele elaborado. O texto, que remontava às primeiras instituições de caráter acadêmico existentes, foi ouvido com atenção e, ao final, aplaudido com entusiasmo. O discurso foi publicado na primeira *Revista da Academia*, mas infelizmente não foi encontrado, já que o exemplar está perdido.

Concluídas as palavras de Maia, os presentes apreciaram o poema lírico “Dor”, de Assis Pacheco, o qual foi acompanhado por uma orquestra. Souza Lobo recitou, depois, “Invocação”, trecho de *Colombo*, poema de Araújo Porto Alegre. A seguir, ouviu-se a *Marcha solene*, de autoria de Araújo Viana, que se encontrava presente e ficou muito emocionado com a homenagem. Após essas manifestações artísticas, foram proferidas as palavras finais pelo presidente, Olinto de Oliveira, encerrando oficialmente a cerimônia de instalação da agremiação.

Em seu texto *História das academias de letras no Rio Grande do Sul*, Ari Martins⁶⁵ reafirma o papel de Olinto de Oliveira na *Academia Rio-Grandense de Letras* e a relação dessa Instituição com a fundada em 1868, o Partenon Literário:

Para dar corpo à iniciativa de criação de um grêmio cultural aos moldes acadêmicos em Porto Alegre, reuniu em torno de si um pugilo de distintas figuras da literatura e da imprensa, entre as quais algumas que vinham ainda dos tempos áureos do Partenon Literário.

Ari Martins⁶⁶ relaciona no mesmo artigo as cadeiras com seus fundadores ocupantes e patronos:

⁶⁵ *Revista da Academia Sul- Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre: CORAG, n. 3, 1951.

⁶⁶ *Revista da Academia Sul- Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre: CORAG, n. 3, 1951.

Cadeira	Fundadores ocupantes	Patronos
1	Apeles Porto Alegre	Afonso Marques
2	Mário de Artagão	Alberto Correia Leite
3	Romaguera Correia	Antônio Coruja
4	Aquiles Porto Alegre	Antunes da Luz
5	José Carlos de Souza Lobo	Araújo Porto Alegre
6	Sebastião Leão	Argemiro Galvão
7	Joaquim Alves Torres	Artur Rocha
8	Lourenço da Fonseca	Bibiano de Almeida
9	Apolinário Porto Alegre	Caldre e Fião
10	Andrade Neves Neto	Ernesto Alves
11	Paulino de Azurenha	Eudoro Berlink
12	Aurélio Junior	Félix da Cunha
13	Alfredo Lisboa	Fernando Gomes
14	Mário Totta	Hilário Ribeiro
15	Caldas Júnior	Inácio Vasconcelos
16	Marcelo Gama	Ismael Lopes
17	Olinto de Oliveira	Joaquim Caetano
18	Benjamin Flores	José Bernardino dos Santos
19	Tito Vilalobos	José Vilalobos Júnior
20	Ernesto Silva	Leopoldo Chaves
21	Zeferino Brasil	Lobo da Costa
22	Alcides Lima	Macedo Júnior
23	João Maia	Menezes Parede
24	Alcides Maia	Pardal Mallet
25	Alfredo Ferreira Rodrigues	Taveira Júnior

Apesar de afirmar publicamente que seu único objetivo desde a fundação era promover a literatura⁶⁷, a Academia Rio-Grandense de Letras passou a sofrer influência do ambiente político do período e dos desentendimentos entre confrades. A inicial alternância da presidência da agremiação já era um indicativo de que divergências mais fortes poderiam causar futuros problemas. Os desentendimentos entre Olinto de Oliveira e Aurélio de Bittencourt, que persistiram após a alternância da direção da entidade, com consequências que abalaram profundamente o quadro social e refletiram nas atividades culturais. Uma notícia publicada anos depois, em 30 de novembro de 1975, no jornal *Correio do Povo*, os motivos iniciais da desavença entre os associados⁶⁸:

⁶⁷ *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre: CORAG, n. 9, 1980.

⁶⁸ *Academia Rio-Grandense de Letras completará amanhã seus 74 anos*. *Correio do Povo*, p. 35, 30 nov.1975.

Fundada a 1º de dezembro de 1901, nesta Capital, por iniciativa do médico Olinto de Oliveira e do cronista e político Aurélio Veríssimo de Bittencourt, a Academia Rio-Grandense de Letras enfrentou, já no seu nascedouro, uma crise que quase a fazia natimorta. É que nesse começo de século, apenas seis anos sobrevividos à derrota federalista de 93-95, a unidade do castilhanismo não se apresentava tão forte como logo após a vitória militar. E embora o Dr. Olinto de Oliveira trabalhasse para o governo, com ele não concordava de modo total. Daí a séria divergência entre os dois líderes da promoção acadêmica do Estado, de que resultou o afastamento de Aurélio Veríssimo de Bittencourt. O grupo maior, conduzido pelo médico e intelectual, abrigou-se à sombra do liberal Correio do Povo. Por isso, a instalação efetiva só ocorreu em 1902.

Com a persistência de tais adversidades, mesmo com o afastamento de Olinto de Oliveira, que estava na Capital do País, o Rio de Janeiro, a Academia Rio-Grandense de Letras, após alguns anos de funcionamento, suspendeu suas atividades até 1910, quando surgiu nova tentativa para reerguer a instituição.

2.3.1 1910: A RETOMADA

Para suprir a necessidade de um local de encontro para os dedicados às letras, após alguns anos em recesso, a Academia Rio-Grandense de Letras reiniciou suas atividades em 1910. Com o intuito de respeitar Olinto de Oliveira que estava fora do Estado e não havia oficialmente encerrado as atividades acadêmicas anos antes, reergueu-se a instituição sob nova designação, mantendo o objetivo de trabalhar em prol das letras rio-grandenses. A entidade,

porém, ainda era a mesma, como declara Ari Martins⁶⁹ em sua *História das Academias de Letras do Rio Grande do Sul*.

A proposta de reabertura ocorreu por iniciativa de César de Castro⁷⁰, apoiado por um grande número de remanescentes da agremiação de Olinto de Oliveira como João Maia, Aquiles Porto Alegre, Zeferino Brasil, Mario de Artagão, Alfredo Ferreira Rodrigues e Andrade Neves Neto.

A retomada da Academia Rio-Grandense de Letras foi marcada por intenso movimento em prol da divulgação e manutenção da cultura rio-grandense. Nesse período, os administradores do Rio Grande ergueram o Palácio Piratini, sede do Governo do Estado até hoje, e o prédio da Biblioteca Pública. Ainda criaram a Escola de Artes Plásticas, o Instituto de Belas Artes e a Faculdade de Direito de Pelotas. É nesse contexto de avanço e valorização da cidade e dos locais que perpetuam e divulgam as belas letras que a instituição renasceu.

A Academia de Letras do Rio Grande do Sul foi constituída por trinta membros efetivos residentes no Estado, sendo dez residentes na Capital e dez com residência fora do Rio Grande. Estava organizada em diversos setores como diretoria de honra, junta administrativa, formada por um presidente, um vice-presidente, um secretário e um bibliotecário, e duas comissões intituladas história geral e publicidade e crítica. Logo depois, a disposição recém-escolhida foi abandonada, optando-se, em seguida, pela estrutura adotada pela sua antecessora que consistia em um quadro de quarenta sócios correspondentes, o qual não foi preenchido em sua totalidade.

Diante de numerosa plateia, na noite do dia 11 de junho de 1910, em um dos salões do Clube do Comércio, localizado na Rua Sete de Setembro na Capital, ocorreu a solenidade de inauguração da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. O presidente, Cesar de Castro, em seu rápido discurso, proferiu emocionadas palavras sobre a dificuldade de empreendimentos e manifestou a convicção de que a nova instituição iria perpetuar-se e engrandecer o Rio Grande do Sul. O texto completo do discurso de reinauguração foi extraviado durante as mudanças de sede pelas quais a entidade passou. Por esse motivo,

⁶⁹ **Revista da Academia Sul- Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre: CORAG, n. 3, 1951.

⁷⁰ José César de Castro nasceu em Porto Alegre em 8 de fevereiro de 1886 e faleceu no mesmo Estado em 4 de outubro de 1930. Foi, além de acadêmico, médico, militar, poeta, contista e cronista.

Martins apenas cita o pronunciamento sem detalhar o conteúdo do texto. As únicas menções ao discurso de César de Castro foram as encontradas no trabalho de Ari Martins⁷¹, divulgado na revista da sociedade. Sob salva de palmas do público presente, o presidente Cesar de Castro convidou Aquiles Porto Alegre e Artur Pinto da Rocha, diretores de honra, para comporem a mesa do evento. Em seguida, Lili Hartlieb, professora de Teoria Elementar da Música do Conservatório de Música de Porto Alegre, cantou para o público, acompanhada ao piano pelo maestro Pedro de Araújo Viana.

Após a apresentação musical, Pinto da Rocha leu seu discurso com o qual inaugurou oficialmente a sociedade literária. O orador citou Manoel Bernardes, Voltaire, Byron e Ovídio, concluindo que a vida é excelente para quem trabalha, destacando que essa frase poderia ser a lição magna pela qual a agremiação deveria se guiar. Ao concluir o emocionado discurso, Pinto da Rocha foi ovacionado pelos ouvintes durante aproximadamente cinco minutos. Tocado pela emoção, disse que esperava que as palmas por ele recebidas fossem tributadas à Academia, motivo pelo qual todos estavam reunidos naquela noite. Em seguida às palavras do orador oficial, Lili Hartlieb cantou novamente, encerrando a comemoração. Após a sessão solene, os acadêmicos, acompanhados de suas famílias, dirigiram-se à sede da entidade onde confraternizaram com um coquetel, no qual foram oferecidos doces e bebidas.

Também estiveram presentes à sessão solene e à recepção o Dr. Vasco Bandeira, chefe de Polícia, representando o presidente do Estado; o Coronel Cipriano Ferreira, Comandante da Brigada Militar; bispos diocesanos; Alves Júnior, do *Jornal do Comércio*, além de outras autoridades civis, militares e da imprensa.

No dia seguinte, 12 de junho, em um dos salões do Grande Hotel, localizado na Capital, na Rua da Praia, os associados ofereceram um banquete em comemoração à cerimônia de inauguração da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Além dos acadêmicos, compareceu Alves Júnior, que recebera convite especial por fazer parte do *Jornal do Comércio*, periódico que cedia

⁷¹ *Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre: CORAG, n. 3, 1951.

espaço para a divulgação dos eventos da entidade, tendo ainda como fundador e diretor o agremiado Aquiles Porto Alegre.

Organizado por Aquiles Porto Alegre, o ambiente do almoço era de animação e as conversas ainda empolgadas pelo evento da noite anterior tomavam o salão. Detalhadamente organizado, o cardápio do encontro homenageava diversos autores da literatura universal, dando seus nomes aos pratos escolhidos como Croquettes de Volaille à Ruy Barbosa e Creme pointe d'asparges à Richelieu. O cardápio foi organizado pelos acadêmicos da seguinte forma⁷²:

CARDÁPIO

Potage

Creme pointe d'asparges, à Richelieu

Vin Madère

Croquettes de Volaille, à Ruy Barbosa;

Filet pique pommes noisettes à Machado de Assis;

Perdiz aux champignons, à Eça de Queirós.

Vin Côtes de Clairac

Salade russe, à Antonio Nobre

Vin Sauternes

Omellete soufflée, à Carducci;

Torte aux amandes, à Rostand.

Champagne

Fruits diverses – Café – Liqueurs – Cigarres.

Após o almoço, cada convidado recebeu uma taça de champanhe para os brindes. Aquiles Porto Alegre iniciou erguendo a taça em honra de César de Castro, idealizador da reorganização do instituto. Agradecendo, César de Castro brindou à Academia. O Padre Mariano da Rocha, representando seus confrades, enalteceu Pinto da Rocha, oferecendo-lhe, em nome dos

⁷² **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras.** Seção "Fastos da Academia". Porto Alegre: Livraria Americana, n. II, 1910.

acadêmicos, um anel simbólico. Ao receber tal distinção, Pinto da Rocha foi aplaudido pelos presentes. Sensibilizado com a homenagem, Pinto da Rocha⁷³ agradeceu as palavras e o presente, declarando sentir-se honrado por fazer parte da entidade. Destacando o papel da agremiação na vida cultural do Estado, elogiou o idealizador de outra instituição que, assim como a recém-reaberta, marcou as letras gaúchas, o escritor Aquiles Porto Alegre, um dos fundadores do Partenon Literário. Os brindes seguiram com Cesar de Castro que destacou João Maia, cultor da história e da tradição rio-grandense e Pinto da Rocha retomou a palavra elevando os feitos de Padre Mariano da Rocha, representante do clero do Estado, e Zeferino Brasil, autor de *Vovó Musa*, conhecido como o príncipe dos poetas.

Encerrada a série de brindes, Irineu Trajano e Lindolfo Collor recitaram poemas de suas autorias e foram aplaudidos pelos confrades. Aquiles Porto Alegre saudou Alves Júnior, representante do *Jornal do Comércio*, e o último exaltou Pinto da Rocha, seu companheiro e amigo desde a adolescência.

O acadêmico Pinto da Rocha destacou a importância da literatura portuguesa e enfatizou a Academia Brasileira de Letras representada por seu presidente, Rui Barbosa. Por unanimidade, as palavras foram transmitidas através de um telegrama⁷⁴ ao famoso orador baiano. A festa organizada por Aquiles Porto Alegre terminou às 16h no mesmo clima de entusiasmo com que iniciou, encerrando-se, assim, as festividades de inauguração.

A entidade teve, em seus primeiros anos, intensa atividade cultural, tendo destaque a publicação de sua revista, a eleição de novos acadêmicos, a comemoração ao centenário de nascimento de Joaquim Caetano e uma série de conferências de vários agremiados para o grande público⁷⁵.

No dia 5 de julho de 1910, seu grande propulsor, César de Castro, renunciou ao cargo de presidente e à sua condição de acadêmico em decorrência de divergências não esclarecidas publicamente, assumindo em seu lugar o acadêmico João Maia, redator de *A Federação*, de Porto Alegre, e

⁷³ A reação de Pinto da Rocha, assim como as dos demais acadêmicos presentes, é descrita pela sessão "Fastos da Academia" da *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras* de 1910, nº. II.

⁷⁴ O telegrama é mencionado na sessão "Fastos da Academia" da *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras* de 1910, nº. II. mas não é transcrito (*Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria Americana, n. 7, junho a agosto 1911).

⁷⁵ Esses eventos são mencionados na sessão dedicada às atividades promovidas pela Academia, porém os mesmos são apenas nominados sem maiores detalhes.

um dos homens que apoiaram Castro no reerguimento da agremiação. Mais uma vez destacam-se os desentendimentos entre os intelectuais rio-grandenses⁷⁶. O afastamento de Eduardo Guimaraens no mês de junho vem ao encontro de tal conclusão. Apesar das desavenças, na noite do dia 11 de junho 1911, às 21h, no vasto salão do Clube Caixeiral, a Academia de Letras do Rio Grande do Sul comemorou seu primeiro aniversário⁷⁷. Passados poucos minutos do horário combinado, diante de numeroso público, João Maia, presidente, abriu a sessão entregando a presidência ao acadêmico Aquiles Porto Alegre, membro da diretoria de honra. Já como presidente da instituição, Porto Alegre passou a palavra ao orador oficial do evento, o autor de *Contos gauchescos e Lendas do Sul*, João Simões Lopes Neto.

Em seu longo discurso⁷⁸, Lopes Neto, como profundo conhecedor da cultura rio-grandense, realizou um retrospecto histórico do Estado. As palavras do escritor, pronunciadas com sobriedade de gestos e com clara dicção, agradaram muito o público, recebendo, ao final, calorosos aplausos.

Ao discurso do orador, seguiram-se as apresentações artísticas, merecendo destaque a de uma pequena orquestra, que executou uma peça clássica, a declamação de um poema da autoria de Irineu Trajano e outro da autoria de Henriques de Casaes, a leitura de textos de Miguel Pereira e de Osório Torres e uma ária da *Tosca*, cantada pelo tenor Constantini⁷⁹.

Finalizadas as participações, o presidente Aquiles Porto Alegre encerrou a sessão agradecendo o comparecimento do público, dentre os quais se destacavam Antenor Amorim, presidente do Centro Republicano; Ildefonso Fontoura, chefe do 1º Distrito Telegráfico; Dr. Vossio Brigido, delegado fiscal; oficiais da Brigada Militar e do Exército; representantes do *Jornal do Comércio*, do *Correio do Povo* e de *A Federação*, todos de Porto Alegre.

⁷⁶ Mais uma vez ocorrem desentendimentos entre acadêmicos, porém os mesmos são apenas citados na Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, n. 2, sem maiores detalhes.

⁷⁷ **Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Livraria Americana, n. 7, jun./ago 1911.

⁷⁸ O discurso do autor de *Lendas do Sul* é apenas citado na sessão “Fastos da Academia”, porém não foi transcrito em edições posteriores, da mesma forma que não foi encontrado nos arquivos da Academia (**Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Livraria Americana, n. 7, jun./ago 1911).

⁷⁹ Relato da comemoração ao primeiro aniversário após a reinstalação da academia publicado na **Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Livraria Americana, n. 7, jun./ago 1911.

O ano de 1916 foi marcado pela visita de Olavo Bilac ao Rio Grande do Sul, sendo a agremiação uma das responsáveis por sua recepção na Capital. Até a década de 1920, a entidade funcionou com certa regularidade, promovendo poucos encontros entre acadêmicos e raras comunicações públicas.

Com escassas atividades, em 1924, fechou suas portas. As desavenças políticas e o conturbado período político influenciaram a crescente apatia até que a mesma fosse transformada em inatividade. O cenário nacional, que desencadeou as modificações culturais e políticas no Rio Grande, ganharam força em 1922. A crise do pacto oligárquico era evidente diante da demanda por maior participação política dos setores urbanos, da insatisfação dos militares e do descontentamento crescente de diversos grupos dominantes. Foi, ainda, o ano de uma disputada sucessão presidencial, que explicitou divergências sérias entre as oligarquias, da criação do Partido Comunista do Brasil e do início do movimento tenentista. Além desses acontecimentos, destacam-se a Semana de Arte Moderna e as comemorações do centenário da Independência⁸⁰. A sucessão desses fatos decisivos poderiam explicar as diferenças e a inércia que se abateu sobre os acadêmicos.

A Semana de Arte Moderna, nas palavras de Alfredo Bosi⁸¹, foi, ao mesmo tempo, o ponto de encontro das várias tendências que desde a I Guerra vinham se firmando em São Paulo e no Rio de Janeiro e que permitiu a publicação de revistas, livros e manifestos, consolidando diversos grupos que pretendiam, dentre vários objetivos, a libertação da criação literária. Sendo um movimento para a libertação do fazer artístico e que, por princípio, vai contra o modelo academicista, é possível entender o porquê de, aos poucos, as atividades da Academia de Letras do Rio Grande do Sul irem cessando. A maioria dos artistas, nesse período, segundo Bosi⁸², navegavam por correntes contrárias aos propósitos de preservação e manutenção do antigo.

⁸⁰ FERREIRA, Marieta de Moraes. Os anos rebeldes do tenentismo. *Revista de história.com.br* Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/os-anos-rebeldes-do-tenentismo>> Acesso em: 21 set. 2007.

⁸¹ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2003. p. 340.

⁸² BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2003. p. 340.

Em Porto Alegre, o movimento iniciado pela Semana de 1922 encontrou representantes à altura dos companheiros que deram o primeiro passo no Brasil nesta renovação artística. A produção do grupo gaúcho, de acordo com Bosi⁸³, resultou em uma síntese das inovações modernas e do respeito à cultura sulina. É o que se desprende das obras de Augusto Meyer e de típicos regionalistas modernos como Pedro Vergara e Manoelito de Ornelas⁸⁴.

Em função desses fatores, de 1924 até 1932, há um hiato nas atividades acadêmicas. Do momento do recesso até a retomada das atividades, o quadro acadêmico permaneceu o mesmo, contando com os seguintes membros:

Cadeira	Ocupantes	Patronos
1	Fanfa Ribas	Alarico Ribeiro
2	Mário de Artagão	Alberto Correia Leite
3	Simões Lopes Neto (sucedido por Tancredo Fernandes Melo)	Álvaro Chaves
4	José de Assis Brasil	Apolinário Porto Alegre
5	Aquiles Porto Alegre	Araújo Porto Alegre
6	César de Castro (sucedido por Ezequiel Ubatuba)	Artur de Oliveira
7	João Maia	Artur Rocha
8	Alfredo Ferreira Rodrigues	Bernardo Taveira Júnior

⁸³ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2003. p. 344.

⁸⁴ Lígia Chiappini Morais Leita em sua obra *Regionalismo e modernismo* apresenta tese contrária a proposta por Alfredo Bosi, enfatizando que o Rio Grande do Sul não se inseriu no movimento Modernista, pois, nesse período, desenvolvia uma literatura voltada especificamente ao Regionalismo gaúcho: “Um pequeno levantamento de textos, publicados nos três maiores jornais de Porto Alegre (*Correio do Povo*, *Diário de Notícias* e *A Federação*) e na Revista do Globo, que congregava políticos e intelectuais de meados de 1929 a novembro de 1930, mostra como com a propagação da Revolução de 30, acontece uma verdadeira hipertrofia do otimismo, concretizado num discurso exaltatório do gaúcho-herói e do Rio Grande Heroico, que utiliza de forma involuntariamente caricatural a mesma retórica do Regionalismo, a mesma conceituação do gaúcho, perfeitamente enquadrado no paradigma em que ressaltam os atributos examinados nos textos pretensamente ficcionais, bem como a mesma representação da sua ação: o esquema do desafio mais perfeito e típico (com a vitória do herói pleno). A única diferença é que agora esse quadro atributivo e esse núcleo funcional abarcam não só o homem do campo, da zona pastoril, mas o rio-grandense, em geral passando o papel de anti-herói aos estados não-liberais, principalmente São Paulo, na figura de seus políticos mais eminentes, Washington Luís e Júlio Prestes. Juntamente com o combate ao quixote, os escritores da década de 20 enfatizam cada vez mais o papel do Regionalismo no Modernismo Brasileiro pela possibilidade de produzir uma Literatura verdadeiramente nacionalista, aprofundando a perspectiva regional. Nasce a proposta de um Regionalismo Renovado, que se opõe à Brasilidade dos modernistas, mas não se desenvolve suficientemente a teorização dessa proposta. O projeto renovador não fica bem claro. A ênfase, ao contrário, recai mais na oposição “Regionalismo contra Brasilidade. E o modernismo aparece reduzido à perspectiva “verde-amarela”. (LEITE, Lígia Chiappini Morais. **Regionalismo e modernismo**. São Paulo: Ática, 1978. p. 166-167.)

9	Mariano da Rocha	Bibiano de Almeida
10	Zeferino Brasil	Damasceno Vieira
11	Pinto da Rocha	Eduardo de Araújo
12	Andrade Neves Neto	Ernesto Alves
13	Dantas Barreto	Eudoro Berlink
14	Lindolfo Collor	Félix da Cunha
15	José Paulo Ribeiro	Fernando Gomes
16	Miguel Pereira	Joaquim Alves Torres
17	Irineu Trajano	Joaquim Caetano
18	João Pinto da Silva	José Carlos Rodrigues
19	Oswaldo Vergara	José Teodoro de Sousa Lobo
20	Ulisses Cabral	Leopoldino Chaves
21	Leopoldo de Freitas	Leopoldino J. de Freitas
22	Manuel do Carmo	Lobo da Costa
23	M. S. Gomes de Freitas	Mar. José Gomes de Freitas
24	Augusto de Carvalho	Marcelo Gama
25	Alcides Maia	Pardal Mallet
26	Faria Correia	Timóteo de Faria Correia

Comparando os ocupantes e os respectivos patronos desse momento com o anterior, composto pelos sócios-fundadores, foram observadas as seguintes alterações: permaneceram como ocupantes Mário de Artagão, Aquiles Porto Alegre, Andrade Neves Neto e Alcides Maia, mantendo as mesmas cadeiras e patronos. Zeferino Brasil continuou na agremiação, porém com outra cadeira e novo tutor, Damasceno Vieira, e não mais Lobo da Costa. As cadeiras cujos patronos eram Artur Rocha, Joaquim Caetano e Leopoldo Chaves tiveram seus ocupantes alterados, assumindo-as, respectivamente, João Maia, Irineu Trajano e Ulisses Cabral. Com exceção dos citados, as demais vagas foram ocupadas por associados recém-eleitos cada qual com um novo patrono.

Além desses, os escritores Carlos Ferreira, Coelho da Costa, Otávio A. Faria, Vieira Pires, Ribeiro Taques e Barbosa Neto, o poeta Eduardo Guimaraens, o historiador e político José Bernardino Bormann, o teatrólogo Raul Augusto de Villeroy, o médico e professor Ramiz Galvão, o engenheiro Teófilo Borges de Barros e o militar e precursor do movimento tradicionalista gaúcho, Cezimbra Jacques, também acadêmicos, nunca escolheram seus respectivos patronos.

As manifestações em prol de um novo reduto das letras são retomadas em 1932 com a fundação do Instituto Rio-Grandense de Letras que,

sem a designação de academia, cumpria atividades similares, tendo um efetivo de quarenta cadeiras, cada qual com um patrono gaúcho ou com dedicação às letras gaúchas.

Sua instalação ocorreu em 1º de dezembro do mesmo ano, no extinto salão de conferências da Biblioteca Pública do Estado⁸⁵, tendo como orador oficial Ribeiro Taques. A direção do Instituto coube a João Maia, presidente da inativa Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Assim como João Maia, Vieira Pires, M. Faria Correia, Irineu Trajano e Zeferino Brasil também eram membros da entidade. Eis a relação dos sócios instaladores com seus respectivos patronos e número da cadeira que ocuparam:

Cadeira	Ocupantes	Patronos
1	João Maia	Artur Rocha
2	Ribeiro Taques	Marcelo Gama
3	Álvaro Porto Alegre	Aquiles Porto Alegre
4	Jorge Bahlis	Apolinário Porto Alegre
5	Alzira Freitas	Eduardo Guimaraens
6	F. Milanês Filho	Garcia Margiocco
7	Ari Martins	Pinto da Rocha
8	Sílvio Mottola	Lobo da Costa
9	Nei Messias	Pedro Velho
10	Henrique Gonzales	César de Castro
11	Araci Fróis	Amália Figueiroa
12	Edite Hervé	Alceu Wamosy
13	Ariosto Vieira	Múcio Teixeira
14	Estácio Pacheco	Francisco Mena
15	Agnelo Cavalcânti	(Sem patrono escolhido)
16	Leopoldo Bettiol	Carlos von Koseritz
17	Dario de Bittencourt	Francisco Ricardo
18	João C. de Freitas	Eduardo de Araújo
19	Vieira Pires	Campos Cartier
20	M. Faria Correia	Timóteo Faria Correia
21	Nilo Ruschel	Márcio Dias
22	Sílvio Mignone	Carlos Ferreira
23	De Freitas Lopes	Simões Lopes Neto
24	Daniel de Montalvão	(Sem patrono escolhido)
25	Irineu Trajano	(Sem patrono escolhido)
26	Manuel Acauã	(Sem patrono escolhido)
27	Euclides Lobato	(Sem patrono escolhido)
28	Henrique de Casais	(Sem patrono escolhido)
29	Zeferino Brasil	(Sem patrono escolhido)
30	Átila Casses	Barbosa Neto
31	João Henrique	(Sem patrono escolhido)
32	Flávia Débora	Artur de Oliveira
33	Pe. Ponciano Stenzel	Araújo Porto Alegre

⁸⁵ Revista da Academia Sul- Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: CORAG, n. 3, 1951.

De acordo com Ari Martins⁸⁶, o Instituto Rio-Grandense de Letras funcionou com regularidade até fevereiro de 1934, período em que movimentou a vida cultural do Rio Grande com os seus ciclos de palestras sempre muito frequentados pela sociedade porto-alegrense. Segundo sua percepção, uma vez que circulava pelos ambientes nos quais se discutiam literatura e história, Ari Martins⁸⁷ afirma que a extinção do Instituto foi acertada:

Realmente chegara-se à conclusão, dentro do próprio Instituto Rio-Grandense de Letras, que era chegada a hora de legitimar-se como academia uma instituição que de fato vinha preenchendo cabalmente essa função no cenário intelectual dos pampas. João Maia, na dupla qualidade de presidente do Instituto Rio-Grandense de Letras e de membro fundador da *Academia Rio-Grandense de Letras*, tomou a si o empreendimento. Dirigiu para isso convites aos demais sobreviventes da entidade que se fundara em 1901 e que eram na época: Mário de Artagão, José Carlos de Souza Lobo, Alfredo Lisboa, Mario Totta, Olinto de Oliveira, Zeferino Brasil, Alcides Lima, Alcides Maia e Alfredo Ferreira Rodrigues.

Para que as atividades fossem oficialmente encerradas, foi organizada uma assembleia na qual o Instituto entregou oficialmente a missão de cultivo das belas letras gaúchas à Academia Rio-Grandense de Letras que iria ressurgir em seguida.

2.3.2 1934: O RECOMEÇO

No momento de recomeço das atividades da Academia Rio-Grandense de Letras, Porto Alegre ainda sofria os reflexos da revolução ocorrida quatro anos antes, em 1930, que pôs fim às oligarquias do cenário político do Brasil e

⁸⁶ *Revista da Academia Sul- Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre: CORAG, n. 3, 1951.

⁸⁷ *Revista da Academia Sul- Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre: CORAG, n. 3, 1951.

colocou Getúlio Vargas no poder. Enquanto a sociedade passava por intensas modificações, decorrentes do processo de urbanização observado em todo o País e das influências recebidas pelas levas de imigrantes recém-chegados, o governo permanecia inalterável, sem acompanhar ou solucionar os dilemas da população. Na tentativa de equiparar os quadros sociais e políticos, Getúlio Vargas e seus aliados organizaram a derrubada do governo oligárquico com a ajuda dos setores militares, dando início à Era Vargas.

Associadas aos eventos que modificavam o perfil da sociedade brasileira, as primeiras notícias sobre o reerguimento da Academia Rio-Grandense de Letras começaram a aparecer na imprensa, mais precisamente em agosto de 1934.

Acompanhando o intenso movimento por parte dos representantes das letras gaúchas, o jornal *Correio do Povo* noticiou, em 14 de agosto de 1934, que os intelectuais rio-grandenses resolveram reerguer a antiga Academia Rio-Grandense de Letras, fundada em 1901 a fim de voltar a encontrar um espaço de reflexão e discussão sobre literatura.

A primeira sessão preparatória ocorreu às 19h30min no salão do Consulado Mexicano, localizado em Porto Alegre⁸⁸. Após essa reunião, a Academia organizou sua instalação em ato solene a ser posteriormente divulgado. Além do jornal *Correio do Povo*, os periódicos *Diário de Notícias*, *A Federação* e *Jornal da Manhã*, todas da Capital, publicaram notas sobre o evento que informavam o motivo, o local e o horário em que o evento iria ocorrer.

Notícias no jornal *Correio do Povo* permitiram que o povo gaúcho acompanhasse as preparações para o reerguimento da agremiação. Em uma delas, de 14 de agosto de 1934, foi evidenciado que esse movimento era conectado ao que ocorrera em 1901 ao dizer que “fundada em 1901 por Olinto de Oliveira deverá em breve ser reinaugurada nesta capital a *Academia Rio-Grandense de Letras*”⁸⁹.

Com o apoio dos antigos e de novos companheiros, João Maia declarou, em 15 de agosto de 1934, oficialmente reabertas as atividades da

⁸⁸ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 14 de ago. 1934.

⁸⁹ *Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 15 de ago. 1934.

Academia Rio-Grandense de Letras em sessão realizada na casa do Prof. Jorge Bahlis, localizada à Praça Parobé, n. 42.

Na nova fase, João Maia foi mantido como presidente e, em 6 de setembro de 1934, já tinham sido aprovados os estatutos oficiais. Em belíssimo salão da Biblioteca Pública do Estado, erguida no início da década de 1910, foi promovida a instalação da agremiação, tendo como orador oficial da sessão João de Freitas. No *Diário de Notícias* foram publicadas, no dia 20 de dezembro de 1934, as seguintes palavras sobre o ato:

Fundada em 1901, a *Academia Rio-Grandense de Letras* congregou em sua fase inicial que se prolongou por cerca de 4 anos de brilhante progresso, alguns dos mais destacados elementos da nossa intelectualidade de então, entre eles Olinto de Oliveira, Caldas Júnior, Paulino de Azurena, Sousa Lobo, João Maia, Benjamin Flores, Alcides Maia, Mario Totta, Zeferino Brasil, Alcides Lima e Alfredo Lisboa. Em agosto deste ano, um grupo de sobreviventes da velha agremiação literária decidiu empreender o seu reerguimento, o que foi feito com a reunião de 40 nomes, todos de figuras exponenciais da poesia, da história, do romance, do jornalismo, da crítica e da ciência no Rio Grande do Sul.

Na ocasião da sua instalação, a *Academia Rio-Grandense de Letras* apresentava o seguinte quadro efetivo:

Cadeira	Ocupantes	Patronos
1	Manoelito de Ornelas	Alceu Wamosy
2	Augusto Meyer	Aníbal Teófilo
3	Jorge Bahlis	Apolinário Porto Alegre
4	Álvaro Porto Alegre	Aquiles Porto Alegre
5	José Carlos de Sousa Lobo	Araújo Porto Alegre
6	Emílio Kemp	Araújo Ribeiro
7	Valdemar de Vasconcelos	Artur de Oliveira
8	João Maia	Artur Rocha
9	Átila Casses	Barbosa Neto
10	Manuel do Carmo	Bernardino dos Santos
11	Martim Gomes	Caldas Júnior
12	Vieira Pires	Canto e Melo
13	João Henrique	Carlos Ferreira
14	Darcy Azambuja	Carlos Teschauer
15	Leopoldo Bettiol	Carlos Von Koseritz

16	Almeida Lins	César de Castro
17	Henrique de Casais	Damasceno Vieira
18	João C. Freitas	Eduardo de Araújo
19	Ernani De Cunto	Eduardo Guimaraens
20	Homero Prates	Felipe de Oliveira
21	Manuel Acauã	Félix da Cunha
22	Otelo Rosa	Fontoura Xavier
23	Dario de Bittencourt	Francisco Ricardo
24	Mário Totta	Hilário Ribeiro
25	Coelho da Costa	Irineu Trajano
26	Olinto de Oliveira	Joaquim Caetano
27	Ernani Fornari	Jorge Salis Goulart
28	Oswaldo Vergara	J. Th. de Sousa Lobo
29	Zeferino Brasil	Lobo da Costa
30	De Paranhos Antunes	Marcelo Gama
31	Athos Damasceno Vieira	Múcio Teixeira
32	Alcides Maia	Pardal Mallet
33	Fábio de Barros	Paulino de Azurenha
34	Ari Martins	Pedro Velho
35	Abadie Faria Rosa	Pinto da Rocha
36	Sante Umberto Barbieri	Renato da Cunha
37	João Belém	Roque Callage
38	Barcelos Ferreira	Simões Lopes Neto
39	M. Faria Correia	Taveira Júnior
40	Holanda Cavalcanti	Vítor Silva

Característica da Academia, desde a sua fundação, a alternância entre acadêmicos continuou a ocorrer nessa nova fase. Dos acadêmicos apresentados no quadro acima, em 1935 já não mais pertenciam à agremiação, por renúncia, Augusto Meyer, o jurista Darcy Azambuja, Ernani Fornari, o escritor Oswaldo Vergara, Fábio de Barros e Athos Damasceno Ferreira, sendo substituídos, respectivamente, pelos escritores Bento Fernandes, Tiago M. Wurth, Fernando Osório, Nino Marsiaj, Fanfa Ribas e Aurélio Porto. Em 1935, tomaram posse os escritores Fernando Osório e Aurélio Porto e renunciaram Emílio Kemp, Henrique de Casais, Vieira Pires e Manuel do Carmo. Foram eleitos para as cadeiras renunciadas por de Kemp e Casais, F. Contreiras Rodrigues e Gomes de Freitas.

Do último quadro de sócios, permaneceram João Maia, Manuel do Carmo, Martim Gomes, Faria Correia e Zeferino Brasil, sendo Maia o único a manter seu patrono. Passaram a figurar como patronos os acadêmicos falecidos Aquiles Porto Alegre, César de Castro, Irineu Trajano, Pinto da Rocha e Simões Lopes Neto. Um fato importante desse período foi o retorno de Olinto

de Oliveira à agremiação, ocupando a cadeira 26 e mantendo como seu patrono Joaquim Caetano.

Com exceção de Araújo Porto Alegre, que se manteve como patrono da cadeira cinco, Apolinário Porto Alegre, Artur de Oliveira, Artur Rocha, Damasceno Vieira, Eduardo de Araújo, Félix da Cunha, Joaquim Caetano, Sousa Lobo, Lobo da Costa, Marcelo Gama, Pardal Mallet e Taveira Júnior ainda figuravam como patronos, porém com o número de suas cadeiras alterado.

Sob o comando de Flores da Cunha, interventor do Estado, o ano de 1936, mais uma vez, iniciou com uma série de desentendimentos ideológicos e políticos entre os acadêmicos. Tais divergências culminaram na renúncia coletiva da diretoria vigente. Em seguida, outra diretoria foi eleita e ocorreram as posses a fim de preencher as lacunas deixadas por João Maia, Álvaro Porto Alegre, Fernando Osório, João C. de Freitas, Fanfa Ribas, Manuel Acauã, Coelho da Costa, Jorge Bahlis e M. Faria Correia. Pouco a pouco a entidade foi preenchendo as vagas disponibilizadas.

Ao longo do ano, foram eleitos Olinto Sanmartim, para a vaga de José Carlos de Sousa Lobo; Sousa Doca, para a cadeira de Hilário Ribeiro, cujo ocupante Mário Totta solicitou transferência para renunciado por lugar Fanfa Ribas; Ovídio Chaves, para a poltrona de Vieira Pires; Nilo Ruschel, para a de Manuel Acauã; Ribeiro Tacques, para a de Coelho da Costa; Mário Bernd, para a de Jorge Bahlis; Antunes de Matos, para a de João Maia; Walkíria Neves de Salis Goulart, para a de Fernando Osório; Luiz Carlos de Moraes para a de Álvaro Porto Alegre; Adroaldo Mesquita da Costa, para a de Barcelos Ferreira; Mário Ferreira de Medeiros, para a de Almeida Lins, já que este havia passado para a categoria de correspondente; e Clemenciano Barnasque, para a de Gomes de Freitas, que não tomou posse no prazo estipulado pela agremiação⁹⁰.

Resolvidas as questões, o ano seguiu com visitas de intelectuais como Luiz Iglezias e Freire Júnior, recepção de novos acadêmicos, publicação do primeiro número da *Revista da Academia* e comemoração dos centenários de

⁹⁰ MARTINS, Ari. As academias de letras no Rio Grande do Sul. **Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de letras**. Porto Alegre, p. 49, 1951.

nascimento do jornalista e político Quintino Bocaiúva, e do poeta Juvenal Galeno.

O mesmo ano assistiu, ainda, às comemorações do 2º aniversário de reerguimento da Academia Rio-Grandense de Letras, sendo a comemoração especial por homenagear Zeferino Brasil. O autor de *Vovó Musa* recebeu tal distinção por ser um dos incentivadores da continuidade das atividades acadêmicas.

O jornal *Correio do Povo*⁹¹ apresentou maiores detalhes desse evento especial. A publicação informou que, desde o reerguimento da instituição, as atividades transcorriam ininterruptas, promovendo a cultura e o desenvolvimento das letras gaúchas como principais objetivos. Mantinha ainda intercâmbio cultural do Rio Grande do Sul com outras entidades cultuadoras da literatura do Brasil e do exterior, além de promover duas sessões públicas mensais.

Na noite de 15 de agosto de 1936, pontualmente às 20h30min, a comemoração do 2º aniversário do reerguimento da Academia teve início no suntuoso salão de conferências da Biblioteca Pública do Estado. Passaram pela recepção autoridades civis, militares e eclesiástica, imprensa, sociedades culturais e diversas pessoas ligadas às letras do Rio Grande.

Aberta a sessão, foi proferido pelo escritor Contreira Rodrigues o discurso oficial, sendo destacada a figura do sócio-fundador e escritor Zeferino Brasil, um dos maiores incentivadores do movimento academicista no Rio Grande do Sul. Nessa ocasião, o historiador e escritor Aurélio Porto prestou homenagem a Zeferino, declamando poemas, dentre os quais foram aplaudidos *Vovó musa e Alma gaúcha*.

Assim como na Capital, o 2º aniversário da Academia Rio-Grandense de Letras obteve destaque no interior do Estado. Uma das cidades que prestigiou o ocorrido foi Pelotas, através do seu semanário *Jornal da Manhã*⁹², que divulgou a seguinte notícia:

⁹¹ Notícia divulgada pelo jornal *Correio do Povo* de 15 de agosto de 1936. Não se obtiveram mais dados sobre a referência do texto.

⁹² Notícia veiculada em 15 de agosto de 1936, sem sessão ou página informadas (arquivo da Academia Rio-Grandense de Letras)



A *Academia Rio-Grandense de Letras* comemora hoje com uma grande sessão solene, a realizar-se na Biblioteca Pública às 20h30min, a passagem do seu segundo aniversário na atual fase.

Funcionando atualmente em sede própria à rua Gal. Vitorino nº 256 e gozando dos benefícios de uma subvenção do Governo Federal, a entidade vem trabalhando ultimamente com notável eficiência em prol de suas finalidades, havendo publicado em julho passado o primeiro número de sua “Revista”, que está sendo recebida com os maiores louvores por intelectuais e jornais de todo o país.

Na mesma reunião, prestar-se-á uma homenagem a Zeferino Brasil, na sua qualidade de membro fundador do sodalício e seu atual sócio honorário, devendo saudá-lo, em nome dos acadêmicos, Aurélio Porto.

A festividade que movimentou a vida social e literária da Capital foi noticiada nos principais periódicos do interior devido à sua importância, uma vez que a instituição defensora das letras localizada em Porto Alegre servia de modelo e inspiração para as erguidas por todo o interior do Rio Grande.

O ano de 1936 registrou uma situação imprevisível. Um grupo de acadêmicos formado por João Maia, João de Freitas, Álvaro Porto Alegre, Manuel Acauã, Fernando Osório, M. Faria Correia, Jorge Bahlis, Fanfa Ribas, Barcelos Ferreira e Viana Pires, que havia deixado a entidade, decidiu reerguer a Academia de Letras do Rio Grande do Sul e tal fato fez com que houvesse concomitantemente duas academias literárias no Estado, situação até o momento inédita⁹³.

Para reabrir a instituição, os ex-acadêmicos da Academia Rio-Grandense de Letras contaram com a colaboração de remanescentes do sodalício de 1910, como Ramiz Galvão, José de Assis Brasil, Lindolfo Collor,

⁹³ *Revista da Academia Sul- Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre: CORAG, n. 3, 1951.

Mário de Artagão, M. S. Gomes de Freitas, Augusto de Carvalho, Alcides Maia e Zeferino Brasil, sendo que os dois últimos passaram a pertencer às duas instituições.

Quando registra essa curiosidade, Ari Martins⁹⁴ não situa os fatos que impulsionaram o afastamento dos confrades, ou seja, o motivo das desavenças. Ele apenas informa que, uma vez desligados da Academia Rio-Grandense de Letras, concluíram que deveriam abrir um novo espaço, reiniciando suas atividades em uma instituição paralela, a Academia de Letras do Rio Grande do Sul.

Aos nomes já citados somam ainda os escritores Alberto Brito, Gomes de Freitas, Darci Azambuja, De Sousa Júnior, Edgar Schneider, Edgar Fontoura, Fábio de Barros, Hector de Freitas, Henrique de Casais, J. Mesquita de Carvalho, Manuel Duarte, Narciso Berlese, Olmiro Azevedo, Otelo Rosa, Raul Totta e Emílio Kemp. Com um grupo numeroso, a agremiação foi reinstalada de forma solene no salão nobre da Biblioteca do Estado em 30 de maio de 1936, tendo como orador oficial Fernando Osório e presidente Lindolfo Collor. Nesse primeiro ano, as atividades ficaram restritas à publicação de sua revista e às comunicações ofertadas por seus acadêmicos à comunidade. Sobre a fundação da Academia de Letras do Rio Grande do Sul foram publicadas as seguintes linhas no *Correio do Povo*, de 30 de maio de 1936:

Está anunciado para hoje, sábado, a solene inauguração da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, entidade essa fundada em 1910 e agora reorganizada por numeroso numero de intelectuais. A solenidade realizar-se-á no salão de conferências da Biblioteca do Estado, com início às 21h. Será orador oficial o Dr. Fernando Luiz Osório, residente na cidade de Pelotas... Será posto em circulação o primeiro número nesta fase, da Revista da Academia, que, além do relatório dos trabalhos de reorganização, estatutos e regulamento geral, apresenta páginas de colaboração de acadêmicos, como Zeferino Brasil, João Maia, Narciso Berlese, Faria Corrêa, Antônio Gomes de Freitas e outros. E está a nominata dos componentes da Academia:

⁹⁴ *Revista da Academia Sul- Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre: CORAG, n. 3,1951.

Alcides Maia, Vieira Pires, Álvaro J. Gomes Porto Alegre, Alberto de Britto, Antônio Gomes de Freitas, Darcy Azambuja, De Souza Júnior, Edgar Schneider, Fábio de Barros, Edgar Fontoura, Fernando Luiz Osório, Hector da Costa Freitas, Henrique de Casais, João C. de Freitas, Jorge Bahlis, Fanfa Ribas, Coelho da Costa, Mesquita de Carvalho, João Maia, Lindolfo Collor.

As instituições funcionaram paralelamente em suas sedes, que mesmo alugadas, lhes permitiam manter bibliotecas, arquivos, exposições e coleções⁹⁵. A Academia Rio-Grandense de Letras, na presidência de Olinto Sanmartin, conseguiu locar um amplo salão em um prédio da rua Siqueira de Campos, esquina da rua General Câmara, a antiga rua da Ladeira. Já a Academia de Letras do Rio Grande do Sul, presidida por João Maia, estabeleceu sua sala de sessões e secretaria em duas peças confortáveis de um prédio à rua General Vitorino, próximo à esquina da rua Vigário José Inácio.

Entre 1936 e 1937 a Academia Rio-Grandense de Letras foi escolhida para participar do Congresso das Academias de Letras do Brasil, sendo o convite feito quando ainda era a única agremiação do Estado. Em meio às complicações causadas pela coexistência de duas entidades voltadas às letras, no ano de 1937, a Academia Rio-Grandense de Letras, conforme relato de Ari Martins⁹⁶, foi convidada pela Academia Carioca de Letras para discutir a coexistência das agremiações gaúchas que, nesse momento, já era conhecida por todos. Nesse encontro, ocorrido no Rio de Janeiro, ficou determinado que a Academia Rio-Grandense de Letras seria reconhecida como a oficial do Rio Grande do Sul.

Estimulada pela nomenclatura de sociedade beletrista oficial do Rio Grande, a instituição lançou uma campanha com o objetivo de fundar coirmãs no maior número possível de cidades do interior do Estado. Em 1938, a proposição começou a recolher seus frutos com a fundação de congêneres sob o seu patrocínio e filiação passando a ter, segundo Ari Martins⁹⁷, a legítima

⁹⁵ *Revista da Academia Sul- Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre: CORAG, n. 3, 1951.

⁹⁶ *Revista da Academia Sul- Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre: CORAG, n. 3, 1951.

⁹⁷ *Revista da Academia Sul- Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre: CORAG, n. 3, 1951.

ação literária por todo o Rio Grande do Sul. Durante esse período, a Academia estava instalada, em conjunto com o Instituto Histórico Geográfico, em um espaço cedido pelo governo do Estado situado na rua Riachuelo, 1307, no centro de Porto Alegre.

Com o reconhecimento de uma das instituições como oficial, a existência de duas agremiações similares tornou-se insustentável e desnecessária. O esforço coletivo em manter a duplicidade perdia força e as primeiras ideias de unificação começaram a surgir. Tal assunto empolgou, inclusive, a Federação das Academias de Letras do Brasil que, por isso, enviou em 1939 ao Rio Grande seu presidente, Sousa Doca, com o objetivo de verificar as possibilidades de uma fusão entre as duas sociedades⁹⁸.

Apesar de argumentar sobre o quão desnecessário era manter duas instituições paralelas, sendo que uma delas já havia sido reconhecida como oficial, o gaúcho Sousa Doca não obteve sucesso em sua missão. Mesmo assim, a visita de Doca não foi em vão, uma vez que lançou uma ideia que seria adotada e estimulada por Zeferino Brasil, membro das agremiações e partidário da unificação. O “príncipe dos poetas”, além de acadêmico de ambas, fazia parte do movimento academicista no Rio Grande desde seu início, em 1901. Zeferino não presenciou a fusão que almejava, porém sua morte sensibilizou seus companheiros para isso, como destaca Ari Martins⁹⁹:

Não quiseram os fatos que Zeferino Brasil assistisse em vida a unificação de seus confrades, mas o destino do poeta lhe reservou uma satisfação: a primeira homenagem póstuma que recebeu, em outubro de 1942, foi feita pelas duas academias reunidas. Não era ainda a fusão, mas não se podia negar que estava diante da pacificação. Uma academia tomava conhecimento oficial da existência da outra. Em 20 de novembro de 1942, ao mesmo tempo, oradores dos dois institutos exaltavam a obra de Zeferino Brasil e não ocultavam o significado daquela sessão conjunta e o que ela representava como homenagem à memória de quem tanto se empenhara pela união dos acadêmicos gaúchos.

⁹⁸ Dados informados pelo acadêmico Ari Martins na **Revista da Academia Sul- Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre: CORAG, n. 3, 1951.

⁹⁹ **Revista da Academia Sul- Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre: CORAG, n. 3, 1951.

Zeferino Brasil faleceu em 3 de outubro de 1942, na Rua Pantaleão Teles, em Porto Alegre, antes da fusão desejada, ocorrida pouco mais de um ano depois. Até o momento em que a reunião das entidades ocorreu, muitas discussões e tratativas ocorreram. Não foram encontrados maiores detalhes sobre o período entre a morte de Zeferino e a efetiva unificação, somente que a motivação teve princípio em uma homenagem póstuma ao agremiado recém-falecido. De acordo com Ari Martins, o processo ocorreu da seguinte forma:

Mal fechara os olhos para a sua existência terrena, foi a de uma grande e realmente imponente sessão fúnebre, levada a efeito em sua memória pelas duas Academias reunidas. Sim, o espírito de Zeferino Brasil conseguira o milagre. Não era ainda fusão, mas não se podia negar que estava diante da pacificação. Uma academia tomava conhecimento oficial da existência da outra. Comissões mistas, devidamente credenciadas, se haviam reunido e promovido a solenidade “in memoriam” do poeta... Daí por diante o caminho ficou mais fácil. Reconhecendo-se e respeitando-se mutuamente, as duas Academias passaram a viver de pazes feitas. Membros de uma frequentavam, embora no caráter de visitantes, as reuniões da outra, e a cada dia que se passava mais corpo tomava a ideia da fusão.

A convivência pacífica e as trocas de conhecimentos foram, aos poucos, fortalecendo as relações acadêmicas e a ideia de unificação tomou consistência.

2.3.3 1944: A UNIFICAÇÃO

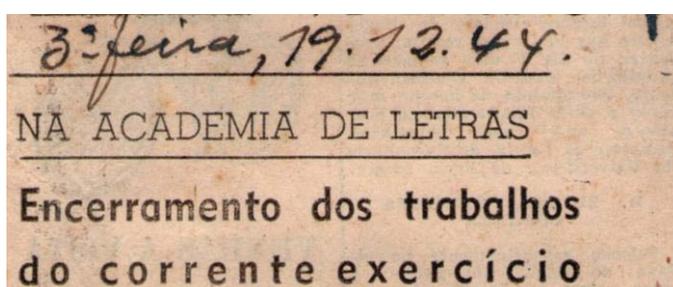
Em maio de 1944, na sede da Academia Rio-Grandense de Letras, membros das duas instituições acertaram os detalhes da unificação, nomeando, para isso, uma comissão de seis representantes, três de cada entidade. A Academia de Letras do Rio Grande do Sul foi representada por Tasso Vieira de Faria, João Henrique e M. Faria Correia; pela Academia Rio-Grandense de Letras, Ari Martins, César Santos e Olinto Sanmartin.

Para que fosse originado um único grêmio, as duas entidades fariam, ao mesmo tempo e, individualmente, sessões nas quais deveriam informar o encerramento de suas atividades a fim de que, em seguida, surgisse uma nova e unificada instituição, a Academia Sul-Rio-Grandense de Letras. Tais atos ocorreram no dia 18 de junho de 1944, data propositalmente escolhida por comemorar o 76º aniversário do Partenon Literário. Sobre essa fusão, há nos arquivos da Academia Rio-Grandense de Letras uma notícia de 18 de junho 1944, dando detalhes sobre como iria ocorrer o citado acontecimento:

Sob a presidência de Walter Spalding, a Academia Rio-Grandense de Letras realizará em sua sede social às 9h30min sessão extraordinária de extinção definitiva de seus trabalhos, devendo estar presentes todos os acadêmicos aqui domiciliados e ainda vários que, para esse fim, viajaram especialmente do interior do Estado para Porto Alegre. Na mesma hora, precisamente, em sala diversa, mas no mesmo prédio, a Academia de Letras do Rio Grande do Sul, sob a presidência do Dr. Tasso Vieira de Faria, também realizará ato idêntico, procedendo ao encerramento oficial de suas atividades. O desaparecimento dessas duas entidades se processará em obediência ao plano elaborado pela fusão numa só, devendo às 10h ter lugar no Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul a grande assembleia geral conjunta que fundará a nova Academia única do Estado... A mesma elegerá no mesmo dia sua primeira diretoria, a qual terá posse imediata, iniciando logo sua intensa atividade cultural. Nas sessões da manhã serão oradores Dr. Salvador Garcia Carravetta, pela

Academia de Letras do Rio Grande do Sul, e Ari Martins, pela Academia Rio-Grandense de Letras.

Acerca do encerramento das atividades da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras, foi publicada uma reportagem datada de 19 de dezembro, sem fonte especificada, dando alguns detalhes do encerramento daquele ano de 1944:



Com a presença de inúmeros acadêmicos e pessoas gradadas, realizou-se sábado último, 16 do corrente, a cerimônia de encerramento dos trabalhos da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras no corrente exercício.

Aberta a sessão pelo presidente M. Faria Correia e após tratar de alguns assuntos de caráter administrativo, foi apresentado o programa das atividades acadêmicas a ser levado a efeito em 1945, o qual será oportunamente divulgado.

Iniciando a hora literária, pronunciou o professor Mario Bernd uma brilhante conferência sobre "A questão homérica", que mereceu fartos aplausos.

Tomando a palavra o professor João Henrique teceu longas considerações a respeito desse trabalho, considerando-o de alto valor no que foi seguido pelos acadêmicos Tiago Wurth e J. Antunes de Matos.

Em seguida, o cel. M. Faria Correia leu uma peça teatral de sua autoria, intitulada "Praias do Brasil", que muito agradou a todos, tendo merecido entusiásticas palavras do acadêmico Antunes de Matos.

Fizeram-se ouvir ainda o acadêmico A. Dias de Oliveira, que leu o poema "Peão de estância", de sua autoria, e a Sra. Estela Brum, que recitou uma linda

poesia como homenagem da Academia Feminina de Letras, por ela ali representada, em comissão com as exmas. D. Lídia Moschetti e Dra. Aurora Wagner. À biblioteca da Academia foi oferecido pelo autor, acadêmico Propício da Silveira Machado, seu novo trabalho “Síndrome e suas variantes”, “Etimologia, gênero e pronúncia”, separata da sessão “Filologia médica”, da “Revista de Medicina” do Rio Grande do Sul, do Dr. Tasso V. de Faria.

O informe evidencia que a nova entidade iniciou seus trabalhos de forma comprometida, promovendo encontros nos quais teoria e apreciações literárias eram ofertadas pelos acadêmicos à população porto-alegrense.

O acadêmico Manoel Faria Corrêa foi eleito por unanimidade presidente da unificada entidade. Durante o processo de fusão, alguns acadêmicos resolveram aproveitar o momento para deixar os compromissos que os ligavam às instituições. Assim o fizeram o poeta e historiador Walter Spalding, o advogado Adroaldo Mesquita da Costa e o escritor Martim Gomes, da Academia Rio-Grandense de Letras, e os literatos Jorge Bahlis e Evandro Ribeiro da Academia de Letras do Rio Grande do Sul.

Em relação aos aspectos organizacionais, a Academia Rio-Grandense de Letras dividiu seus agremiados em dois grandes grupos, cada qual com quarenta cadeiras. A primeira categoria coube aos membros residentes em Porto Alegre, os membros efetivos residentes, e a segunda, aos que residiam fora da Capital, os efetivos ausentes. Cada componente teria o direito de permanecer com o seu patrono de origem, salvo situações em que se tivesse o mesmo patrono para dois acadêmicos. Nesse caso, o patrono seria do acadêmico que estivera mais tempo ligado a uma das entidades.

Passada a sessão de instalação da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras, esse era o seu quadro efetivo, organizado, conforme destacado acima, em dois grupos: os efetivos residentes e os efetivos ausentes.

Efetivos residentes
- Aqueles que residiam em Porto Alegre -

Cadeira	Ocupantes	Patronos
1	Olinto Sanmartin	Araújo Porto Alegre
2	Leopoldo Bettiol	Carlos Von Koseritz
3	Carlos de Sousa Morais	Félix da Cunha
4	Salvador Garcia Carravetta	Gaspar Martins
5	César Santos	Taveira Júnior
6	Mário Bernd	Apolinário Porto Alegre
7	João Henrique	Carlos Ferreira
8	Radagásio Taborda	José Teodoro de Sousa Lobo
9	Marieta Mena Barreto Costa	Ramiz Galvão
10	Álvaro Porto Alegre	Aquiles Porto Alegre
11	Tiago M. Wurth	Carlos Teschauer
12	Raul Totta	Lobo da Costa
13	Alcides Miller	Carlos A. Miller
14	Otelo Rosa	Fontoura Xavier
15	Carlos de Azevedo Légori	Múcio Teixeira
16	Propício da Silveira Machado	Pinto da Rocha
17	M. Faria Correia	Timóteo Faria Correia
18	Manuel Duarte	Alfredo Varela
19	Luiz Carlos de Morais	Cezimbra Jacques
20	Darci Azambuja	Simões Lopes Neto
21	Edgar Fontoura	Alfredo Ferreira Rodrigues
22	Oscar de Oliveira Ramos	Juvenal Miller
23	Edgar Schneider	Caldas Júnior
24	Emílio Kemp	Zeferino Brasil
25	Fortunato Pimentel	Alberto Correia Leite
26	Mário Teixeira de Carvalho	Borges Fortes
27	Bento Fernandes	Aníbal Teófilo
28	Ari Martins	João Belém
29	Ribeiro Taques	José Carlos de S. Lobo
30	Tasso Vieira de Faria	Gregório da Fonseca
31	Alcides Gonzaga	Paulino de Azurena
32	Augusto de Carvalho	Pedro Velho
33	Narciso Berlese	César de Castro
34	A. Dias de Oliveira	Fernando Osório Filho
35	J. Mozart de Mello	Roque Callage
36	Waldemar de Couto e Silva	Lindolfo Collor
37	J. Antunes de Matos	Felipe de Oliveira
38	Gevaldino Ferreira	Eduardo Guimaraens
39	Dario de Bittencourt	Francisco Ricardo
40	Paulo de Gouveia	Alceu Wamosy

Efetivos ausentes
- Não residentes em Porto Alegre -

Cadeira	Ocupantes	Patronos
1	F. Contreiras Rodrigues	Araújo Ribeiro
2	Aurélio Porto	Antônio Coruja
3	José de Assis Brasil	Joaquim Caetano

4	George U. Krischke	Caldre e Fião
5	Valdemar de Vasconcelos	Ferreira Viana
6	J. A. Tupi Caldas	Bibiano de Almeida
7	Vaga	Eudoro Berlink
8	João Pereira	Bernardino Bormann
9	Arnaldo Damasceno Vieira	Bernardino dos Santos
10	Camila Furtado Alves	Amália Figueiroa
11	Sousa Doca	Hilário Ribeiro
12	Joaquim Luiz Osório	Fernando Osório
13	Carlos Maximiliano	Apeles Porto Alegre
14	A. F. Correia Lima	Artur de Oliveira
15	Valentim Benício	Damasceno Vieira
16	Vaga	Alves Torres
17	Castilhos Goycochêa	Assis Brasil
18	Vaga	Andrade Neves Neto
19	Abadie Faria Rosa	Artur Rocha
20	Raul de Bittencourt	Júlio de Castilhos
21	Mateus da Fontoura	Oscar Pederneiras
22	Vaga	Pardal Mallet
23	Sante Uberto Barbieri	Renato da Cunha
24	Oscar de Holanda Cavalcanti	Vítor Silva
25	Fernando Callage	Leopoldo de Freitas
26	Manuel do Carmo	Canto e Melo
27	Rúbio Brasileiro	Mário de Artagão
28	Vaga	Sebastião Leão
29	Alfredo de Assunção	João Maia
30	Álvaro de Alencastro	Rêgo Monteiro
31	Ernani de Cunto	Alarico Ribeiro
32	Vaga	Alberto Ramos
33	De Paranhos Antunes	Marcelo Gama
34	Coelho da Costa	Irineu Trajano
35	Florêncio de Abreu	Otávio de Faria
36	Átila Casses	Barbosa Neto
37	Ernani Lopes	Jorge Jobim
38	Olmiro de Azevedo	Garcia Margiocco
39	Vaga	Peri Melo
40	Walkíria Neves de S. Goulart	Jorge Salis Goulart

Além dos acadêmicos acima citados, foram considerados membros de honra o advogado João Neves Fontoura, o médico Olinto de Oliveira, o político e jurista José Carlos de Macedo Soares, o escritor Fanfa Ribas, o jornalista Alcides Maia e o médico, romancista e poeta Mário Totta.

2.3.4 APÓS A UNIFICAÇÃO

A Academia Sul-Rio-Grandense de Letras, sob nova organização, promoveu conferências e publicou revistas, diversificando sua atuação cultural

para comprovação efetiva de suas atividades. As fontes disponíveis são duas revistas da Academia, uma editada em 18 de junho de 1948¹⁰⁰ e outra em dezembro de 1949¹⁰¹. A primeira informa na sessão “Vida acadêmica” que, desde a fusão das entidades, em 1944, realizaram-se várias e importantes sessões em um constante desdobramento em prol das letras do Rio Grande.

Em sessões especiais, de caráter público, foram pronunciadas, na sede oficial da Academia, inúmeras palestras e conferências literárias, com destaque para o “Ciclo Apolinário Porto Alegre”, organizado pelo professor Walter Spalding, para comemorar o centenário de nascimento do historiógrafo, escritor, jornalista e fundador da Sociedade do Partenon Literário. Foram conferencistas, nesse evento, que ocorreu em julho de agosto de 1944, os acadêmicos Alcides Miller, Ari Martins, Carlos Légori e Álvaro Porto Alegre.

Após esse exitoso ciclo, seguiram-se mais conferências. Dentre elas destacam-se “A questão homérica” do acadêmico e helenista Mário Bernd, que mereceu comentários de João Henrique, Tiago Würth e J. Antunes de Matos; “Teatro e cinema” e “Vida e obra de Castro Alves” do teatrólogo Ari Martins; “Alcides Maia” e “A obra de Zeferino Brasil” do agremiado Olinto Sanmartin.

Em 1945, entre os dias 10 e 16 de junho, ocorreu a bem sucedida “Semana de Camões” em homenagem à língua portuguesa. O evento contou com o apoio da Casa de Portugal e teve a participação dos acadêmicos João Henrique, Mário Bernd, Salvador G. Carraveta e Propício da Silveira Machado, tendo recitado poemas de suas autorias M. Faria Correia e J. Antunes de Matos.

Como membros efetivos foram recebidos, em sessões públicas, diversos intelectuais como o Cel. Aurélio Porto, saudado pelo historiador Otelo Rosa e o professor J. Mozart de Melo, recebido por Propício da Silveira Machado, ambos em 1945. No ano seguinte, o jornalista Alcides Gonzaga foi recepcionado por Edgar Shneider. Em 1947, a sociedade literária foi visitada pelo Bispo Dr. Atalício Pithan, homenageado pelo associado Mozart de Melo e, já no ano de 1948, tomou posse o novo membro da entidade, Cel. Gaston Hasslocher Mazon, acolhido pelo confrade e jornalista Paulo de Gouveia.

¹⁰⁰ **Revista da Academia Sul-riograndense de Letras.** Porto Alegre, n. 1, 18 de jun. 1948.

¹⁰¹ **Revista da Academia Sul-riograndense de Letras.** Porto Alegre, n. 2, dez. 1949.

Em 18 de julho de 1948, a Academia Rio-Grandense de Letras organizou uma sessão solene, juntamente com o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, a revista *Província de São Pedro* e a Sociedade Brasileira de Escritores, para comemorar o 80º aniversário de fundação do extinto Partenon Literário. A comemoração, presidida por Mário Bernd, ainda relembrou a unificação das academias de Letras.

O final da década de 1940 e o princípio da de 1950 foi marcado pela publicação de três exemplares da revista acadêmica. Após esse momento foi divulgado apenas mais um volume, que antecedeu a retomada ininterrupta das publicações acadêmicas a partir de 1980. O exemplar de dezembro de 1963¹⁰² assinalou a retomada da nomenclatura original da agremiação, *Academia Rio-Grandense de Letras*. A mudança proposta pelo presidente do período, Gevaldino Ferreira. A cerimônia oficial de retomada das atividades acadêmicas ocorreu no dia 6 de maio de 1963.

Em 1964, enquanto o Brasil era marcado por um golpe militar que tinha como objetivo evitar a instalação de um governo totalitário comunista, os confrades da agremiação comemoraram, em 18 de junho, a passagem do 20º aniversário da entidade e a sua reorganização. O evento ocorreu às 8h30min no salão nobre do Grêmio Beneficente de Oficiais do Exército, localizado na Capital do Estado à Rua dos Andradas, 904. Estavam presentes, além do presidente em exercício, Antônio da Rocha Almeida, autor da obra *Vultos da pátria*, os acadêmicos e literatos Clio Fiori Druck, Ari Martins, Tasso Vieira de Faria, Olinto Sanmartim, Propício da Silveira Machado, Arthur Ferreira Filho, Rúbio Brasileiro, Tiago Wurth e Osvaldo Miller Barlém.

Compareceram também o Marechal Coriolano de Andrade, o comandante da Infantaria divisionário, Coronel João Bina Machado, a presidente da filial da Cruz Vermelha brasileira, Odila Gay da Fonseca, representações do Secretário de Segurança Pública, do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul, da Academia Literária Feminina, dos comandos da 6ª divisão de Infantaria, da Brigada Militar e alunas do Curso de História da Faculdade Católica de Filosofia e Letras¹⁰³.

¹⁰² O exemplar não foi localizado.

¹⁰³ Curso pertencente à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a PUCRS, fundada em 1931.

A presença de um número representativo de militares na comemoração reflete a posição que ocupavam na sociedade brasileira. Eles frequentavam todos os meios, inclusive o literário, de forma a garantir que nenhuma atividade contrária ao seu regime ocorresse.

A festividade pela passagem do 20º aniversário teve início com uma leitura realizada pelo acadêmico Ari Martins referente à fundação do Partenon Literário e das outras entidades que resultaram na atual *Academia Rio-Grandense de Letras*. Na mesma oportunidade, a poetisa e acadêmica Ana Luísa Bueno Simas declamou a “Oração à bandeira”, publicada pela primeira vez no *Correio do Povo*, em 19 de novembro de 1961. A agremiação prestou, ainda, homenagem ao acadêmico Leopoldo Bettiol pela comemoração dos seus 82 anos.

Em um momento especial, o agremiado Rocha Almeida homenageou Olinto de Oliveira, ressaltando a importância do médico em Porto Alegre e no Rio de Janeiro. Além de fundar a associação literária, organizou, anexo à Santa Casa, uma creche que pode ser considerada a primeira do Brasil, o Clube Haydn, a Faculdade de Medicina, da qual foi diretor e professor, o Instituto Livre de Belas Artes, hoje integrado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

As palavras de Tasso Vieira de Faria finalizaram o evento. Seu trabalho, intitulado “Em busca da cultura integral”, traçou um rápido histórico da vida das sociedades culturais que surgiram após a instalação da *Sociedade Partenon Literário* até a atual Academia de Letras.

O evento ocorrido teve destaque na imprensa, contando com notícias publicadas antes e depois do mesmo. Em uma das reportagens, veiculada no *Correio do Povo* em 17 de junho de 1964, o jornal apresentou, além de detalhes da comemoração, um breve histórico da Academia Rio-Grandense de Letras

Academia Rio-grandense de Letras: 20.º aniversário

Comemora, amanhã, no seu 20º aniversário, na fase atual, a *Academia Rio-Grandense de Letras*. Para essa data, marcou seu presidente, professor Antônio da Rocha Almeida, uma sessão solene, que se realizará às 20h no salão nobre do Grêmio Beneficente de Oficiais do Exército, à Rua dos Andradas, 904, gentilmente cedido pelos presidentes de seus dois Conselhos dirigentes, marechal Coriolano de Andrade e general Tellino Chagastelles, na conformidade do próprio Estatuto, pois o GBO, além de ser a mais sólida e acreditada instituição de beneficência, previdência e assistência social do País, ainda tem fins lucrativos.

Constará a sessão, cujo orador oficial é o acadêmico Dr. Tasso Vieira de Farias, de uma saudação à Bandeira nacional e uma homenagem de saudade ao primeiro presidente da Academia, em sua fase inicial, o professor Olinto de Oliveira... A cadeira nº 23, de que é patrono o fundador da Companhia Jornalística Caldas Júnior, está vaga desde o falecimento de nosso saudoso companheiro professor Edgar Luis Schneider e será preenchida na assembleia geral marcada para 3 de julho próximo pelo Sr. J. P. Coelho de Souza, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico e presidente do Gabinete Português de Leitura, que é o último candidato inscrito. A sessão solene comemorativa será pública, para ela estando convidados todos os amigos da Academia e os que se interessam por nosso desenvolvimento cultural.

Para comemorar seus 74 anos de existência, a associação organizou um painel que aconteceu em 2 de dezembro de 1975 no auditório da Ordem dos Advogados do Brasil, na Capital. O panorama teve como enfoque aspectos culturais das várias etnias que contribuíram para a formação do povo gaúcho. Os acadêmicos destacaram, ainda, tópicos religiosos, historiográficos,

folclóricos, políticos, científicos, artísticos, musicais, literários e jurídicos de cada uma das correntes étnicas representantes do Estado.

Compareceram, dentre outros convidados, o político, jornalista e médico Ramiro F. Barcelos, o veterinário e professor Mozart Pereira Soares, o escritor Moacir Santana, o fundador do Movimento Tradicionalista Gaúcho, Luiz Carlos Barbosa Lessa, o historiador Leandro Silva Telles, o desembargador Jaime Piterman, o professor e escritor Ir. Elvo Clemente e o escritor Lenino Nequete.

Ao longo de seus 110 anos de existência, diversos eventos organizados pela Academia celebraram a literatura gaúcha e o fato de essa agremiação representar oficialmente os literatos do Rio Grande do Sul. Infelizmente, apesar de inúmeros apelos às autoridades, durante todos esses anos a instituição teve várias sedes provisórias, mas nunca obteve sede própria. Carlos Reverbel em seu texto “Teto para uma academia”¹⁰⁴ traduz a angustiante busca dos associados por um espaço:

O problema dos sem-teto também pode atingir as instituições, reduzindo-as, por outros motivos à petição de miséria. Foi o que aconteceu com o ilustre sodalício, como diria o velho Apolinário, chamado, por sua vez, de ilustre polígrafo... por falta de sede própria, a entidade sempre viveu numa espécie de roda viva, às vezes incompatível com a sua dignidade, notadamente à medida que tomava vulto a sua representatividade cultural. Os bens que conseguia amealhar, por constarem basicamente livros e documentos literários, foram se perdendo ou deteriorando de mudança em mudança. O que resta é parcela mínima do enorme acervo produzido.

As dificuldades resultantes da falta de sede começaram a ser dissipadas no dia 16 de outubro de 1992 quando o governador do Estado, Alceu Collares, cedeu oficialmente uma das salas da Secretaria de Cultura do Rio Grande, localizada na Rua dos Andradas, nº 1234, no 10º andar, para a instalação do grêmio literário. O empréstimo foi realizado por um período de

¹⁰⁴ REVERBEL, Carlos. Teto para uma academia. *Zero Hora*, 23 de jul. 1992.

dois anos e permitiu que, a partir daquele dia, a Academia pudesse organizar-se em um local seguro, no qual finalmente o seu acervo poderia ser preservado e ampliado.

Na ocasião, o governador prometeu empenhar-se para que até o final de seu governo essa entidade tivesse sua sede própria. Apesar da promessa, Alceu Collares, que deixou o governo do Rio Grande do Sul em 1994, não pôde cumprir o combinado, uma vez que o imóvel só veio a ser definitivamente da instituição em 1998. Em seus 97 anos de atividades, mesmo que com algumas interrupções, foi a primeira vez que a sociedade obteve o seu espaço definitivo.

A doação foi realizada pelo governo do Estado através de lei sancionada pelo governador em exercício, Vicente Bogo. A assinatura da escritura da sede ocorreu em clima de contentamento no dia 25 de novembro de 1998 em cartório, contando com a presença dos acadêmicos Ir. Elvo Clemente e Hugo Ramirez, um dos idealizadores da Estância da Poesia Crioula.

Em sua sede, os acadêmicos organizam reuniões semanais, sempre às quintas-feiras, de 15h30min a 17h30min. É um momento de troca entre os confrades, no qual eles leem trechos de suas produções, relatam cursos e palestras assistidas e procuram, juntos, novas formas de fazer com que a entidade se torne sempre mais forte e difundida. Esse é o único dia de funcionamento, pois apesar das ideias iniciais contarem com secretaria permanente e funcionário, a Academia não dispõe de recursos para permanecer aberta ao público diariamente.

Atualmente, a sociedade mantém suas reuniões semanais, para os acadêmicos, e mensais dirigidas a convidados e ao público em geral, sempre com temas de interesse geral. O evento público é realizado em amplo salão do Memorial do Rio Grande do Sul, localizado um prédio histórico na Praça da Alfândega, centro da Capital. Seguindo os ideais acadêmicos, o espaço do Memorial busca privilegiar a cultura e história do Rio Grande, por isso, nada mais natural que, uma vez por mês, esse lugar abrigue os imortais gaúchos.

Além dos encontros e atividades culturais voltadas aos interessados pela literatura e tradição do Estado, a associação conta com um meio impresso para a divulgação dos trabalhos produzidos por seus membros. Os textos de

variados gêneros são publicados em sua revista que, desde a retomada de suas edições, em 1980, já conta com mais de vinte e um exemplares¹⁰⁵.

Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil e reconhecida pelas coirmãs de todo o País, a Academia Rio-Grandense de Letras é considerada, desde 1953, entidade de utilidade pública e, mesmo passando por adversidades, vem, desde o seu momento fundacional, cumprindo com o seu papel de mantenedora e divulgadora das letras e da cultura do Estado.

¹⁰⁵ Durante a redação da tese o número vinte e dois da revista acadêmica foi editado, porém, como o seu lançamento não coincidiu com a análise dos textos, seus trabalhos não fizeram parte do corpus.

3 OS ACADÊMICOS

3.1 AS CONDIÇÕES ESTATUTÁRIAS

A *Academia Rio-Grandense de Letras* é composta por quarenta membros efetivos e um número indeterminado de suplementares, correspondentes, beneméritos e honorários¹⁰⁶.

O Estatuto em vigor desde 2005 prevê que, uma vez declarada vaga alguma das cadeiras, é aberta inscrição para seu preenchimento através de comunicado à imprensa. A vacância somente poderá ser divulgada após o titular falecido ser homenageado em um prazo máximo de noventa dias, sendo exceção o período de férias.

Para a candidatura o interessado deve enviar à entidade um ofício dirigido ao Presidente da Academia, acompanhado de um resumo de suas atividades literárias, de seus dados biográficos e de um exemplar de cada obra já editada. Supondo que a candidatura seja para membro correspondente, essa será proposta em sessão ordinária devendo ser aprovada por, no mínimo, três agremiados. No caso dos associados honorários, são necessárias ao menos dez assinaturas.

Recebida a proposta para sócio efetivo, a presidência, em dez dias, submeterá o material ao parecer da Comissão de Sindicância e Crítica, responsável pela análise primeira e conferência de todos os itens. No mesmo prazo, essa Comissão deverá tornar público o parecer posicionando-se em relação à solicitação do interessado a integrar o quadro acadêmico. Se o parecer for favorável, o Presidente convidará o candidato a participar de uma entrevista com os membros da diretoria. Na falta de unanimidade, extingue-se o processo.

O candidato que, após a votação, for eleito para o quadro efetivo de acadêmicos deverá tomar posse em, no máximo, três meses, com ressalva para casos justificados. Se não o fizer, poderá perder o posto recém-adquirido.

¹⁰⁶ **Estatuto da Academia Rio-Grandense de Letras.** Porto Alegre, 2005.

O novo acadêmico será empossado em sessão pública e solene devendo pronunciar nesse momento um discurso que se ocupe da vida e da obra de seu antecessor e do patrono de sua cadeira. Será, então, saudado por um confrade indicado pelo Presidente e, em seguida, proferirá o compromisso formal, recebendo o diploma e a insígnia que selam o seu comprometimento com a Academia. Para que formalmente seja um agremiado deve jurar o seguinte:

Prometo trabalhar pela grandeza e prosperidade da *Academia Rio-Grandense de Letras*, cumprir fielmente as disposições estatutárias, zelar pelos bens da instituição, prestigiá-la e concorrer para a elevação de seu conceito.

Uma vez empossado, o acadêmico passa a fazer uso pleno de todos os direitos e deveres inerentes à sua condição e torna-se seu dever cultivar, promover a memória a vida e a obra dos escritores rio-grandenses colaborando, assim, para o fortalecimento e expansão da cultura gaúcha.

Até o ano de 1944, os estatutos das sociedades permitiam a renúncia à condição de acadêmico. Após a unificação, a posição de agremiado passou a ser irrenunciável. Quando ainda era permitido, renunciaram vinte e três acadêmicos¹⁰⁷. A motivação do desligamento de cada agremiado não é especificada nos documentos acadêmicos, mas considerando as divergências envolvendo a unificação das academias, relatadas por Ari Martins em seu histórico da entidade, tudo indica que desentendimentos gerados por opiniões diferentes em relação à fusão das associações existentes ocasionaram as desistências. Dos literatos que abdicaram de seu cargo na Academia retornaram pouco tempo depois Nilo Ruschel, Dante de Laytano, João Maia e Fernando Luis Osório. Apenas Zeferino Brasil teve seu pedido negado por seus companheiros, por eles o considerarem indissociável da sociedade literária.

¹⁰⁷ Adroaldo Mesquita da Costa, Álvaro Barcelos Ferreira, Antônio Henrique de Casaes, Antônio Vieira Pires, Athos Damasceno Ferreira, Dante de Laytano, Eduardo Guimarães, Emílio Kemp, Ernani Fornari, Evandro Ribeiro, Fábio Nascimento de Barros, Fernando Luiz Osório Filho, Guglielmo Manoelito de Ornellas, João César de Castro, João Fanfa Ribas, Jorge Bahlis, Manoel do Carmo, Manoel Marques da Silva Acauan Filho, Martim Gomes, Nilo Miranda Ruschel, Nino Marsiaj, Paulo Jaures Pedroso Xavier, Walter Spalding.

Uma avaliação geral sobre as eleições da Academia em seus diferentes períodos permite o reconhecimento de alguns pontos importantes, Em relação à escolha dos acadêmicos, não consta em nenhum dos estatutos da entidade empecilhos para a eleição de mulheres, porém, ao longo da história da Academia, poucas ocuparam o cargo, sendo elas a pedagoga Camila Furtado Alves, a advogada Betty Yelda Brognoli Borges Fortes, a professora Marieta Mena Barreto Costa, a advogada Marília Beatriz Cibils Becker, a presidente da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul e secretária estadual de Cultura entre 1991 e 1994, Mila Cauduro, a escritora Valquiria Neves de Salis Goulart e a professora Zélia Helena Dendena Sampaio¹⁰⁸.

¹⁰⁸ Acadêmicas ainda atuantes:

Betty Yelda Brognoli Borges Fortes: Laguna, 1926. É advogada e professora universitária. Quando criança, transferiu-se com seus pais para Porto Alegre, onde mora até hoje. Casou-se com João Borges Fortes e teve dois filhos, João Borges Fortes Filho e Diogo Borges Fortes, já falecido. Graduiu-se em Música e estudou Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Também formou-se em Filosofia e concluiu o seu mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É doutora na área de Ciências Jurídicas pela Universidade Complutense de Madrid, na Espanha. Lecionou na Universidade de Caxias do Sul e na Escola Superior de Estudos Jurídicos, na qual foi diretora. Além de membro da Academia Rio-Grandense de Letras Betty é vice-presidente do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul.

Marília Beatriz Cibils Becker: é advogada e membro da Academia Rio-Grandense de Letras e da União Brasileira de Escritores. Na academia, é secretária geral e responsável pela edição da *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*.

Zélia Helena Dendena Arnaud Sampaio: Bento Gonçalves, 5 de abril de 1928. Professora é viúva do professor Mario Arnaud Sampaio. Além de pertencer à Academia Rio-Grandense de Letras, participou do Grêmio Literário Castro Alves e da União Brasileira de Escritores do Rio do Grande do Sul, a UBE.

Acadêmicas falecidas:

Camila Furtado Alves: Porto Alegre, 30 de junho de 1880 - Rio de Janeiro, agosto de 1962. Filha de Joaquim Francisco de Oliveira Furtado e Amélia Nunes Furtado, Camila estudou no Externato Normal Filial, dirigido por sua irmã, a professora Ana Amélia Furtado. Diplomou-se professora em 1905 e assumiu, entre 1906 e 1907, cargo em escolas de São Leopoldo e Taquara. Figura de destaque do magistério gaúcho, foi a fundadora em Porto Alegre da Sociedade Rio-Grandense de Educação. Pertenceu ao Instituto Nacional do Câncer, à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (que representou no RS) e à Academia Literária Feminina do RS. Depois de se aposentar, foi residir no Rio de Janeiro, onde colaborou com a LBA. Foi casada com José Joaquim Alves.

Marieta Mena Barreto Costa: Porto Alegre, 10 de janeiro de 1902 – Porto Alegre, 8 de março de 1972. Diplomada professora pela Escola Complementar de Porto Alegre, lecionou em Rio Grande. Integrou as Academias Rio-Grandense de Letras e Sul-brasileira de Letras.

Mila Cauduro (Zulmira Guimarães Cauduro): Porto Alegre, 1916 - Porto Alegre, 17 de abril de 2011 . Política, novelista, contista, romancista era filha do genealogista João Pinto da Fonseca Guimarães e de Alice Tavares Guimarães. Viúva do Conselheiro do Tribunal de Contas Raul Cauduro (1910-1995) presidiu a LBA em vários municípios do Rio Grande do Sul. Presidiu a Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul e a Associação Porto Alegrense de Cidadãs; membro da Comissão Estadual da Unesco, do Conselho Diretivo da Revista Rio Grande Cultura. Foi Vice-Presidente nacional do PDT no Rio Grande do Sul. Foi Secretária de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul no período de 1991 a 1994 e Secretária Geral do

As profissões dos membros da Academia são variadas passando por áreas como a comunicação, saúde, magistério e a magistratura. Paralelo à escrita, a maioria dos acadêmicos exerceu a advocacia. Fora o Direito, grande parte tinha como profissão o jornalismo, o magistério, a história e a medicina. Em torno de nove acadêmicos, ao longo da história da Academia, tiveram como única função a escrita. Os poucos acadêmicos que não se enquadravam nas profissões citadas trabalharam como veterinários, sociólogos, engenheiros, contabilistas, bancários, militares, funcionários públicos e estaduais, pedagogos, radialistas, teatrólogos, pecuaristas, comerciantes, industriários e farmacêuticos.

Dentre os que compuseram o quadro de acadêmicos da entidade, três foram determinantes para que a sociedade literária mantivesse a sua posição e progredisse em três momentos distintos da sua trajetória. Olinto de Oliveira, médico, jornalista, membro fundador e primeiro presidente da associação literária; Zeferino Brasil, presente desde o momento fundacional e grande incentivador da unificação das academias ocorrida em 1944, e Ir. Elvo Clemente, presidente da instituição por duas vezes, um dos principais responsáveis pela publicação ininterrupta da *Revista da Academia* nos últimos anos e pela manutenção da instituição, fazendo com que a mesma voltasse a ter o merecido destaque.

Fórum de Secretários da Cultura do Brasil de 1992 a 1993. Recebeu a Medalha da Academia Brasileira de História, em 1986; Medalha Cidade de Porto Alegre, em 1986; Medalha de Prata do Instituto Lourenço de Médici, Itália (primeira personalidade estrangeira agraciada).
Valquíria Neves de Salis Goulart: Rio Grande, 7 de julho de 1896 – Pelotas, 1980. Casou-se com Jorge Salis Goulart e, concluído o curso de magistério, lecionou em Pelotas.

3.2 TRÊS DESTAQUES

3.2.1 Olinto de Oliveira

Em plena reestruturação do Rio Grande, depois de dez anos de conflito entre a Província e o Império¹⁰⁹, nasceu em 5 de janeiro de 1845, na Capital, Olinto Olímpio de Oliveira que, adulto, seria uma das pessoas mais influentes no cenário médico e cultural rio-grandense entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX.

Filho primogênito de João Olinto de Oliveira, funcionário da Secretaria da Santa Casa de Misericórdia durante muitos anos, e Matilde das Chagas Oliveira cursou, juntamente com seus sete irmãos mais jovens, os estudos primários e secundários em sua cidade natal. Naquele momento, o País contava apenas com duas faculdades dedicadas à formação de médicos, sendo uma na Bahia e outra na Capital Federal, o Rio de Janeiro. Por ser mais próxima de sua terra, a escolhida foi a carioca Faculdade Nacional de Medicina na qual foi discípulo de Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo, médico reconhecido por seus colegas como o pai da Pediatria brasileira. Quando estudante estagiou na Policlínica do Rio de Janeiro, dirigida pela família de seu orientador.

Aos vinte e dois anos, formou-se em Medicina, com louvor, defendendo o trabalho de conclusão “Das paralisias na infância”¹¹⁰. Médico, Olinto de Oliveira retornou a Porto Alegre onde iniciou sua carreira profissional, dedicada fundamentalmente à Pediatria. Em 1889, casou com Maria Emília Pereira, com quem teve sete filhos: Ester, Carlos, Silvio, Jorge, Paulo, Mário e Décio.

Apenas quatro anos após a conclusão de seu curso superior, juntamente com importantes médicos da época, como Rodrigo Azambuja Villanova, fundou a Sociedade de Medicina de Porto Alegre, da qual foi o primeiro Secretário e, em 1898, assumiu a presidência dessa entidade. De acordo com a Academia

¹⁰⁹ A Guerra dos Farrapos ocorreu entre 1835 e 1845, porém no ano em que Olinto de Oliveira nasceu as consequências do embate ainda eram sentidas. Era um momento de paz e de reconstrução.

¹¹⁰ VIANA, Gonçalves. **Olinto de Oliveira**. Porto Alegre: Globo, 1945. p.21.

Sul-Rio-Grandense de Medicina¹¹¹, essa foi a primeira congregação formal das forças médicas do Rio Grande em defesa da medicina acadêmica e em contraposição ao regime de liberdade profissional que, por inspiração positivista, adotada pelo governo gaúcho, imperava no Estado.

Em 25 de julho do mesmo ano, Olinto de Oliveira colaborou na fundação da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Uma vez inaugurada, procedeu-se à constituição de seu primeiro quadro de professores. Como pediatra e médico de sólida formação cultural e acadêmica, foi nomeado lente da escola em 28 de fevereiro de 1899. Em março daquele mesmo ano, iniciaram as aulas da primeira turma médica. Olinto foi convidado para ocupar duas cadeiras: a de Anatomia e Fisiologia Patológicas, a ser ministrada no segundo ano do curso, e a de Clínica Pediátrica, a ser desenvolvida no quinto ano. Segundo a Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina, a atuação de Olinto de Oliveira foi tão destacada e marcante que essa primeira turma o escolheu para paraninfo.

Olinto teve, ainda, presença no debate político-filosófico que movimentou os primeiros anos de existência da Faculdade. As relações entre a doutrina positivista e as suas consequências no exercício médico renderam calorosos debates. Desde a criação da Faculdade de Medicina houve divergências entre seus membros e os governos positivistas em aceitarem as decisões tomadas em relação à entidade de ensino. Os conflitos em torno de concepções filosóficas e políticas foram constantes e vieram a público através de uma sessão da Sociedade de Medicina realizada em 27 de setembro de 1898 que teve como orador Olinto de Oliveira.

Depois de discorrer sobre a história da Sociedade durante os seus seis anos de existência, abordou a questão da influência das teorias positivistas no ensino do País, destacando ser a adesão a tal doutrina negação de todas as conquistas realizadas pela ciência médica, pois para os que a seguem as aquisições da medicina não passam de fantasias nascidas em laboratórios¹¹².

As palavras de Olinto de Oliveira foram, de forma sucinta, reproduzidas pela imprensa. O autor disse que algumas ideias foram suprimidas, porém

¹¹¹ **Coleção da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina**. Porto Alegre: Editora Tomo, 1998. Disponível em: <<http://www.academiademedicinars.com.br/curriculo-detalle.php?idcurriculo=57>> Acesso em: 10 jun. 2012.

¹¹² VIANA, Gonçalves. **Olinto de Oliveira**. Porto Alegre: Globo, 1945. p.23.

como a essência permaneceu, ele consentiu não reclamando da publicação não-autorizada. O pronunciamento, porém, gerou, por parte de *A Federação*, jornal propagandista do Partido Republicano Rio-Grandense que, na época, tinha sede no prédio que hoje abriga o Museu Hipólito José da Costa, um longo comentário explicando a importância das teorias de Augusto Comte e as contribuições dessas teorias para a sociedade, especialmente no campo da Medicina. Foi ainda divulgada uma carta¹¹³ enviada ao jornal por Joaquim José Felizardo Júnior, um dos membros introdutores do Apostolado Positivista na então Província do Rio Grande do Sul, tratando da questão¹¹⁴. Paralelamente, Protásio Alves apresentou à Sociedade de Medicina um discurso que pretendia refutar o pensamento de Olinto de Oliveira. O debate só não se tornou inesgotável porque, sensato, o médico pôs fim à discussão com as seguintes palavras:

Assim, desculpe-me a ousadia de divergir do gênio de Kepler, quando ele, ao mesmo tempo que estabelecia as grandes leis das revoluções planetárias, entendia ser necessária a intervenção dos espíritos diretores dos astros; releve-me discordar do gênio de Aristóteles, quando esse profundo moralista justifica a escravidão pela degradação nativa de uma parte da humanidade; permita-me não acompanhar o gênio de Augusto Comte na sua concepção da possibilidade futura da procriação pelas virgens, sem o concurso de outro sexo, mesmo depois que o Dr. Audiffrent procurou demonstrar, pela embriologia, essa verdade fundamental do positivismo... E basta. Da minha parte, dou por finda a questão, mesmo porque, se ela tivesse de se prolongar da maneira por que o vai fazendo, com contestações de tão longa incubação, eu seria forçado a arranjar um suplemento de existência, a fim de ver chegar a seu termo um incidente de tão pouca importância, como tão bem o classificou um dos meus contraditores.

¹¹³ *A Federação*, 18-19 out. 1898.

¹¹⁴ WEBER, Beatriz Teixeira. Positivismo e ciência médica no Rio Grande do Sul: a Faculdade de Medicina de Porto Alegre. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, fev. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000100003&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 10 jun. 2012.

O episódio antecipava aspectos do cenário político do Estado. Júlio de Castilhos havia morrido em 1903, após uma cirurgia realizada em sua casa na tentativa de salvá-lo de um câncer de garganta. Tal fato reforçou a desconfiança de parte da população na medicina científica e teve repercussões na política estadual, como expõe Beatriz Teixeira Weber em sua tese, *Positivismo e ciência médica no Rio Grande do Sul: a Faculdade de Medicina de Porto Alegre*¹¹⁵:

Nas eleições, Borges preferiu escolher um membro de segunda linha do partido para comandar o governo, retirando-se da administração do estado e dedicando-se exclusivamente aos deveres de chefe do partido. O candidato escolhido foi Carlos Barbosa Gonçalves, um dos médicos atuantes na formação do PRR¹¹⁶, e provavelmente a decisão levou em conta o episódio já descrito. Além disso, a eleição contou com um candidato que concorreu na oposição como dissidente republicano, Fernando Abbott. Ele também era médico e fora um dos propagandistas de relevo do PRR na sua formação, tendo assumido o cargo de governador em 1891, quando dirigira a eleição para a Constituinte estadual. Abbott era chefe do PRR de São Gabriel, tendo-se afastado do partido para entrar na disputa provavelmente porque discordasse da disposição absoluta de acatar as decisões do chefe do partido. Aliás, a disciplina partidária era mantida incontestemente: os subordinados, fossem intendentes ou os mandatários locais, não podiam tomar quaisquer decisões sem consulta a Borges de Medeiros. Nesse contexto, ficam mais claras as diferenças: os médicos preocupavam-se com seu poder como médicos, enquanto os positivistas procuravam a manutenção da posição de controle do poder no estado e dentro do próprio partido, fossem eles médicos ou não.

¹¹⁵ WEBER, Beatriz Teixeira. Positivismo e ciência médica no Rio Grande do Sul: a Faculdade de Medicina de Porto Alegre. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, fev. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000100003&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 10 jun. 2012.

¹¹⁶ Partido Republicano Rio-Grandense.

Depois desse episódio, Olinto de Oliveira continuou a desempenhar suas funções de professor, médico, conferencista e admirador das belas artes, adequando-se ao meio político, sem abandonar suas crenças, procurando associar-se apenas àquelas com os quais convivia harmonicamente. Como poucos, soube transitar em meio a divergências sem deixar de lado seus projetos. Assim, simultaneamente incluiu às suas tarefas as de administrador e construtor, sendo responsável pelo Dispensário de Crianças, um dos primeiros núcleos de exercício específico da Pediatria no território da Santa Casa de Misericórdia espaço para muitas de suas aulas de Clínica Pediátrica. De 1910 a 1911, ocupou a Direção da Faculdade, tendo como seu Vice-Diretor Eduardo Sarmiento Leite da Fonseca. Na sua gestão, criou o Instituto Pasteur, para tratamento preventivo da raiva, em prédio alugado à Praça Dom Feliciano, e cuja direção entregou a Raimundo Gonçalves Viana, seu genro e discípulo na medicina. Ainda nesse período de administração, empenhou-se na criação do Instituto Oswaldo Cruz, instalado em 1911, na rua General Vitorino, n. 2. No Instituto, do qual foi o primeiro Diretor, foi iniciada a realização da reação de Wassermann, pelo processo original, em Porto Alegre. O Instituto foi também um centro de pesquisas médicas nele tendo funcionado laboratórios pertencentes às cadeiras de Química Fisiológica, Patologia Geral e Anatomia e Fisiologia Patológicas¹¹⁷. Em 1910 participou, ainda, com Fernandes Figueira, da fundação da Sociedade Brasileira de Pediatria no Rio de Janeiro, sendo até hoje reconhecido pelo pioneirismo na formação de pediatras e pela implementação de políticas públicas de proteção da criança.

Demonstrando seu prestígio entre os estudantes da Faculdade de Medicina, em 1914, foi mais uma vez eleito paraninfo pelos formandos do ano. Em 1917, de acordo com o permitido pela legislação da época, havendo vagado a primeira Cadeira de Clínica Médica, por morte do Professor Luiz Masson, Olinto e mais dois docentes da Faculdade pleitearam transferência para aquela vaga. Apesar de Olinto de Oliveira ser um dos mais qualificados, sua pretensão não foi concretizada. Insatisfeito e sentindo-se injustiçado, demitiu-se da Faculdade. Ao encerrar sua carreira acadêmica, Olinto de

¹¹⁷ **Coleção da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina.** Porto Alegre: Editora Tomo, 1998. Disponível em: <<http://www.academiademedicinars.com.br/curriculo-detalle.php?idcurriculo=57>> Acesso em: 10 jun. 2012.

Oliveira recebeu grandes homenagens. A Congregação, percebendo serem inúteis os esforços para dissuadi-lo de seu pedido de demissão, concedeu-lhe por unanimidade o Título de Professor Honorário. O Centro Acadêmico de Medicina prestou-lhe uma homenagem em cerimônia realizada no salão nobre da Faculdade de Medicina, com a presença do Diretor, convidado pelos alunos. O jornal *Correio do Povo*¹¹⁸ noticiou o evento:

No edifício da Faculdade de Medicina realizou-se ontem, à noite, a sessão solene promovida pelo Centro Acadêmico para a entrega ao Dr. Olinto de Oliveira, professor honorário daquele estabelecimento de ensino, da mensagem que lhe dirigiu o corpo discente, ao tomar conhecimento da sua renúncia do cargo de professor. A essa homenagem, que esteve muito concorrida, associaram-se numerosos colegas, antigos alunos e professores da referida Faculdade.

A reverência prestada pelos acadêmicos de Medicina, foi, segundo Olinto de Oliveira, a mais valiosa dentre as que recebeu. Na mesma cerimônia, após as homenagens com as quais foi agraciado, teceu algumas palavras sobre o motivo do seu afastamento da entidade de ensino e encerrou agradecendo pelo reconhecimento:

Considerando a importância da clínica médica no currículo acadêmico, pensei poder aproveitar nela, algum dia, em vosso benefício, a experiência e muitos anos, e um estudo pertinaz e consciencioso, diminuindo talvez assim o esforço que deveria dedicar à cátedra que regia. E para mais facilmente alcançar o meu intuito, propus, já há alguns anos, em reforma de estatutos, um artigo que deveria permitir a minha transferência oportuna. Presumi demais das minhas forças! Foi essa, talvez, minhas ilusões de velho, a única que se desfolhou!

¹¹⁸ VIANA, Gonçalves. **Olinto de Oliveira**. Porto Alegre: Globo, 1945. p.70.

A douta congregação desta faculdade, pela sua autorizada maioria, zelando, como devia, pelas conveniências do ensino, e no uso de uma atribuição que lhe competia, cortou, cerce, as minhas exageradas ambições.

Acatando, como era meu dever, tal decisão, tive de abandonar também por um dever de consciência, a cadeira em que me havia espontaneamente colocado, numa situação de inferioridade.

O incidente terminara. Não tinha importância. Não desmerece um colar porque se perdeu uma das contas... Mas não entendestes vós assim. Revelastes, ainda uma vez, a grande alma generosa mocidade. E, entusiastas na vossa generosidade, tomastes por mérito aquilo que não era senão afeto e simpatia, por vós, e o cumprimento do dever.

E viestes trazer-me este grande conforto da vossa manifestação, e pronunciar as palavras excessivas e carinhosas desta mensagem. Fizestes imprimir com ouro estas palavras, pensando dar-lhes, assim, maior realce... Asseguro-vos que, do convívio feliz de tantos anos convosco, guardarei, pelo curto resto da minha vida, uma saudade infinita, profunda, e algumas vezes também dolorosa, quando lembrar-me de que poderia ainda ter-vos sido útil.

E todas as vezes que o meu coração se reabrir assim, sofrendo dessa nostalgia, nele encontrarei, também, impressa com o ouro imperecível da gratidão, e como consolação suprema, a recordação desta hora!... Moços, obrigado.

As palavras demonstraram que, ao mesmo tempo em que sua partida era algo irrevogável, também ia contra seus desejos mais profundos. Ficar e ministrar aulas na Faculdade de Medicina de Porto Alegre era a sua vontade maior, porém, sentindo-se desmerecido por ter seu pedido negado após tantos anos de colaboração e dedicação à saúde, mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro onde fixaria residência até o final de seus dias.

Em 1918, passou a trabalhar no Hospital Artur Bernardes, hoje Instituto Fernandes Figueira, onde atendia crianças e formava pediatras. No final da década de 1920, criou, com Américo Augusto, o periódico mensal *Arquivos de Pediatria*. Em 1928, com o falecimento de Fernandes Figueira, Oliveira assumiu a presidência da Sociedade Brasileira de Pediatria, tendo como

primeira medida a reforma do estatuto da entidade e do *Jornal de Pediatria*, o órgão oficial da instituição.

Dois anos mais tarde, quando o conterrâneo Getúlio Vargas chegou ao poder, convidou Olinto de Oliveira para fazer parte da equipe do governo responsável pela assistência à criança. Inicialmente, foi Chefe da Inspetoria de Higiene Infantil e, em 1933, convocou e presidiu a “Conferência Nacional de Proteção e Assistência à Infância”, quando pediatras e sanitaristas brasileiros presentes fizeram sugestões ao Governo em relação à saúde infantil, no Rio de Janeiro. No ano seguinte, essa inspetoria, ainda vinculada ao governo, foi transformada na Diretoria de Proteção e Assistência à Infância.

Mesmo em um período antidemocrático, Oliveira manteve boa relação com Vargas, permanecendo em suas atividades. Dessa forma, deu continuidade ao seu trabalho em favor da criança. Em 1940, durante o Estado Novo, o médico criou e dirigiu o Departamento Nacional da Criança que tinha por meta normatizar o atendimento a mãe e filho, combatendo ao máximo a mortalidade infantil. Para isso, projetou para esse departamento representações nos estados do País denominados Departamentos Estaduais da Criança. Organizou ainda os Cursos de Puericultura e Administração cujo enfoque era o aperfeiçoamento dos profissionais dedicados à puericultura. Esse curso era ministrado no Hospital Artur Bernardes, atual Instituto Fernandes Figueira, da Fundação Oswaldo Cruz. Concomitante com a promoção dos cursos, Olinto de Oliveira remodelou o hospital, vinculando-o ao Departamento Nacional da Criança ¹¹⁹.

Sua produção bibliográfica foi, em grande parte, dedicada à medicina reunindo mais de cem artigos sobre pediatria, higiene e assistência à infância em periódicos científicos brasileiros, franceses e italianos, o que demonstra que detinha projeção internacional em sua área.

Além dos assuntos médicos, Olinto devotou especial atenção às belas artes, fundando agremiações, estudando-as e publicando artigos sobre o tema enfocando, principalmente, na música e na literatura. No *Correio do Povo*, publicou diversos trabalhos sobre esses assuntos tendo por pseudônimo

119

Olinto de Oliveira. Disponível em: http://www.sbp.com.br/show_item.cfm?id_categoria=74&id_detalhe=1276&tipo=D Acesso em: 10 jun. 2012.

Maurício Böhm. Acerca do encantamento do pediatra pelas artes, Gonçalves Viana reproduziu as seguintes palavras na biografia que escreveu sobre o médico¹²⁰:

Bem sabeis que não me foi concedido o dom das belas palavras, da eloquência brilhante e imaginosa, capaz de revelar os mais íntimos dos sentimentos e interpretá-los nessas frases magníficas e fulgurantes que empolgam, arrastam, convencem e dominam! Muitíssimas vezes já tivestes de ouvir minhas preleções pálidas e desataviadas, sem arte e sem beleza, tendo a iluminá-las, tão somente, a fé científica e o meu vivo desejo de ser-vos útil.

De acordo com suas palavras, Olinto de Oliveira não possuía o talento inerente aos grandes artistas. Foi, porém, um grande admirador e estudioso de literatura e música. Segundo Gonçalves Viana, compreendia e sentia profundamente todas as expressões de beleza, tendo uma inclinação mais evidente para a combinação harmoniosa e expressiva de sons.

Por declarar suas preferências, sofreu algumas retaliações da sociedade da época que não considerava conveniente que um doutor gostasse de poesia e fosse músico. Decidido, procurava cercar-se de pessoas, que assim como ele, admiravam o Belo. Na falta de espaços para apreciação e debates, começou a organizar reuniões em sua casa que contavam com a presença de amigos, também médicos, figuras de projeção das letras ou das artes. Durante algumas horas da noite ele e seus convidados distraíam-se com trechos de músicas ou palestras literárias. De acordo ainda com Gonçalves Viana, não chegava a Porto Alegre artista, homem de letras, poeta, conferencista, médico de renome, que primeiro não fosse a sua residência, vê-lo, ouvi-lo, tão grande era a fama de seu nome.

Foi seguindo o intuito de reunir para admirar, estudar e trocar experiências que fundou, em 31 de maio de 1896, o Clube Haydn, uma das

¹²⁰ VIANA, Gonçalves. **Olinto de Oliveira**. Porto Alegre: Globo, 1945. p.74.

mais importantes associações musicais do Rio Grande do Sul. Ainda colaborou no erguimento do Instituto Livre de Belas Artes do Rio Grande do Sul¹²¹ e instituiu, em 1º de dezembro de 1901, a Academia Rio-Grandense de Letras. O médico foi o primeiro presidente das três entidades por ele erguidas.

Olinto de Oliveira faleceu em 31 de maio de 1956, pouco tempo depois de ter completado 90 anos. No mesmo ano, foi inscrito no “Livro do Mérito”, destinado a receber o nome pessoas que foram reconhecidas pela sua colaboração no enriquecimento da ciência e cultura nacionais.

3.2.1.1 O empreendedor e a Academia Rio-Grandense de Letras

Olinto Olímpio de Oliveira não foi o escritor ou poeta mais importante de seu tempo. Sua colaboração para com a representante das letras rio-grandenses advém de seu espírito empreendedor e percepção aguçada das necessidades de seu tempo.

Muitos anos antes, em 1804, outra importante personalidade rio-grandense fez uma primeira tentativa para que fossem instauradas as instituições que, anos mais tarde, seriam fundadas por Olinto de Oliveira. Em uma das salas do Palácio de Barro, sede do governo da Província que precedeu o atual Palácio Piratini, localizado na Praça da Matriz no centro de Porto Alegre, o então governador Paulo José da Silva Gama, responsável pela construção do primeiro prédio da Santa Casa de Misericórdia, promoveu, no dia 21 de janeiro, um encontro com os homens mais influentes da cidade¹²².

O presidente da Província enfatizou aos presentes que o progresso irradiava-se em diversas áreas, principalmente no âmbito político. Para que o crescimento de Porto Alegre continuasse, a população necessitava que outros setores também obtivessem espaço e, para isso, foram propostas as inaugurações de um teatro, uma casa de bailes e festas e um clube de letras. A

¹²¹ Atualmente, o Instituto de Artes é uma unidade de ensino da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a UFRGS. Sua sede localiza-se na rua Senhor dos Passos, 248, em Porto Alegre.

¹²² DAMASCENO, Athos. Sociedades literárias em Porto Alegre no século XIX. **Fundamentos da cultura rio-grandense (Quinta série)**. Porto Alegre: UFRGS, 1962. p. 51-52.

iniciativa, porém, não obteve êxito, já que a estruturação desses locais só ocorreu anos depois.

Após esse primeiro momento, sucessivas tentativas foram realizadas para erguer um clube dedicado às letras. Sessenta e quatro anos depois, em 18 de junho de 1868, o sonho do governador Paulo Gama materializou-se com a inauguração da Sociedade do Partenon Literário, entidade com caráter societário e inspiração para a primeira academia de letras do Rio Grande do Sul.

Se Gama foi o semeador da fermentação cultural ocorrida no final do século XIX, Olinto de Oliveira, com a colaboração de seus contemporâneos, foi quem efetivamente implementou algumas das mais importantes sociedades do período e que persistem até hoje. Mesmo contra as opiniões adversas, que não aprovavam um médico amante da música e da literatura, Olinto resistiu, pois acreditava que todas as formas de expressão, fossem científicas ou artísticas, mereciam espaço. Por isso, em um primeiro momento, cedeu sua casa como espaço para apreciação e discussão.

Seguiu-se a organização de entidades voltadas à Medicina, à música e às letras. No âmbito literário, com a colaboração de seus contemporâneos, criou, em 1901, a *Academia Rio-Grandense de Letras*, da qual foi sócio-fundador e o primeiro presidente. Durante as sessões preparatórias, o acadêmico Aurélio de Bittencourt foi reconhecido como presidente da futura entidade, porém, na inauguração da entidade Oliveira, já figurava na presidência.

Além de ser iniciador das atividades acadêmicas e presidente da agremiação, a colaboração de Olinto foi importante para a edificação de algumas das normas que fazem parte até hoje do estatuto da Academia Rio-Grandense de Letras. Dentre as iniciativas que permaneceram merece destaque a edição de uma revista, meio de divulgação, ainda hoje, dos trabalhos dos agremiados. Apesar de a primeira edição do periódico vir a público apenas em 1910, a ideia havia surgido anos antes, sob a presidência do pediatra. Na primeira reunião preparatória¹²³ organizou a relação dos vinte e cinco a trinta nomes que poderiam ser membros efetivos. Também ficaram

¹²³ Informações divulgadas pelo jornal *Correio do Povo*, p. 1, 19 de nov. 1901.

definidas duas comissões, uma, responsável pelos detalhes que ainda faltavam para a constituição definitiva da entidade e outra por comunicar aos nomes selecionados a possibilidade de comporem a associação.

No segundo encontro¹²⁴, o qual antecedeu o ato fundacional, ficou definido que a instituição seria acessível não só aos nascidos no Rio Grande do Sul, mas também a brasileiros natos ou naturalizados que, por sua dedicação aos temas gaúchos e por reconhecido valor literário, merecessem a insígnia da entidade. Essa decisão, tomada conjuntamente em 1901, faz parte das atuais normas da instituição, da mesma forma que os objetivos de promover e impulsionar o desenvolvimento da literatura rio-grandense, ocupando-se das suas história e biografia está em vigor.

Foram definidos também aspectos importantes relacionados ao posicionamento social da Academia e da organização de seus sócios. A única preocupação da instituição seria a literatura e cultura rio-grandense, devendo a mesma manter-se alheia a lutas ou disputas de outra ordem, principalmente as políticas ou religiosas, não impedindo, porém, que seus membros tivessem liberdade de pensamento em seus trabalhos. Tal posicionamento, porém, não foi posto em prática uma vez que, pouco tempo depois, divergências políticas fariam com que a Academia entrasse em recesso do qual só saiu em 1910.

Durante esses primeiros momentos, ficou definido que os sócio-fundadores poderiam escolher os patronos de suas cadeiras dentre os literatos rio-grandenses já falecidos. Ainda que os eleitos naquele período não sejam os adotados atualmente, o modelo de organização persistiu, ou seja, cada cadeira homenageia um nome da literatura do Rio Grande.

Olinto de Oliveira, além de fundar e ser o primeiro presidente da Academia Rio-Grandense de Letras, foi o sedimentador de importantes iniciativas estatutárias. Seu espírito empreendedor e a vocação para a organização de sociedades foram reconhecidos em seu tempo e pelos que hoje compõem as instituições que tiveram início pelas suas mãos. O legado e as ideias atemporais permaneceram, fazendo com que a Academia Rio-Grandense de Letras seja conhecida como “a casa de Olinto de Oliveira”.

¹²⁴ *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 1, 26 nov. 1901.

3.2.2 Zeferino Brasil

Em uma zona rural de Taquari, chamada Porto Grande, a aproximadamente cem quilômetros da capital do Rio Grande do Sul, nasceu, em 24 de abril de 1870, Zeferino Antônio de Souza Brasil. Aos nove anos, mudou-se para Porto Alegre, dedicando-se a diversas atividades a fim de colaborar com a subsistência de sua família. Em 17 de agosto de 1889, após a aprovação em um concurso público, passou a exercer a função de oficial do Tesouro do Estado¹²⁵.

Passado um ano do seu ingresso no setor voltado às finanças estatais, conheceu Celina Ribeiro Totta, irmã de Mario Totta¹²⁶, médico, poeta e um dos fundadores, juntamente com Caldas Júnior e Paulino de Azurena, do jornal *Correio do Povo*. Em 1891 casaram-se, com a bênção de Mário Totta, que seria por toda a vida amigo e companheiro de seu agora cunhado, Zeferino Brasil.

O emprego burocrático serviu para manter a si e ao núcleo familiar que formou com a esposa. Todos os minutos e as horas vagos eram dedicados a apenas uma única atividade: a poesia. Ao longo dos anos firmou-se como cronista, romancista, dramaturgo e crítico, mas foram seus poemas que o tornaram conhecido no Rio Grande e no restante do País, atribuindo-lhe a insígnia de “Príncipe dos poetas”.

Além do trabalho poético, colaborou em diversos periódicos utilizando diferentes pseudônimos como Nilo Castanheira, João Simplício, Lúcifer, Til, João da Ega, Eça de Oliveira, Brás Patife Júnior, José dos Cantinhos, Zézinho, Tic, Tac e Diabo Coxo, no *Jornal do Comércio*, de Porto Alegre, Eça de Oliveira, Diabo Coxo, Celino Délio, Vasco de Montarroyos, NC, Phoebus de Montalvão e Diávolo, no *Correio do Povo*, de Porto Alegre; Luiz Deniz na primeira fase da *Última Hora* e na *Gazeta do Comércio*. Como dramaturgo escreveu a comédia *Ester* e o drama *O outro*, ambas apresentadas pela

¹²⁵ **Biografia de Zeferino Brasil**. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/delfos/?p=zeferino>> Acesso em: 19 jun. 2012.

¹²⁶ Mario Totta também participou como sócio-fundador da *Academia Rio-Grandense de Letras*. (ver p. 14-15).

Sociedade Dramática de Porto Alegre, respectivamente em 1902 e 1904. Ainda foi autor do texto satírico em um ato *O homem de gênio*.

Desde os primeiros movimentos em torno de uma agremiação cultivadora e divulgadora das produções gaúchas, a presença do autor de *Vovó musa* foi constante. Na mesma proporção que recebeu reconhecimento por seu gênio poético, destacou-se igualmente pelo seu espírito academicista. Uma de suas principais metas, desde a juventude, foi colaborar na fundação e organização de uma instituição voltada à literatura e à tradição rio-grandenses.

O primeiro esforço Zeferino Brasil em relação à organização de uma instituição literária data de 1888, quando participou da fundação da Sociedade Literária Apeles Porto Alegre, que funcionou até 1891 no Colégio Rio-Grandense. Esse período corresponde a um momento de árdua luta emancipatória da Província oriunda da iminente derrocada do Império e do surgimento da República. De acordo com Athos Damasceno¹²⁷, para suprir necessidades originadas pelo regime republicano, os homens das letras do Rio Grande ergueram entidades voltadas, aparentemente, somente ao literário. A criação de espaços considerados neutros possibilitava aos intelectuais promoverem, além de dos debates artísticos, discussões políticas sem que houvesse restrições. Cientes da verdadeira intenção por trás das agremiações, o Governo procurou neutralizar sempre que possível as instituições e seus sócios. Daí a grande dificuldade de qualquer reunião de letrados vingar. Nesse contexto, Zeferino não esmoreceu na tentativa de fazer existir a primeira academia de letras do Rio Grande do Sul.

Em 1891, com a contribuição de diversos literatos gaúchos, tentou reerguer o grêmio Ensaio Literários que, infelizmente, não permaneceu com suas portas abertas, seguindo a efemeridade característica das sociedades do período. Essa associação foi fundada em 1872 juntamente com outra famosa, a Culto às Letras. Ambas surgiram para acompanhar a Sociedade Partenon Literário e aquecer o ambiente intelectual da Capital. Apesar de nascerem de divergências entre partenonistas, todas conviveram em harmonia, não tendo

¹²⁷ DAMASCENO, Athos. **Palco, salão e picadeiro em Porto Alegre no século XIX: contribuição para o estudo do processo cultural do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1956. p. 208.

programas diferentes, uma vez que organizavam discursos abolicionistas, saraus literários, debates e conferências.

O grêmio Ensaio Literário, com a colaboração efetiva de Zeferino Brasil, lançou sua revista em 27 de abril de 1875. O periódico, com divulgação mensal, perdurou até 1877 contou com a participação de importantes nomes da época como o futuro sócio-fundador da Academia Rio-Grandense de Letras, Aurélio de Bittencourt, e dos irmãos Porto Alegre, Apolinário, Apeles e Aquiles, fundadores e membros da primeira sociedade de caráter academicista.

Além da edição de seu periódico, a Ensaio Literário, juntamente com a Culto às Letras, tendo sempre como inspiração e influência o Partenon Literário, estimularam nos colégios de Porto Alegre uma série de fundações de sociedades e clubes voltados ao cultivo das belas letras. Grande parte desses jovens ainda editaram, dentro de seus grupos, jornais que circularam divulgando a produção e ideais por eles defendidos.

O último esforço de Zeferino Brasil em prol de uma sociedade literária, que antecedeu o erguimento da Academia Rio-Grandense de Letras, data de fevereiro de 1890, com a Sociedade Literária Castro Alves. Esse grêmio, que contou com a cooperação de Mario Totta, lançou significativo mensário, sendo o primeiro número dedicado ao empresário, político e escritor Carlos von Koseritz.

Depois de tantos esforços, finalmente foi fundada em 1901 a Academia Rio-Grandense de Letras. Continuando a trajetória que havia iniciado anos antes com o seu primeiro ingresso no mundo acadêmico, Zeferino Brasil passou a ser um dos maiores incentivadores e defensores da instituição. Sua colaboração estendeu-se além do momento fundacional, sendo figura ímpar em momentos de crise, representando para seus confrades aquele que reuniu as partes após as dissoluções, enfatizando que a entidade deveria estar sempre acima dos interesses pessoais e políticos.

Zeferino Brasil faleceu em 3 de outubro de 1942 em sua casa localizada na antiga Rua Pantaleão Telles, atual Washington Luiz, às margens do Guaíba. Deixou além nove obras poéticas, dois romances, um livro de crônicas e diversos artigos publicados.

3.2.2.1 O entusiasta e a Academia Rio-Grandense de Letras

Zeferino Brasil foi o maior admirador da Academia Rio-Grandense de Letras de seu tempo. O empenho em fundar a entidade e a força em manter a agremiação unida mesmo em momentos instáveis¹²⁸ foram as suas contribuições para com seus companheiros e para com a literatura do Estado.

Desde as reuniões preparatórias para a instalação da Academia, a presença de Zeferino Brasil foi constante. Poeta já reconhecido por sua obra e pelo empenho na organização da entidade, foi nomeado secretário da recém-nascida agremiação e responsável, juntamente com Aquiles Porto Alegre e Joaquim Alves Torres¹²⁹, pela elaboração da constituição e regimento interno.

Uma vez definitivamente instalada a Academia Rio-Grandense de Letras, foi divulgado o quadro de membros efetivos da agremiação, cabendo a Zeferino Brasil a cadeira de número vinte e um, sendo seu patrono o poeta pelotense Lobo da Costa. Infelizmente, as atividades da Academia aos poucos foram esmorecendo até atingir a completa inatividade, porém o objetivo de ver uma sociedade literária consolidada não se extinguiu.

Juntamente com literatos empenhados na solidificação de uma agremiação dedicada às letras, em 1910, Zeferino reergueu a agora denominada Academia de Letras do Rio Grande do Sul¹³⁰, localizada inicialmente em um sobrado n. 363 da rua dos Andradas e, depois, no prédio n. 41 da rua General Câmara.

Apesar do novo nome, essa sociedade nada mais era que uma reunião da que havia adormecido anos antes, já que ao lado do então presidente, César Castro e de Zeferino Brasil figuravam remanescentes da entidade de Olinto de Oliveira, como João Maia, Aquiles Porto Alegre, Mário de Artagão, Alfredo Ferreira Rodrigues e Andrade Neves Neto.

¹²⁸ Processo de unificação acadêmica ocorrida em 18 de junho 1944.

¹²⁹ Relação dos acadêmicos responsáveis pela constituição e regimento interno da academia obtida através da notícia publicada pelo jornal *Correio do Povo* de 19 de novembro de 1901.

¹³⁰ Segundo Ari Martins, seu instituidor, primeiro presidente e pai espiritual, Olinto de Oliveira, estava fora dos pagos. Não quiseram os acadêmicos de 1910 se apropriar da designação da antecessora, uma vez que respeitavam muito Oliveira e as atividades não haviam sido oficialmente encerradas por ele. (MARTINS, Ari. *As academias de letras do Rio Grande do Sul. Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre: Globo, 1951. p. 42)

De 1924, quando ocorreu novamente o encerramento dos trabalhos acadêmicos, até 1932, nada movimentou a vida acadêmica do Rio Grande. Somente nesse último ano as ações foram retomadas através do erguimentos do Instituto Rio-Grandense de Letras tendo como incentivadores Zeferino Brasil, Irineu Trajano, Vieira Pires e Faria Correia. Outra vez, Zeferino Brasil assumiu a cadeira vinte e nove, mesmo número da que pertencia na fundação da Academia Rio-Grandense de Letras, sem, dessa vez, ter um patrono.

A extinção do Instituto ocorreu em fevereiro de 1934, após uma assembleia que definiu a entrega do patrimônio social à Academia Rio-Grandense de Letras que mais uma vez iria renascer. A instalação da entidade deu-se em 1º dezembro do mesmo ano em sessão realizada na Biblioteca Pública do Estado, localizada em frente à Praça da Matriz da Capital.

Nesse momento, Zeferino Brasil voltou às suas origens, ocupando novamente a cadeira vinte e nove, tendo, mais uma vez, Lobo da Costa como patrono. A admiração de Brasil por Lobo da Costa advém de um fato ocorrido quando o autor de *Alma gaúcha* tinha apenas 12 anos. Já adulto e acadêmico, admirador da obra de Lobo da Costa, participou diversas vezes de sessões nas quais homenageava e levava ao público um pouco mais sobre a obra e a vida do idealizador de *Auras do Sul*. Em outubro de 1942, o jornal *O Comerciário* exaltou postumamente Brasil publicando a crônica “Lobo da Costa e Zeferino Brasil”, de De Paranhos Antunes, na qual todos puderam conhecer o início de uma relação de admiração mútua. Apesar de longa, a citação permite que se compreenda o porquê da consideração que Zeferino sentia por Lobo da Costa.¹³¹:

Foi em 1882. Zeferino Brasil era, por esse tempo, um pequeno garoto de doze anos de idade, caixeiro do Armazém Monteiro, no Mercado Municipal. Lobo da Costa achava-se em Porto Alegre, então redigindo o jornal *A Tribuna*, violento panfleto escrito sempre em linguagem atrevida e virulenta. E esse jornal era cartilha da mocidade daquele tempo, que lhe devorava as páginas, vibrante e ansiosa.

¹³¹ ANTUNES, De Paranhos. **Lobo da Costa e Zeferino Brasil**. *Comerciário*: Porto Alegre, ano VII, out. 1942.

Zeferino com doze anos já conhecia as regras da métrica e poetava, nas horas vagas, fazendo lindas quadrinhas. Foi ali, naquele armazém, que o poeta menino teve seu primeiro encontro com o vate do “Ranchinho de Palha”. Lobo da Costa, segundo as reminiscências do autor de “Vovó Musa”, era um tipo perfeito de cavalheiro, barbas a De Sousa Junior, figura de nazareno, não se deixando corromper ao contato da arraia miúda. De vez em quando visitava o Armazém Monteiro, passava para o lado de dentro do balcão e ali tomava, sossegadamente, dois ou três martelos de parati, fugindo dos olhares indiscretos.

Apesar de ser freguês da casa, Zeferino não lhe sabia o nome porque Lobo da Costa, modesto como era, conservava o seu incógnito até para o proprietário. E não era raro Lobo da Costa via o menino a devorar-lhe os artigos inflamados nas colunas de *A Tribuna* ou suavidade cantante de suas rimas sempre esperadas e lidas com prazer.

Quando em quando Lobo da Costa lançava seus olhos até o menino, perscrutando-lhe o que lia ou o que escrevia. Certo dia Zeferino escrevia atentamente sobre uma folha de papel de embrulho. O pequeno cedo perpetrava uma de suas quadrinhas, quando Lobo da Costa tomou-lhe o papel das mãos, lendo-lhe os versos.

Curioso diálogo travou-se então entre o poeta e o juvenzinho e doze anos.

- De quem são esses versos? - perguntou-lhe Lobo da Costa.

- São meus, meu senhor. Tirei-os, agora, da minha cabeça.

- Estão bons demais para serem teus. Vamos ver se és capaz de glosar este mote: “Eu vivo para te amar”.

O poeta menino coçou a cabeça, meditou um pouco e escreveu esta encantadora quadrinha:

“Como a brisa beija as flores,
como a luz adora o mar,
nesta vida de amarguras
eu vivo para te amar.”

Lobo da Costa arregalou os olhos, cheio de admiração. E perguntou-lhe:

- Como te chamas?

- Zeferino Brasil.

- Vou escrever teu nome para guardá-lo. Daqui a dez anos eu te direi quem sou e nos haveremos de encontrar. Serás um grande poeta.

O menino que não sabia com quem estava falando, quis mostrar os seus conhecimentos e matéria de poesia. E prelecionou:

- Saiba o senhor que não é nada fácil fazer versos. A poesia tem medida e métrica, e obedece a regras rígidas. Não é só a rima que se exige, mas também a contagem

das sílabas, o acento tônico das palavras em lugares certos, que dão o ritmo, a cadência.

Lobo da Costa sorriu um grande e bom sorriso de indulgência, guardou o nome do poeta e foi-se embora.

Só muito mais tarde Zeferino Brasil veio a saber, com estupor, que tratara com o vate de “Auras do Sul” e até tivera a petulância de lhe dar lições de poesia.

Lobo da Costa talvez nem tenha imaginado, mas influenciou a vida do jovem Zeferino por ser o primeiro a demonstrar admiração pelo seu talento poético. Infelizmente, seis anos após esse encontro, Lobo da Costa faleceu, deixando importante legado literário e a previsão sobre o futuro de Zeferino no mundo da poesia. Seu presságio se confirmou e ele ganhou um admirador que durante toda a sua vida demonstrou seu respeito exaltando publicamente a obra e a vida de seu patrono.

Em 10 de abril de 1938, Zeferino Brasil recebeu uma correspondência do autor da crônica acima, De Paranhos Antunes, na época vice-presidente em exercício da Academia Rio-Grandense de Letras, solicitando que fosse o orador da solenidade promovida pela instituição a fim de comemorar o cinquentenário de morte de Lobo da Costa, ocorrida em 18 de junho de 1888. Na carta, é enfatizado que nenhum outro agremiado poderia fazer com magnificência a tarefa de discorrer sobre o homenageado, uma vez que, além de ter em alta conta a obra, também o tinha como tutor de sua cadeira, a vinte e nove.

Uma vez de volta à sua cadeira de origem, no reerguimento ocorrido em 1934, Zeferino ficou responsável pela edição da revista da Academia que, nessa fase, publicou dois números, um em 1936 e outro em 1937. Em 15 de agosto de 1936, o trabalho de Brasil obteve reconhecimento. Durante as comemorações do segundo aniversário do ressurgimento da agremiação, ocorrido na Biblioteca Pública de Porto Alegre, a entidade, na figura do agremiado Contreiras Rodrigues, destacou a colaboração do membro fundador e honorário da instituição.

Devido aos problemas enfrentados na Academia Rio-Grandense de Letras, Zeferino enviou em 19 de maio de 1936 um pedido de renúncia que, em carta oficial de 23 do mesmo ano, foi negado. Na correspondência, o

presidente Contreiras Rodrigues revela que a solicitação não foi aceita, pois ele e seus confrades não reconhecem a Zeferino direito para dispor da personalidade e renome do poeta que tanto tem se empenhado para a elevação cultural do Rio Grande. Ainda informam que juntamente com os demais associados iriam pessoalmente lhe relatar a importância da sua permanência na congregação que ele tanto honrou e ufanou.

Reconhecido por seus confrades, o autor de *Vovó musa* havia colaborado inúmeras vezes com a instituição até a divisão que resultou em duas entidades. Sobre a assistência de Zeferino, desde os primeiros momentos da Academia até a necessária unificação, Ari Martins, eleito secretário perpétuo da instituição, em sua *As academias de letras no Rio Grande do Sul*, destacou:

É de justiça que se saliente aqui o importante papel para isso desempenhado por Zeferino Brasil, o glorioso Príncipe dos Poetas Gaúchos. Zeferino sempre fora, incondicionalmente, um grande amoroso de sua terra e de sua gente. Qualquer iniciativa que visasse elevar o Rio Grande contava, sem limites, com a sua adesão entusiástica. Ele fora membro, - quando ainda moço, poeta quase estreante, - da academia que Olinto de Oliveira fundara em 1901. Hipotecara solidariedade à academia nascida em 1910 da iniciativa de César de Castro. Não se pejou de já poeta consagrado, figura ímpar das letras sulinas, a consentir que seu nome se incluísse entre os dos “novíssimos” que em 1932 tinham criado o *Instituto Rio-Grandense de Letras*. No reerguimento, em 1934, da *Academia Rio-Grandense de Letras*, estava com forte disposição de colaborar diretamente na obra que se esboçava formando ao lado dos que queriam ressurgir a entidade mais antiga. E, pela mesma razão de afeto e dedicação ao espírito acadêmico, não se negou, em 1936, a figurar nos quadros da também renascente *Academia de Letras do Rio Grande do Sul*, sob a condição, que não lhe poderia ser negada, de que com isso não deixaria de pertencer simultaneamente à outra academia. Todos quantos nessa época conviveram com o Mestre, podem testemunhar que seu maior empenho era que de novo os intelectuais gaúchos se unissem numa só entidade. E, tanto quanto lhe permitia sua condição de “acadêmico duplo”, vivia ele a pregar, nos dois institutos, a ideia pacifista.

Em 3 de outubro de 1942, em sua casa, faleceu deixando a sua família e diversos amigos. As imprensas regionais e nacionais divulgaram notas de pesar. Em um dos inúmeros pronunciamentos públicos, a Academia Brasileira de Letras manifestou seu pesar pela morte de Zeferino, realizando a sessão semanal em sua homenagem¹³²:

Realizou-se no dia 8 do corrente, a sessão semanal da Academia Brasileira de Letras. Foi lida a seguinte carta do Sr. Alcides Maia: “Rio, 6 de outubro de 1942. Exmo. Sr. Presidente da Academia Brasileira. Muito saudar. Tenho a honra de enviar à Mesa, a que tão dignamente V. Ex. preside, o seguinte voto de pesar pela morte de Zeferino Brasil o ilustre e admirado poeta, escritor e jornalista, consagrado em todos os círculos literários do país. Bem merece o ínclito literato brasileiro esta homenagem de nosso Instituto. Oportunamente pedirei vênua à Academia para lhe esboçar o perfil de poeta e prosador, dos mais originais e perfeitos e Brasil”.

O Sr. João Neves, presidente da Academia, referiu-se também à personalidade e à obra de Zeferino Brasil, ao seu amor às letras desde a mais tenra juventude, à sua boemia, à sua atividade jornalística. Tendo pertencido a várias escolas, passando pelo simbolismo e parnasianismo, permaneceu, entretanto um grande lírico, tendo algumas afinidades com o nosso Alberto de Oliveira. Foi também teatrólogo, havendo deixado um drama em verso, e erudito folclorista, tendo explorado muitos temas rio-grandenses e lendas regionais.

O Sr. João Luso disse que o provincianismo de Zeferino Brasil impediu que seu nome se tornasse conhecido em todo o país. Se tivesse vindo para o Rio, e aqui exercido sua atividade literária, não teria desaparecido quase ignorado. Referiu-se a um romance realista “O meio” para o qual Zeferino se documentou frequentando os cafés e as rodas boêmias da província.

¹³² *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 11 out. 1942.

Além do *Jornal do Comercio*, *A Notícia* e o *Diário Carioca* do Rio de Janeiro divulgaram a morte de Zeferino Brasil. Em relação ao manifesto da representante das academias do Brasil devem ser destacadas as palavras de João Luso, acadêmico a aquela instituição. Luso atribui o pouco reconhecimento nacional ao provincianismo de Brasil, o que na verdade na procede, uma vez que o poeta teve a oportunidade de figurar entre os imortais da Academia Brasileira de Letras, porém como amava profundamente sua cultura e sua gente permaneceu na terra que o inspirava desde a mais tenra idade. Quando teve a oportunidade de se candidatar, não demonstrou interesse em cumprir os requisitos para ser aceito, já que alguns deles impediriam sua presença frequente na entidade voltada à literatura rio-grandense. Sendo assim, seguiu pertencendo e defendendo a instituição gaúcha.

No Rio Grande do Sul, o falecimento de Zeferino Brasil foi amplamente divulgado em jornais de todo o Estado. Manifestações de amigos exaltando sua obra e relatos do seu funeral foram os mais assíduos. Sua cidade natal, Taquari, homenageou o filho ilustre erguendo para ele em um pedestal de mármore seu busto em bronze.

A demonstração de afeição que mais teria agradado o poeta foi noticiada pelo *Correio do Povo*, de 22 de novembro de 1942¹³³. Nessa reportagem, foi divulgada uma sessão conjunta da Academia de Letras do Rio Grande do Sul e da Academia Rio-Grandense de Letras com objetivo de consagrar o acadêmico Zeferino Brasil.

Realizada no Teatro São Pedro, no centro da Capital, a cerimônia contou com a presença de inúmeros admiradores do poeta. O evento iniciou às 21h tendo discursos oficiais de membros das duas agremiações, recitação de seus versos e apresentações musicais de um trio da Sociedade de Concertos Sinfônicos *Club Haydn* constituído pelo violinista Rodolfo Hermann, o violino Rodolfo Kley e a professora e pianista Iris Ritter. Um solo do soprano Sylvia Baumgarten, interpretando o Lago de Haendel, acompanhada pelo trio encerrou as atividades.

Todos os presentes sabiam que a maior vontade de Brasil era ver as duas instituições unificadas e, aproveitando o momento de harmonia, deram o

¹³³ À memória de Zeferino Brasil: Sessão conjunta da Academia de Letras do Rio Grande do Sul e da Academia Rio-Grandense de Letras. *Correio do Povo*, 22 nov. 1942.

primeiro passo para a concretização do sonho do falecido agremiado. Acerca do acontecimento promovido pelas duas associações, Ari Martins¹³⁴ registrou:

Não quiseram os fados que Zeferino Brasil assistisse ainda em vida a unificação de seus confrades gaúchos a que ele tanto amou. Mas o destino do glorioso poeta lhe reservou uma satisfação post-mortem: a primeira homenagem póstuma que recebeu, quando, em outubro de 1942, mal fechara os olhos para sua existência terrena, foi a de uma grande e realmente sessão fúnebre, levada a efeito em sua memória pelas duas academias reunidas. Sim, o espírito de Zeferino Brasil conseguira o milagre. Não era ainda a fusão, mas não se podia negar que estava diante da pacificação. Uma academia tomava conhecimento oficial da existência da outra. Comissões mistas, devidamente credenciadas, se haviam reunido e promovido a solenidade “in memoriam” do poeta da “Vovó Musa”. E, assim, a 20 de novembro de 1942, no veterano Teatro São Pedro, ao mesmo tempo em que oradores dos dois institutos exalavam a obra de Zeferino Brasil, não ocultavam o significado daquela sessão conjunta e do que ela representava como suprema homenagem à memória de quem tanto se empenhara pela união dos acadêmicos gaúchos.

Daí por diante, o caminho ficou mais fácil. Reconhecendo-se e respeitando-se mutuamente, as duas Academias passaram a viver de pazes feitas. Membros de uma frequentavam, embora no caráter de visitantes, as reuniões de outra, e a cada dia que se passava mais corpo tomava a ideia da fusão.

Os ideais de unificação de Zeferino Brasil finalmente foram concretizados em um domingo, no dia 18 de junho de 1944. Nessa data, importante por se comemorar o aniversário da Sociedade Partenon Literário, ocorreu a tão batalhada fusão entre as duas entidades. Na sede do Instituto Histórico Geográfico de Porto Alegre todos os associados presentes assinaram as atas de extinção ocorrendo em seguida a instalação oficial da agremiação

¹³⁴ MARTINS, Ari. As academias de letras do Rio Grande do Sul. **Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre: Globo, 1951. p. 52

resultante da união das instituições, a Academia Sul-Rio-Grandense de Letras. Inicialmente, a academia manteve-se filiada à Federação das Academias e Letras do Brasil como continuadora da Academia Rio-Grandense de Letras, mas em 1963 este último nome foi retomado a fim de homenagear sua denominação original e seus fundadores.

A insistência de Brasil foi fator determinante para a continuidade da vida da *Academia Rio-Grandense de Letras*. De todas as tentativas de reabrir suas portas esta foi a única em que não ocorreu um novo encerramento, somando, desde a união de 1944, sessenta e sete anos de atividades ininterruptas. Se Olinto de Oliveira é importante por ser o fundador da instituição, Zeferino o é por ser o acadêmico que consolidou o projeto iniciado em 1901, defendendo sua necessidade e perpetuação.

3.2.3 Ir. Elvo Clemente

Nascido Antônio João Silvestre Mottin, Ir. Elvo Clemente descendia de uma família de imigrantes italianos oriunda da cidade de Maróstica, pertencente à região do Vêneto, na Itália. Com as oportunidades de trabalho cada vez mais escassas e o rendimento das colheitas minguando, a família Mottin não teve outra saída a não ser se aventurar no Brasil. Decididos, deixaram seu povoado, conhecido como das Escolas, e iniciaram a longa viagem para o Brasil, chegando em novembro de 1924, a Garibaldi, na serra rio-grandense.

Angelo, Emília e dois filhos, sendo eles Antônio e João, estabeleceram-se, em um primeiro momento, em Borghetto, região rural de Garibaldi, transferindo-se, em seguida, para a localidade de Linha Araújo e Souza. Anos depois, mudaram-se para a linha Santo Antônio de Araripe, onde chegou mais um membro da família Mottin, Mario Eugênio Natalino.

Como na linha Santo Antônio a vida não prosperou, em 1928 foram para Garibaldina, período em que nasceu Maria. Devido a problemas financeiros, foi necessário que retornassem, em 1929, para Borghetto, mais perto da sede de Garibaldi.

Um ano depois, Ângelo soube que uma velha casa no bairro das Chácaras estava à venda. Com coragem, uma vez que a residência exigiria reformas, comprou o imóvel. Em março de 1931, sete anos após a chegada do Rio Grande do Sul e com a família estabelecida em um imóvel próprio, Ângelo e Emília Mottin encaminharam seus filhos Antônio e João ao Instituto Comercial Santo Antônio, dos Irmãos Maristas. Nesse período, Ângelo Mottin trabalhava na construção da nova ala do mosteiro das Irmãs de São José, enquanto Emília ocupava-se dos afazeres domésticos. Os meninos, agora estudantes, colaboravam levando garrafas de leite aos fregueses da família antes de irem para a escola. Na volta da escola, recolhiam as garrafas para trazê-las para casa. Aquele ano, segundo Ir. Elvo Clemente¹³⁵, foi triste por um trágico acontecimento que marcaria a vida de todos:

No mês de abril, a alegria foi embora da casa – a menina Maria queimou-se com café fervente. Foram duas semanas de sofrimento inaudito, até morrer. Aquela criança tão desejada transformou-se em anjinho no céu. O luto amargurou o coração, principalmente de Emília que chamou a si todas as culpas do acidente.

Em 1932, no mês de março, nascia Inês Maria que chegava para ajudar a ocupar o vazio que não seria nunca preenchido. Após o nascimento de Inês Maria, aos poucos, a vida foi retomando o seu ritmo habitual. Antônio, que estudava com os Irmãos Maristas há um ano, foi tocado por seus exemplos, decidindo iniciar sua preparação para vir a ser um deles¹³⁶:

No decorrer de 1932, Antônio sentia-se atraído pelo exemplo dos Irmãos José, Paulo da Cruz e Romualdo. Decidiu-se a ir a Bom Princípio para seguir a vida de Irmão Marista. No dia 14 de

¹³⁵ MOTTIN, Antonio Joao Silvestre (Ir. Elvo Clemente). **De Maróstica a Garibaldi**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p.77.

¹³⁶ MOTTIN, Antonio Joao Silvestre (Ir. Elvo Clemente). **De Maróstica a Garibaldi**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p.77.

fevereiro de 1934 seguia com o irmão Adriano e os colegas Eugênio Meneguzzo e João Emer para aquela localidade. As despedidas foram entre soluços e lágrimas.

Na localidade, só se falava um dialeto derivado do alemão, por isso, a adaptação às mudanças de alimentação, trabalho, amizades e estudos foram difíceis. Sob a orientação do Irmão Miguel Dario, aprendeu a ler e a escrever pequenas redações que, posteriormente, eram apresentadas aos colegas. Rapidamente, passou um ano de sua chegada e a vida, finalmente, havia ficado mais tranquila.

Pouco tempo depois, veio a notícia da transferência para Porto Alegre, mais especificamente para o Instituto Champagnat, onde cursaria a 1ª série do Ginásio. Cercado de pequenos bosques e fontes do então bucólico bairro Partenon, Antônio aprofundou seus estudos, sendo estimulado à leitura e ao estudo e uso correto da língua portuguesa.

Quis o destino que a estada do postulante na Capital fosse breve. A notícia da perseguição nazista aos religiosos na Alemanha mexeu com a vida e a rotina de todos. Os Irmãos foram enviados a outras unidades de acordo com a necessidade e os dezessete estudantes, dentre eles Antônio Mottin, foram enviados ao Postulantado¹³⁷.

Passado o período de imersão espiritual e grande dedicação ao estudo dos idiomas francês, latim e português, em 21 de janeiro 1938, com a presença de seus pais e da irmã Inês, Antônio Mottin passou a chamar-se Ir. Elvo Clemente, vestindo, de acordo com as suas palavras, “a negra roupeta marista”¹³⁸ oficialmente. Após a cerimônia em que assumiu um novo nome, iniciou o ano de Santo Noviciado. Acompanhado de trinta colegas, aquele foi,

¹³⁷ O Postulantado é a primeira etapa do processo inicial, na qual o candidato solicita abraçar a vida no carisma interessado (no nosso caso, viver de acordo com o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo a exemplo de São Francisco de Assis), após o período de aspirantado, como preparação necessária para o noviciado. Aí o postulante terá a oportunidade de refletir sobre a sua própria determinação de converter-se através de um progressivo passo da vida secular para a forma de vida do seu carisma. Tem por objetivo geral possibilitar ao postulante alcançar uma maior clareza quanto à origem de sua vocação ao amadurecimento de sua decisão, experimentando viver a vida humana no seguimento de Jesus Cristo à luz do ideal de Francisco. (Constituições Gerais da Ordem dos Frades Menores 149, 150; RFF 122, 123 e 124). <http://postulantadofm.hd1.com.br/>. Acesso em 26 dez. 2012.

¹³⁸ MOTTIN, Antonio Joao Silvestre (Ir. Elvo Clemente). **De Maróstica a Garibaldi**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p.83.

para todos, um momento de leituras estudos e meditações sobre a vida religiosa sob a orientação dos irmãos Paulino, Eusébio e João Batista que o ajudavam a compreender melhor a sua missão e os ensinamentos do livro de Perfeição Cristã, das Constituições e regras comuns do Instituto dos Irmãos Maristas e Bíblia, a sagrada escritura. Um ano após, foi dado o passo da profissão religiosa dos três votos: pobreza, castidade e obediência.

Em seguida à cerimônia em que foram confirmados, principiou o período do Escolástico, direcionado ao aperfeiçoamento didático-pedagógico. Em dezembro de 1939, participaram de um retiro espiritual em Santa Maria, região central do Rio Grande e, ao retornar, estudaram, durante as férias de verão, de forma mais profunda, Português e Latim. No início de fevereiro de 1940, Antônio e seus companheiros receberam a missão de trabalhar no Colégio São Francisco do Rio Grande, dirigido pelo irmão Roque Maria. Depois de dois dias de viagem foram recepcionados pelo Irmão Ysíce, o decano dos mestres.

Enquanto o mundo principiava um de seus períodos mais difíceis, a Segunda Guerra Mundial, na cidade de Rio Grande, interior do Rio Grande do Sul, o agora Ir. Elvo Clemente iniciava a atividade a qual se dedicou profundamente, o magistério. Em 1945, ano em que a guerra terminou e o Brasil começou a se reorganizar, também se encerrou um ciclo na vida de Clemente. Era a hora de frequentar a Faculdade em Porto Alegre.

De volta ao Instituto Champagnat, a rotina ficou dividida entre os cuidados com os internos e às aulas do Curso de Letras Clássicas. A turma, composta de dezoito alunos, teve como mestres Guilhermino César, Elpídio Ferreira Paes e Mario Bernd, a quem o Ir. Elvo sucederia anos mais tarde na Academia Rio-Grandense de Letras.

Foi no período da Faculdade que aflorou no professor o espírito acadêmico. Diferentemente da maioria dos homens dedicados às letras, sua dedicação segue a acepção mais ampla do vocábulo academia. Como poucos, circulou entre sociedades voltadas aos estudos científicos e literários da mesma forma que o fez nas instituições de ensino, sendo fundador de algumas e referência para a maioria.

A primeira incursão do então estudante deu-se com o auxílio de colegas e mestres para o erguimento da Academia de Letras Rui Barbosa. As

reuniões dessa entidade ocorriam na própria Faculdade, após as aulas do professor Juruena, aos sábados, por volta das 16h, e tinham como foco a discussão de textos e a apresentação das produções de seus membros. Nesse período fundou, ainda, o Centro Acadêmico Santo Tomás de Aquino, que agrega os alunos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e tem ainda hoje o objetivo de ser um instrumento de integração dos estudantes que cursam História, Ciências Sociais, Geografia e Filosofia.

Em 1948, formou-se em Letras Clássicas e apenas dois anos depois já lecionava a disciplina de Educação Comparada no curso de Pedagogia. Desse momento em diante, as atividades acadêmicas em seus diferentes âmbitos passaram a ser exercidas concomitantemente, sendo prioridades na vida de Clemente.

Seu aperfeiçoamento profissional teve continuidade em 1956, quando esteve na Universidade de Salamanca, Espanha, para realizar pós-doutorado, especializando-se em Filologia Românica, com o apoio do Instituto de Cultura Hispânica de Porto Alegre, sediado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

De volta ao Brasil, depois de uma viagem de quinze dias a bordo do navio Anna C., Ir. Elvo Clemente chegou ao Rio de Janeiro. Era 1957 e o primeiro compromisso que tinha era uma reunião com o superior Provincial dos Maristas. Segundo Clemente, aquele encontro mudou sua vida¹³⁹, pois naquele dia foi designado para o cargo de Secretário-Geral da PUCRS, função na qual permaneceu até 1975, quando aconteceu a reestruturação dos cargos diretivos da Universidade.

Nesse período, em que foram criadas as superintendências que anos mais tarde passaram a ser pró-reitorias, Ir. Elvo atuou como diretor de Cursos de Pós-Graduação e de Extensão, cargo que exigiu muita dedicação¹⁴⁰:

¹³⁹ MOTTIN, Antonio Joao Silvestre (Ir. Elvo Clemente). **De Maróstica a Garibaldi**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p.95.

¹⁴⁰ MOTTIN, Antonio Joao Silvestre (Ir. Elvo Clemente). **De Maróstica a Garibaldi**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p.95.

Tive de começar do princípio. Havia poucos Cursos de Pós-Graduação: Linguística e Letras, Educação, Cirurgia Bucomaxilofacial, História, Filosofia e Zoologia. Começaram a chegar as bolsas da CAPES e CNPq. Nunca deixei de ministrar minhas aulas de Língua Portuguesa, Teoria Literária e Crítica Literária.

Dentre os programas de pós-graduação citados, merece destaque o Programa de Pós-Graduação em Letras, fundado em 1969, com a colaboração de Ir. Clemente. Além de fundador, exerceu o cargo de coordenador até assumir, em 1975, o já mencionado posto de diretor dos Cursos de Pós-Graduação e de Extensão da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul do qual foi transferido, em 1986, para a Pró-Reitoria de Extensão.

Ocorreu em 23 de setembro de 1964, paralela às atividades de professor e administrador na PUCRS, a posse na Academia Rio-grandense de Letras. Admitido para a vaga aberta após a morte de Mario Bernd, que havia sido seu professor de grego, Ir. Elvo Clemente assumiu a cadeira n. 6 cujo patrono é Apolinário Porto Alegre, um dos fundadores do Partenon Literário, sendo recepcionado pelo confrade e professor Antônio Rocha de Almeida. Desde a sua posse, frequentou assiduamente as reuniões da entidade que, naquela época, ocorriam nas quintas à noite na sede do GBOEX, localizada na rua dos Andradas. Sobre a sua participação na “casa de Olinto de Oliveira”, Ir. Elvo Clemente registrou¹⁴¹:

Criei boas amizades com os confrades Ary Martins, Olinto Sanmartin, Lenine Nequete, Nazizeno de Almeida, Ramiro Frota Barcelos e Mozart Pereira Soares. Na Academia exerci as funções de secretário geral junto com o grande Hélio Moro Mariante. Fui eleito presidente por dois períodos. Organizei com os confrades Dante de Laytano e Francisco Pereira Rodrigues os ciclos de palestras que desde 1995 se repetem a cada ano... Minhas atividades na *Academia Rio-Grandense de Letras* foram intensas, sobretudo nos anos em que exerci a presidência, isto é, 1997 a 2001. Continuamos com o ciclo de palestras mensais no Solar dos Câmara, a

¹⁴¹ MOTTIN, Antonio Joao Silvestre (Ir. Elvo Clemente). **De Maróstica a Garibaldi**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p.99.

revista saiu regularmente em cada ano com a colaboração dos sócios.

Durante a sua posse como Presidente para a gestão 2004 a 2006, Ir. Elvo Clemente reviveu alguns sentimentos que o tomaram na ocasião de seu ingresso, ocorrido quase quatro décadas antes¹⁴²:

Recordo com saudade o momento em que adentrei os umbrais desta Casa guiado pela mão amiga de Hugo Ramírez. Era o momento solene da minha investidura neste sodalício de Letras que mantém em seu íntimo as ideias de Apolinário Porto Alegre ao estruturar a Sociedade do Partenon Literário. Nesta cálida tarde do fim do estio dos idos de março novamente o amigo Hugo Ramírez me dá posse na Presidência.

Paralelo às atividades na Academia Rio-Grandense de Letras, da qual foi grande entusiasta, a que mais dedicou sua atenção foi a ação em congressos literários em Portugal, na Argentina e diversos estados do País. O ano de 1994 foi marcante pela sua adesão a três agremiações. Nesse ano, uma de suas participações em evento na Argentina rendeu-lhe o título de sócio-efetivo do Centro de Estudos de Narratologia, fundado pela Dr. Petrona Dominguez de Rodríguez Pasqués. Caso semelhante ocorreu em Montevideu com o Prof. Walter Rela, que lhe concedeu o título de sócio honorário da Academia Uruguaia de Letras. Foi ainda sócio-fundador do Instituto Internacional de Estudios Coloniales del Cono Sur, localizado em Montevideu, Uruguai. Em 1994, passou a integrar como membro de honra a Associação Rio-Grandense de Imprensa.

Simultaneamente, também não cessaram os compromissos ligados à Universidade, mais especificamente à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Após deixar a Pró-Reitoria de Extensão, em 1996, assumiu o

¹⁴² CLEMENTE, Ir. Elvo. Saudação Acadêmica. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre: CORAG, 2004, n.18, p. 21.

cargo de Assessor da Reitoria. Em seus momentos livres, escreveu inúmeros artigos e crônicas, além de orientar trabalhos e redigir livros como a *História da PUC* em três volumes. Muitos de seus trabalhos foram publicados nas páginas do jornal *Correio do Povo* e *Zero Hora*. Os temas mais frequentes eram língua e literatura, religião, movimentos academicistas e ensino. Em seu artigo “Irmão Elvo Clemente, mestre, escritor e amigo”, Itálico Marcon¹⁴³ ressaltou, dentre outras qualidades, o talento de Clemente para a escrita:

Como escritor, Elvo Clemente revela-se o ensaísta que estuda “com carinho, com amor a obra, pois”, segundo suas palavras, “ela possui uma vida maior que o próprio autor neste mundo”. “Nesse diálogo de ternura e compreensão entre leitor e livro”, prossegue, “se realiza a ação fecunda da verdadeira crítica literária. Toda página lida e meditada é revelação, é interação de duas almas que se comungam no sacrário do Belo”.

Em 2001, estimulado pelo professor Jandir João Zanotelli, candidatou-se à cadeira 21 da Academia Sul-Brasileira de Letras, com sede em Pelotas, que tem como patrono Francisco Lobo da Costa. A posse aconteceu no dia 29 de junho do mesmo ano. Ainda em 2001 passou a integrar como sócio efetivo o Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul. No ano seguinte, foi admitido como sócio-correspondente da Academia Brasileira de Filologia, apresentando no ato de posse um texto sobre a obra filológica e linguística de Celso Pedro Luft.

Em 10 de julho de 2003, foi empossado como conselheiro pelo recém-criado Conselho Consultivo do Patrimônio do Estado do Rio Grande do Sul. No ano seguinte, foi eleito presidente do Centro de Integração Empresa-Escola, o CIEE, e vice-presidente do Círculo de Pesquisas Literárias, o CIPEL, para o biênio 2005 e 2006. Em seu último ano de exercício da vice-presidência do CIPEL, passou a integrar como membro de honra correspondente a Academia Uruguaia de História. Participou ainda do Conselho Estadual de Cultura,

¹⁴³ MARCON, Itálico. Irmão Elvo Clemente, mestre, escritor e amigo. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre: CORAG, 1991. n. 11 p. 137.

colaborou na organização da revista *Veritas* e fundou a revista *Letras de Hoje*¹⁴⁴, fundada em 1967.

Sua trajetória marcada pela dedicação às letras e ao ensino foi diversas vezes reconhecida publicamente através de importantes prêmios como o Troféu Gaúcho Honorário, recebido da RBS em 1987; Diploma de Cidadão Emérito de Porto Alegre e Prêmio Literário Érico Veríssimo, ambos propostos pela Câmara Municipal de Porto Alegre, respectivamente em 1991 e 2002; e o título de Professor mais antigo da PUCRS, recebido em nome desta Universidade em 2004.

Sua vida não foi balizada por um único caminho. Durante todo o percurso buscou elevar as letras em todas as suas instâncias, procurando realizar, dentro do possível, um intercâmbio entre a Universidade e a Academia, tão próximas na definição, porém muitas vezes distantes na prática. Além da humildade e a doação, uma vez que se dedicou a descobrir vocações, estimular escritores e formar professores, sua postura agregadora foi uma constante nas associações das quais fez parte. A Academia Rio-Grandense de Letras é um exemplo dessa busca pela união e correlação entre sistemas afins.

Na manhã do dia 19 de setembro de 2007, enquanto se preparava para mais uma aula da disciplina de Crítica Literária, no Programa de Pós-Graduação em Letras, que ajudara a fundar, Ir. Elvo Clemente faleceu deixando inúmeros alunos e colegas que, ao longo de suas trajetórias, puderam contar com o seu apoio.

3.2.3.1 O revitalizador e a Academia Rio-Grandense de Letras

A entrada de Ir. Elvo Clemente na Academia Rio-Grandense de Letras em 23 de setembro de 1964 foi importante para os anos que seguiriam, uma vez que foi ele o renovador da entidade e das atividades acadêmicas, principalmente quando esteve à frente da associação como presidente. Em

¹⁴⁴ **Letras de Hoje**, responsabilidade do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, é um dos poucos periódicos literários que, mesmo depois de quarenta e cinco anos de edição, ainda mantêm a sua publicação.

seus mandatos, atividades como ciclo de palestras e a publicação da *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras* foram aperfeiçoadas e ampliadas.

Com Clemente na agremiação, a sociedade literária prosperou e produziu como pouco havia ocorrido antes. Os calendários de palestras e o prestígio da instituição junto à iniciativa pública foram reestabelecidos. Prova está na cedência pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul de um dos salões mais pomposos do Solar dos Câmara, localizado na rua Duque de Caxias 986, no centro da Capital, para as palestras mensais organizadas pela sociedade literária.

Além disso, o contrato estabelecido com a CORAG, a Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas, garantiu periodicidade à publicação academicista que, por diversas vezes, não havia sido editada com regularidade.

Durante os anos de 2000 a 2001, período em que Ir. Elvo de Oliveira presidiu a entidade, a Academia Rio-Grandense de Letras teve vida exuberante e profícu¹⁴⁵. O ciclo de palestras de 2001 reverenciou centenários e virtudes de escritores e datas: Moysés Vellinho, enaltecido por sua herança de crítica literária; Francisco Ricardo, lembrado em seus poemas e biografia; Guilherme Shultz Filho, poeta e jurista; Cecília Meireles, poetisa da Inconfidência e da ternura; Murilo Mendes, a poesia em pânico; Felipe D'Oliveira, poeta e espadachim; Darcy Azambuja, contista de *No galpão* e dos jogos; os 500 anos, o resgate que não aconteceu; Curt Nimuendaju, morte misteriosa na Amazônia; Raul Bopp, estranhas invenções; Olinto de Oliveira, iluminado fundador de nova luz; do livro *Na formação de consciência*. Além do ciclo de palestras, a Academia chegou a milhares de famílias com os Concursos do Escritor Universitário, promoção conjunta com o CIEE do qual foi presidente pouco tempo depois, em 2004.

Sobre a continuidade do que havia realizado em presidências anteriores, Clemente proferiu algumas palavras durante a sua posse referente ao biênio 2004 a 2006¹⁴⁶:

¹⁴⁵ CLEMENTE, Ir. Elvo. Vida da Academia. **Quando a crônica floresce**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 90-91

¹⁴⁶ CLEMENTE, Ir. Elvo. Saudação Acadêmica. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre: CORAG, 2004. n. 18 p. 22-23.

Em primeiro lugar continuaremos o Ciclo de Palestras, iniciado há 15 anos pelo egrégio colega, vice-presidente Francisco Pereira Rodrigues. No próximo dia 11, acontecerá a primeira palestra em homenagem ao Centenário da morte de Apolinário Porto Alegre. Nas reuniões ordinárias das quintas-feiras, quando não houver palestra, haverá meia hora dedicada à Literatura com exposição de temas, de biografias, recitação de poemas, etc. Está se planejando há mais anos uma reunião ou jornada de Literatura reunindo as Academias de Letras dos três estados do Sul. Continuaremos o Concurso do Escritor Universitário com o CIEE, de que já tivemos duas esplêndidas edições. Desta vez terá um sentido especial o referido Concurso pela celebração dos 35 anos de existência do Centro de Integração Empresa e Escola (CIEE / RS). A Revista da Academia continuará; envidaremos esforços para que o Governo do Estado autorize a edição na Corag. Estreitaremos laços com a Secretaria de Estado da Cultura, mantendo relações com a Secretaria da Cultura do Município de Porto Alegre. Trataremos de organizar a secretaria da Academia, com telefone, computador e outros recursos que facilitam a vida acadêmica no seu dia-a-dia. Para alcançar este desiderato iremos em busca de verbas públicas e particulares. As Letras merecem tratamento condigno dos sócios da Academia e da Sociedade rio-grandense.

Durante o seu mandato, Ir. Elvo Clemente dedicou esforços sem fim para cumprir o que havia planejado juntamente com a os componentes diretivos da Academia. Se, infelizmente, a jornada reunindo as agremiações literárias do Sul do Brasil e a modernização da secretaria acadêmica não foram concretizadas, mas a retomada do convênio com a CORAG tornou-se realidade. Sobre a sua presença e importância, Francisco Pereira Rodrigues destacou¹⁴⁷:

¹⁴⁷ RODRIGUES, Francisco Pereira. Breve história da Revista. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre: CORAG, 2007. n. 21 p. 129.

Em 2004, o eminente Presidente Ir. Elvo Clemente entrou em contato pessoal com o Dr. Irton Feller, então Diretor da Corag e, posteriormente, com os sucessores Dr. Mauro Gotler e Dr. Jorge Drumm, conseguindo restabelecer as antigas relações. E os números 18, 19 e 20 da Revista voltaram à edição da Corag.

A CORAG cumpriu o contrato junto à entidade até o final do mandato de Ir. Elvo Clemente, não assinando novo acordo para futuras edições. A partir do número 22, a Revista passou a ser custeada pela entidade. Tal fato evidencia o quanto a influência de Ir. Elvo Clemente em diversos setores colaborava para que a Academia progredisse. Sem a sua presença, ações como a edição e impressão do periódico acadêmico tiveram de ser repensadas.

Ir. Elvo Clemente legou ao Estado uma vasta produção bibliográfica e a continuidade da renovação do espírito academicista da *Academia Rio-Grandense de Letras*. É claro que a agremiação ainda tem um longo caminho na manutenção do que foi conquistado e na busca pelo que ainda precisa ser melhorado. Seu empenho, seus projetos e suas conquistas fazem deste religioso, professor e homem das letras um raro paradigma para os que aqui ficaram e para os que virão.

4 A REVISTA

4.1 OS PRIMEIROS PERIÓDICOS

No rastro da *Revista Mensal do Partenon Literário* e de outras que colaboraram na consolidação do novo sistema literário rio-grandense¹⁴⁸, a *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras* é representativa para a criação da identidade regional do Rio Grande do Sul¹⁴⁹. Sua história começa, portanto, no início do século XIX com o vencimento dos primeiros jornais do Estado.

O *Diário de Porto Alegre*, fundado em 1º de junho de 1827, marcou o princípio da história da imprensa no Rio Grande do Sul da mesma forma que possibilitou que os gaúchos pudessem divulgar suas contribuições literárias¹⁵⁰. Os periódicos e os folhetos contribuíram determinadamente para a difusão da literatura gaúcha por serem meios mais acessíveis de publicação, na segunda metade do século XIX¹⁵¹. Apesar de divulgar a produção dos homens das letras, os jornais editados, entre eles o *Semanário Oficial*, de 1840, e *O Mercantil*, de 1849, não eram voltados especificamente para a literatura. Somente a partir de 1850, com o surgimento de *O Guaíba*, a literatura enfim encontrou seu espaço.

Com uma tiragem curta, já que suas atividades encerraram em 1858, *O Guaíba* serviu de modelo para os que o sucederam após a segunda metade do século XIX. Sobre a importância desse jornal na difusão da literatura do Rio Grande, Mauro Nicola Póvoas afirma¹⁵²:

¹⁴⁸ ZOHAR, Itamar Even. **Polissistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidade de Tel Aviv, 2007. Disponível em: <<http://www.tau.ac.il/~itamarez>> Acesso em: 12 out. 2011.

¹⁴⁹ As revistas editadas antes da década de 1980 foram encontradas no acervo geral da Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e na Coleção Júlio Petersen, propriedade da mesma Universidade. Os demais exemplares e os nº 1 e nº 2 do *Noticiário da Academia Rio-Grandense de Letras* foram cedidos pela *Academia Rio-Grandense de Letras*.

¹⁵⁰ BARRETO, Abeillard. **Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Comissão executiva do sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Subcomissão de publicações e concursos, 1986. p. 95-103.

¹⁵¹ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **A crítica literária no Rio Grande do Sul: do romantismo ao modernismo**. Porto Alegre: IEL: EDIPUCRS, 1997. p. 65.

¹⁵² PÓVOAS, Mauro Nicola. **Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX**. Porto Alegre, 2005. p. 96.

O Guaíba formou a primeira geração romântica do Rio Grande do Sul, o que significa dizer que, do ponto de vista da evolução literária, o grupo rompe com o passado, já que Maria Clemência da Silveira Sampaio, Delfina Benigna da Cunha, Ana Eurídice Eufrosina de Barandas e Caldre e Fião, primeiros nomes da historiografia literária escrita sul-riograndense, pertenciam a uma fase de transição em que predominava o Arcadismo.

Disfarçada pelo Romantismo, a produção de *O Guaíba* já apresentava posicionamento político e valorizava os costumes gaúchos, o que viria à tona com o Partenon Literário. De acordo ainda com Mauro Póvoas¹⁵³, a temática podia ser ingênua, mas os homens que estavam por trás da produção artística já começavam a pensar a literatura como um bom e possível mercado de trabalho e, também, como palco para as mais diversas manifestações.

O segundo jornal de destaque no Rio Grande, *A Arcádia*, circulou entre 1867 e 1870, tendo como proprietário o português Antônio Joaquim Dias. *A Arcádia* alcançou quatro séries, sendo as três primeiras publicadas em Rio Grande e a última em Pelotas, local para onde seu diretor e dono, Antônio Joaquim Dias, se transferiu.

Com circulação às segundas-feiras, contou com a colaboração dos escritores mais representativos do período. Destacam-se o dramaturgo, jornalista, contista, romancista, poeta e crítico literário Apolinário Porto Alegre, o poeta e ensaísta Aquiles Porto Alegre, o escritor e jornalista Apeles Porto Alegre, o poeta e jornalista Bernardo Taveira Júnior e o jornalista Goldomiro Paredes.

Essas personalidades foram determinantes na *Sociedade Partenon Literário* e na fundação da primeira academia de letras do Rio Grande do Sul., pois o grupo da *Arcádia* influenciou e colaborou no surgimento do Partenon Literário e teve um caráter modelar para alguns aspectos da *Revista Mensal* publicada pelos partenonistas. A semelhança entre as publicações pode estar

¹⁵³ PÓVOAS, Mauro Nicola. **Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX**. Porto Alegre, 2005. p. 96.

conectada à presença de Apolinário Porto Alegre, uma vez que esse estudioso desenvolveu trabalhos na *Arcádia* e em seguida integrou o *Partenon Literário*, no qual exerceu papel importante na publicação de sua *Revista Mensal*¹⁵⁴.

A *Revista Mensal do Partenon Literário*¹⁵⁵, ainda que com interrupções, circulou durante dez anos, ou seja, de 1869 a 1879, totalizando setenta e um exemplares editados¹⁵⁶, organizados em quatro séries. A publicação valorizou o regional através de textos líricos e narrativos. Trazia estudos, monografias, teses, algumas críticas literárias, discursos de sócios, crônicas e um amplo número de poemas. A *Revista* ainda informa que essa agremiação possuía uma numerosa biblioteca, com cerca de cinco mil volumes, que, infelizmente, perdeu-se ao longo dos anos¹⁵⁷.

A agremiação, fundada em 18 de junho de 1868, encerrou suas atividades provavelmente em 1886¹⁵⁸, ano no qual foi registrada publicamente

¹⁵⁴ ZILBERMAN, Regina; SILVEIRA, Carmen Consuelo; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **O Partenon Literário: poesia e prosa**. Porto Alegre: EST; Instituto Cultural Português, 1980.

¹⁵⁵ Apesar de, ao longo de sua existência, ter sido nominada de diversas formas, adota-se como nome Revista Mensal do Partenon Literário por ser este o primeiro nome escolhido pelos agremiados para denominar sua publicação. O mesmo critério foi utilizado por Mauro Nicola Póvoas em seu trabalho de doutoramento. Cf. PÓVOAS, 2005. p.98.

¹⁵⁶ Dados oriundos da tese de Mauro Póvoas. Cf. PÓVOAS, 2005. p. 98

¹⁵⁷ ZILBERMAN, Regina; SILVEIRA, Carmen Consuelo; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **O Partenon Literário: poesia e prosa**. Porto Alegre: EST; Instituto Cultural Português, 1980.

¹⁵⁸ PÓVOAS, Mauro Nicola. **UMA HISTÓRIA DA LITERATURA: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XX**. 2005. 322 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Apesar de a maioria dos textos sobre o Partenon não estabelecerem quando foram encerradas as atividades dos partenonistas, Mauro Nicola Póvoas, em sua tese de doutoramento, informa, em uma nota de rodapé, alguns fatos que elucidam esse momento. A nota informa o seguinte: “a propósito verificar artigo de E. Rodrigues Till, Contribuição à história do Partenon Literário. HESSEL, Lothar F. Et al. **O Partenon Literário e sua obra**. Porto Alegre: Flama; IEL, 1976. P. 186-187, em que é reproduzido um edital, a fim de selecionar projetos para a edificação da sede do Partenon Literário, datado de 9 de janeiro de 1886, publicado no jornal *A Federação* e assinado por Carlos da Gama Lobo d’Eça, 2º secretário da entidade. Em geral, o ano que a crítica marca como o fim da Sociedade Partenon Literário é 1885. Mesmo assim, vez por outra, há referências desconstruídas sobre o fim da entidade. Artigo do *Correio do Povo* afirma que ela existiu “seguramente até as vésperas da Revolução de 1893, quando praticamente se extinguiu”. Ainda o mesmo jornal assinala que, em 1902, um grupo, entre os quais encontravam-se Múcio Teixeira, Benjamin Flores, Carlos Gama Lobo d’Eça, Olinto de Oliveira, João Simões Lopes Neto e Alcides Maia, tentou reviver a sociedade, sem sucesso, esbarrando na extrema rarefação do meio literário do momento. Para isso, ver O que foi e o que fez o Partenon. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p.6, 17 jun. 1948. Moysés Vellinho, em artigo publicado no volume que reuniu as conferências pronunciadas no 1º Seminário de Estudos Gaúchos, realizado em 3 de setembro a 4 de outubro de 1957, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, acrescenta dados à questão polêmica do fim do Partenon Literário: “ em 1888, a sociedade era um fantasma do que fora; às vésperas da Revolução de 1893, consta que houve uma tentativa de reerguimento; em 1902, afinal, um grupo de escritores liderados por Alcides Maia, tentou uma ressurreição, sem sucesso. Em VELLINHO, Moysés. **O Partenon Literário. Primeiro Seminário de Estudos Gaúchos**. Porto Alegre: PUCRS, 1958. p. 25.

a última referência envolvendo trabalhos dessa sociedade. O término da agremiação, até hoje, não foi completamente explicado, sendo causas mais prováveis as relacionadas às divergências políticas e ideológicas entre seus associados, dificuldades financeiras e desistência de alguns membros.

4.2 A REVISTA ACADÊMICA

A publicação da revista sempre foi uma das principais preocupações dos acadêmicos. Logo após a divulgação de notícia acerca da solenidade inaugural da agremiação, foi publicada, em 10 de dezembro de 1901¹⁵⁹, uma nota informando que seria distribuído, em seguida, o primeiro exemplar do periódico acadêmico. Para esse volume, estava prevista a publicação um grande número de documentos e produções literárias voltadas aos estudos literários e históricos. Apesar da promessa, impedimentos econômicos fizeram essa proposta só se concretizar em 1910.

A revista acadêmica foi publicada em diferentes momentos da existência da *Academia Rio-Grandense de Letras*, sendo o período mais conturbado o da coexistência¹⁶⁰ de duas entidades representantes das letras gaúchas.

Os primeiros números foram divulgados mensalmente entre 1910 e 1913, período em que a instituição foi nomeada *Academia de Letras do Rio Grande do Sul*. Após os primeiros volumes, a frequência das edições não se manteve. Alguns exemplares abarcaram vários meses, como, por exemplo, um que abrangia trabalhos produzidos entre dezembro de 1911 a abril de 1912¹⁶¹.

Durante o período que antecedeu a unificação da agremiação, ocorreram edições paralelas, sendo algumas divulgadas pela *Academia de Letras do Rio Grande do Sul*, em sua retomada de atividades, entre 1936 e

¹⁵⁹ *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 1, 10 dez. 1901.

¹⁶⁰ Período em que existiram duas entidades acadêmicas voltadas às letras do Rio Grande. Após unificação, em 1944, o Estado voltou a ter apenas uma academia.

¹⁶¹ É importante ressaltar que, assim como a entidade teve seu nome alterado a cada retomada de atividades, a revista acompanhou essas acontecimentos. As tabelas da próxima página organizam as edições conforme seus nomes/fases.

1942, e outras pela *Academia Rio-Grandense de Letras*, também em um segundo momento, correspondendo aos anos de 1936 e 1937¹⁶².

Uma vez pacificamente unificada, a entidade, agora *Academia Sul-Rio-Grandense de Letras*, seguiu com a revista, tendo publicado seis exemplares entre 1940 e 1950. Alguns anos mais tarde, mais especificamente em maio de 1963, foi retomada a primeira denominação da entidade, *Academia Rio-Grandense de Letras*, a fim de que o momento de sua edificação e os seus sócios-fundadores fossem homenageados. Devido à falta de patrocinadores, somente dezessete anos depois, no ano de 1980, um novo volume foi lançado. Apesar das dificuldades envolvendo o financiamento da edição e de impressão, dos exemplares, desde essa data a divulgação dos trabalhos dos agremiados é feita de forma ininterrupta. O último número editado, o vinte e três, foi divulgado em 2012¹⁶³.

Os quadros abaixo oferecem maiores detalhes, organizando as revistas¹⁶⁴ de acordo com o nome vigente da sociedade¹⁶⁵:

Academia de Letras do Rio Grande do Sul – 1ª fase – Ano I

Número	Mês	Ano
---	---	1910
II	setembro	1910
III	outubro	1910
IV	novembro	1910
V	dezembro	1910
VI	janeiro/maio	1911
VII	junho/agosto	1911
VIII	setembro/novembro	1911
IX	dezembro 1911/abril 1912	1912
X	junho	1912
XI	julho 1912/abril 1913	1913
XII	maio/novembro	1913

¹⁶² Infelizmente, apesar das pesquisas realizadas não foram encontrados até o momento da análise do corpus e redação do trabalho nenhum dos exemplares editados durante a década de 1930 e o início da de 1940. Esses números foram listados pela edição comemorativa da *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras* de 1989. Nem mesmo a instituição possui qualquer cópia desses materiais. Apenas alguns dados sobre as Revistas foram encontrados em notícias vinculadas na imprensa durante o tempo em que circularam.

¹⁶³ O volume não compôs o *corpus* da tese por ter sido divulgado após a conclusão do estudo acerca da revista acadêmica.

¹⁶⁴ É importante destacar que em alguns casos não se obtiveram dados por não se ter notícia do volume em questão.

¹⁶⁵ Relação das edições da Revista da Academia Rio-grandense de Letras informada pela *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*, Porto Alegre, n. 9, 1989.

Academia de Letras do Rio Grande do Sul – 2ª fase – Anos II, III e IV

Número	Mês	Ano
I	maio	1936 – Ano II
II	setembro	1936 – Ano II
III	janeiro	1937 – Ano II
IV	agosto	1937 – Ano III
V	---	1938 – Ano III
1	---	1939 – Ano III
2	outubro	1940 – Ano III
3	julho	1941 – Ano III
4	dezembro	1942 – Ano IV

Academia Rio-Grandense de Letras

Número	Mês	Ano
1	julho	1936
2	Janeiro/junho	1937
3	dezembro	1963

Academia Sul-Rio-Grandense de Letras

Número	Mês	Ano
1	junho	1948
2	dezembro	1949
---	---	1951/1952

Academia Rio-Grandense de Letras

Número	Mês	Ano
1	julho	1980
2	---	1982
3	---	1984
4	---	1985
5	---	1986
6	---	1987
7	---	1987
8	---	1988
9	---	1989
10	---	1990
11	---	1991
12	novembro	1993

13	janeiro	1997
14	janeiro	1998
15	janeiro	1999
16	maio	2000
17	outubro	2002
18	---	2004
19	---	2005
20	---	2006
21	---	2007
22	---	2008 / 2009
23	---	2012

Em 1910, nove anos, portanto, após seu erguimento e fugindo às intenções iniciais de logo fazer circular um periódico acadêmico, a Academia Rio-Grandense de Letras passou a editar a *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*. De acordo com Even Zohar¹⁶⁶, escritores, revistas literárias e crítica literária são fatores literários e não há possibilidade de antever que atividades dentre essas são, em um determinado período, a literária por excelência.

Dos doze exemplares correspondentes à década de 1910, até o princípio da redação deste trabalho, onze estavam disponíveis: nº. I, 1910; nº.II, setembro, 1910; nº 3, outubro, 1910; nº IV, novembro, 1910; nº. V, dezembro, 1910; nº. VI, janeiro/maio, 1911; nº VII, junho/agosto, 1911; nº VIII, setembro/novembro, 1911; nº. IX, dezembro 1911/abril 1912; nº. XI, julho de 1912 a abril de 1913; nº.XII, maio a novembro, 1913.

Os exemplares pertencentes aos dois grupos editados após a década de 1910, sendo o segundo de 1936 a 1942 e o terceiro de 1936 a 1963, não foram encontrados. Referentes às décadas de 1940/1950 foram localizados três exemplares e a de 1980 encontraram-se todos os números disponíveis¹⁶⁷.

¹⁶⁶ El sistema literario. **Polissistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007. p. 5.

¹⁶⁷ O conjunto de revistas utilizadas como *corpus* deste trabalho foi selecionado a partir dos arquivos da Academia Rio-Grandense de Letras e da Biblioteca Central da PUCRS. A pesquisa e seleção de materiais findou no mês de julho de 2012. As pertencentes à década de 1980 foram cedidas pela Academia e as correspondentes à 1910 e 1940/1950, pela Biblioteca Central da PUCRS. Em relação às encontradas na Biblioteca Central da PUCRS, é importante ressaltar que estão catalogadas na Biblioteca Júlio Petersen, que ainda está em processo de catalogação. Logo, é fato que, após o momento em que a análise do *corpus* principiou, novas revistas foram adicionadas ao catálogo e, uma vez que outras ainda serão, procurou-se estabelecer um momento para que a seleção do *corpus* (julho de 2012). Por essa razão, neste capítulo são analisadas as revistas do período compreendido de 1910 a 1913, 1948 a 1951 e 1980 a 2012.

Como as revistas localizadas concentram-se em três dos cinco grupos nos descritos, a análise dos artigos seguirá a seguinte ordem: década de 1910; década de 1940 e 1950, e década de 1980¹⁶⁸.

Norteadas pelas regras regimentares da associação, as comissões editoriais, já nas primeiras edições, dedicaram espaço para as propostas textuais que destacavam a literatura e o tradicionalismo do Rio Grande. Cada período da publicação passou por diversas mudanças como, por exemplo, as relacionadas à sua nomenclatura e organização, mas manteve a temática voltada à valorização e resgate da cultura rio-grandense.

4.2.1 A década de 1910

Durante o governo de Carlos Barbosa Gonçalves¹⁶⁹, que substituiu Borges de Medeiros no comando da Província, as atividades no campo das belas artes ainda fluíam sob as luzes do princípio do século inaugurado há

¹⁶⁸ As temáticas predominantes foram as envolvem a produção literária, a tradição e história do Rio Grande. Já que os dois primeiros grupos são compostos, respectivamente, por apenas cinco e três revistas, os artigos, considerando os temas mais frequentes, serão analisados em sua totalidade. O terceiro agrupamento de revistas é composto por vinte e dois volumes, somando aproximadamente quatrocentos trabalhos. Por esse motivo, a última análise será diferenciada, utilizando os artigos mais exemplares da literatura e tradição rio-grandenses organizados em subcapítulos, por serem, quando comparados aos outros dois grupos, mais numerosos.

¹⁶⁹ Carlos Barbosa Gonçalves (Pelotas, 8 de abril de 1851 – Jaguarão, 29 de setembro de 1933) foi um médico e político brasileiro, governador do Rio Grande do Sul durante a República Velha; senador, deputado e secretário de Estado. Na presidência da Constituinte, empenhou-se na promulgação da constituição escrita pelo líder de seu partido, Júlio Prates de Castilhos, que seria eleito presidente do Estado de Rio Grande do Sul. Em 25 de julho de 1893 foi nomeado por Júlio de Castilhos como o primeiro vice-presidente do Estado. Em 1899 e 1903, recusou convites para concorrer a deputado e a senador pelo Rio Grande do Sul ao Congresso Nacional, preferindo permanecer no Estado. O mandato de Carlos Barbosa no legislativo gaúcho foi renovado pelo eleitorado até 1907, período em que se manteve como presidente da Assembleia.

Em 1907, o então governador do Estado, Antônio Augusto Borges de Medeiros, depois de dez anos no comando do executivo, encontrava-se impedido de se reeleger. Borges de Medeiros escolheu pessoalmente Carlos Barbosa para a sucessão no governo estadual. Barbosa foi eleito com ampla maioria: 61.073 votos, enquanto seu adversário Fernando Abbott, conquistou 16.431 votos. Tomou posse em 1908, governando até 1913. Em 25 de janeiro de 1913, entregou o poder a Borges de Medeiros, regressando para Jaguarão. Voltou à cena política em 1920, quando foi eleito senador da República, cargo ao qual foi reconduzido em 1927. Entretanto, em 1929, com 78 anos de idade, renunciou ao cargo por problemas de saúde e regressou a Jaguarão, onde faleceu com 82 anos. A cidade de Carlos Barbosa foi assim nomeada em homenagem ao ex-governador do Estado.

pouco tempo. É em meio ao poder das oligarquias do charque que Simões Lopes Neto presenteia o Rio Grande com suas obras, *Cancioneiro Guasca* (1910), *Contos Gauchescos* (1912), *Lendas do Sul* (1913) e *Casos do Romualdo* (1914), e Academia Rio-Grandense de Letras, sob a presidência de Mario Totta, retoma as atividades e inicia a publicação de seu periódico, a *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*.

Cada momento das edições das revistas tem uma organização específica¹⁷⁰. As capas continham, além de informações como título, ano, número, período e ano da publicação, o sumário, com o título das matérias e nome dos autores dos trabalhos. A principal intenção, ao apresentar o conteúdo do volume logo na capa, era adiantar aos que pretendiam adquirir um exemplar quais agremiados colaboraram na Revista e os temas e os gêneros textuais selecionados. Considerando que a venda do periódico consistia em uma das únicas formas de custeio das diagramações e impressões, a informação do conteúdo em um local de fácil visualização tornava a escolha dos leitores mais dinâmica.

A numeração das páginas era contínua e um exemplar dava continuidade ao outro. A distribuição e o financiamento do material ficaram a cargo da própria entidade que, para manter as impressões ininterruptas, utilizava a verba oriunda das vendas das assinaturas e dos anúncios publicitários que encerravam cada número. O valor do comercial variava de acordo com o espaço que ocupava, sendo contratado sempre em regime anual: meia página custava 25000 reis e uma inteira 50000 reis.

Nos editados na década de 1910, os leitores tinham a possibilidade de se tornarem assinantes. A Comissão de Publicismo e Crítica, responsável pela edição, informou que o valor da assinatura era de 8000 reis anuais, correspondendo a doze revistas. O exemplar avulso podia ser adquirido no escritório da entidade, localizado na rua da Ladeira, 41, atual rua General Câmara, no centro da Capital, por 1000 reis. No mesmo espaço foi enfatizado que as impressões, realizadas pela Livraria Americana, ocorreriam em épocas incertas sendo, portanto, difícil informar o período que separaria um volume do outro.

¹⁷⁰ Uma constante é que em nenhum dos exemplares a tiragem é informada.

Em relação à organização dos artigos não existia padrão definido, sendo alternados diferentes temas e gêneros textuais. As únicas condições para que um trabalho figurasse era ser produção inédita e de autoria de um agremiado.

As revistas desse período eram encerradas pela única sessão fixa, a “Fastos da Academia”, na qual eram noticiados eventos, visitas, renúncias, preenchimento de cargos, recepção de novos acadêmicos e assuntos polêmicos, todos envolvendo a entidade e seus membros. A exceção é o exemplar IX, correspondendo aos meses de dezembro a abril. Ao contrário das demais, essa edição apresentou uma nova sessão, a “Annaes da Academia”, que equivalia a “Fastos da Academia”.

Sob a presidência de João Maia, que assumiu o cargo após a renúncia de César de Castro, em 5 de julho de 1910, as comissões responsáveis pelas primeiras revistas estavam assim constituídas¹⁷¹:

- Diretoria de Honra: Aquiles Porto Alegre, Zeferino Brasil e Pinto da Rocha. Junta administrativa: João Maia, presidente; Luiz Mariano da Rocha, vice-presidente; Lindolfo Collor, secretário; João Paulo Ribeiro, tesoureiro, Irineu Trajano, bibliotecário.
- Comissão de História Geral: João Paulo Ribeiro, Ezequiel Ubatuba, Irineu Trajano.
- Comissão de Publicismo e Crítica: João Maia, Aquiles Porto Alegre, Lindolfo Collor.

Os sessenta e oito artigos produzidos entre 1910 e 1913 tinham como tema mais frequente as letras, a tradição e a história rio-grandenses. Exemplos são os trabalhos “Renascença literária”, de Aquiles Porto Alegre, e o conto “Negro Bonifácio”, de Simões Lopes Neto. Desse total, dezoito foram relacionados de acordo com essas temáticas. Os demais apresentavam temas

¹⁷¹ A substituição do acadêmico Lindolfo Collor pelo sócio Luiz Mariano da Rocha foi a única alteração nas comissões responsáveis pela Academia e seu periódico até o cessar momentâneo das edições.

variados, entre estudos linguísticos, discursos e relatos de palestras assistidas por agremiados. O gênero predominante é a poesia, tendo como colaboradores mais assíduos o historiador Irineu Trajano e o príncipe dos poetas, Zeferino Brasil.

O fato de esses trabalhos retomarem a história da literatura rio-grandense e reproduzirem a linguagem e os costumes do gaúcho atribui a cada um deles valor literário, histórico e cultural inestimáveis. Além disso, tais abordagens confirmam as ideias de renovação e reformulação, amplamente difundidas na virada do século XX. Da mesma forma que diversas áreas objetivam firmar-se neste momento de transição, a Academia Rio-Grandense de Letras também busca reforçar os alicerces do sistema no qual se insere, o sistema literário gaúcho. Para isso, solidifica o seu identitário através de estudos que promovam suas produções e cuidem dos aspectos que as compõem. Uma vez que os sistemas devem estar interligados para existirem, não se pode preservar a literatura sem garantir a continuidade do sistema que a compõe e no qual ela se insere. Por isso, apesar de ser uma entidade que visa à manutenção das belas artes, também se preocupa em divulgar amplamente os costumes gaúchos¹⁷².

A fim de que a preferência pelos assuntos sul-rio-grandinos fique evidente, foram selecionados oito dos dezoito textos sobre essa temática para que se possa verificar como os acadêmicos abordaram os assuntos que representam a literatura e cultura do Estado.

“Renascença literária”, de Aquiles Porto Alegre, que aparece no número dois, reconstrói a história daqueles que foram pedras fundamentais na formação e progresso da literatura gaúcha. Como não poderia deixar de ser, até mesmo pela sua trajetória, o autor inicia sua narrativa no dia 18 de junho de 1868, data da fundação do Partenon Literário, primeira agremiação literária do Estado.

No período em que Porto Alegre situa sua narrativa, a Província sentia os reflexos da crise financeira oriunda dos gastos que o Império teve com a

¹⁷² Como o período em questão produziu um número pequeno de artigos, é possível que sejam tecidos comentários sobre cada um dos produzidos sob a temática literatura e manutenção das tradições rio-grandenses. Os textos serão comentados em ordem crescente de publicação, partindo do número II da revista.

Guerra do Paraguai, da mesma forma que, assim como o restante do País, começava a questionar a escravidão, uma vez que os que participaram dessa luta armada entre nações permaneceram escravos. É nesse contexto que destaca a presença de Eudoro Berlink e Bernardo Taveira Júnior que, mesmo jovens e inexperientes, corajosamente colaboraram com Apolinário Porto Alegre na fundação da Sociedade Partenon Literário, agremiação que escreveu uma das páginas da literatura do Rio Grande, alfabetizando, divulgando a literatura e lutando pela abolição da escravatura.

O texto de Aquiles Porto Alegre valoriza os que partiram e os que, naquele período, ainda figuravam nas entidades voltadas ao estudo e divulgação da literatura e história gaúchas. As palavras do escritor mais uma vez reforçam a continuidade e a manutenção dos feitos daqueles que construíram, através de seus atos, a uma parte da história e da literatura rio-grandina.

Simões Lopes Neto é autor dos demais trabalhos de cunho literário¹⁷³. O idealizador de *Lendas do Sul* exalta a história do Rio Grande, seu linguajar, comportamento e, principalmente, a figura do gaúcho através de um discurso proferido durante a sessão de aniversário da agremiação, da qual foi orador oficial, e de três contos, na época ainda inéditos. Nesse pronunciamento, Lopes Neto destacou o desenvolvimento do Estado, passando pelos primeiros momentos da literatura gaúcha até chegar à fundação da *Academia de Letras do Rio Grande do Sul*, erguida sob o nome *Academia Rio-Grandense de Letras*.

Em seu texto, enfatiza que o mais importante é valorizar as letras e o esforço para divulgá-las em vez de realçar o talento e a obra do escritor. Para ele, a Academia está acima das individualidades, é um ambiente de troca, onde se deve harmonizar o convívio de tendências opostas, sempre enaltecendo o que nasceu e foi produzido em solo rio-grandense. A divulgação da produção do Rio Grande é, segundo suas palavras, preocupação principal da instituição e de seus membros.

¹⁷³ “Pedras” (set. 1910; n. II); “O gringo das linguças” (jan. a maio 1911; n. VI); “A recolhida” (jun. a ago. 1911; n. VII); “Discurso proferido na Academia de Letras do Rio Grande do Sul – sessão de aniversário de 11 de junho” (set. a nov. 1911; n. VIII); “O negro Bonifácio” (dez. a abr. 1912; n. IX).

Seus outros trabalhos, os contos “A recolhida”, do livro escolar *Terra gaúcha*, *Casos do Romualdo* e *O negro Bonifácio*, assim como seus demais contos e lendas valorizam a história do gaúcho e suas tradições. Não se pode pensar na herança cultural do Estado sem lembrar esse pelotense, considerado o autor que melhor representou a cultura de sua terra. O autor de *Lendas do Sul* o faz com marcante traço regionalista, apresentando uma linguagem típica e reconstruindo histórico e culturalmente episódios como a Revolução Farroupilha e a Guerra do Paraguai.

Esses artigos iam na contramão do desenvolvimento acelerado ocorrido no início do século XX. Enquanto arranha-céus eram projetados, a sociedade, munida de seu papel crítico, valorizou as tradições do povo gaúcho com a colaboração de seus associados, devendo ser destacada, dentre eles, a figura de Simões Lopes Neto.

A importância da questão da preservação da cultura rio-grandense, assunto recorrente nas produções literárias nesse momento, ficou mais evidente em uma página intitulada “Apelo à imprensa e aos acadêmicos”¹⁷⁴, na qual a instituição solicitou à imprensa e aos acadêmicos que todos colaborassem na reunião de documentos representativos do legado de crenças do povo gaúcho. O pedido enfatizou a importância que os materiais encontrados teriam para os estudos etnográficos, uma vez que os meios jornalísticos são fontes contribuintes da literatura regional, já que publicam e divulgam as mais diversas produções escritas.

A entidade sugeriu que esses órgãos recolhessem de suas colunas toda e qualquer tradição, seja em prosa, verso, lenda, romance, conto ou quadrinha, conservando, se possível, os termos escolhidos por seus autores. Esses documentos seriam encaminhados à instituição e, a seguir, publicados pela *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras* com as devidas notas de procedência. A tarefa também foi solicitada aos acadêmicos, pedindo que esses colaborassem repassando à associação materiais que poderiam interessar. A intenção ao divulgar tal nota era recolher o maior número a fim de preservar a memória do povo gaúcho, dando a possibilidade de o mesmo conhecer as suas origens e costumes. Infelizmente, o *corpus* na época

¹⁷⁴ **Apelo à imprensa e aos acadêmicos.** Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, ano I, nº II, set. 1910.

organizado foi extraviado em uma das inúmeras mudanças pelas quais a congregação literária passou até ter sua própria sede.

O historiador Miguel Pereira realizou um estudo que foi lido em sessão da Academia em 11 de junho de 1911 e depois teve espaço nas páginas da revista. Nessa pesquisa, realiza um breve levantamento de fatos da história mundial, para o desenvolvimento da sociedade que, no final do século XIX e no início do XX, vivia o apogeu da segunda Revolução Industrial. No Rio Grande do Sul, no âmbito cultural, o acadêmico destaca o surgimento da *Academia Rio-Grandense de Letras*, representante das belas letras gaúchas. O trabalho enfatiza, além da fundação, a importância dessa entidade para o povo gaúcho¹⁷⁵:

Como é preponderante o papel da história em todos os departamentos do saber humano, nós a cultivaremos com carinho especial, estudando-a desde os primórdios, estabelecendo a relação entre os fatos atuais e os que lhe estão afastados, ligados entre si pela cadeia harmoniosa de leis imutáveis que superficialmente não percebemos e só estudos muito conscienciosos e demorados puderam determinar com precisão... necessariamente encontrarão, rebuscando arquivos empoeirados, a notícia de que, em Porto Alegre, um punhado de cidadãos onde havia um grupo desprezado e de boa vontade que erigiu esse templo modesto que se chama Academia de Letras do Rio Grande do Sul. (pág. 274-276)

Em outro ensaio, também da autoria de Miguel Pereira, “Imigrantes”¹⁷⁶ propõe uma reflexão a partir de uma situação do cotidiano do narrador, na qual observa uma família de imigrantes e pensa sobre as adversidades que os mesmos passam ao chegar à nova terra. A reflexão resulta de um período no

¹⁷⁵ **Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, nº. IX, ano I, dez./abr. 1912.

¹⁷⁶ **Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, nº. VIII, ano I, setembro/novembro 1911.

qual diversos imigrantes, principalmente italianos e alemães, mudaram-se para o Rio Grande do Sul, trazendo a essa terra novos tons.

As revistas da década de 1910 comprovam a preferência por assuntos históricos e pela valorização das tradições e dos costumes de quem nasceu no Rio Grande.

4.2.2 As décadas de 1940 e 1950

A década de 1940 e o início da de 1950 não marcaram somente a vida da Academia Rio-grandense de Letras, mas também a do Rio Grande do Sul. A Capital dos gaúchos crescia positivamente em diversos setores como a indústria, a construção civil, a saúde e a educação atingindo, com o auxílio de José Loureiro da Silva, o *status* de metrópole devido às diversas obras voltadas à urbanização.

Acompanhando as modificações urbanas e o amadurecimento intelectual da população que, cada vez mais, voltava sua atenção às artes, a entidade fundada por Olinto de Oliveira, que, desde 1942, não editava sua revista, retomou as publicações em 1944. Durante as décadas de 1940 e 1950 foram editados seis números do periódico da instituição, sendo três publicados pela Academia de Letras do Rio Grande do Sul, nos anos de 1940, 1941 e 1942 e três pela já unificada Academia Sul-Rio-Grandense de Letras, nos anos de 1948, 1949 e 1951.

Além da edição de suas revistas, a Academia Rio-Grandense de Letras, nessa fase, editou, respectivamente em outubro de 1941 e dezembro de 1941, dois números de um breve *Noticiário da Academia Rio-Grandense de Letras* que tinha como objetivo, conforme o próprio título sugere, informar sócios-efetivos, correspondentes e entidades congêneres das últimas novidades sobre a congregação literária. Nesses exemplares, foram divulgadas notas de pesar pela morte de associados e pessoas que colaboraram com a associação, na sessão “Notícias rápidas” as novidades relacionadas à agremiação e, na contracapa, a biografia de alguns patronos.

A intenção ao divulgar o noticiário foi, primeiramente, não deixar os eventos sem promoção, uma vez que as publicações da agremiação eram impressas sem regularidade e, em segundo lugar, separar os trabalhos acadêmicos das informações sobre atividades variadas, dando aos estudos dos associados um caráter diferenciado e especial. Por motivos financeiros, uma edição apenas para novidades e acontecimentos não prosseguiu fazendo com que essas notas voltassem a frequentar as páginas da publicação acadêmica. Em 1942, foi publicado o último exemplar da revista antes de novo recesso¹⁷⁷.

As revistas editadas após a unificação de 1944, assim como as da década de 1910, também tiveram o seu nome adaptado ao momento pelo qual a Academia passava, sendo o periódico identificado como *Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras*. O periódico tinha um caráter semestral podendo ser adquirida na sede da entidade, que ficava localizada na rua Riachuelo, 1307, no centro da Capital, ao custo de Cr\$ 20,00 o exemplar avulso.

A numeração das páginas, ao contrário das primeiras edições, não era contínua, iniciando a cada número. Outro dado importante é que as páginas publicadas anos antes não foram contabilizadas e, portanto, a contagem dos exemplares iniciou pelo fascículo um. O segundo diferencial é a não abertura aos informes publicitários que anteriormente colaboravam na concretização do trabalho da associação. Em comum com a formação anterior, seguem as dificuldades relacionadas ao patrocínio. As edições de 1948 e 1949, respectivamente 1 e 2, tiveram o apoio do então interventor do Estado Cilon Rosa¹⁷⁸ e a edição correspondente a 1951 e 1952 foi financiada pela Academia e impressa pela gráfica da Livraria do Globo.

As capas dos dois volumes patrocinados pelo Estado mantiveram o mesmo padrão, nelas contendo o nome do periódico, local de publicação, número e data. Além disso, foi estampada no meio da página a insígnia da congregação literária. A edição de 1951 e 1952 apresentou, além da sua

¹⁷⁷ Para apreciação dos trabalhos editados na década de 1940 e início da de 1950 foram localizadas o conjunto que corresponde aos anos de 1948, 1949 e 1951, num total de três exemplares.

¹⁷⁸ Nos exemplares consta o financiador das edições, porém os responsáveis pela edição e impressão não foram informados.

identificação, o endereço da sede da instituição, localizada à rua Riachuelo, 1307, a diretoria vigente, o ano e a gráfica à qual coube a tarefa de entregar ao público o trabalho dos agremiados.

O sumário dos exemplares publicados na década de 1940 também foi disposto de forma diferente da edição que inaugurou os estudos de 1950. Nas primeiras, foram informados o nome dos participantes e seus respectivos textos que pertenciam a diferentes gêneros textuais e não seguiam nenhuma logicidade quando às suas disposições ao longo da Revista. O fascículo de 1951 e 1952 diferiu dos dois que o antecederam apenas em relação à numeração das páginas, já que nessa última os trabalhos foram apresentados segundo seus posicionamentos dentro da edição. Em relação às sessões, somente os números 1 e 2 tiveram uma sessão fixa, a “Vida Acadêmica”, que informava os eventos promovidos pela Academia e aqueles dos quais seus membros haviam participado. Além de não ser uma edição numerada, mesmo sendo a consecutiva do segundo volume, a última edição que antecedeu o novo recesso não apresentou sessões novas nem manteve a criada nas publicações que a antecederam.

Um dos aspectos editoriais que foi bastante modificado diz respeito à quantidade de textos que compõem os fascículos desse período. Desde a última publicação, referente à década de 1910, o número de trabalhos, em alguns casos, mais que dobrou, chegando a vinte e cinco contra apenas sete dos exemplares que mais apresentaram artigos¹⁷⁹.

Sob a presidência de Mozart de Mello, as edições de 1948 e 1949 foram desenvolvidas com a colaboração da Comissão de Publicações composta pelos acadêmicos Alcides Gonzaga, presidente do grupo editorial; Gevaldino Ferreira, como secretário; e Propício da Silveira Machado; Ari Martins e Carlos de Azevedo Légori como associados colaboradores. Já a edição de 1951 e 1952 não apresentou um grupo responsável pela realização da edição, cabendo o trabalho à presidência da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras. Compunham a equipe diretiva Mario Bernd, presidente; João Antunes de Matos, vice-presidente; Bento Fernandes, secretário geral; Cel.

¹⁷⁹ Revistas nº II / 1910 e nº VI / 1911.

Antônio Dias de Oliveira, subsecretário; Dario de Bittencourt, tesoureiro; e Alcides Miller, bibliotecário.

Em relação aos temas, continuaram predominando, apesar do significativo aumento de textos por exemplar, literatura, tradição e aspectos da história rio-grandenses. Os trabalhos selecionados eram de diferentes gêneros sendo que poemas, artigos, contos, saudações, críticas, estudos linguísticos e comentários literários compunham a maior parte. Se os temas voltados ao que dizia respeito ao Rio Grande sustentavam a revista, os demais estudos foram dispostos de acordo com a proposta de cada autor, procurando sempre alternar composições poéticas e narrativas.

Nesse período foram divulgados cinquenta e nove trabalhos, sendo, desse total, treze dedicados à literatura, história e tradição do Estado. O número um, de 1948, é composto por vinte e quatro trabalhos, todos precedidos pela nota “No limiar”¹⁸⁰, na qual foram esclarecidas a situação da entidade e a demora em levar ao conhecimento do público um novo volume da sua revista. Os exemplares de 1949 e 1951, também editados nesse momento, eram constituídos, respectivamente, por dezessete e dezoito trabalhos¹⁸¹.

A preferência pelos temas já mencionados pode ser justificada por dois aspectos: primeiro, o caráter literário da entidade e, segundo, o momento de efervescência cultural, com o aumento do interesse da população por tudo o que estava voltado às artes e à cultura. A organização da ronda gaúcha, no Colégio Júlio de Castilhos em 1947, a fundação do CTG 35, em abril de 1948 e a realização do 1º Congresso Tradicionalista Gaúcho, em 1954, confirmam o quanto foi intensa a movimentação entre o final dos anos 40 e o início dos 50. Ainda nessa ocasião são reconhecidos nacionalmente por suas colaborações, dentre outros nomes, Barbosa Lessa e Paixão Cortes, pelo renascimento da figura do gaúcho, Aldo Locatelli, por suas pinturas, e Manoelito de Ornellas, autor de *Gaúchos e beduínos*.

¹⁸⁰ A nota de abertura da primeira edição da revista, após anos de inatividade, informa que a vida da instituição, mesmo após a fusão pela qual passou em 1944, era precária, uma vez que não possuía verba para fazer a manutenção de seus compromissos e a divulgação dos trabalhos dos acadêmicos. Outro empecilho decorria da falta de sede própria, questão que só foi resolvida no final da década de 1990. A retomada das atividades ocorreu graças à subvenção do Interventor do Estado, Cilon Rosa.

¹⁸¹ Os trabalhos relacionados à temática literatura, história e tradicionalismo rio-grandenses são distribuídos nas revistas da seguinte forma: edição de 1948, seis; de 1949, três; e de 1951, quatro.

Os cinco textos voltados ao estudo do literário, que compõem os três números dessa fase, têm como objetivo o resgate das origens do movimento academicista do Rio Grande do Sul. Para isso, os agremiados proferiram palavras acerca de duas das mais importantes instituições acadêmicas gaúchas, a Sociedade Partenon Literário e a Academia Rio-Grandense de Letras em três estudos¹⁸².

“Por entre duas épocas”¹⁸³, de Álvaro Porto Alegre, apresentou o dia 18 de junho como uma data culminante na história do Rio Grande do Sul, pois nesse dia, em 1868, foi fundado na Capital o Partenon Literário e, em 1944, também em Porto Alegre, foi organizada a *Academia Sul-Rio-Grandense de Letras*, através da fusão da *Academia de Letras do Rio Grande do Sul* e da *Academia Rio-Grandense de Letras*, da qual foi reconhecida como única continuadora.

O dia 18 de junho de 1944 prende-se ao 18 de junho de 1868 por poderoso elo que não poderá ser destruído. O Partenon foi uma grande força nas letras gaúchas, expandindo-se através dos anos e ressurgindo em 1944 na figura da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras, sua continuadora, conforme as palavras a seguir¹⁸⁴.

A Academia Sul-Rio-Grandense de Letras assume grave responsabilidade como continuadora da obra portentosa do Partenon Literário. As gerações futuras hão de procurar saber o que fez, qual o seu papel no cenário das letras, o que deixou de útil e notável, de proveitoso e de saber, uma vez que houve a feliz ideia, a grandiosa ideia de fazer surgir da fusão de duas academias de letras a Academia Sul-Rio-Grandense de Letras, no já histórico 18 de junho de 1944.

¹⁸² Uma vez que foram localizados apenas três exemplares publicados nas décadas de 1940 e 1950, serão comentados os treze artigos dedicados ao estudo da literatura e à memória cultural gaúcha. O intuito ao retomar o que foi proposto em cada um deles é demonstrar de que maneira cada acadêmico buscou o resgate da produção e dos valores do Rio Grande.

¹⁸³ PORTO ALEGRE, Álvaro. Por entre duas épocas. **Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 1, 1948.

¹⁸⁴ PORTO ALEGRE, Álvaro. Por entre duas épocas. **Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 1, 1948.

As palavras de Álvaro Porto Alegre reforçam a ideia de que a Sociedade Partenon Literário inspirou os sócio-fundadores da Academia Rio-Grandense de Letras da mesma forma que continuava a empolgar os acadêmicos, uma vez que todos defendiam amplamente a ligação entre as duas entidades.

No número seguinte¹⁸⁵, Álvaro Porto Alegre segue destacando a importância da sociedade fundada em 1868 através de discurso proferido durante a solenidade que culminou na unificação das instituições, em 1944. O pronunciamento foi o último da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, na sede da Academia Rio-Grandense de Letras, minutos antes da fusão das duas entidades, representando um dos momentos mais significativos na história da instituição. O acadêmico enfatiza que o Partenon Literário assinala o primeiro período de séria organização literária do Estado e que as agremiações surgidas após o mesmo seguem uma tradição iniciada com o intuito de preservar e divulgar as letras gaúchas.

Seguindo a proposta de Álvaro Porto Alegre, “Literatura gaúcha no século XX”¹⁸⁶, de autoria de Antônio Carlos Machado¹⁸⁷, mais uma vez homenageou a Sociedade Partenon Literário, organizando a literatura rio-grandense em dois momentos: antes e depois da fundação dessa entidade.

¹⁸⁵ ALEGRE, Álvaro Porto. Partenon Literário. **Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 2, 1949.

¹⁸⁶ MACHADO, Antônio Carlos. Literatura gaúcha no século XX. **Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 2, 1949.

¹⁸⁷ Antônio Carlos Machado: Advogado, jornalista e escritor nasceu em Santiago, RS, em 27 de outubro de 1916 e faleu em 1991 na cidade de Passo Fundo, RS. Com demorada passagem pela imprensa do Rio de Janeiro, onde exerceu múltiplas atividades no vespertino "A Noite" e em outros importantes periódicos da época, entre eles "A Vanguarda", na qual ocupou o cargo de redator-chefe, após a gestão de Oséias Motta, o autor foi também colaborador da revista *Província de São Pedro*, fundada por Moysés Vellinho e da *Revista do Museu Júlio de Castilhos*, quando dirigia essa publicação o professor Dante de Laytano. Escreveu no *Correio do Povo* a partir de 1948. Por esse tempo lançou o mensário *Querência* que, apesar das poucas edições, marcou interessante momento na revalorização do regionalismo rio-grandense liderada pelo 35 - C.T.G., de cujos primórdios participou, ao lado de Manoelito de Ornellas. Eleito no mesmo ano para a Academia Rio-Grandense de Letras, Antônio Carlos Machado foi sócio de honra de várias instituições de cultura do país e do exterior, podendo-se mencionar o Instituto de Cultura Americana da La Plata (Argentina) e o Grupo Americanista de Intelectuales y Artistas de Montevideu. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito da Universidade Gama Filho e Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. Ainda na antiga Capital Federal organizou em 1962, o CT.G. Estância dos Gaudérios, que congregou as figuras mais representativas da colônia sulina lá radicada. Entre seus trabalhos destacam-se **O Pampa Heróico, Aspectos Políticos da Sociogênese Rio-Grandense, Vozes da Querência, O Solitário da Casa Branca** (vida e obra de Apolinário Porto Alegre), **18 de Julho** (conferência sobre a Sociedade Partenon Literário) e **Estudo sobre Alceu Wamosy**. Acesso em 26 dez. 2012. http://www.projetopassofundo.com.br/principal.php?modulo=texto&con_codigo=24845&tipo=texto

O artigo “Aniversário da Academia”¹⁸⁸, de Leopoldo Bettiol¹⁸⁹, relembrou a fundação da Sociedade do Partenon Literário, mais uma vez reconhecida como grande precursora das agremiações que sucederam, e da Academia Rio-Grandense de Letras. Além da dupla comemoração, Bettiol destacou o orgulho em ter como lar o Rio Grande do Sul, terra de homens valorosos como, por exemplo, Bento Gonçalves.

Em relação aos ensaios voltados à literatura, merece destaque “As Academias de Letras no Rio Grande do Sul”, desenvolvido por Ari Martins, secretário perpétuo da entidade. O artigo iniciou com a fundação da Sociedade Partenon Literário, reconhecida como a primeira grande organização de cultura literária, social e artística do Sul do País. Nesse artigo, Ari Martins registra os momentos da nova entidade, desde a sua fundação, em 1901, até o ano de 1951. A narrativa dá conta de todas as modificações pelas quais o nome da agremiação passou, bem como da retomada das atividades em 1910 e a motivação em unificar as duas sociedades existentes no Estado desde 1936 através de um ato solene em 1944.

Se os estudos relacionados à literatura essencialmente valorizaram o próprio sodalício e a Sociedade Partenon Literário, os ensaios envolvendo aspectos da história e costumes do Rio Grande destacaram a figura mítica do gaúcho. Movidos pela urbanização e modernidade que ficaram, com o passar dos anos, mais evidentes, Paixão Cortes e Barbosa Lessa, com o intuito de recuperar no meio urbano as raízes e tradições do Rio Grande iniciaram o hoje conhecido Movimento Tradicionalista Gaúcho. Ambos realizaram pesquisas

¹⁸⁸ BETTIOL, Leopoldo. Aniversário da Academia. **Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 3, 1951.

¹⁸⁹ Leopoldo Bettiol: Campinas, município de Araranguá, SC, 17 de junho de 1882; Porto Alegre, RS, 28 de junho de 1966. Autodidata. Guarda-livros a partir de 1908; médico naturista a partir de 1911; fundou em Cachoeira do Sul o semanário *A Palavra*, 1920; redator-secretário o *Correio da Serra*, Santa Maria. Contista, conferencista, romancista, polemista, botânico, etnólogo, historiador e antropologista. Pertenceu ao Instituto Rio-Grandense de Letras, à Academia Rio-Grandense de Letras, 2ª fase, 1943-44, e à Academia Sul-Rio-Grandense de Letras de 1944-66. MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, Instituto Estadual do Livro, 1978. 84. Segundo autodefinição, Leopoldo Bettiol era “[...] livre pensador, ateu, panteísta, teosófico, batuqueiro, socialista, maçom, espírita”. BETTIOL, Leopoldo. **Alma selvagem**. (Livreto composto por 36 folhas datilografadas e datadas de 14 de setembro de 1936). In: Santos, José Antônio dos. **Prisioneiros da história**: Trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional. Porto Alegre, 2011. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS. Orientador: Prof. Dr. Charles Monteiro. p. 225. Acesso em 26 dez. 2012. http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/15/TDE-2011-08-29T161019Z-3414/Publico/433237.pdf

antropológicas procurando reconstruir a história do povo gaúcho através da retomada de antigos hábitos ligados à vestimenta, linguajar, estórias e danças.

Além disso, o Rio Grande, nesse período, já tinha uma tradição regionalista bem consolidada, graças a figuras como Simões Lopes Neto, Darci Azambuja, Guilhermino César, Viana Moog que, ao abordarem os costumes do povo gaúcho em seus textos, faziam a manutenção, mesmo que com algumas modificações, da cultura da região¹⁹⁰.

Esses estudos parecem antever o movimento que seria oficialmente fundado mais adiante por Luiz Carlos Barbosa Lessa, Manoelito de Ornellas, o acadêmicos Hélio Moro Mariante e outros importantes nomes do Movimento Tradicionalista Gaúcho¹⁹¹, o MTG. Segundo o estatuto do MTG¹⁹², esse movimento tem grande impulso no final da década de 1940, tendo como fundamento científico a seguinte afirmação sociológica:

Qualquer sociedade poderá evitar a dissolução enquanto for capaz de manter a integridade de seu núcleo cultural. Desajustamentos, nesse núcleo, produzem conflitos entre indivíduos que compõem a sociedade, pois esses vêm a preferir valores diferentes, resultando, então, a perda da unidade psicológica essencial ao funcionamento eficiente de qualquer sociedade.

A proposta do Movimento Tradicionalista Gaúcho vai de encontro ao pretendido pela *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras* e demonstra, com diz Even Zohar¹⁹³, que, para sobreviver, uma cultura precisa que os

¹⁹⁰ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 426.

¹⁹¹ A história do Movimento Tradicionalista Gaúcho pode ser contada a partir de vários momentos. Alguns reconhecem como ponto de partida a fundação do Grêmio Gaúcho, por Cezimbra Jacques, em 1889; outros, a ronda gaúcha, no Colégio Júlio de Castilhos, de 1947. Ainda há quem defenda como marco inicial a fundação do CTG 35, em abril de 1948 ou a realização do 1º Congresso Tradicionalista Gaúcho, em 1954, ou, ainda, a constituição do Conselho Coordenador, em 1959. Foi, porém, em 1966, durante o 12º Congresso Tradicionalista Gaúcho realizado em Tramandaí, decidido organizar a associação de entidades tradicionalistas constituídas, dando-lhe o nome de Movimento Tradicionalista Gaúcho, o MTG. Assim é que, desde 28 de outubro de 1966, a Instituição se tornou conhecida como MTG. <http://www.mtg.org.br/historia.html>. Acesso em 21 set. 2012.

¹⁹² <http://www.mtg.org.br/historia.html>. Acesso em 21 set. 2012.

¹⁹³ ZOHAR, Itamar Even. *El sistema literário. Polissistemas de cultura*. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007. p. 26.

sistemas que a sustentam sejam interligados, pois isolados não têm força fazendo com que o seu objeto de estudo e promoção pereça. Tal fato foi confirmado pelo trabalho simultâneo entre o movimento e a acadêmica, já que no mesmo período ambos empenhavam-se em valorizar as particularidades do Rio Grande¹⁹⁴. Os três exemplares encontrados correspondendo ao período de publicação das décadas de 1940 e 1950 contêm importantes ensaios que demonstram a dedicação da Academia em valorizar a cultura à qual pertence.

O associado Faria Corrêa¹⁹⁵ homenageou a cultura do Rio Grande do Sul através da composição de um episódio dramático intitulado “A bandeira farroupilha”¹⁹⁶ no qual as cores da bandeira do Estado foram convertidas em personagens, apresentando voz e papel na construção do Estado. Na última cena, todas as cores se uniram formando, em um gesto representativo, a bandeira que representa o povo do Sul.

Já o poeta Olmiro de Azevedo¹⁹⁷, em “Vacaria”¹⁹⁸, no livro *Vinho novo*, homenageia a cidade que serviu de passagem para tropeiros, que buscavam terra e gados e que propiciaram a chegada dos primeiros moradores. Ao descrever a paisagem, os tropeiros e como toda a ação ocorria, ele ajuda o leitor a construir no seu imaginário uma cena perdida no tempo, que, a partir daquele momento, de certa forma, foi perpetuada.

Outra proposta da instituição visando à divulgação da cultura do Rio Grande estava relacionada às expressões típicas do gaúcho. Nessa intenção organizou, na figura de Luiz Carlos de Moraes¹⁹⁹, o “Vocábulos e expressões

¹⁹⁴ Segundo o MTG, o tradicionalismo procura, mais que tudo, reforçar o núcleo da cultura rio-grandense, tendo em vista o indivíduo que tateia sem rumo e sem apoio dentro do caos de nossa época. <http://www.mtg.org.br/historia.html>. Acessado em 21/09/2012.

¹⁹⁵ Manoel Joaquim Faria Corrêa: São Gabriel, 05/11/1874 - Porto Alegre, 11/05/1954. Oficial do Exército, reformado em 1928, exerceu o magistério no Colégio Militar de Porto Alegre e na Escola Normal (hoje Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha). Historiador, escritor e compositor; membro da Academia Sul Rio-Grandense de Letras. Autor de poesias, dramas e comédias. Destaque para seu poema regional “*Rumo aos Pagos*”. Acesso em 26 dez. 2012. <http://www.agendaliricapoa.com.br/mlManuelCorrea.htm>

¹⁹⁶ FARIA, Corrêa. A bandeira farroupilha. **Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n.1, 1948.

¹⁹⁷ Olmiro Palmeiro de Azevedo: Montenegro, RS, 28/04/1895 - Caxias do Sul, RS, 12/05/1974. Advogado, vereador, escritor e poeta, integrante da Academia Rio-Grandense de Letras. Teve presença constante e atuante na política de Caxias do Sul. Acesso em 26 dez. 2012. http://www.jornalpontoinicial.com.br/?page_id=13

¹⁹⁸ AZEVEDO, Olmiro. Vacaria. **Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n.1, 1948.

¹⁹⁹ Luiz Carlos de Moraes: Taquari, RS, 9/12/1876 – Porto Alegre, RS, 24/07/1969. Oficial do Exército desempenhou funções como Comandante do Depósito de Remonta de São Simão, 1922-27; e do Regimento de Cavalaria em Lavras e São Gabriel. Foi interventor federal no

sul-rio-grandenses”²⁰⁰. Essa relação de palavras inicialmente seria dividida em vários números, porém isso não ocorre. O levantamento vocabular apareceu no segundo número da publicação²⁰¹, mas não é concluído, já que não tem continuidade na revista seguinte, editada em 1951.

O gaúcho foi descrito com detalhes em *Peão de estância*²⁰², de Antônio Dias de Oliveira²⁰³, ao reconstruir a figura do tipo, estabelecendo seu espaço, gostos, linguajar e características. Para isso, organizou os peões de estância em quatro categorias, com base em um discurso do escritor Sinval Caldanha, governador do Rio Grande na década de 1930, proferido no Grêmio Gaúcho. São as quatro categorias:

1ª: O gaúcho de coxilha, hoje em dia já bem raro, de cavalo mestiço, que cobre de apêros prateados, boleadeiras de marfim, rico de alguma instrução, manejando bem a espada que carrega à cinta ou debaixo dos pelegos, é o mais vistoso e mais invejado dos filhos da campanha.

2ª: O empantanado é o mais simples e tem nos capatazes, nos posteiros e nos peões os verdadeiros modelos. O seu cavalo é crioulo, os seus arreios não têm prata, doma o potro altaneiro, dorme sobre a tarimba e, sem ele, na estância nada se faz.

3ª: O gaúcho pobre é aquele de cavalo magro, que nem sempre muda, muita vez nem usa botas e, tendo a alma errante dos antepassados, ata a cola do matungo, lá se vai trocando seguido de patrão a quem aluga seu braço forte.

Estado de Santa Catarina, 1931 e Comandante da 2ª Divisão de Cavalaria, Alegrete, 1933-34; e do Colégio Militar de Porto Alegre, 1935-37. Regionalista, etnólogo, e historiador. Membro da Academia Rio-Grandense de Letras desde 1937 e da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras a partir de 1944. MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, Instituto Estadual do Livro, 1978.

²⁰⁰ MORAES, Luiz Carlos. Vocábulo e expressões sul-rio-grandenses. **Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 1, 1948.

²⁰¹ MORAES, Luiz Carlos. Vocábulo e expressões sul-rio-grandenses. **Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 2, 1949.

²⁰² OLIVEIRA, Antônio Dias de. Peão de estância. **Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 1, 1948.

²⁰³ Biografia não disponível até o momento.

4ª: O gaúcho da cidade é esse que causa riso aos outros, somos nós a quem chamam de gaúcho de botina.

A figura do gaúcho, segundo Antônio Dias de Oliveira²⁰⁴, jamais desaparecerá, uma vez que é dele que provém as tradições do gaúcho da coxilha que inspiraram a formação do Rio Grande do Sul. Conhecer e compreender a importância da mística do homem dos pampas e, através dela, despertar nos seus leitores sentimentos mais profundos pela sua terra é o que pretende a publicação.

Ainda exaltando o que é produzido em solo rio-grandense e a figura dos nascidos no Rio Grande, o periódico divulgou uma comunicação de Mozart de Mello²⁰⁵ em que o acadêmico realiza uma análise sobre o patrono de sua cadeira, Roque Callage, traçando a sua biografia, as opiniões de seus contemporâneos, o seu papel como escritor, e o Rio Grande e o gaúcho como temas frequentes de suas obras.

Sentindo as modificações decorrentes da República Velha, período no qual a cultura rio-grandense foi desvalorizada, Callage fez parte de um movimento de intensa autoafirmação através da valorização do regional. Suas obras, como, por exemplo, *Terra gaúcha*, de 1914, revelam com riqueza o ambiente sociológico de quem nasceu e cresceu no Rio Grande. Ao retomar a disposição do autor de *Escombros* em enfatizar e defender o que pertencia à

²⁰⁴ OLIVEIRA. Antônio Dias de. Peão de estância. **Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 1, 1948.

²⁰⁵ João Mozart de Mello: S. Maria, RS, 23 ago. 1881 – P. Alegre, RS, 13 jul. 1957. F.: Fidêncio de Souza Mello. Est. no Seminário Episcopal, P. Alegre, formando-se em Teologia em 1910. Médico pela Fac. de Med., P. Alegre, 1926. Médico em Taquari e S. Jerônimo. Prof. de Línguas do Instituto de Educação, P. Alegre. Filólogo, hebraísta, latinista, crítico e sociólogo. Membro da Acad. Sul-Rio-Grandense de Letras, de que foi presidente. Bibl.: Gramática, P. Alegre, 1914. Livro de Análise Léxica e Lógica, id, 1919. Fernando Abbott, um Clínico Típico, id, 1939. Musa Hebraica (Paralelismo), antologia e crítica, P. Alegre, Globo, 1940. “Discurso de posse (elogio de Roque Callage)”, proferido na Academia Sul-Rio-Grandense de Letras, Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras, P. Alegre, n.1, 18 jun. 1948. “Um poeta nietzscheano (sobre Peri Melo)”, análise crítica, ibid, 1951-1952, 1953. O Dia da Mães, conferência na ACM, P. Alegre, 12 maio 1918. O Paralelismo na Obra de Guerra Junqueiro, id. na Academia Sul-Rio-Grandense de Letras, P. Alegre, 30 jun. 1945. Israel como Nação, id, ibid, 18 maio 1951. A Glória Imortal de Camões, id, ibid, 24 maio 1956. Acesso e 26 dez. 2012. http://www.muham.org.br/bibliografias.php?formulario=biografias&metodo=4&id_bio=39

sua terra natal, Mozart exemplificou ao seu leitor o que é realmente valorizar seus costumes

O coronel Antônio Dias de Oliveira²⁰⁶ realizou uma descrição do *habitat* do gaúcho e de suas preferências, exaltando na mesma oportunidade, Átila Casses, poeta e advogado. Refletindo sobre sua terra e a representatividade do habitante da zona rural do Rio Grande do Sul e, por extensão, de todo o Estado, expôs²⁰⁷:

A vida e a glória do gaúcho encontram agasalho e permanecem latentes nos homens que vivem no interior, onde se cultivam as tradições e se revive o passado do Rio Grande do Sul... sempre alertas, fitando os panoramas deslumbrantes da mãe-pátria, eles continuam zelando pela honra do rincão que também lhes é incentivo de amor às tradições imortais do Brasil. Cultuando as tradições do Rio Grande e o civismo do povo nos galpões das estâncias, como grandes abnegados, de larga visão no futuro, nada mais fazemos do que zelar por uma relíquia de nossas tradições, por um modelo de educação cívica, por um ninho de amor em que pulsa e vibra a alma do gaúcho que sabe, como ninguém, amar a franqueza e cultivar a sinceridade, ainda mesmo que a vida lhe apresente todas as amarguras do sofrimento e das privações.

Ao mesmo tempo em que reverenciou a imagem do gaúcho, o escritor renovou a significação atribuída a esse tipo regional, uma vez que realizou uma releitura dos valores cultivados por esse homem que devem refletir na alma de seus conterrâneos.

Quando a figura mítica do homem do Rio Grande parecia se desgastar, Cyro Martins entregou ao público três obras que refletiam a transição política e cultural pela qual o país passava. As obras *Sem rumo*, de 1937, *Porteira*

²⁰⁶ OLIVEIRA, Antônio Dias de. Retrospecto da vida gaúcha e Átila Casses. **Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 3, 1951.

²⁰⁷ OLIVEIRA, Antônio Dias de. Retrospecto da vida gaúcha e Átila Casses. **Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 3, p. 19, 1951.

fechada, de 1944 e *Estrada nova*, de 1954, compõem a conhecida trilogia do gaúcho a pé.

A valorização do regional, de acordo com Carlos Nejar²⁰⁸, começou em Simões Lopes Neto, e terminou em Alcides Maia, porém teve continuidade anos depois com o homem a pé de Martins. Com voz própria e representando as contradições do progresso, Cyro Martins aprofundou a humanidade dos personagens ao tratar da figura do anti-herói. Em suas obras, o real predominou sobre o imaginário, sem a invenção estilística de Lopes Neto e Maia. O gaúcho tradicional desapareceu ao mesmo passo em que o cavalo cedeu seu lugar aos veículos. Além disso, os habitantes do interior, acompanhando o processo de mecanização da Capital, foram adaptando seus costumes e vestimentas aos do cidadão urbano. Segundo Nejar²⁰⁹, a trilogia é o reflexo de uma dolorida metamorfose da sociedade, com o Rio Grande a clamar por seu primitivo habitante.

Assim como em edições anteriores de seu periódico, nos quais o legado cultural do Rio Grande também estava presente, os números que seguiram, a partir de 1980²¹⁰, mesmo que com uma nova roupagem, não abandonaram as metas de elevar a produção da sua gente e, através de suas tradições e heroísmos bélicos, atravessar fronteiras e reforçar nacionalmente a identidade do povo do Rio Grande.

4.2.3 A década de 1980

Com a abertura política ocorrida em 1979, o início da década de 1980 é marcado pela reconquista do espaço de opinião pública perdido no período da ditadura brasileira. As expressões culturais e artísticas, até então mantidas sob

²⁰⁸ NEJAR, CARLOS. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Copesul: Telos, p. 131, 2007.

²⁰⁹ NEJAR, CARLOS. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Copesul: Telos, p. 132, 2007.

²¹⁰ Entre a edição de 1951 e a de 1980 houve uma editada em 1963. Infelizmente esse exemplar não foi localizado nem em arquivos públicos nem nos da *Academia Rio-Grandense de Letras*.

censura, ganharam espaço, reivindicando a normalização da vida institucional e cultural do País.

É nesse momento importante e decisivo da história brasileira que a *Academia Rio-Grandense de Letras*, acompanhando as modificações sociais e artísticas de seu tempo, reiniciou a publicação de sua revista. A retomada das edições surgiu da necessidade de tornar a registrar e divulgar os trabalhos dos acadêmicos. A seção “Editorial” do exemplar n. 1 define a necessidade de expansão, enfatizando que a publicação constituía mais do que uma simples representação formal das atividades da entidade, sendo a legítima porta-voz dos agremiados, exprimindo a vontade intelectual de cada um e definindo o comportamento dos escritores que a compõem²¹¹.

Os empecilhos financeiros que acompanham a Revista desde seus primeiros números, em 1910, persistiram durante esse retorno. As alternâncias de gráficas e editoras associadas a repetidos depoimentos e apelos nos editoriais de abertura demonstraram que as dificuldades para a concretização de cada volume continuaram a ser enfrentadas pelos editores.

A Revista ressurgiu seguindo a proposta aceita em 1963, segundo a qual o nome da associação deveria retornar às suas origens. Dessa forma, os exemplares foram divulgados aos leitores sob atual denominação *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*.

Em seu novo momento, a entidade adotou dois critérios para a organização do periódico: a primeira, de somente publicar materiais inéditos; a segunda, de não incluir na seleção de trabalhos discursos e conferências, que passariam a compor os anuários. A iniciativa de publicar somente textos inéditos foi mantida, mas a ideia de ter um segundo espaço para tornar conhecidos discursos e conferências não progrediu, sendo os textos inseridos, gradualmente, nas edições subsequentes.

O primeiro e segundo volumes foram impressos, respectivamente, em 1980 e 1982. Dos números quatro, de 1985, ao 11, de 1991, o caráter anual, de forma geral, foi mantido tendo apenas uma exceção, já que os exemplares seis e sete corresponderam ao mesmo ano, 1987. Entre o último mencionado e o seguinte, o doze, ocorreu um hiato de dois anos. Do treze ao dezesseis foi

²¹¹ *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre, n. 1, 1980.

retomada a periodicidade inicial, porém para que o volume dezessete fosse impresso passaram-se mais dois anos. Do número dezoito, de 2004, ao vinte e dois, de 2009, a Academia conseguiu manter a circularidade anual. Em relação à numeração das páginas, a cada nova Revista a contagem é reiniciada.

Desde a retomada das atividades de sua Revista, a alternância das tipografias indica, de acordo com o observado nos exemplares e nas apresentações, que o apoio ora era dado por uma instituição, ora por outra. Em alguns casos, a parceria não era total, tendo a entidade que arcar com o restante do necessário para editar e imprimir seus volumes. Os números um e dois contaram com o apoio da Cooperativa dos Jornalistas e o número três foi totalmente patrocinado pela Martins Livreiro, editora porto-alegrense. Dos quatro ao onze, a responsabilidade passou a ser do Governo do Estado que autorizou a sua gráfica, a CORAG, a imprimir os exemplares. Expirado o contrato com o Poder Executivo do Rio Grande, a sociedade recebeu patrocínio do Banco Meridional para divulgar o número treze, com a condição de a contracapa apresentar um anúncio publicitário da rede bancária. Os seguintes, do quatorze ao dezessete, não contaram com apoio financeiro externo e ficaram a cargo da Gráfica Suliani, localizada na rua Veríssimo Rosa, zona leste da Capital. O Estado voltou a colaborar com a entidade patrocinando os volumes dezoito a vinte e um. Já o número vinte e dois foi patrocinado pela agremiação e impresso pela Gráfica e Editora Relâmpago, com sede em Porto Alegre na rua Isidoro Tressi, bairro Jardim Botânico, que já havia sido contratada em 2005 para imprimir a última reforma pelo qual o Estatuto acadêmico passou.

A distribuição dos exemplares é realizada pelos próprios associados que determinam quais instituições e interessados os volumes devem ser ofertados. O espaço para anúncios publicitários, aberto anteriormente nas décadas de 1910 e 1940, não foi disponibilizado dessa vez. A única exceção foi a edição treze que, como foi há pouco mencionado, apresentou propaganda de seu financiador.

As capas dos exemplares apresentavam número, ano e local de publicação. Em letras maiores, aparecia o nome do periódico, *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*, sem imagens. A partir do fascículo onze, a

entidade inovou, passando a acrescentar na capa iconografias relacionadas ao mundo acadêmico ou a um dos homenageados.

O Sumário mantém o padrão de relacionar os títulos dos textos, seus autores e, em seguida, a página correspondente a cada um. Das vinte e duas revistas, somente algumas contêm algum tipo de sessão, sempre organizadas após a seleção de estudos selecionados. Os números um ao quatro, seis a oito, dez e onze, treze a quatorze trazem a sessão “Noticiário” que informa aos leitores os fatos mais importantes sobre a Academia. No volume quinze, foram organizadas, após os ensaios, três sessões, a “Notícias”, “Resenhas” e “Foto”, com uma única foto dos acadêmicos de 1940. Já no dezessete, figuraram “Palestras e Textos”, “Poesia” e “Posse”. O número vinte foi o único esquematizado inteiramente em sessões. Comemorando o centenário de Mario Quintana, expôs as apreciações academicistas em “Homenagem a Mário Quintana”, “Discursos de Posse”, “Panegíricos”, “Poemas” e “Textos Diversos”. No fascículo vinte e dois foi inserido apenas um espaço fixo, o “Correspondência”.

Os trabalhos publicados desde o primeiro até o vigésimo segundo exemplar somam um total de quatrocentos²¹². Os temas, assim como nas revistas publicadas décadas atrás, tendem à valorização da literatura e cultura rio-grandenses, abrangendo diferentes gêneros, sendo a poesia um dos mais apreciados. Além do gênero lírico, as edições expõem estudos literários e históricos, críticas, discursos, saudações e panegíricos.

Ao longo de trinta e um anos de atividades ininterruptas, a Academia e, conseqüentemente, sua Revista, foram presididas por quatro acadêmicos: Dante de Laytano, de 1980 a 1989, Francisco Pereira Rodrigues, de 1990 a 1995, Ir, Elvo Clemente eleito em dois momentos, o primeiro de 1996 a 2001, e o segundo de 2004 a 2007, quando faleceu. Hugo Ramírez assumiu o cargo no intervalo entre os dois períodos de gestão do Ir. Elvo Clemente, presidindo a instituição por um biênio, de 2002 a 2003.

Os responsáveis pela edição da revista acadêmica variaram ao longo dos anos, assim com os responsáveis pela direção da entidade, O sociólogo e historiador Arthur Ferreira Filho, o professor e veterinário Mozart Pereira

²¹² No final do ano de 2012 a Academia Rio-Grandense de Letras preparou o lançamento de seu vigésimo terceiro volume da **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**.

Soares e o escritor e historiador Moacyr Flores compuseram a Comissão de Publicações durante a edição dos doze primeiros números. Nos números impressos durante a gestão do acadêmico Ir. Elvo Clemente não consta a Comissão de publicações, uma vez que a coordenação e organização até o momento da distribuição ficavam a seu cargo. Sob a presidência do advogado Hugo Ramírez, figuraram como membros responsáveis pela publicação os agremiados Rovílio Costa, frei capuchinho e pesquisador, o escritor Luiz Coronel, incluindo-se no grupo, ainda, o próprio Ramírez. A última revista divulgada, a vigésima segunda, sob a presidência do advogado e político Francisco Pereira Rodrigues, foi idealizada por Moacyr Flores e pelos juristas José Francelino de Araújo e Marília Cibils Becker.

Seguindo o modelo dos volumes que os antecederam, novamente foi verificado que o tema preferencial dos escritos está relacionado à literatura e à cultura rio-grandenses. Como não poderia deixar de ser, a análise dessa etapa da existência da Casa de Olinto de Oliveira se dá de acordo com a temática que se destacou em meio às outras, organizando, porém, o *corpus* de uma maneira diferenciada.

Como o volume de trabalhos voltados aos aspectos literários e culturais do Rio Grande é mais extenso, somando cento e sessenta ensaios, consideram-se dois eixos “A literatura rio-grandense” e “Debates e reflexões acerca da herança cultural do Rio Grande” como orientadores para a análise.

4.2.3.1 A literatura rio-grandense

Quando analisados em seu conjunto, o volume de ensaios publicados entre 1980 e 2009²¹³, forma um quadro representativo da produção e do desenvolvimento literário do Estado, desde a fundação da Sociedade Partenon Literário, considerada importante propulsora das letras sulinas.

Acerca da Sociedade Partenon Literário, foram divulgados importantes estudos que promovem a história dessa agremiação e enaltecem um de seus

²¹³ A edição de 2012 não havia sido lançada quando o estudo sobre as revistas acadêmicas foi realizado.

fundadores, Apolinário Porto Alegre. Dos ensaios editados pela revista, são representativos do Partenon Literário os escritos pelo professor e crítico literário Antonio João Silvestre Mottin, conhecido pelo seu nome religioso, Ir. Elvo Clemente²¹⁴, pelo escritor Luis Alberto Cibils²¹⁵ e pelo poeta Lothar Francisco Hessel²¹⁶.

O texto “Panorama da literatura no Rio Grande do Sul”, de Ir. Elvo Clemente, além de ser publicado nas páginas da *Revista da Academia*, foi proferido em uma aula na Fundação Átila Taborda, atual URCAMP de Bagé, durante a *Semana de Educação do Curso de Letras*, no ano de 1984. O breve histórico da literatura passa o século XVII e os movimentos que ocorriam na Província nesse período, encerrando o estudo em 1930, com os escritores Erico Verissimo e Dyonélio Machado, responsáveis pela renovação da ficção gaúcha.

Apesar da abrangência da linha do tempo estabelecida nesse artigo, a maior parte do texto foi dedicada à *Sociedade Partenon Literário* e seus principais agremiados, tendo destaque Caldre e Fião, Apolinário Porto Alegre, Múcio Teixeira e Lobo da Costa. Ir. Elvo Clemente realizou um pequeno retrospecto das primeiras manifestações literárias no Brasil e, depois, no Rio Grande do Sul, destacando que a literatura sulina ganhou mais espaço e divulgação a partir da fundação do Partenon²¹⁷:

Em meio a tantas lutas e refregas organiza-se a Sociedade Partenon Literário. Fundada a 18 de junho de 1868, na sede da Sociedade Firmeza e Esperança, localizada na Rua Bragança, atual Marechal Floriano, deu certa hegemonia às letras divulgando os trabalhos dos sócios através da

²¹⁴ CLEMENTE, Ir. Elvo. Apolinário Porto Alegre: sobrevida centenária. *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre, n. 18, p. 32-39, 2004.

CLEMENTE, Ir. Elvo. Lobo da Costa e seu tempo. *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre, n.7, p. 55-63, 1987.

CLEMENTE, Ir. Elvo. Panorama da literatura no Rio Grande do Sul. *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre, n. 3, p. 18-29, 1984.

²¹⁵ CIBILS, Luis Alberto. Sociedade Partenon Literário. *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre, n. 16, p. 7-17, 2000.

²¹⁶ HESSEL, Lothar Francisco. Três características na atuação do Partenon Literário. *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre, n. 10, p. 79-86, 1990.

²¹⁷ CLEMENTE, Ir. Elvo. Panorama da literatura no Rio Grande do Sul. *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre, n. 3, p. 19, 1984.

Revista Mensal. As duas figuras centrais dessa Sociedade: José Antônio Caldre e Fião e Apolinário Porto Alegre. Não menores na expressão poética são: Francisco Lobo da Costa e Múcio Teixeira.

Caldre e Fião, Apolinário Porto Alegre, Lobo da Costa e Múcio Teixeira, homens que colaboraram decisivamente para a fundação da Sociedade Partenon Literário, tiveram destaque no panorama estabelecido por Clemente. As suas biografias e as principais características de suas obras, assim como a influência que exerceram na produção de seus contemporâneos, bem como os traços românticos e simbolistas que prevaleciam em seus textos foram os destacados no estudo.

Da mesma forma que Ir. Elvo Clemente, o acadêmico Luis Alberto Cibils²¹⁸ discorreu sobre o Partenon Literário, mas de maneira mais detalhada, uma vez que a proposta consistia em uma análise da entidade e não um estudo sobre o desenvolvimento da literatura no Rio Grande.

Luis Alberto Cibils²¹⁹ realizou um levantamento cronológico dos principais fatos ocorridos com o Partenon desde a sua fundação, passando pela escolha do local em que seria erguida a sua sede, a organização de aulas de alfabetização noturnas, a diversificada biblioteca, o ideal abolicionista, a luta pela emancipação da mulher e a difusão dos costumes gaúchos. Ao final do texto, mereceram ênfase os vários historiadores que em algum momento referiram-se ao Partenon Literário.

²¹⁸ CIBILS, Luis Alberto. Sociedade Partenon Literário. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 16, p. 7-17, 2000.

²¹⁹ Luis Alberto Cibils: Tapes, 04 de julho de 1919. Eminent professor e formado em Direito na Faculdade de Direito de Porto Alegre e em ciências econômicas na PUCRS. Foi professor titular de Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, lecionando em diferentes estabelecimentos. Também lecionou na cadeira de Valor e Formação de Preços na PUCRS escrevendo obra adotada no país. Em 1970 instalou a disciplina de Estudos de Problemas Brasileiros na UFRGS, tendo sido o seu coordenador desde a sua criação até a sua aposentaria em 1979. É membro efetivo da Academia Rio-Grandense de Letras.

Em 16 de maio de 1963 foi eleito Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Como Presidente por quatro mandatos do Instituto, entre outras atividades, presidiu a instalação do Seminário Comemorativo do Centenário de Nascimento de Lindolfo Collor – 1º titular do Ministério do Trabalho, a 27 de novembro de 1990, em Brasília. Foi homenageado, com placa em praça pública, como sendo um dos “Homens do Século XX em Camaquã/RS”, sendo um dos quatro homenageados ainda vivos. É sócio efetivo do IHG Brasileiro e da maioria dos Institutos Históricos e Geográficos estaduais, como sócio correspondente. http://www.ihgrgs.org.br/noticias_1.htm#ancora35. Acesso em: 26 dez. 2012

Dentre os estudiosos da sociedade, Cibils destacou o livro *O Partenon literário e a sua obra*, reunindo trabalhos de vários de seus confrades, como Lothar Hessel e Ari Martins. A obra foi organizada pelo Centro de Pesquisas Literárias, sob a presidência de Hessel que, sobre a agremiação, reflete²²⁰:

Os elementos de proa do Partenon Literário estavam muito conscientes do papel individual e social que haviam assumido perante a comunidade. Várias de suas peças merecem, ainda hoje, um exame mais detido do que sugerir estas observações divulgadas. Situado no tempo, a meio caminho entre o nascimento do Rio Grande português e os dias atuais, essas páginas podem oferecer uma visão do que edificaram então nossos avós, por sobre os fundamentos da cultura sul-rio-grandense.

A proposta da *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras* publicada em 2000 era, segundo o presidente daquele período, Ir. Elvo Clemente, representar o porvir, repleto de interrogações, de convites para vencer novos horizontes e de perspectivas promissoras de esperanças trazidas pelo início de um novo século. Ao elencar o Partenon como tema de dos trabalhos, a entidade reforça a importância que a Sociedade Partenon Literário continua desempenhando para a formação da literatura rio-grandense, uma vez que ainda é foco de diversos estudos.

“Três características na atuação do Partenon Literário”²²¹ foi desenvolvido com base nos mesmos dados que Cibils utilizou para tecer seus comentários acerca da sociedade, mas em seu texto Lothar Hessel²²² realizou

²²⁰ Ibid. p. 16.

²²¹ HESSEL, Lothar Francisco. Três características na atuação do Partenon Literário. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 10, p. 79-86, 1990.

²²² Lothar Francisco Hessel: 31 de março de 1915 – Porto Alegre, 24 de agosto de 2007. O professor Lothar que era diplomado em Letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia da Ufrgs, em 1951, no ano seguinte. Fez curso de especialização nas Universidades de Santiago do Chile, em 1953, e de Madrid, em 1958-1959. Trabalhou na Livraria do Globo, atuando na seção de Dicionários e Enciclopédias (1944-1947). Em 1975 colaborou com centenas de verbetes para o Novo Dicionário Aurélio, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (Rio, Ed. Nova Fronteira). Era membro do Instituto Histórico de São Leopoldo, desde 1976, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, desde 1984, e do Instituto Histórico e Geográfico do Vale do Taquari, desde 1999. <http://estrela-riograndedosul.blogspot.com.br/2012/06/lothar-hessel.html>. Acesso em: 26 dez. 2012.

uma análise baseada em três eixos, a conjugação da teoria à prática, o afã de democratização da cultura e o sentido progressista de seus intentos. O acadêmico valorizou o fazer dos confrades, que não ergueram um local somente para debates, mas um palco para a resolução de problemas da época, caso dos analfabetos que tiveram espaço na sociedade. Da mesma forma, os agremiados também agiram quando deparados com a escravidão, garantindo a alforria do maior número de escravos que puderam.

Sobre os sócios do Partenon Literário, foram publicados dois textos, escritos pelo acadêmico Ir. Elvo Clemente, que já havia realizado um estudo anterior sobre a entidade. Em “Apolinário Porto Alegre: sobrevida centenária”²²³, o acadêmico apresentou, inicialmente, traços cronológicos sobre a vida de um dos fundadores do Partenon Literário, iniciando em 1844 com o nascimento de Porto Alegre, em 29 de agosto, e encerrando com o seu falecimento, ocorrido em 23 de março de 1904. Apolinário Porto Alegre foi analisado sob algumas variantes ocupacionais de sua vida, sendo elas professor, político, poeta e escritor. Segundo Ir. Elvo Clemente²²⁴, Apolinário análise mereceu a homenagem por ter sido um homem comprometido com a missão expressa de educar, estimular a liberdade do cidadão em seu civismo e defender a campanha abolicionista e a cruzada republicana.

Já “Lobo da Costa e seu tempo”, tem como tema a obra do autor do épico poema “Epopéia farroupilha”²²⁵, considerado pelo crítico João Pinto da Silva²²⁶, juntamente com Múcio Teixeira, um dos representantes do Partenon em relação à produção poética. O poeta romântico foi apresentado por Ir. Elvo Clemente através da sua biografia e de características marcantes de sua poesia²²⁷.

²²³ CLEMENTE, Ir. Elvo. Apolinário Porto Alegre: sobrevida centenária. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 18, p. 32-39, 2004.

²²⁴ CLEMENTE, Ir. Elvo. Apolinário Porto Alegre: sobrevida centenária. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 18, p. 36, 2004.

²²⁵ Em 1985, a EDIPUCRS, editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, publicou em livro o poema épico do pelotense Francisco Lobo da Costa, *Epopéia farroupilha*. A obra foi organizada pelo Ir. Elvo Clemente e pelas Prof^{as}. Alice Therezinha Campos Moreira e Heda Maciel Caminha.

²²⁶ SILVA, João Pinto. **História literária do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Livraria Globo, 1930. p. 42

²²⁷ Ir. Elvo Clemente defendeu tese de doutoramento em Letras Clássicas em 1953 com o estudo sobre A vida e a obra de Lobo da Costa. O trabalho foi publicado no mesmo ano

Lobo da Costa foi o verdadeiro pregador da liberdade republicana e democrática, peregrinando pelas principais cidades do Rio Grande. Junto aos ideais românticos é adicionado aos seus poemas o amor ao Rio Grande, característica predominante nas produções do agremiados da sociedade. Apesar de o foco do texto não ser essencialmente o Partenon, reconstruir a trajetória de Lobo da Costa e discorrer sobre os elementos que compõem a sua obra colaboram para entender melhor o pensamento daqueles que formaram a entidade pioneira.

As páginas dedicadas ao Parnasianismo no Rio Grande correspondem unicamente aos breves históricos da literatura rio-grandense desenvolvidos por Pedro Leite Villas-Boas. Ao contrário da vertente parnasiana, o Simbolismo dispôs de maior espaço de debate dentro da *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*. Autores como Alceu Wamosy, Felipe D'Oliveira e Eduardo Guimaraens, representantes da produção simbolista do Rio Grande, foram enaltecidos pelos acadêmicos, assim como suas obras.

O Simbolismo gaúcho obteve considerável espaço, uma vez que os autores e as produções elaboradas durante esse movimento, inaugurado por Marcelo Gama, repercutiram nas obras de autores de gerações futuras como Theodemiro Tostes, Augusto Meyer, Reynaldo Moura e Mário Quintana.

Dentre os artigos representativos do período simbolista gaúcho, destacam-se “Felipe D'Oliveira”²²⁸, “Alceu Wamosy, o mais romântico dos simbolistas brasileiros”²²⁹, “Os últimos dias de Alceu Wamosy”²³⁰, “Alceu Wamosy e a Revolução de 1923”²³¹, “Cor-chave em Eduardo Guimaraens e

(CLEMENTE, Ir. Elvo. **Aspectos da Vida e Obra de Francisco Lobo da Costa**. Porto Alegre: Sulina, 1953).

²²⁸ BOMFIM, Paulo. Felipe D'Oliveira. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 11, p. 90, 1991.

²²⁹ RAMÍREZ, Hugo. Alceu Wamosy, o mais romântico dos simbolistas brasileiros. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 15, p. 163-185, 1999.

²³⁰ RAMÍREZ, Hugo. Os últimos dias de Alceu Wamosy. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 16, p. 47-62, 2000.

²³¹ CHEUICHE, Alcy. Alceu Wamosy e a Revolução de 1923. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 14, p. 105-111, 1998.

outros mistérios”²³², “Relembrando Ernani Fornari”²³³ e “Ernani Fornari: poeta e dramaturgo (1899 – 1999)”²³⁴.

Em “Felipe D’Oliveira”²³⁵, Paulo Bomfim²³⁶ propõe uma pequena biografia do poeta, ressaltando a comemoração do centenário comemorado em 1991. Apesar de Bomfim não ter proposto uma reflexão profunda sobre a obra do autor simbolista, o estudo retoma a obra desse santa-mariense reatualizando sua contribuição à poesia do Rio Grande do Sul.

Betty Borges Fortes²³⁷ realizou um estudo acerca do poeta Eduardo Guimaraens, contemporâneo de Felipe D’Oliveira, e de sua obra maior, a aclamada *Divina quimera*. Fortes analisou os versos que compõem o livro de Guimaraens cuidadosamente, sintetizando cada uma das cinco partes nas quais está organizada. De acordo com Betty Fortes²³⁸, o Rio Grande do Sul não teria seu Simbolismo considerado pela crítica literária nacional, se não fossem as presenças de Felipe D’Oliveira, Homero Prates, Alceu Wamosy, Zeferino Brasil, Álvaro Moreyra, Marcelo Gama e, principalmente, Eduardo Guimaraens que, juntamente com Cruz e Souza e Alphonsus Guimaraens, forma a tríade do Simbolismo brasileiro.

Alceu Wamosy foi tema de três artigos²³⁹, sendo dois do acadêmico Hugo Ramírez e um do acadêmico Alcy Cheuiche²⁴⁰. “Alceu Wamosy e a

²³² FORTES, Betty Borges. Cor-chave em Eduardo Guimaraens e outros mistérios. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 22, p. 41-52, 2009.

²³³ CLEMENTE, Ir. Elvo. Relembrando Ernani Fornari. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 5, p. 51-54, 1986.

²³⁴ CLEMENTE, Ir. Elvo. Ernani Fornari: poeta e dramaturgo (1899-1999). **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 16, p. 79-84, 2000.

²³⁵ BOMFIM, op. cit., p. 90.

²³⁶ Biografia não disponível até o momento.

²³⁷ FORTES, op. cit., p., 41-52.

²³⁸ Betty Yelda Brognoli Borges Fortes: Laguna, 1926. É uma advogada e professora universitária brasileira. Quando criança, transferiu-se com seus pais para Porto Alegre no Rio Grande do Sul, onde mora até hoje. Casou-se com João Borges Fortes e teve dois filhos: João Borges Fortes Filho e Diogo Borges Fortes, já falecido. Graduiu-se em Música e estudou Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Também formou-se em Filosofia e concluiu o seu mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É doutora na área de Ciências Jurídicas pela Universidade Complutense de Madrid, na Espanha. Lecionou na Universidade de Caxias do Sul e na Escola Superior de Estudos Jurídicos, na qual foi diretora. Atualmente Betty é membro da Academia Rio-Grandense de Letras e vice-presidente do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul. MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, Instituto Estadual do Livro, 1978. 97.

²³⁹ Ao contrário dos outros simbolistas gaúchos, Alceu Wamosy foi tema de três estudos. Não é definida nenhuma regra para que tal fato tenha ocorrido, mas é relevante informar que todos citam o poema *Duas almas*, publicado em *Poesia Completa*, editado em 1994 pela EDIPUCRS, editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Revolução de 1923”²⁴¹ esclareceu quais as circunstâncias que levaram o poeta a participar como combatente na Revolução de 1923 que consistia em um movimento armado no qual lutaram partidários de Borges de Medeiros e de Joaquim Francisco de Assis Brasil.

Da mesma forma que Cheuiche, “Os últimos dias de Alceu Wamosy”²⁴² abordou a participação do autor de *Duas almas* na Revolução de 1923, enfatizando seus momentos derradeiros. Wamosy faleceu, aos 28 anos, em decorrência de um ferimento resultante de um combate ocorrido em 13 de setembro. O movimento bélico foi encerrado com o pacto de Pedras Altas, assinado em dezembro daquele ano.

Em “Alceu Wamosy, o mais romântico dos simbolistas brasileiros”²⁴³ o acadêmico Hugo Ramírez realizou um estudo detalhado da vida e obra do poeta. Para isso, voltou às origens do poeta, destacando suas primeiras obras, o tema mais frequente em seus poemas e as vertentes que influenciaram suas produções. Sobre as inspirações de Wamosy, Hugo Ramírez²⁴⁴ escreveu:

Numa constelação nacional em que fulgem nomes de maior grandeza, a partir do catarinense Cruz e Souza, do paranaense Emiliano Pernetta, do mineiro Alphonsus Guimarães e do gaúcho Eduardo Guimaraens, o que efetivamente surpreende não é a inclusão de Alceu Wamosy entre os simbolistas consagrados, mas sim a excepcional projeção por ele alcançada, projeção tanto mais paradoxal quando se sabe que a sua produção mais popular é o soneto parnasiano “Duas almas”. É que a verdadeira poesia extrapola as fronteiras do convencional. Cronologicamente, o simbolismo é

²⁴⁰ Alcy José de Vargas Cheuiche: Pelotas, 21 de julho de 1940. É um escritor brasileiro, autor de romances históricos, poesias, crônicas e teatro. Em 2006, foi escolhido patrono da 52ª Feira do Livro de Porto Alegre, considerado o maior evento do gênero na América do Sul. É membro vitalício da Academia Rio-Grandense de Letras e sócio fundador da Associação Gaúcha de Escritores. Em 1997, foi empossado na Academia Brasileira de Medicina Veterinária, com sede no Rio de Janeiro. <http://www.alcycheuiche.com.br/>. Acesso em 26 dez 2012.

²⁴¹ CHEUICHE, Alcy. Alceu Wamosy e a Revolução de 1923. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 14, p. 105-111, 1998.

²⁴² RAMÍREZ, Hugo. Os últimos dias de Alceu Wamosy. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 16, p. 47-62, 2000.

²⁴³ RAMÍREZ, Hugo. Alceu Wamosy, o mais romântico dos simbolistas brasileiros. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 15, p. 163-185, 1999.

²⁴⁴ RAMÍREZ, Hugo, op. cit., p. 178.

uma sequência do parnasianismo; essencialmente, constitui uma sensível liberação à rigidez morfológica de ourivesaria e aos duros parâmetros da objetividade, de modo sutil, mas tão substancial que há quem nele veja tendências de retorno ao romantismo.

Ramírez afirmou que com sua tríplice auréola de jornalista de ideias, poeta lírico e mártir de suas convicções políticas, Alceu Wamosy dispõe da estatura literária e do carisma romântico requeridos pelos verdadeiros poetas e essas são, sem dúvidas, as razões de sua permanência entre os grandes nomes da literatura rio-grandense. Para o acadêmico, tais características fazem com que Wamosy destoe positivamente de seus contemporâneos, o que poderia explicar a atenção dispensada a ele e à sua produção.

A literatura com inspirações simbolistas do Rio Grande do Sul ainda está presente em dois artigos da autoria do Ir. Elvo Clemente. Ambos versam sobre o escritor, poeta, teatrólogo e historiador Ernani Fornari que, segundo os ensaios, pode ser considerada de transição, uma vez que são percebidos concomitantemente aspectos simbolistas e modernistas.

Tanto “Relembrando Ernani Fornari”²⁴⁵ quanto “Ernani Fornari: poeta e dramaturgo (1899 – 1999)”²⁴⁶ apresentaram aos leitores as facetas mais interessantes de Fornari. O primeiro texto foi focado no estudo da produção poética de Fornari e o segundo, um levantamento dos aspectos mais encontrados em suas produções. Ir. Elvo Clemente²⁴⁷ ressaltou que obra poética de Fornari, de início, tem um colorido profundamente simbolista, pois os movimentos modernistas se fizeram sentir de maneira paulatina. Posteriormente, a obra de Fornari aderiu cada vez mais à estética modernista.

Se em outras regiões do Brasil a valorização do regional foi inspiração por algum período, em solo rio-grandense ultrapassou gerações, sendo tema de textos até hoje. Os artigos publicados pela *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras* refletem essa realidade, tendo abrigado trabalhos da

²⁴⁵ CLEMENTE, Ir. Elvo. Relembrando Ernani Fornari. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 5, p. 51-54, 1986.

²⁴⁶ CLEMENTE, Ir. Elvo. Ernani Fornari: poeta e dramaturgo (1899-1999). **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 16, p. 79-84, 2000.

²⁴⁷ CLEMENTE, op. cit., p. 52.

autoria de escritores renomados como João Simões Lopes Neto. É evidente que os anos e as novas tendências que surgiram modificaram o estilo da prosa e da poesia regional, mas o amor pelos pampas e pela figura do gaúcho permaneceram. Simões Lopes Neto contava histórias que descreviam a vida do homem na campanha; Cyro Martins, por exemplo, produziu entre as décadas de 1930 e 1940 obras em que a temática rural é predominante, porém mais realista, uma vez que apresenta a realidade e as dificuldades pelas quais passam o homem gaúcho.

Responsável por importantes textos e contos divulgados nas primeiras edições, entre 1910 e 1913, o autor de *Contos gauchescos* agora é tema de alguns estudos na retomada das publicações da entidade da década de 1980, sendo citado em diversos textos sobre a literatura rio-grandense e sobre o regionalismo aqui desenvolvido. O acadêmico Carlos Reverbel²⁴⁸, com a colaboração de Lothar Hessel, organizou uma seleção de cento e cinquenta trabalhos sobre João Simões Lopes Neto ou que apenas citaram o escritor em livros, jornais e revistas entre 1940 e 1992. A intenção de Reverbel e Hessel, ao divulgar tal ensaio, consistiu em propiciar aos leitores fontes de pesquisa confiáveis. Dentre os periódicos nos quais os textos figuraram merecem destaque os jornais *Correio do Povo* e *Zero Hora* e as revistas *Província de São Pedro* e a *Revista do Globo*, essas duas últimas editadas pela Livraria do Globo.

O escritor Alcides Maia, autor de obras reconhecidas como o romance *Ruínas vivas* e o livro de contos *Tapera* foi objeto de estudo pelo acadêmico Arthur Ferreira Filho²⁴⁹. Além de acompanhar a tendência regionalista de seu período, Alcides Maia dirigiu o Museu Júlio de Castilhos, localizado no centro de Porto Alegre, sendo o primeiro gaúcho a ingressar na *Academia Brasileira de Letras*, ocupando a segunda ocupante da cadeira 4, sucedendo Aluísio de Azevedo.

²⁴⁸ REVERBEL, Carlos. Trabalhos sobre J. Simões Lopes Neto ou apenas referências ao escritor – publicados em livros, jornais e revistas (1940-1992). **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 16, p. 145-150, 2000.

²⁴⁹ FILHO, Arthur Ferreira. Alcides Maia. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 2, p. 48-55, 1982.

Em seu trabalho, Artur Ferreira Filho²⁵⁰ elabora uma pequena biografia de Maia, enfatizando o caráter regional que predominava em suas obras, assim como tece possíveis comparações com Simões Lopes Neto. Segundo Ferreira Filho, Alcides Maia estava longe de ser um regionalista do gênero de Lopes Neto, uma vez que o autor de “Trezentas onças” extraía tudo da Campanha, principiando e terminando suas narrativas no ambiente gauchesco. Em oposição, Alcides utilizava o gaúcho e o seu meio como instrumentos de análise do meio social de seu tempo. Sobre as diferenças e semelhanças entre os dois escritores, Ferreira Filho²⁵¹ afirmou:

Enquanto Simões Lopes Neto, ao falar, se confunde com o peão Blau Nunes, Alcides conserva-se estranho aos seus personagens, com a única exceção aberta a Moysés Carreteiro, a quem faz interprete de seu saudosismo quando, fugindo ao burburinho urbano, se retira melancolicamente na direção do sul, onde ainda existiam léguas de campo. Seus personagens são, em geral, indivíduos brutos, desordeiros, criminosos, que não merecem o apreço de seu próprio criador.

Ao divulgar um texto em que Maia e Lopes Neto são estudados e comparados, a publicação propicia outro olhar sobre o Rio Grande e seus costumes, uma vez que ambos reverenciam a terra gaúcha de formas diferentes, porém com equivalente relevância para que se compreenda o desenvolvimento das manifestações literárias do período e futuras.

Alguns anos depois, durante a década de 1930, os ideais regionalistas valorizados por Simões Lopes Neto foram resgatados, garantindo a continuidade da literatura regional. Durante esse período, gaúchos como

²⁵⁰ Artur Ferreira Filho: São José do Norte, 20 de setembro - Porto Alegre, 25 de março de 1996. Homem de múltiplas atividades, descendente de antiga grei de fazendeiros e militares, engenheiro de formação, foi escritor, sociólogo, jornalista, historiador, militar e político. Positivista, era filiado ao Partido Republicano Rio-Grandense.

Foi membro de inúmeras instituições culturais: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, Academia Sul-Rio-Grandense de Letras, da qual foi Presidente quatro vezes, entre outras.

Acesso em 26 dez. 2012. http://www.ahimtb.org.br/guarara_esp_20set10.htm

²⁵¹ FILHO, Arthur Ferreira. Alcides Maia. *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre, n. 2, p. 52, 1982.

Aureliano de Figueiredo Pinto, Pedro Wayne, Ivan Pedro de Martins e Cyro Martins geraram obras de significativo valor histórico e documental garantindo, assim, que o movimento iniciado pelo autor de *Lendas do Sul* tivesse espaço renovado nas letras sulinas.

Esses mesmos nomes obtiveram reconhecimento e espaço nas páginas da *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*, mostrando que a publicação acompanhou as modificações e novidades que surgiram ao longo dos anos, cumprindo, dessa forma, sua missão de divulgar e propiciar aos seus leitores uma visão mais crítica das diversas fases pelas quais a literatura gaúcha passou até o presente.

Aurélio de Figueiredo Pinto e sua produção foram tema de dois trabalhos de diferentes acadêmicos, Hélio Moro Mariante²⁵² e Francisco Pereira Rodrigues²⁵³, atual presidente da associação. O de Mariante²⁵⁴ comenta um poema, “*ad sodalibus*”, e o de Rodrigues comemora o centenário de nascimento do escritor. Além de artigo comemorativo da publicação acadêmica, o acontecimento foi festejado pela *Academia Rio-Grandense de Letras* e pela *Estância da Poesia Crioula* em uma sessão solene ocorrida em 1998 no Salão Mourisco da Biblioteca Pública, localizada próximo ao Teatro São Pedro, no centro da Capital.

²⁵² MARIANTE, Hélio Moro. AD SODALIBUS. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 6, p. 73-85, 1987.

²⁵³ RODRIGUES, Francisco Pereira. Centenário de um poeta. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 15, 1999.

²⁵⁴ Helio Moro Mariante: Caxias do Sul, 21 de dezembro de 1915 – Porto Alegre, 24 de dezembro de 2005. Possuía o Curso de Formação de Oficiais da Brigada Militar e o Curso de História do Rio Grande do Sul na UFRGS. Dedicou-se à pesquisa do folclore, à poesia regionalista e à história da Brigada Militar. Exerceu o cargo de redator secretário da *Revista Brigada Gaúcha*, de Porto Alegre, foi codiretor da *Revista Querência*. Nomeado assistente do governador Walter Peracchi de Barcelos, manteve discreta atuação política, defendendo sempre a ação da Brigada Militar, que ele costumava chamar de “minha gente”. Pertencente à Academia Rio-Grandense de Letras e dedicado ao folclore do Rio Grande do Sul, publicou na *Revista Organon*, em 1968, o primoroso ensaio *A vida humana e animal nos contos gauchescos, da obra de Simões Lopes Neto*. Em rápidas palavras, Mariante traça a imagem do rio-grandense e suas relações sociais com a mulher, no período formativo de nossa sociedade: “Simões Lopes não ficou imune à tendência gaúcha de valorizar e exaltar somente o macho quer em se tratando de humanos, quer de irracionais. Para o gaúcho, e isto vem de priscas eras, apenas o homem, o cavalo, o touro ou o boi merecem destaque. A importância das mulheres e fêmeas é secundária, sempre em segundo plano”. (*Organon*, nº 13, p. 107). Sócio efetivo da Estância da Poesia Crioula, Hélio Mariante deixou uma coleção de poemas campeiros, publicados no livro *Rodeio dos Rodeios*, em 1970. era sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e do Instituto de História e de Tradições do Rio Grande do Sul por suas contribuições no campo de pesquisa da história. http://www.arl.org.br/escritores/helio_mariante.htm. Acesso em 2 dez. 2012.

O poema *ad sodalibus*, tema do estudo de Mariante, consistiu em uma publicação póstuma, divulgada pelo Coronel Plínio de Figueiredo Pinto, irmão do autor e responsável pela edição e distribuição aos amigos e admiradores do poeta. A análise do poema foi precedida por uma curta biografia de Pinto e seguida pela transcrição completa do mesmo. Ao final de seu trabalho, Mariante organizou um glossário identificando expressões utilizadas ao longo do poema.

Já o acadêmico Francisco Pereira Rodrigues²⁵⁵ propõe uma reflexão desse autor como poeta, analisando suas principais características, contextualizado seus temas preferidos e produções com o seu tempo. Sobre Aureliano e seu perfil, Pereira²⁵⁶ destaca:

Nascido e criado ao calor das labaredas do maior incêndio político que crepitou no Rio Grande do Sul, de 1889 a 1945, servindo como serviu ao Governo do Estado em plena Ditadura Vargas, Aureliano não se deixou envolver e desviar o seu portentoso estro para louvaminhas aos poderosos da época. Pelo contrário, protegido pela educação familiar e pela armadura acadêmica, manteve o seu preciso verso inteiramente fiel ao Rio Grande heroico, perpetuando o gaúcho e seus pagos na História da Literatura, através de uma linguagem tão bela que o torna digno da mais exigente biblioteca.

Assim como seus contemporâneos, Aureliano de Figueiredo representa as modificações sofridas nas bases ideológicas que guiavam o regionalismo produzido no Rio Grande até então. Exposto a um ambiente de intensos debates políticos desde o seu nascimento, a sua obra não poderia fugir da representação do gaúcho resultante das modificações sociais, políticas e

²⁵⁵ Francisco Pereira Rodrigues: Santo Amaro, 23 de abril de 1913. Advogado, escritor e político e é natural de Santo Amaro, hoje sede de General Câmara, foi vereador de Itaqui, Taquari e Farroupilha. Também foi eleito prefeito de General Câmara na década de 60. Escreveu 41 livros e, em 2001, foi jubulado pela Ordem dos Advogados do Brasil. <http://tvcamara-poars.blogspot.com.br/2012/08/a-trajetoria-de-francisco-pereira.html>. Acesso em 26 dez. 2012.

²⁵⁶ RODRIGUES, Francisco Pereira. Centenário de um poeta. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 15, p. 20-21, 1999.

econômicas pelas quais o Brasil passava. Segundo Francisco Rodrigues²⁵⁷, movidos pela virada histórica do País, usos e costumes vão se transformando, transferindo-se para os palcos. O campeiro lendário transforma-se em representação artística, restando apenas as peças do vestuário típico, as quais são aos poucos substituídas pelas vestimentas modernas. Para Rodrigues²⁵⁸, os versos de Figueiredo Pinto servirão para que as gerações futuras conheçam as suas raízes e o que realmente significa ser gaúcho.

O período em que Aureliano de Figueiredo Pinto e seus pares produziram suas obras foi de grande importância para a história do País, sendo marcada pela derrocada da República Velha, a tomada do poder por Getúlio Vargas e implementação de seu Estado Novo. Essa série de eventos resultou em um processo de modernização que não alterou a dicotomia entre campo e cidade, uma vez que, mesmo sob novo regime, os fundamentos do anterior permaneceram. As modificações em relação ao regionalismo puderam ser realmente inauguradas em 1934, com a publicação de *Campo afora* de Cyro Martins.

Martins, assim como Pedro Wayne, Aureliano de Figueiredo Pinto e Ivan Pedro de Martins, ilustra a produção regionalista desse período, enfatizando as denúncias das condições sociais predominantes na Campanha. Cyro Martins, quando comparado com seus pares, foi o que mais produziu, sendo as obras *Sem rumo*, *Porteira fechada* e *Estrada nova* uma trilogia que propunha uma nova visão do homem gaúcho, vivendo dificuldades financeiras e à margem da sociedade²⁵⁹.

Walter Galvani²⁶⁰, em seu texto “Cyro Martins: a felicidade é feita das miudezas da vida...”²⁶¹, enalteceu o escritor, médico e profissional que Martins

²⁵⁷ RODRIGUES, Francisco Pereira. Centenário de um poeta. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 15, p. 19, 1999.

²⁵⁸ RODRIGUES, op. cit., p. 20.

²⁵⁹ ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 83

²⁶⁰ Walter Galvani da Silveira: Canoas, 6 de maio de 1934. Jornalista, escritor e professor, estreou no jornalismo em sua terra natal, ajudando a fundar o jornal “Expressão” em agosto de 1954. No ano seguinte (1955) transferiu-se para o “Correio do Povo” em Porto Alegre, onde iniciou uma longa carreira que atinge cinquenta e cinco anos de atuação a serem completados em agosto. A partir de 1957 passou a utilizar o nome profissional de Walter Galvani. Atuou em todos os veículos de comunicação da Empresa Jornalística Caldas Júnior, começando pelo próprio “Correio”, depois na “Folha da Tarde”, “Folha Esportiva”, “Folha da Manhã” e “Rádio Guaíba”. Trabalhou também na “Rádio Gaúcha” e na “Rádio Pampa”, bem como na “Revista do Globo”, tendo sido colaborador de outros órgãos de imprensa do Rio Grande e de fora, como

foi, partindo de suas impressões do pequeno convívio que teve com o autor de *Porteira fechada*. Esboçou, em seu texto, alguns fatos importantes da biografia do autor, inserindo nessa cronologia suas obras e as principais características das mesmas. Segundo Galvani²⁶², Cyro Martins permite que seu leitor conheça melhor sua vida e seu destino, além do lugar onde vive o Rio Grande.

O movimento simbolista, tão importante na reafirmação do identitário gaúcho, foi, aos poucos, esgotando-se como modelos a ser seguido. A nova geração buscava novas formas de expressar sentimentos e opiniões. Segundo Carlos Nejar²⁶³, o processo de renovação criadora é sempre sobre as ruínas do mundo anterior, sejam elas políticas, econômicas ou culturais. É da empolgação de uma nova identidade nacional, de um idioma criativo e da invenção do povo brasileiro que surge o movimento modernista. Como em todo momento de transição é natural que traços simbolistas e modernistas se misturem. Em alguns casos, mesclam-se, ainda, vestígios parnasianos, fruto de poetas que atravessaram gerações mantendo sempre viva a sua escrita. Assim como seus autores, os textos estão em constante processo de construção.

Se Augusto Meyer inaugura o Modernismo no Rio Grande do Sul ao atualizar a linguagem e os usos dos costumes e tipos locais²⁶⁴, Mario Quintana é quem, dentre os poetas de seu tempo, adere ao movimento. As características modernistas foram assimiladas de acordo com as necessidades de Quintana, que prefere a lamentação da transitoriedade da vida e do homem.

Em relação a Mario Quintana, as revistas editadas pela *Academia Rio-Grandense de Letras*, a partir de 1980, dedicaram ao poeta vários trabalhos. A edição número 20 da revista reservou uma seção para comemorar o centenário

“Clarín”, de Buenos Aires, revista “Tópicos”, de Berlim, “Aurora”, da Associação dos Magistrados do Brasil e “Cadernos Literários”, da Associação dos Magistrados do Rio Grande do Sul, nos jornais canoenses “O Momento” e “O Timoneiro” e na revista “Rua Grande” de São Leopoldo. Atualmente escreve para os jornais “ABC Domingo” do Grupo Editorial Sinos, e para o “Diário Popular” de Pelotas e, eventualmente para outros veículos, como a revista da Academia Rio-Grandense de Letras, onde ocupa a Cadeira de número 25 e jornais como “A Razão” de Santa Maria. Apresenta comentário semanal sobre Literatura na Rádio Guaíba, de Porto Alegre, quintas-feiras, dentro do programa “Guaíba Revista”. http://www.arl.org.br/academicos/walter_galvani.htm. Acesso em 26 dez. 2012

²⁶¹ GALVANI, Walter. Cyro Martins: “a felicidade é feita das miudezas da vida...”. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 21, p. 145-149, 2007.

²⁶² GALVANI, Walter. Cyro Martins: “a felicidade é feita das miudezas da vida...”. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 21, p. 148, 2007.

²⁶³ NEJAR, CARLOS. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Copesul: Telos, 2007. p. 189.

²⁶⁴ ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 68

de Quintana, intitulando-a *Homenagem a Mário Quintana*. Nesse espaço, oito acadêmicos divulgaram seus estudos, elogios, relatos e poemas saudando a memória e a produção desse escritor. Os acadêmicos responsáveis por esses trabalhos foram Ir. Elvo Clemente, Hugo Ramírez, Luiz da Miranda, Alcy Cheuiche, Walter Galvani, João Justiniano da Fonseca e Amir Feijó Pereira.

Os textos que compõem a seção “Homenagem a Mário Quintana” são organizados da seguinte forma: uma seleção de três crônicas, três relatos e dois poemas. Dos trabalhos citados, merecem destaque pela ênfase no fazer poético de Quintana “100 anos de Mário Quintana”, de Ir. Elvo Clemente²⁶⁵, e “Mário Quintana: mini cantata ao centenário”, de João Justiniano da Fonseca²⁶⁶.

Em “100 anos de Mario Quintana”, o acadêmico Ir. Elvo Clemente estuda a biografia do poeta, destacando as impressões de escritores e professores sobre a representatividade de seus trabalhos. Ainda propôs a análise de alguns poemas dos quais o foco eram as ruas da cidade de Porto Alegre. De acordo com Clemente²⁶⁷, dentre os temas mais frequentes nos poemas de Quintana devem ser ressaltados os que tematizam as ruas, os bares, a paisagem, o soprar dos ventos e as alegrias e tristezas que fazem parte de sua vida e da população rio-grandense.

João Justiano da Fonseca²⁶⁸, ao mesmo tempo em que destacou fatos importantes da vida do poeta, apresentou em “Mário Quintana: mini cantata ao centenário” um levantamento das tendências que influenciaram a produção poética de Quintana desde os seus primeiros versos, passando por traços parnasianos e simbolistas, chegando ao modernismo que seguiria, com as

²⁶⁵ CLEMENTE, Ir. Elvo. 100 anos de Mário Quintana. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 20, p. 9-15, 2006.

²⁶⁶ FONSECA, João Justiniano da. Mário Quintana: mini cantata ao centenário. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 20, p. 41-46, 2006.

²⁶⁷ CLEMENTE, Ir. Elvo. 100 anos de Mário Quintana. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 20, p. 11, 2006.

²⁶⁸ João Justiano da Fonseca: Rodelas, 30 de junho de 1920. É poeta e ficcionista, com incursões na historiografia e na biografia. Pertence ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, a União Brasileira de Trovadores (UBT) - Salvador, a Casa do Poeta Brasileiro em Salvador e, como correspondente, a Academia Rio-grandense de Letras, a Academia Petropolitana de Letras, a Academia Petropolitana de Poesia Raul de Leoni e Casa do Poeta Rio-grandense. É verbete na Enciclopédia de Literatura Brasileira, de Afrânio Coutinho, 1990 e 2001, verbete no Dicionário de Poetas Contemporâneos, de Francisco Igreja, 2ª edição, 1991. <http://www.joaojustiniano.net/biografia.html>. Acesso em 26 dez. 2012.

suas adaptações, até o fim. Sobre a vertente modernista em Quintana, Justiniano²⁶⁹ assim se manifestou:

Modernista, dominava tranquilamente, como raros a métrica, e encaminhou entremeando, metrificados quase sempre versos longos e curtos. Mantinha como ninguém, a doce sonoridade poética. Poemas breves, alguns de único verso, marcando um pensamento.

A produção de Quintana é contextualizada dentro do período moderno continuando, porém, vinculada à estética simbolista, mais conveniente com as desilusões expressas por Quintana com o mundo e alguns fatos que permearam a sua vida e a sua poesia.

O processo de atualização da literatura nacional, nos diversos estados que compõem nosso País, ganhou cores diversas, assumindo, juntamente com as influências do Modernismo, características específicas de cada um dos grupos regionais. De acordo com Alfredo Bosi²⁷⁰, em Porto Alegre surgiu um grupo cuja produção resultou em uma síntese das inovações modernas unidas à cultura gaúcha, uma vez que o regionalismo e o culto ao que é do Rio Grande perpassam todos os movimentos que aqui chegaram. Além da figura de Mario Quintana, destacam-se como escritores e poetas com inspirações modernistas Augusto Meyer, Pedro Vergara e Manoelito de Ornelas. Com o passar dos anos, especificamente na década de 1930, as conquistas do Modernismo e o interesse pelas realidades regionais e nacionais aproximaram cada vez mais os escritores dos quatro cantos do Brasil. Nesse período a literatura produzida no território nacional refletiu a busca de uma linguagem mais abrangente, que refletisse a pluralidade do cotidiano.

A procura por um caráter mais universal deriva dos fatos que faziam parte da vida dos escritores que viveram na década de 1930. O crescimento das cidades e o fortalecimento da burguesia e do proletariado forneceram

²⁶⁹ FONSECA, João Justiniano da. Mário Quintana: mini cantata ao centenário. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 20, p. 45, 2006.

²⁷⁰ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 344.

novos temas aos ficcionistas, determinando o despertar, no Rio Grande do Sul, da valorização da paisagem urbana e as problemáticas que a envolvem²⁷¹.

Como resultado do surgimento de novos focos para a escrita, o romance urbano que nasce, segundo Zilberman²⁷², acompanha o processo por que passa a narrativa regionalista de seu tempo, não por introduzir Porto Alegre na literatura, mas por questionar as contradições do período. Erico Verissimo, Dyonélio Machado e seus contemporâneos De Souza Júnior e Reynaldo Moura, através de seus romances, acompanharam a renovação ocorrida em toda a prosa do País que propunha uma investigação do lugar do homem social e economicamente.

Dentre os nomes acima citados como renovadores da ficção gaúcha obtiveram maior destaque no panorama nacional da literatura Dyonélio Machado e Erico Verissimo. Apesar de possuírem características diferentes, ambos, mesmo que não reconhecidos da mesma maneira, figuram entre os autores mais importantes da nova ficção brasileira.

A *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras* ressalta Dyonélio Machado e Erico Verissimo como autores representativos da prosa rio-grandense produzida a partir da década de 1930. Desde a retomada das atividades da publicação da instituição, foram editados quatro artigos sobre esses autores: um sobre Dyonélio Machado e três sobre Erico Verissimo.

Em “Dyonélio Machado: seu encanto pela história de *Os ratos*”, o acadêmico Amir Feijó Pereira²⁷³ destacou em poucas linhas fatos da vida de Dyonélio Machado, como a sua formação em Medicina e a especialização em psiquiatria, seu envolvimento com a política e com o Partido Comunista Brasileiro, além de seu ano de estreia na ficção, 1927 com *Um pobre homem*. O livro que o consagrou, *Os ratos*, foi lançado em 1935, sendo seu autor contemplado com o *Prêmio Machado de Assis*. Erico Verissimo, no mesmo ano, também recebeu a honraria, concorrendo e vencendo com *Música ao longe*.

²⁷¹ ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 93

²⁷² ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 74-75

²⁷³ Amir Feijó Pereira: Porto Alegre, 13 de dezembro de 1939. Bancário em Porto Alegre. Poeta e decorador. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, Instituto Estadual do Livro, 1978.

Já sobre Erico Verissimo, a revista da entidade dedicou-lhe três artigos, sendo um sobre o escritor e suas obras, outro sobre sua personagem da trilogia *O tempo e o vento*, Ana Terra, e um último sobre sua esposa e o papel que desempenhou antes e depois de sua morte. Dos trabalhos citados, *Erico Verissimo no solo de clarineta*²⁷⁴ e *Ana Terra: Erico de volta à terra*²⁷⁵ são significativos já que possibilitam ao leitor um aprofundamento sobre a vida do escritor e uma de suas personagens mais fortes.

Em “Erico Verissimo no solo de clarineta”, Ir. Elvo Clemente, presidente em exercício da Academia Rio-Grandense de Letras na época, realizou um estudo partindo da perspectiva de Erico Verissimo como historiador de si mesmo em seu livro inacabado, *Solo de clarineta*.

Seguindo a narrativa do próprio Erico, Ir. Elvo Clemente comenta fatos decisivos como o casamento, o nascimento dos filhos e o trabalho em parceria com a *Livraria do Globo*, assim como as obras inesquecíveis de Verissimo, como a inaugural, *Clarissa* e as que compõem a trilogia *O tempo e o vento*, *O continente*, *O retrato* e *O arquipélago*, sendo o último o mais árduo de desenvolver e finalizar. Sobre a experiência de revisitar a vida e a obra de Erico Verissimo, Ir. Elvo Clemente²⁷⁶ afirmou:

Percorrer uma vida é ver a mão misteriosa da Providência conduzindo os dias e os anos das pessoas para levá-las ao momento sublime de sua perfeição: ponto final de uma aventura terrena e começo de nova caminhada para a outra vida, onde a bondade e misericórdia infinitas de Deus se aproximam para amplexo de amor e de eternidade.

No texto “Ana Terra: Erico de volta à terra”, Alcy Cheuiche desenvolveu um estudo sobre a personagem Ana Terra e a sua

²⁷⁴ CLEMENTE, Ir. Elvo. Erico Verissimo no solo de clarineta. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 19, p. 13-20, 2005.

²⁷⁵ CHEUICHE, Alcy. Ana Terra: Erico de volta à terra. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 18, p. 93-97, 2004.

²⁷⁶ CLEMENTE, Ir. Elvo. Erico Verissimo no solo de clarineta. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 19, p. 20, 2005.

representatividade em relação à história do Rio Grande do Sul. Cheuiche atribui à Ana Terra um papel matricial, como afirma²⁷⁷:

É a futura mãe de todos os gaúchos... é o símbolo da mulher que irá povoar aquelas regiões imensas. É um elo da nossa miscigenação que começa a plasmar. Ao entregá-la a Pedro Missioneiro, o escritor exige respeito ao nosso sangue indígena. A personagem é um visível símbolo da nossa terra em seus primórdios.

Ana Terra, assim como toda a narrativa na qual essa personagem é inserida por seu criador, compõe a grande saga do Rio Grande do Sul. O autor retrocede aos primeiros momentos da formação do Estado, acompanhando historicamente o desenvolvimento do mesmo até o final do século XIX. A trilogia que retratou fatos importantes como a Revolução Farroupilha, a Guerra do Paraguai, as Revoluções de 1893 e 1930 e as administrações de Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros e Getúlio Vargas, é representativa da força do povo rio-grandense, ao mesmo tempo em que colabora para a construção e reafirmação do orgulho de pertencer a essa terra.

Ao divulgar a produção dos acadêmicos sobre as tendências seguidas pelos escritores rio-grandenses na produção de seus livros, a Revista da Academia faz a sua parte para solidificar o sistema no qual está inserida, o sistema literário gaúcho. Para atingir esse objetivo, divulga trabalhos que motivem seu público a compreender as motivações históricas pelas quais os autores rio-grandenses foram afetados e as consequências que tais eventos tiveram na formação da literatura gaúcha.

²⁷⁷ CHEUICHE, Alcy. Ana Terra: Erico de volta à terra. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 18, p. 95-96, 2004.

4.2.3.2 A herança cultural do Rio Grande

Assumindo para si a responsabilidade de perpetuar as tradições e as conquistas dos gaúchos, a associação organizou seus trabalhos sob algumas temáticas, agrupando-os em temas como o espaço geográfico do Rio Grande do Sul, os homens nascidos no Estado, a definição do ser gaúcho e as lutas às quais aderiram.

Os trabalhos que remontam à fundação de cidades do Rio Grande estabelecem os fatos que determinaram a fundação do local e a relação do mesmo com o desenvolvimento do Estado. Foram temas de estudos as localidades de Passo Fundo, Cachoeira do Sul, General Câmara e Tapes.

As cidades foram selecionadas de acordo com a experiência pessoal de cada associado. Francisco Pereira Rodrigues optou por estudar General Câmara, pois nasceu em Santo Amaro, em 23 de abril de 1913 e, nessa época, o local era distrito de General Câmara. O acadêmico Justino Vasconcelos²⁷⁸ escolheu cidades pelas quais já havia vivido ou pelo menos passado algum tempo, caso de Cachoeira do Sul, onde lecionou Latim no Ginásio Roque Gonzáles, e de Passo Fundo, a qual o honrou com o título de "Cidadão Passofundense". Luís Alberto Cibils, assim como Francisco Pereira Rodrigues, selecionou como temática de seu estudo o local onde nasceu, em seu caso, Tapes.

O município de General Câmara é exaltado pelo acadêmico Francisco Pereira Rodrigues²⁷⁹. Para isso, dedicou especial atenção aos nascidos naquela região que lutaram na Revolução Farroupilha, dando ênfase a José Gomes de Vasconcelos Jardim, primo de Bento Gonçalves e de Onofre Pires da Silveira Canto e, segundo Pereira Rodrigues, combatente valoroso.

²⁷⁸ Justino Albuquerque de Vasconcelos: Erechim, 20 de agosto de 1930. Foi o primeiro titular da cadeira de Direito Administrativo e Ciência da Administração, da Faculdade de Direito da UNISINOS, em São Leopoldo, RS. Desde 1973 pertence aos quadros da Academia Rio-grandense de Letras. Talento poliédrico, Justino Vasconcelos também se dedica escultura e à pintura, iniciado, nesta última, pelo pintor Edmundo Castilhos Rodrigues. http://www.cadastronacionaldecultura.com.br/pages/det_portoalegre.php?recordID=Justino%20Vasconcelos%20-%20ACD%20-%20APL%20-%20JUR%20-%20POE. Acesso em 26 dez. 2012.

²⁷⁹ RODRIGUES, Francisco Pereira. O município de General Câmara na história farroupilha. *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre, n. 8, p. 64-70, 1998.

Em relação às cidades de Passo Fundo e Cachoeira do Sul, Justino Vasconcelos²⁸⁰ desenvolveu um histórico destacando as suas riquezas, importância econômica, além dos referenciais afetivos que ambas representam para o acadêmico.

Luís Alberto Cibils²⁸¹ dedicou especial atenção à sua cidade natal, Tapes, em três momentos da *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*. Nos trabalhos desenvolvidos, Cibils propôs um levantamento dos principais fatos históricos ocorridos na região, assim como das influências espanholas e portuguesas que hoje fazem parte dos costumes da cidade.

Em relação às etnias que colaboraram para a formação do povo gaúcho, os textos destacam, além dos espanhóis e portugueses citados no artigo de Cibils, os italianos. O professor e historiador Moacyr Flores²⁸² responsabilizou-se por um trabalho sobre os portugueses da região dos Açores e as suas contribuições na história do Estado e o Ir. Dionísio Fuertes Álvares²⁸³ sobre as características espanholas que se sobressaíram na cultura rio-grandense. Já Frei Rovílio Costa²⁸⁴ foi o grande divulgador dos imigrantes italianos no Rio Grande e as colaborações que os mesmos deram para o desenvolvimento econômico do Estado, além do importante legado cultural que deixaram. Empenhado em divulgar a presença italiana no sul do Brasil, Costa

²⁸⁰ VASCONCELOS, Justino. Passo Fundo e Cachoeira. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 15, p. 111-116, 1999.

²⁸¹ CIBILS, Luís Alberto. 80 anos da transferência de Dores de Camaquã para Tapes. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 22, p. 67-69, 2009.

CIBILS, Luís Alberto. Reminiscências de Dores de Camaquã e Tapes. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 19, p. 182-185, 2005.

CIBILS, Luís Alberto. Município de Tapes. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 15, p. 77-82, 1998.

²⁸² FLORES, Moacyr. Influências açorianas no Rio Grande do Sul. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 11, p. 62-69, 1991.

²⁸³ ALVAREZ, Ir. Dionísio Fuertes. Influência da Espanha na formação da cultura rio-grandense. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 12, p. 60-64, 1993.

²⁸⁴ COSTA, Frei Rovílio. Os italianos do Rio Grande do Sul e sua autonomia cultural. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 11, p. 39-50, 1991.

COSTA, Frei Rovílio. A imprensa na colônia italiana. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 15, p. 117-125, 1999.

COSTA, Frei Rovílio. 125 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 16, p. 269-273, 2000.

COSTA, Frei Rovílio. Imigração italiana e sociedade civil. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras, Porto Alegre**, n. 16, p. 159-165, 2002.

dedicou praticamente todas as suas participações a esse assunto. Sobre a formação cultural do Rio Grande, Ir. Dionísio Fuertes Alvarez²⁸⁵ afirma:

A cultura do Rio Grande do Sul, como, aliás, a cultura do Brasil e mesmo a cultura da América, não é uma cultura feita ou acabada, com características definidas e próprias. É uma cultura em formação. Quando o processo dessa formação terminar, se é que algum dia termina, ela será resultado da amálgama das culturas dos povos ou etnias que contribuíram para a formação da população rio-grandense. Poderíamos considerar a cultura como um conjunto de avanços que o espírito humano conseguiu realizar no sentido de seu progresso nos domínios da linguagem, da ciência, da arte, dos costumes, etc. É evidente que todos os povos que contribuíram e contribuem para a formação da população do Rio Grande trazem consigo elementos culturais – científicos, linguísticos, artísticos, folclóricos, etc. – que se acrescentam aos elementos culturais trazidos pelos demais povos aqui chegados para com eles formar, andando o tempo, o conjunto cultural característico do povo rio-grandense.

Como o próprio Ir. Dionísio Alvarez Fuertes destacou em seu artigo, há um Rio Grande da fronteira, um Rio Grande da colônia italiana, um Rio Grande da colônia alemã, um Rio Grande urbano, e outros diversos Rio Grandes, cada um com fisionomia própria e diferenciada. É a mistura de todas essas culturas que torna possível falar com propriedade de uma tradição rio-grandense propriamente dita.

A revista divulgou em suas páginas textos²⁸⁶ que especificam alguns aspectos da cultura gaúcha, como características da linguagem, divertimentos

²⁸⁵ ALVAREZ, Ir. Dionísio Fuertes. Influência da Espanha na formação da cultura rio-grandense. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 12, p. 60, 1993.

²⁸⁶ Dentre os diversos textos sobre a cultura rio-grandense merecem destaque: FLORES, Moacyr. Mito do gaúcho. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 17, p. 147-158, 2002.

COSTA, Frei Rovílio. Língua, línguas e multiculturalismo. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 16, p. 85-100, 2000.

HESSEL, Lothar. Gênese, apogeu e declínio do tipo gaúcho. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 11, p. 70-78, 1991.

típicos, influências no ensino e a figura mítica do gaúcho. Nesses ensaios, os leitores puderam conhecer mais sobre hábitos alimentares, a transição do gaúcho do meio rural para o urbano e as consequências disso; da mesma forma que puderam aprender o significado de expressões como “jogo do osso”, “carreira de chanchã reta” e as “charlas galponeiras”.

O acadêmico que, por excelência, dedicou-se à análise dos costumes e da tradição do Rio Grande do Sul foi Hélio Moro Mariante. Nas edições das décadas de 1940 e 1950, Mariante proclamava os fortes movimentos em prol de uma associação voltada a manter e promover o tradicionalismo gaúcho. Anos depois, com o Movimento Tradicionalista Gaúcho, o MTG, já erguido, ele persistiu escrevendo contos e textos esclarecedores sobre o tema. Em um deles, “O culto à tradição”²⁸⁷, enfatiza que amar sua herança cultural é uma prática universal, exercida com maior ou menor intensidade por todos²⁸⁸:

No Brasil, mais precisamente no Rio Grande do Sul, esse culto à tradição ganhou um enfoque especial, pois que foi institucionalizado, formando o chamado Tradicionalismo Gaúcho, sob a égide do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Disciplinado, para que não perdesse suas características próprias, não cerceia, entretanto, a ação dos seus integrantes que encontram no folclore, nos usos e costumes, na ergologia, na indumentária, na culinária e em quaisquer outras manifestações de cunho popular, a satisfação dos anseios da idiosincrasia desse singular que é o gaúcho.

A reflexão acima demonstra que cuidar do que constrói o que somos é inerente a diferentes povos, porém a dedicação que cada um dispense é o diferencial. Através de suas iniciativas, o acadêmico Hélio Moro Mariante organizou uma entidade defensora e propagadora do que é ser gaúcho e fez

MARIANTE, Hélio Moro. O cruzeiro e a boeira. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 2, p. 69-73, 1982.

CAUDURO, Mila. Divertimento de gaúcho. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 2, p. 65-68, 1982.

²⁸⁷ MARIANTE, Hélio Moro. O culto às tradições. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 4, p. 52-54, 1985.

²⁸⁸ MARIANTE, Hélio Moro. O culto às tradições. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 4, p.54, 1985.

com que a Academia Rio-Grandense de Letras estivesse ligada a esses esforços que culminaram no erguimento, em 1966, do MTG. Sobre a postura de Mariante, Ir. Elvo Clemente destacou²⁸⁹:

Curioso dos fatos humanos realizou a licenciatura em História. Era a pessoa que mais sabia sobre o Rio Grande e seu povo. Investigava as fontes de todas as revistas, nos velhos jornais, nos livros editados no tempo do Império. Por isso, pertenceu a vários e importantes sodalícios: desde 1966 colaborou na fundação e no desenvolvimento do Círculo de Pesquisas Literárias (CIPEL); pertenceu à Academia Rio-Grandense de Letras, Instituto Histórico Geográfico, Poesia da Estância Crioula.

Mesmo que em menor número, os estudos sobre as tradições e os fatos históricos do Rio Grande são representativos, uma vez que abordam temas que possibilitam entender as estruturas sociais e culturais do ambiente no qual nos inserimos. Ao divulgar esses temas, a Academia Rio-Grandense de Letras atinge o objetivo de manter-se como divulgadora²⁹⁰ da cultura regional.

²⁸⁹ CLEMENTE, Ir. Elvo. 90 anos semeando cultura. **Revista da Academia Rio-Grandense de Letras**. Porto Alegre, n. 20, p. 89, 2006.

²⁹⁰ Considerando a Academia Rio-Grandense de Letras como um polissistema.

5 SISTEMAS EM PERSPECTIVA

Considerando que um sistema é uma rede de relações hipotéticas entre atividades chamadas literárias que não existem fora das relações que as sustentam ou operam a seu favor, esta tese, ao longo de sua trajetória, resgatou os documentos de bibliotecas e de arquivos públicos e privados rio-grandenses relativos à história da centenária Academia Rio-Grandense de Letras a fim de que os fatos e materiais encontrados possibilitassem compreender seu papel como elemento integrante do sistema literário do Rio Grande do Sul.

Essa proposta ensejou as seguintes questões: a Academia Rio-Grandense de Letras é um sistema? Se o é, articula-se com sistemas afins? A entidade é um sistema literário? Ao cumprir com a sua função dentro do sistema literário rio-grandense, o que transmite às gerações que seguem?

Observar os fenômenos sociais considerando-os como sistemas interligados e não mais como conglomerados díspares é o caminho para uma real compreensão da organização da sociedade moderna. Admitir que uniformidade não é fundamental para a validação e o estabelecimento de um sistema permitiu que se conhecesse mais acerca de fenômenos conhecidos e se descobrisse um mundo infinito de desconhecidos. O olhar dinâmico e múltiplo possibilitou que relações não percebidas passassem a ser notadas, evidenciando pontos de intersecções entre diversos elementos que, em um primeiro momento, não teriam relações palpáveis.

A organização da literatura do Rio Grande do Sul foi alicerçada sob elementos que garantiram, em um primeiro momento, a sua difusão, e, posteriormente, a sua divulgação e a sua manutenção. Com o intuito de fazer uma literatura comprometida com as coisas do Rio Grande, escritores, editores, periódicos, leitores e instituições foram implicados no funcionamento do sistema literário rio-grandense. Mesmo com papéis diferentes, todos tiveram participação fundamental, uma vez que um setor não funcionaria sem o outro.

A Academia Rio-Grandense de Letras, sob as luzes do princípio do século XX, surge para abarcar literatos, suas produções e suprir a falta de uma

instituição defensora das letras e dos costumes dos gaúchos. Sob essa égide, estabelece-se como um sistema fundamental para outro maior: o sistema literário rio-grandense.

A agremiação literária, da mesma forma que outras instituições culturais, define que modelos e que produções serão conservadas pela comunidade por um longo período, intermediando as forças sociais e os repertórios da cultura. Ela é responsável por apoiar escritores, iniciativas culturais, publicação e divulgação de trabalhos reconhecidos como de inestimável valor e pela preservação das obras canonizadas e dos costumes da região para transmiti-los às outras gerações.

Buscando efetivar seu papel de mantenedora e protetora das letras do Rio Grande, a Academia procurou por diversos meios cumprir sua missão. Em uma dessas iniciativas, filiou-se, em 1936, à Federação das Academias de Letras do Brasil, entidade criada naquele ano, com o apoio da Academia Brasileira de Letras e erguida com as seguintes finalidades²⁹¹:

- a) Incentivar a mais perfeita solidariedade do espírito nacional, através das letras e da cultura;
- b) defender direitos e aspirações dos elementos federados e em geral dos homens das letras na sua vinculação com o pensamento brasileiro e com as diretrizes da cultura excluída qualquer atividade de ordem religiosa ou partidária;
- c) manter um centro de informações e intercâmbio, tendo em vista principalmente os interesses nacionais e americanos;
- d) promover a realização de congressos de intelectuais, designando-lhes sede, depois de prévio entendimento com instituições e governos locais;
- e) estabelecer relações de intercâmbio com sociedades estrangeiras de letras e de cultura.

A proposta da Federação de valorizar os costumes de cada Estado motivou a Academia Rio-grandense de Letras e diversas entidades congêneres do País. Ao valorizarem o sistema no qual se inseriam, as instituições

²⁹¹ *Correio do Povo*. Porto Alegre, 17 jul. 1936. (o documento foi organizado em arquivo da Academia Rio-Grandense de Letras, não sendo informado o número da página).

acabavam por fortalecer o sistema literário nacional, sendo claramente esse o objetivo da entidade erguida na então capital federal, o Rio de Janeiro.

No Rio Grande do Sul, a afiliação renovou o espírito academicista. Os acadêmicos propuseram, então, que cada município gaúcho fundasse em sua localidade uma academia, tendo a mesma a função de abrigar seus escritores e recolher resquícios do fazer literário e dos costumes da região.

A iniciativa encontrou sucesso, já que várias cidades²⁹² do Estado empenharam-se na organização de grêmios literários. O aceite dessa proposta demonstra que, como sistema, a Academia Rio-Grandense de Letras articula-se com diversos sistemas afins, sendo eles o sistema literário brasileiro que, por sua vez, é sustentáculo do sistema literário rio-grandense. Da mesma forma, a agremiação literária fundada por Olinto de Oliveira é um dos pilares do sistema literário rio-grandense, uma vez que promove a difusão de novos sistemas que visam, da mesma forma, a manutenção e divulgação da literatura gaúcha.

Em correspondência enviada à secretaria da entidade para solicitar auxílio, reconhecimento e participação na fundação de sociedades literárias em diversos municípios gaúchos, pode-se comprovar seu papel de referências das letras do Rio Grande. Em carta²⁹³ de 23 de maio de 1937, o poeta santanense, Olívar Margiocco Bolívar, solicitou a colaboração dos acadêmicos para fundar em sua cidade o Grêmio Santanense de Letras. Pouco menos de um mês depois, o mesmo escritor informou à Academia Rio-Grandense de Letras que o grêmio literário havia sido instaurado com o intuito de obter reconhecimento e vinculação à instituição da Capital:

B 64 – LIVRAMENTO 47,5 – 11 – 5 – 12H30
GRÊMIO FUNDADO HOJE SAUDS BOLÍVAR.

²⁹² De acordo com as correspondências da Academia, participaram do projeto de expansão das agremiações proposto pela Federação das Academias de Letras do Brasil as seguintes cidades do Rio Grande do Sul: Passo Fundo, Rio Pardo, Santa Rosa, Santana do Livramento, São Leopoldo e Vacaria.

²⁹³ Assim como a mensagem de Olívar Margiocco Bolívar, poeta de Santana do Livramento, as que serão posteriormente citadas farão parte dos anexos da tese.

Da mesma forma, o Grêmio Passo-fundense de Letras e o Grêmio Rio-pardense de Letras solicitaram à Academia Rio-Grandense de Letras tornarem oficiais suas filiações:

Passo Fundo, 6 de maio de 1938.

Ilmo. Sr. Presidente da ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS

O GRÊMIO PASSOFUNDENSE DE LETRAS, pela sua primeira diretoria abaixo assinada, tendo sido fundado nesta cidade em data de 7 de abril de 1938, vem requerer à Academia Rio-Grandense de Letras o seu registro como entidade reconhecida, propondo-se à execução do programa de expansão cultural que esse sodalício lhe traçou e com cujos itens se manifesta plenamente acorde.

Junta, de conformidade com dispositivo do mesmo programa, um exemplar de seus estatutos e a relação completa de seus sócios efetivos até a presente data.

À Academia Rio-Grandense de Letras

“O GRÊMIO RIO PARDENSE DE LETRAS, pela sua primeira diretoria abaixo assinada, tendo sido fundado nesta cidade em data de 7 de setembro de 1937, vem requerer à ACADEMIA RIO-GRANDESE DE LETRAS o seu reconhecimento como entidade filiada, propondo-se à execução do programa de expansão cultural que esse sodalício lhe traçou e com cujos itens se manifesta plenamente de acordo. Junta, de conformidade com dispositivo do mesmo programa, um exemplar de seus estatutos e a relação dos sócios efetivos até a presente data.”

Rio Pardo, 30 de dezembro de 1938.

Ambas obtiveram o reconhecimento solicitado e, por parte da Academia Rio-Grandense de Letras, o compromisso em prestigiar os recém-fundados grêmios, buscando defender os direitos e aspirações no terreno intelectual, agindo como centro mediador de intercâmbio cultural entre essas entidades e as demais congêneres do Estado.

Em carta enviada pela Federação das Academias de Letras do Brasil, mais uma vez a posição de alicerce do sistema literário rio-grandense da Academia Rio-Grandense de Letras fica evidente:

Ilmo. Sr.
Presidente da Academia Rio-Grandense de Letras

Seja-nos permitido solicitar, por intermédio de V. Ex., aos ilustres membros dessa Academia que enviem regularmente colaborações à Diretoria da Revista da Federação.

Entre os trabalhos de qualquer gênero, que receberemos com o maior agrado, encarecemos a convivência de investigações e estudos informativos sobre a vida cultural nesse Estado, já que um dos objetivos imediatos da Federação das Academias de Letras do Brasil é revelar ao país os valores regionais de vária espécie, para fins de mais fecunda aproximação e conjugação dos múltiplos aspectos da inteligência brasileira.

A Federação realizará obra notável ao contribuir, assim, para a valorização da consciência nacional.

Há, nos Estados, temas magníficos, que os ilustres confrades dessa Academia bem conhecem e avaliam.

Temos a honra de nos subscrever com o mais elevado apreço.

Monte Arraes (Presidente)	Francisco Leite (1º secretário)
------------------------------	------------------------------------

Quando a Federação delega à Academia o papel de responsável por divulgar a vida cultural do Rio Grande, ela oficialmente declara o quanto a entidade, desde a sua fundação, é importante para a manutenção do fazer literário dos que nasceram em solo gaúcho. Para que possa cumprir com a tarefa de solidificar o legado formado pelas crenças, costumes e literatura do povo gaúcho, a instituição erguida por Olinto de Oliveira articula-se com outros sistemas para, assim, se sustentar.

A organização, direção e administração das nações e estados está vinculada a inúmeros ramos do conhecimento caracterizados por sua natureza empírica, lógica e sistemática. Aos homens responsáveis por essas tarefas cabe a missão de apontar o caminho a ser percorrido na busca da organização

social. Se o sistema político tem a incumbência de governar, os demais sistemas a ele interligados, sejam científicos ou artísticos, são destinados a suprir as demandas da população. Mesmo agindo em polos diferentes, ciência política e expressões artísticas, quando se pensa em sociabilidade, são indissociáveis. O ser humano precisa de alimentos, saúde e segurança, mas também necessita de espaços de aprendizagem, cultura e expressão.

Nesse contexto, a Academia Rio-Grandense de Letras insere-se e relaciona-se com o sistema político rio-grandense na consolidação do identitário do homem gaúcho através da promoção e preservação do patrimônio cultural do Estado. Da mesma forma, a instituição literária conecta-se ao sistema político para que obtenha espaço, apoio, patrocínio e divulgação de suas ideias e trabalhos.

O sistema político encontra na Academia espaço para divulgar sua ideologia, podendo, dessa forma, cativar possíveis simpatizantes. O âmbito acadêmico concentra a intelectualidade gaúcha que, através de suas obras e oratórias, formam opinião. O apoio da entidade e de seus agremiados, por esse motivo, é um importante elo com a comunidade e um meio de garantir a manutenção e a estabilidade do partido de situação.

Publicações na imprensa, ofícios, telegramas, convites, circulares e demais documentos permitem que se confirme que, desde os primórdios de sua existência, a Academia manifesta-se e atua junto ao sistema político. Um exemplo é a propaganda da segunda revista acadêmica publicada em 10 de junho de 1937 no jornal do Partido Liberal Catarinense. Além da promoção, o jornal destaca a importância da instituição para a cultura gaúcha e a considera amiga dos catarinenses, chamando-a, ainda, de “conceituada e vitoriosa”. O periódico catarinense enfatiza que a agremiação engrandece e que tal fato é confirmado por sua participação no “grande” Congresso das Academias de Letras, realizado em 1936 no Rio de Janeiro.

Em sua terra, a sociedade literária, por ser considerada uma iniciativa meritória em prol das letras e da educação do Estado, recebeu apoio de órgãos governamentais. A Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, em um ofício de 16 de abril de 2001, assinada pelo seu diretor-geral Antônio Dorneu Maciel, abriu as portas do Solar dos Câmara para o Ciclo de Conferências no ano do centenário do órgão literário gaúcho. Em contrapartida à cedência de espaço,

propõe-se uma troca de gentilezas no qual é solicitado que, em todos os materiais gráficos, inclusive nos meios de comunicação, deveria aparecer o crédito “Apoio da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul”.

Na oportunidade, o presidente da Academia, Ir. Elvo Clemente, associou-se ao CIEE, o Centro de Integração Empresa-Escola, e ao Estado, representado pela CORAG, responsável pela impressão da revista acadêmica. A articulação entre a Academia Rio-Grandense de Letras e o sistema político tem em Ir. Elvo um grande representante. Como poucos acadêmicos, o professor e crítico literário circulou com desenvoltura nos dois sistemas, sendo para eles um elo de comunicação que permitiu crescimento para ambos os lados.

Já a Secretaria da Fazenda, outro órgão político do Rio Grande do Sul, autorizou através de um acordo, o uso do imóvel na Rua dos Andradas, 1234 como sede da Academia Rio-Grandense de Letras. A cedência, de iniciais dois anos, foi assinada pelo então governador Alceu Collares em 16 de outubro 1992. Dessa forma, o governo do Estado, na figura do representante maior do Poder Executivo, define uma “residência” para os literatos, apoiando, assim, a cultura gaúcha. Na sede, agora definitivamente própria, encontra-se até hoje a foto emoldurada do governador “parceiro” das letras gaúchas.

O ato de inauguração movimentou a sociedade rio-grandense, sendo convidados para a solenidade pessoas influentes de diversos setores. Nos arquivos acadêmicos, consta um telegrama da diretora da Casa de Cultura Mário Quintana, Regina Flores da Cunha, que, endereçado para a Secretária de Cultura do Estado e acadêmica Mila Cauduro, diz o seguinte: “impossibilitada comparecer instalação Academia Sul-Riograndense de Letras, apresento cumprimento v.exa. brilhante iniciativa que revela preocupação governo do estado incentivo desenvolvimento cultural da comunidade gaúcha”. A correspondência enfatiza o reconhecimento de outras instituições do Governo a uma acadêmica.

Em outra correspondência da Academia, o presidente do período, o advogado e político Francisco Pereira Rodrigues, e o secretário-geral, o militar Hélio Moro Mariante, agradeceram oficialmente à confrade e Secretaria de Cultura do Estado Mila Cauduro pela cedência de suas salas com entradas independentes para que as reuniões acadêmicas ocorressem. Encerram a

mensagem destacando: “empolgamo-nos à expectativa de dias melhores para a Academia, pelo menos até o momento em que administrações porvindouras dispuserem ao contrário. Mas, como se trata da mais antiga entidade literária do Rio Grande do Sul, cujos membros, desde a sua fundação, fazem-se dignos do Estado, conforta-nos a esperança de que os futuros secretários da Cultura possuam o mesmo elevado ornamento intelectual, moral e cívico de Vossa Excelência”.

A relevância dos acadêmicos para o Poder Legislativo regional pôde ser comprovada através de uma carta do deputado Otomar Vivian convidando os acadêmicos para participar da Sessão de instalação e Posse dos Membros da Comissão de Educação, Cultura, Desporto, Ciência e Tecnologia da Assembleia Legislativa do Estado. O reconhecimento da agremiação como importante centro de cultura fica evidente no convite quando o deputado qualifica a presença dos associados como honrosa.

A Academia também faz questão da participação dos órgãos públicos, legislativos, executivos e judiciários nos eventos e atividades que promove, estabelecendo, dessa forma, uma cordial relação de reciprocidade. Um exemplo é o convite feito em 1991 para o Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, representado na época pelo Dr. Nelson Púperi, para a palestra do acadêmico e magistrado Lenine Nequete cujo tema era “A cultura e a contracultura no 4º Distrito na década de 1930 e 1940”. A Academia Rio-Grandense Letras, através de convites e participações, mostra-se preocupada com o envolvimento da elite política do estado em seus eventos, seja como apoio, difusão ou reconhecimento do que essa associação literária propõe.

Em 1970, a revista *O Cruzeiro*, da cidade do Rio de Janeiro, divulgou uma reportagem sobre a palestra Teófilo de Andrade no Instituto Histórico do Rio Grande do Sul. Nessa conferência, cujo tema era a Guerra do Paraguai, constaram como presença o então governador do Rio Grande do Sul, Peracchi Barcelos, o representante do comando do III Exército, Mena Barreto, o desembargador Júlio Costamilan Rosa, o presidente do Tribunal de Justiça e acadêmico, Poty Medeiros, além de prefeitos e outros órgãos públicos. Enfatiza-se, ainda, a participação do presidente da Academia Rio-Grandense de Letras, o médico Poder Judiciário, surge como destaque à participação da Academia.

Em âmbito nacional, são significativas as relações da Academia Rio-Grandense de Letras com o Ministério da Educação (MEC), mais precisamente com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). Em um dos documentos dos arquivos acadêmicos, a secretária-executiva do Prêmio Grandes Educadores Brasileiros, Leticia M.S de Faria, em 1997, solicitou a colaboração da agremiação para divulgar a data de encerramento das inscrições das monografias que concorriam à premiação. Junto com o pedido, enviou os critérios e regras do concurso. A partir da correspondência, pode-se inferir que o MEC e seus órgãos internos reconhecem a agremiação como instituição importante para a educação nacional, ligada à cultura e à literatura que é lida e estudada nas escolas do Brasil, sendo incentivadora dos educadores e, porque não, um agente educacional desse País.

Em outro documento, o senador Álvaro Pacheco, no ano de 1993, solicitou o envio da relação dos agremiados da Academia, com endereços e telefones. Não são explicitados os motivos para tal pedido, mas se tratando do Senado, presume-se que a correspondência visava conquistar o apoio político dos agremiados, garantindo, dessa forma, a divulgação do seu nome no Rio Grande.

Por fim, o envolvimento político da Academia também se mostra através de alguns de seus associados que, com desenvoltura, fizeram parte da Academia Rio-Grandense de Letras e do sistema político do Rio Grande e do Brasil. Dentre esses agremiados, destacam-se Lindolfo Collor, Paulo Brossard de Souza Pinto e Francisco Pereira Rodrigues.

Lindolfo Collor, entusiasta da retomada das atividades acadêmicas em 1910, participou do Governo Vargas iniciado em 1930. Um ano depois, em 1931, tornou-se o primeiro ministro do trabalho, fundamentando, com o apoio do presidente e conterrâneo Getúlio Vargas, as primeiras leis trabalhistas que fizeram parte da Constituição Nacional de 1934.

O agremiado Paulo Brossard de Souza Pinto foi eleito deputado estadual pelo Partido Liberal em 1954, 1958 e 1962. Após o Golpe Militar de 1964, filiou-se ao MDB, atual PMDB, e foi eleito deputado federal em 1966. Foi, ainda, eleito senador em 1974, tendo participado como consultor-geral da República no Governo do Presidente da República José Sarney.

Já o acadêmico e jurista Francisco Pereira Rodrigues, que ocupou a presidência da Academia Rio-Grandense de Letras até 2011, foi vereador em Itaqui, Taquari e Farroupilha nas décadas de 1940 e 1950, sendo prefeito de General Câmara de 1960 a 1964.

Se um sistema consiste em uma rede de relações em torno de um tema comum, seja ele político ou científico, um sistema literário, conforme o nome, é aquele que se organiza de forma sistêmica ao redor de assuntos literários, sejam eles sobre escritores, revistas, periódicos, livros, leitores, editores ou, ainda, acerca de instituições literárias. Todos os fatores, independentemente da posição que ocupam na sociedade, fazem com que o sistema literário exista e funcione. Sem um deles, não há completude, pois um alicerça o outro.

Dentro dessa perspectiva, pode-se, partindo de documentos oficiais e de notícias de periódicos sobre a Academia Rio-Grandense de Letras, estabelecer sua relevância dentro do sistema literário no qual se insere, o rio-grandense. Seu estatuto, quando aborda a sua organização e fins, declara a vocação de proteger e promover a cultura e a literatura do Estado:

- a) cultuar a memória dos escritores rio-grandense, tornando suas obras sempre mais conhecidas;
- b) propugnar por medidas que assegurem a expansão e o fortalecimento da cultura gaúcha;
- c) estimular as letras, instituindo e conferindo prêmios;
- d) prestar colaboração às entidades congêneres;
- e) coligir dados bibliográficos de autores rio-grandenses;
- f) auxiliar a impressão de obras de reconhecido valor;
- g) colaborar com o Poder Público, em tudo quanto condiga com o progresso cultural do Estado;
- h) manter intercâmbio cultural, tanto no âmbito nacional como no internacional.

O regimento da agremiação possibilita que se observe a ligação que a entidade tem com todos os fatores que constituem o sistema literário, tendo papel ativo tanto na formação de leitores e opiniões como na produção e veiculação do saber. Para desempenhar a tarefa a que se propõe, a Academia faz uso dos espaços cedidos pelo Governo e pela imprensa, de suas

conferências públicas e de sua publicação, a *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*.

Outro aliado da associação literária na promoção da literatura do Rio Grande é a abertura dos periódicos do Estado para a difusão do material gerado pela Academia. Os jornais e revistas, ao ceder espaço à entidade, preservaram não só a memória da sociedade literária como também a de seu Estado. Um exemplo é a notícia divulgada pela instituição em 14 de agosto de 1936 em um jornal da Capital²⁹⁴. A nota consiste na reprodução de algumas mensagens sobre a revista número 1 de 1936, da qual até o momento não se tem notícia. As palavras publicadas garantem que se conheça, ao menos, uma noção da qualidade da edição e, sem o auxílio do periódico, nada se saberia sobre esse volume:

Remetidos pelo seu sócio correspondente em Curitiba, Sr. Francisco Leite, chegaram ao poder da Academia exemplares da *Gazeta do Povo* e do *Correio do Paraná*, daquela Capital, que, acusando o recebimento do primeiro número da *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*, tem frases de elogio para essa publicação. Do noticiário a respeito incerto pelo primeiro desses jornais, transcrevemos os seguintes tópicos: “A mentalidade gaúcha, restaurando a prestigiosa Academia Rio-Grandense de Letras, acaba de lavrar um tento, publicando agora o primeiro número de sua revista. Trata-se de uma publicação e absoluta utilidade e de alta valia literária. Focaliza, em síntese, a história da literatura dos pampas, ressuscitando vultos e memorando atos”. E, depois, de se referir ao quadro de patronos acadêmicos: “O presente número da *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras* é um atestado vivo do quanto pode e do quanto vale a intelectualidade gaúcha”.

²⁹⁴ **Academia Rio-Grandense de Letras:** a comemoração do 2º aniversário dessa entidade. Porto Alegre, 14 ago. 1936. (A notícia faz parte do acervo da Academia que informa apenas a data e o local da publicação, sem especificar a fonte).

Além dos detalhes acerca da edição, a notícia ainda enfatiza a função da Academia dentro da literatura rio-grandense. Reafirma-se, a partir das afirmações, a ideia de a entidade ser um âmbito aberto à cultura e propulsor de escritores e obras, acolhendo, da mesma maneira atenciosa, editores e leitores interessados nos estudos acadêmicos.

Os trabalhos escritos, apesar de muito importantes, não são a única forma de consolidação da agremiação como um sistema literário, pois os demais elementos que formam essa rede são interdependentes e fundamentais para o seu funcionamento. As palestras e as conferências promovidas pela associação em espaços públicos, cedidos pelo Governo, ou em sua sede, em caráter privado, também cumprem com a missão de propagar a literatura do Estado. Uma notícia veiculada no *Jornal da Manhã* de Porto Alegre, em 22 de fevereiro de 1936²⁹⁵, possibilita uma análise avaliativa dos pronunciamentos acadêmicos que continuam a acontecer no Memorial do Imigrante, no centro de Porto Alegre:

Excedeu em brilhantismo a toda expectativa a interessante e concorrida sessão pública que a Academia Rio-Grandense de Letras proporcionou, quinta-feira última, 20 do corrente, ao seletor auditório que enchia o salão de conferências da Biblioteca Pública... a hora literária marcada para o preenchimento da sessão foi aberta pelo Sr. F. Contreiras Rodrigues, que produziu interessante trabalho sobre a personalidade do Sr. Alcides Maia e sua obra regional. Ressaltando, na ocasião as finalidades da Academia e o seu papel de pugnar pela elevação cultural do que é medularmente gaúcho, disse que ela se sentia feliz e honrada com a colaboração do autor de "Tapera", livro do qual leu, com geral agrado dos presentes, trecho dos mais expressivos.

²⁹⁵ *Jornal da Manhã*. Porto Alegre, 22 fev. 1936. (A notícia faz parte do acervo da Academia que informa apenas o nome do periódico, a data e o local da publicação, sem o número da página).

As conferências ensejam que a entidade atinja um público que talvez não tenha acesso às suas edições impressas. É mais uma forma de cumprir com os ideais propostos em seu momento inaugural, beneficiando a população, uma vez que esses encontros são gratuitos.

Sendo uma instituição, a Academia Rio-Grandense de Letras também reafirma seu papel como sistema literário, já que é referência no que tange ao enaltecimento ou negação de escritores e obras. Através de suas ações públicas, participação em júris e eventos literários, a agremiação tem voz ativa no que diz respeito ao que fará parte da cultura do Rio Grande e será lembrado por sua comunidade durante muitos e muitos anos. Algumas iniciativas veiculadas na imprensa evidenciam o caráter institucional da sociedade literária. Dentre elas, merece ênfase a elaboração de um vocabulário de expressões típicas do Rio Grande. Sobre esse trabalho um jornal²⁹⁶ da Capital registrou:

Como faz parte de suas finalidades, a Academia Rio-Grandense de Letras vem elaborando desde o início das atividades da fase atual um completo e minucioso repertório, convenientemente documentado, de todos os termos e expressões no nosso linguajar regional, trabalho esse que, no exercício em curso, se encontra nas mãos dos acadêmicos Luiz Carlos de Moraes, Mario Bernd, Clemenciano Barnasque, Alcides Maia e Aurélio Porto. Dessa importante obra, a que foi dada a denominação de “Vocabulário de gauchismos” está prestes a ficar terminada a letra A, que logo que concluída, será lançada à publicidade em fascículo especial.

A responsabilidade pela seleção das expressões locais que devem ou não ser dicionarizadas só poderia caber a uma instituição que tivesse um caráter balizador. Da mesma forma, a sua participação em concursos como júri

²⁹⁶ **Academia de Letras Rio-Grandense.** Porto Alegre, 28 set. 1937. (A notícia faz parte do acervo da academia que informa apenas a data e o local da publicação, sem especificar a fonte.)

ou a promoção de prêmios literários reforçam essa posição referencial. O convite da Associação Cultural Alcides Maia para a participação de três agremiados como julgadores do “Primeiro concurso literário Alcides Maia”, promovido por aquela entidade em junho de 1991, e a parceria com o Centro de Integração Empresa-Escola, o CIEE, a partir de 1999, em três edições do “Prêmio Literário Escritor Universitário”, aberto a todos os estudantes de nível superior do Estado, reforçam a influência da Academia em entidades congêneres e interessadas na educação gaúcha.

A Academia Rio-Grandense de Letras consegue unir em um mesmo âmbito escritores, críticos, casas editoriais, publicações, entidades educativas e meios de comunicação, estabelecendo, dessa forma, uma rede múltipla de possibilidades que visam proteger, elevar e dar continuidade à literatura gaúcha. Pode-se, com base no histórico das atividades acadêmicas, considerar a agremiação como um dos sustentáculos mais consistentes da literatura rio-grandense e um sistema literário por excelência.

Partindo das necessidades primordiais para a organização social humana, a cultura pode ser pensada como um conjunto de ferramentas que compõe o mundo que nos rodeia, gerando estruturas e criando uma atmosfera propícia ao desenvolvimento saudável em diferentes áreas. Nesse contexto, a literatura passa a ser mais que reunião de textos, tornando-se uma rede de atividades que proporcionam não só explicações, justificativas e motivos, mas também esquemas de ação para a vida real. Os leitores recebem instruções práticas para o seu comportamento cotidiano e compreendem as ações do que os antecederam.

É no intuito de construir essa rede de ações que propiciam espaço para o fazer literário, para a imaginação e para o autoconhecimento, que surgem as instituições literárias. O papel estruturante da literatura na vida social explica a importância desses espaços dedicados às letras ao longo da história, sendo um dos instrumentos fundamentais da maioria das sociedades humanas para ordenar e manejar seu repertório de organização de vida e de cultura.

Inspirada na academia fundada por Platão e estruturada conforme a fundada na França pelo Cardeal Richelieu, foi erguida no Brasil a Academia

Brasileira de Letras. Juntam-se aos trabalhos de seus associados dicionários, gramáticas, estudos sobre a literatura e os costumes brasileiros, além de decisões importantes como as relacionadas às reformas ortográficas pelas quais nosso idioma passou. Seu papel, desde a sua fundação, foi além das reflexões literárias, uma vez que a Academia Brasileira de Letras ocupa até a função de abarcar tudo quanto for relativo à cultura nacional.

Espelhando-se na iniciativa dos homens residentes no Rio de Janeiro, os rio-grandenses ergueram a sua sociedade literária que, ao longo de sua trajetória, colaborou na coleta e preservação dos elementos que compõem a cultura do Rio Grande.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=2>> Acesso em: 23 set. 2012.

ACADEMIA FRANCESA DE LETRAS. Disponível em: <www.academiafrancesa.com> Acesso em: 25 dez. 2011

Academia Rio-Grandense de Letras completará amanhã seus 74 anos. *Correio do Povo*, p. 35, 30 nov.1975.

ALVAREZ, Ir. Dionisio Fuertes. Influência da Espanha na formação da cultura rio-grandense. *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre, n. 12, p. 60-64, 1993.

À memória de Zeferino Brasil: Sessão conjunta da Academia de Letras do Rio Grande do Sul e da Academia Rio-Grandense de Letras. *Correio do Povo*, 22 nov. 1942.

Antologia da Academia Rio-Grandense de Letras: edição comemorativa – prosa. Porto Alegre: Exclamação, n. 2, 2011.

ANTUNES, De Paranhos. Lobo da Costa e Zeferino Brasil. *Comerciário*: Porto Alegre, ano VII, out. 1942.

Apelo à imprensa e aos acadêmicos. *Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, ano I, nº II, set. 1910.

AZEVEDO, Olmiro. Vacaria. *Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre, n.1, 1948.

BARRETO, Abeillard. Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Comissão executiva do sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Subcomissão de publicações e concursos, 1986.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. A crítica literária no Rio Grande do Sul: do romantismo ao modernismo. Porto Alegre: IEL: EDIPUCRS, 1997.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; SILVEIRA, Carmen Consuelo; ZILBERMAN, Regina. O Partenon Literário: poesia e prosa. Porto Alegre: EST; Instituto Cultural Português, 1997.

BETTIOL, Leopoldo. Aniversário da Academia. *Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre, n. 3, 1951.

Biografia de Zeferino Brasil. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/delfos/?p=zeferino>> Acesso em: 19 jun. 2012.

BOAS, Pedro Leite Villas. Dicionário bibliográfico gaúcho. Porto Alegre: EST / EDIGAL, 1991.

BOEIRA, Nelson. et al. RS: cultura e ideologia. Porto Alegre: Mercado aberto, 1996.

BOMFIM, Paulo. Felipe D'Oliveira. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 11, p. 90, 1991.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Le marche des biens symboliques. In: L'année sociologique. 3^a série, V. 22, 1971.

BOYD, R. RICHERSON, P. J. Culture and Evolutionary Process. Chicago: Chicago U. P., 1985.

BROCA, Brito. A vida literária no Brasil – 1900. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

BURKE, Peter. A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

BURKE, Peter. Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLO, José Aderaldo. A literatura brasileira: origens e unidade (1500 – 1960). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

CAUDURO, Mila. Divertimento de gaúcho. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 2, p. 65-68, 1982.

CAVALCANTE, Berenice. Os letrados da sociedade colonial: as academias e a cultura do Iluminismo no final do século XVIII. Rio de Janeiro: Acervo, v. 8, n. 1-2, p.53-66. jan./dez., 1995.

CAVALCANTI, Nireu Oliveira. O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da corte. São Paulo: Zahar, 2004.

CHEUICHE, Alcy. Alceu Wamosy e a Revolução de 1923. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 14, p. 105-111, 1998.

CHEUICHE, Alcy. Ana Terra: Erico de volta à terra. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 18, p. 93-97, 2004.

CHEUICHE, Alcy. Ana Terra: Erico de volta à terra. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 18, p. 95-96, 2004.

CIBILS, Luís Alberto. Município de Tapes. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 15, p. 77-82, 1998.

CIBILS, Luis Alberto. Sociedade Partenon Literário. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 16, p. 7-17, 2000.

CIBILS, Luis Alberto. Sociedade Partenon Literário. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 16, p. 7-17, 2000.

CIBILS, Luís Alberto. 80 anos da transferência de Dores de Camaquã para Tapes. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 22, p. 67-69, 2009.

CLEMENTE, Ir. Elvo. Aspectos da Vida e Obra de Francisco Lobo da Costa. Porto Alegre: Sulina, 1953.

CLEMENTE, Ir. Elvo. Apolinário Porto Alegre: sobrevida centenária. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 18, p. 32-39, 2004.

CLEMENTE, Ir. Elvo. Erico Verissimo no solo de clarineta. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 19, p. 13-20, 2005.

CLEMENTE, Ir. Elvo. Ernani Fornari: poeta e dramaturgo (1899-1999). Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 16, p. 79-84, 2000.

CLEMENTE, Ir. Elvo. Lobo da Costa e seu tempo. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n.7, p. 55-63, 1987.

CLEMENTE, Ir. Elvo. Panorama da literatura no Rio Grande do Sul. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 3, p. 18-29, 1984.

CLEMENTE, Ir. Elvo. Relembrando Ernani Fornari. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 5, p. 51-54, 1986.

CLEMENTE, Ir. Elvo. Saudação Acadêmica. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: CORAG, 2004, n.18, p. 21.

CLEMENTE, Ir. Elvo. Vida da Academia. Quando a crônica floresce. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CLEMENTE, Ir. Elvo. 100 anos de Mário Quintana. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 20, p. 9-15, 2006.

CLEMENTE, Ir. Elvo. 90 anos semeando cultura. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 20, p. 89, 2006.

Coleção da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina. Porto Alegre: Editora Tomo, 1998. Disponível em: <<http://www.academiademedicinars.com.br/curriculo-detalle.php?idcurriculo=57>> Acesso em: 10 jun. 2012.

COSTA, Frei Rovílio. A imprensa na colônia italiana. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 15, p. 117-125, 1999.

COSTA, Frei Rovílio. Imigração italiana e sociedade civil. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras, Porto Alegre, n. 16, p. 159-165, 2002.

COSTA, Frei Rovílio. Língua, línguas e multiculturalismo. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 16, p. 85-100, 2000.

COSTA, Frei Rovílio. Os italianos do Rio Grande do Sul e sua autonomia cultural. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 11, p. 39-50, 1991.

COSTA, Frei Rovílio. 125 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 16, p. 269-273, 2000.

Correio do Povo, p. 1, 19 de nov. 1901.

Correio do Povo. Porto Alegre, p. 1, 26 nov. 1901.

Correio do Povo, Porto Alegre, 10 dez. 1901.

Correio do Povo. Porto Alegre, p. 1, 17 dez. 1901.

Correio do Povo, Porto Alegre, p. 1, 10 dez. 1901.

Correio do Povo. Porto Alegre, p. 2, 7 maio 1902.

Correio do Povo. Porto Alegre, p. 1-2, 9 maio 1902.

Correio do Povo. Porto Alegre, p.1, 13 maio 1902.

Correio do Povo, Porto Alegre, 14 de ago. 1934.

Escritores do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, Instituto Estadual do Livro, 1978.

Estatuto da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, 2005.

FARIA, Corrêa. A bandeira farroupilha. Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n.1, 1948.

FERREIRA, Athos Damasceno. Palco, salão e picadeiro em Porto Alegre no século XIX: contribuição para o estudo do processo cultural do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1956.

FERREIRA, Athos Damasceno. Sociedades literárias em Porto Alegre no século XIX. Fundamentos da cultura rio-grandense (Quinta série). Porto Alegre: UFRGS, 1962.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Os anos rebeldes do tenentismo. *Revista de história.com.br* Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/os-anos-rebeldes-do-tenentismo>> Acesso em: 21 set. 2007.

FILHO, Arthur Ferreira. Alcides Maia. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 2, p. 48-55, 1982.

FLORES, Moacyr. Influências açorianas no Rio Grande do Sul. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 11, p. 62-69, 1991.

FONSECA, João Justiniano da. Mário Quintana: mini cantata ao centenário. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 20, p. 41-46, 2006.

FORTES, Betty Borges. Cor-chave em Eduardo Guimaraens e outros mistérios. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 22, p. 41-52, 2009.

FURASTÉ, Pedro Augusto. Normas técnicas para o trabalho científico: explicitação das normas da ABNT. Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2012.

GALVANI, Walter. Cyro Martins: “a felicidade é feita das miudezas da vida...”. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 21, p. 145-149, 2007.

GIORDANI, Mário Curtis. História da Grécia. Petrópolis: Vozes, 2001.

HAUSER, Arnold. História social da arte e da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HESSEL, Lothar. Gênese, apogeu e declínio do tipo gaúcho. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 11, p. 70-78, 1991.

HESSEL, Lothar Francisco. Três características na atuação do Partenon Literário. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 10, p. 79-86, 1990.

HOBBSAWM, Eric J. Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Saraiva, 2011.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JAKOBSON, Roman. The framework of language. Ann Arbor: Michigan Studies in the Humanities.

***Jornal da Manhã*, Porto Alegre, 15 ago. 1934.**

***Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 11 out. 1942.**

Las reales academias. Madrid: Publicaciones españolas, 1956.

LEITE, Lígia Chiappini Morais. Regionalismo e modernismo: o “caso” gaúcho. São Paulo: Ática, 1978.

MACHADO, Antônio Carlos. Literatura gaúcha no século XX. Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 2, 1949.

MARCON, Itálico. Irmão Elvo Clemente, mestre, escritor e amigo. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: CORAG, 1991. n. 11 p. 137.

MARIANTE, Hélio Moro. O cruzeiro e a boieira. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 2, p. 69-73, 1982.

MARIANTE, Hélio Moro. O culto às tradições. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 4, p. 52-54, 1985.

MARIANTE, Hélio Moro. AD SODALIBUS. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 6, p. 73-85, 1987.

MARTINS, Ari. As academias de letras do Rio Grande do Sul. Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: Globo, 1951.

MARTINS, Ari. Escritores do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, Instituto Estadual do Livro, 1978.

MORAES, Luiz Carlos. Vocábulos e expressões sul-rio-grandenses. Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 1, 1948.

MORAES, Luiz Carlos. Vocábulos e expressões sul-rio-grandenses. Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 2, 1949.

MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina. O berço do cânone: textos fundadores da história da literatura brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

MOTTIN, Antonio Joao Silvestre (Ir. Elvo Clemente). De Maróstica a Garibaldi. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. Disponível em: <<http://www.mtg.org.br/conceituacoes.html>> Acesso em: 10 nov. 2012.

NEJAR, CARLOS. História da literatura brasileira: da carta de Pero Vaz de Caminha à contemporaneidade. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Copesul: Telos, 2007.

Olinto de Oliveira. Disponível em: <http://www.sbp.com.br/show_item.cfm?id_categoria=74&id_detalhe=1276&tipo=D> Acesso em: 10 jun. 2012.

OLIVEIRA. Antônio Dias de. Peão de estância. Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 1, 1948.

OLIVEIRA, Antônio Dias de. Retrospecto da vida gaúcha e Átila Casses. Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 3, 1951.

PICCHIO, Luciana Stegagno. História da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

PORTO ALEGRE, Álvaro. Por entre duas épocas. Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 1, 1948.

ALEGRE, Álvaro Porto. Partenon Literário. Revista da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 2, 1949.

PÓVOAS, Mauro Nicola. Uma história da literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX. 2005. 296p. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

PÓVOAS, Mauro Nicola. No rastro do Partenon Literário. Rio Grande. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/56751084/3/Bibliografia-sobre-o-Partenon-Literario>> Acesso em: 20 dez. 2012.

RAMÍREZ, Hugo. Alceu Wamosy, o mais romântico dos simbolistas brasileiros. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 15, p. 163-185, 1999.

RAMÍREZ, Hugo. Os últimos dias de Alceu Wamosy. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 16, p. 47-62, 2000.

Relação das edições da Revista da Academia Rio-grandense de Letras. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras, Porto Alegre, n. 9, 1989.

REVERBEL, Carlos. Teto para uma academia. *Zero Hora*, 23 de jul. 1992.

REVERBEL, Carlos. Trabalhos sobre J. Simões Lopes Neto ou apenas referências ao escritor – publicados em livros, jornais e revistas (1940-1992). Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre, n. 16, 2000.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: Livraria Americana, n. II, 1910.

Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Livraria Americana, n. VI, jan./mai. 1911.

Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Livraria Americana, n. VII, jun./ago 1911.

Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Livraria Americana, n. VIII, ano I, set./nov. 1911.

Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Livraria Americana, nº. IX, ano I, dez./abr. 1912.

Revista da Academia Sul-riograndense de Letras. Porto Alegre, n. 1, 18 jun. 1948.

Revista da Academia Sul-riograndense de Letras. Porto Alegre, n. 2, dez. 1949.

Revista da Academia Sul- Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: CORAG, n. 3, 1951.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: Banco Sul Brasileiro, n. 1, 1980.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: Banco Sul Brasileiro / Cooperativa dos jornalistas de Porto Alegre, n.2, 1982.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: Martins Livreiro, n.3, 1984.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: CORAG, n.4, 1985.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: CORAG, n.5, 1986.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: CORAG, n.6, 1987.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: CORAG, n.7, 1987.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: CORAG, n.8, 1988.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: CORAG, n. 9, 1989.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: CORAG, n.10, 1990.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: CORAG, n.11, 1991.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: Banco Meridional, n.12, 1993.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: Metr pole, n.13, 1997.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: Suliani, n.14, 1998.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: Suliani, n.15, 1999.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: Suliani, n.16, 2000.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: Suliani, n.17, 2002.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: CORAG, n.18, 2004.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: CORAG, n.19, 2005.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: CORAG, n.20, 2006.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: CORAG, n.21, 2007.

Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: Relâmpago, n.22, 2008/2009.

RODRIGUES, Francisco Pereira. Breve história da Revista. Revista da Academia Rio-Grandense de Letras. Porto Alegre: CORAG, 2007. n. 21 p. 129.

RODRIGUES, Francisco Pereira. Centenário de um poeta. *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre, n. 15, p. 19-21, 1999.

RODRIGUES, Francisco Pereira. O município de General Câmara na história farroupilha. *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre, n. 8, p. 64-70, 1998.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913). Campinas: UNICAMP, 2001.

SILVA, João Pinto. História literária do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Livraria Globo, 1930.

SILVA, Maurício. Tradição acadêmica no Brasil e formação do homo academicus: o caso da Academia Brasileira de Letras. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 2, 2008.

VASCONCELOS, Justino. Passo Fundo e Cachoeira. *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre, n. 15, p. 111-116, 1999.

VELLINHO, Moysés. O Partenon Literário. Primeiro Seminário de Estudos Gaúchos. Porto Alegre: PUCRS, 1958.

VIANA, Gonçalves. Olinto de Oliveira. Porto Alegre: Globo, 1945.

WEBER, Beatriz Teixeira. Positivismo e ciência médica no Rio Grande do Sul: a Faculdade de Medicina de Porto Alegre. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.5, n.3, fev. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000100003&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 10 jun. 2012.

ZILBERMAN, Regina; SILVEIRA, Carmen Consuelo; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. O Partenon Literário: poesia e prosa. Porto Alegre: EST; Instituto Cultural Português, 1980.

ZILBERMAN, Regina. A literatura no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

ZOHAR, Itamar Even. Polissistemas de cultura. Tel Aviv: Universidade de Tel Aviv, 2007. Disponível em: <<http://www.tau.ac.il/~itamarez>>

ANEXOS

ANEXO A - Periódicos

ANEXO A1 – Primeiras notícias publicadas pelo correio do Povo a respeito da Academia Rio-Grandense de Letras.



Fundada a 1.º de dezembro de 1901

Filiada à **Federação das Academias de Letras do Brasil**

Declarada de Utilidade Pública pelo Decreto Federal n.º 32.992, de 9-06-1953 (D. O. da U., de 12-06-1953)

Sede provisória: Rua Duque de Caxias, 1525 - Conj. 49 D**90.000 - PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL - BRASIL****PRIMEIRAS NOTÍCIAS**PUBLICADAS PELO CORREIO DO PO
VO A RESPEITO DA ACADEMIA RIO-
GRANDENSE DE LETRAS.

"Pelo ten.-cel. Aurélio de Bittencourt foi nomeada uma comissão composta dos srs. Aquiles Pôrto Alegre, Joaquim Alves Torres e Zeferino Brasil para elaborar a constituição e o regimento interno da Academia Rio-grandense de Letras. Também foi nomeada uma comissão especial composta dos srs. Mário Totta, Souza Lobo e Marcelo Gama para convidar para a próxima reunião as pessoas constantes da relação organizada na reunião anterior e que nela não se achavam presentes. No próximo domingo realizar-se-á nova sessão preparatória no Teatro São Pedro, à uma hora da tarde".

19 - 11 - 1901

Conforme noticiamos, realizou-se a última sessão preparatória da Academia Rio-grandense de Letras, sendo procedida a escolha da primeira administração, sendo unanimemente eleitos: Presidente, tenente-coronel Aurélio de Bittencourt; secretário-geral, Joaquim Alves Torres; 1.º secretário, Benjamin Flores; 2.º dito, Mário Totta; tesoureiro, Apeles Porto Alegre. Para a Comissão de História e Bibliografias foram eleitos o dr. Alcides Lima, Alfredo Ferreira Rodrigues, João Maia, dr. Sebastião Leão e tenente Tito Vilalobos. Para a Comissão de Publicismo e Crítica foram eleitos os srs. Aquiles Porto Alegre, Alcides Maya, Apolinário Porto Alegre, Caldas Junior, dr. Andrade Neves Neto, Mário Artagão e dr. Olinto de Oliveira.

17 - 12 - 1901

A Academia Rio-grandense de Letras escolheu para membros correspondentes os seguintes rio-grandenses residentes fora do Estado: dr. Alfredo Varela, dr. Adalberto Guerra Duval, dr. Antônio F. Viana, dr. Carlos Edmundo Amarílio da Silva, Carlos Ferreira, dr. Couto é Melo, Damasceno Vieira, Francisco Cunha, Fontoura Xavier, Geraldo Silveira, dr. Assis Brasil, dr. Joaquim Marques da Cunha, dr. Lourenço da Fonseca, Mucio Teixeira e dr. Oliveira Belo. O dia da instalação da Academia será designado pelo presidente. Procedida a eleição do orador oficial da solenidade, foi aclamado, por indicação do dr. Andrade Neves Neto, o sr. Alcides Maya.

21 - 12 - 1901

"Trata-se de fundar nesta capital a Academia Rio-grandense de Letras, a exemplo da que existe na capital da República e em vários Estados. Com tal intuito, realizou-se ontem à 1 hora da tarde, no Teatro S. Pedro, uma reunião de literatos comparecendo os srs. ten. cel. Aurélio Bittencourt, Aquiles Pôrto Alegre, Alcides Maya, Joaquim Alves Torres, representando também Alarico Ribeiro; Zeferino Brasil, representando também Mario Totta; Souza Lobo e Marcelo Gama. Aberta a sessão, o sr. Alves Torres leu as bases da futura constituição da Academia, sendo elaborada a relação de 25 a 30 nomes de homens de letras, escolhidos para formarem o numero efetivo dos membros da nova instituição".

17 - 11 - 1901

"Efetuou-se anteontem a terceira sessão preparatória, a que concorreu maior numero de interessados na fundação da Academia Rio-grandense de Letras. Entrou em segunda e ultima discussão o projeto de constituição da Academia. Depois de discutido artigo por artigo e aceitas várias emendas e substitutivos, foi votado o projeto. Foram em seguida reconhecidos os membros efetivos fundadores da auspiciosa instituição de letras. Publicaremos depois os seus nomes. Estando adiantada a hora, foram levantados os trabalhos, ficando convocado a quarta e ultima sessão preparatória para o próximo domingo, à mesma hora".

03 - 12 - 1901

"Damos a seguir os nomes dos membros efetivos da Academia Rio-grandense de Letras, reconhecidos na sessão preparatória de 1.º do corrente: Aquiles Pôrto Alegre, Alcides Maya, dr. Alcides Lima, dr. Alfredo Lisboa, Alfredo Ferreira Rodrigues, Apolinário Pôrto Alegre, Apeles Pôrto Alegre, dr. Artur Pinto da Rocha, ten.-cel. Aurélio de Bittencourt, Benjamin Flores, Ernesto Silva, Caldas Junior, dr. Andrade Neves Neto, José Carlos de Souza Lobo, João Maia, Joaquim Alves Torres, dr. Romaguiera Corrêa, Mário Totta, Mario de Artagão, dr. Olinto de Oliveira, Paulino de Azurenha, Possidônio Machado (Marcelo Gama), Tito Vilalobos, dr. Sebastião Leão e Zeferino Brasil.

20 - 12 - 1901

"Como já noticiamos, será definitivamente instalada no próximo sábado a Academia Rio-grandense de Letras, sob a presidência do dr. Olinto de Oliveira. O ato terá solenidade, realizando-se no luxuoso salão do Clube do Comercio. Será orador oficial o nosso ilustrado colega Alcides Maya. Uma orquestra, composta de dezesseis professores, sob a regencia do maestro Assis Pacheco, executará a profonia da ópera "Salvador Rosa", de Carlos Gomes; o poema sinfonico da ópera "Dor", de Assis Pacheco, e a Marcha da Exposição, de Araujo Viana".

08 - 05 - 1902

"A Academia Rio-grandense de Letras será um centro propagador das letras no Rio Grande do Sul e terá por fim: I — Promover e impulsionar o desenvolvimento da literatura rio-grandense. II — Ocupar-se da história, bibliografia e biografia rio-grandenses. A Academia será constituída de vinte e cinco membros efetivos e terá dez correspondentes com residência em outros Estados da União ou no estrangeiro. Tendo por único escopo preocupação literária, será inteiramente alheia a lutas de outros ramos, sobretudo políticas e religiosas".

18 - 11 - 1901

Como noticiáramos, houve anteontem mais uma sessão preparatória da Academia Rio-grandense de Letras. Foi aprovada a redação da constituição, segundo a qual a Academia compor-se-á de 25 membros efetivos com residência no Estado e de 10 correspondentes. Já escolheram doze acadêmicos os seus patronos, que são: Araujo Pôrto Alegre, Afonso Marques, Artur Rocha, José Bernardino dos Santos, Alberto Corrêa Leite, Eudoro Berliack, Ferreira da Luz, Hilário Ribeiro Inácio de Vasconcelos, Lobo da Costa, Miguel Mendes e Pardal Mallet. Em virtude de um requerimento que foi aprovado, foram adiadas para o próximo domingo a eleição e a posse da primeira diretoria".

10 - 12 - 1901

"Está deliberado que será realizada no dia 12 de janeiro próximo, domingo, a sessão solene da inauguração da Academia Rio Grandense de Letras. O ato será público, mas mediante convites. Na sessão de inauguração serão pronunciados apenas dois discursos: o do presidente, nosso amigo tenente-coronel Aurélio de Bittencourt, e o do orador oficial da solenidade, nosso colega Alcides Maya".

28 - 12 - 1901

"Esteve bastante animada a sessão ontem realizada pela Academia Rio-Grandense de Letras. Entre outras deliberações, ficou assentado que, de acordo com os respectivos estatutos, a primeira sessão ordinária da Academia realizar-se-á em abril do ano vindouro. Na mesma sessão, o talentoso acadêmico Souza Lobo fará o elogio de Araujo Pôrto Alegre, patrono da sua cadeira".

19 - 12 - 1902

ANEXO A2 – Reinauguração da Academia: década de 1930

declarada de Utilidade Pública pelo Decreto Federal n.º 32.992, de 9-06-1953 (D. O. da U., de 12-06-1953)

Sede provisória: Rua Duque de Caxias, 1525 - Conj. 49 D

90.000 - PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL - BRASIL

CP - 14.08.1934

DN - 14.08.1934
Pg 5

JORNAL DA MANHÃ

15.08.1934 pg 5

Academia Rio-grandense de Letras — Os intellectuaes patrios resolveram reerguer a antiga Academia Rio-grandense de Letras, fundada nesta capital no anno de 1901, por iniciativa do dr. Olintho de Oliveira.

Occuparão poltronas nesse sodalicio, e para tal fim já se inscreveram, os seguintes literatos, entre os quaes se contam varios sobreviventes da phase inicial da Academia:

Alcides Maya, Zeferino Brasil, Othelo Roza, Alvaro Porto Alegre, Augusto Meyer, Jorge Bahlis, João Maia, dr. João C. de Freitas, Ary Martins, De Paranhos Antunes, dr. Dario de Bittencourt, Atila Casses, coronel Manoel J. Faria Corrêa, Athos Damasceno Ferreira, dr. João Henrique, Holanda Cavalcanti, dr. Fabio de Barros, Almeida Lins, dr. Martin Gomes, Ernani Fornari, dr. Emilio Kemp, dr. Leopoldo Betsiol, dr. Henrique de Casaes, dr. José Carlos de Souza Lobo, dr. Alcides de Mendonça Lima e João Belem.

Quarta-feira proxima, ás 7.30 horas da noite realizar-se-á, no salão do consulado mexicano, á praça Parobé, 42, a primeira sessão preparatoria da Academia, que opportunamente se apresentará á sociedade porto-alegrense, em solemne acto reinaugural.

Manoel Lindenburg

ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS

FUNDADA EM 1901, PELO 'R. OLINTO DE OLIVEIRA, DEVERA', EM BREVE, SER REINAUGURADA, NESTA CAPITAL

Realizar-se-á, amanhã, no Consulado Mexicano, a sua primeira sessão preparatoria

Ressurgirá, dentro em breve, nesta capital, a Academia Rio-grandense de Letras, fundada em 1901, por iniciativa do dr. Olintho de Oliveira.

Amanhã, ás 15,30 horas, no salão do consulado mexicano, á praça Parobé n. 42, se realizará a sua primeira sessão preparatoria, devendo, oportunamente, se efetuar a sua reinauguração solene.

Empreenderam reergue-la, os intellectuaes Alcides Maya, Zeferino Brasil, Othelo Rosa, Alvaro Porto Alegre, Augusto Meyer, Jorge Bahlis, João Maia, dr. João C. de Freitas, Ari Martins, De Paranhos Antunes, dr. Dario de Bittencourt, Atila Casses, Coronel Manoel J. Faria Corrêa, Athos Damasceno Ferreira, dr. João Henrique, Holanda Cavalcanti, dr. Fabio de Barros, Almeida Lins, dr. Martin Gomes, Ernani Fornari, dr. Emilio Kemp, dr. Leopoldo Betsiol, João Belem, dr. Henrique de Casaes, dr. José Carlos de Souza Lobo e dr. Alcides de Mendonça Lima.

Acad. Rio-Grandense de Letras

Um grupo de intellectuaes gauchos vai reerguer esse antigo sodalicio

Um grupo de intellectuaes rio-grandenses resolveu reerguer a antiga Academia Rio-Grandense de Letras, fundada em 1901, por iniciativa do dr. Olintho de Oliveira.

Occuparão poltronas nesse sodalicio os srs. Alcides Maya, Zeferino Brasil, Othelo Rosa, Alvaro Porto Alegre, Augusto Meyer, Jorge Bahlis, João Maia, dr. João C. de Freitas, Ary Martins, Paranhos Antunes, dr. Dario Bittencourt, Atila Casses, coronel Manoel J. Faria Corrêa, Athos Damasceno Ferreira, dr. João Henrique, Holanda Cavalcanti, dr. Fabio de Barros, Almeida Lins, dr. Martin Gomes, Ernani Fornari, dr. Emilio Kemp, dr. Leopoldo Betsiol, dr. Henrique de Casaes, dr. José Carlos de Souza Lobo, dr. Alcides de Mendonça Lima e João Belem.

Hoje, ás 19 1/2 horas realizar-se-á, no salão do consulado mexicano, á praça Parobé, 42, a primeira sessão preparatoria da Academia.

ACADEMIA RIOGRANDENSE DE LETRAS

Como já tivemos oportunidade de noticiar, um grupo de intellectuaes gauchos deliberou reerguer a antiga Academia Rio-grandense de Letras que aqui funcionou com regularidade e brilhantismo entre 1901 e 1905, sob a presidencia do seu fundador dr. Olintho de Oliveira.

Diversas reuniões preparatorias já foram realizadas, tendo a ellas concorrido regular numero de escriptores aqui residentes que adheriram com sympathia á iniciativa.

Hoje á noite, no salão do consulado do Mexico, á Praça Parobé n.º 42, haverá mais uma dessas sessões, devendo na ordem do dia da mesma ser eleita a primeira directoria da nova phase da Academia.

A reunião terá inicio ás 20,30 horas em ponto e será presidida pelo dr. João Maia.

8
XI / 1934
536

5

A FEDERAÇÃO
14.08.1934
Pg. 4

Academia Rio Grandense de Letras

Os intellectuaes rio-grandenses resolveram reerguer a antiga Academia Rio-Grandense de Letras, fundada em 1901, por iniciativa do dr. Olintho de Oliveira.

Occuparão poltronas nesse sodalicio os srs. Alcides Maya, Zeferino Brasil, Othelo Roza, Alvaro Porto Alegre, Augusto Meyer, Jorge Bahlis, João Maia, dr. João C. de Freitas, Ary Martins, Paranhos Antunes, dr. Dario Bittencourt, Atila Casses, coronel Manoel J. Faria Corrêa, Athos Damasceno Ferreira, dr. João Henrique, Holanda Cavalcanti, dr. Fabio de Barros, Almeida Lins, dr. Martin Gomes, Ernani Fornari, dr. Emilio Kemp, dr. Leopoldo Betsiol, dr. Henrique de Casaes, dr. José Carlos de Souza Lobo, dr. Alcides de Mendonça Lima e João Belem.

Amanhã, ás 19 1/2 horas da noite realizar-se-á, no salão do consulado mexicano, á praça Parobé, 42, a primeira sessão preparatoria da Academia.

ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Fundada a 1.º de dezembro de 1901

Filiada à **Federação das Academias de Letras do Brasil**

Declarada de Utilidade Pública pelo Decreto Federal n.º 32.992, de 9-06-1953 (D. O. da U., de 12-06-1953)

Sede provisória: **Rua Duque de Caxias, 1525 - Conj. 49 D**

90.000 - PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL - BRASIL

Correio do Povo
16.11.1934

Pg. 4

ACADEMIA RIOGRANDENSE DE LETRAS

Segundo fóra noticiado, realizou-se quinta-feira última, 8 do corrente, mais uma reunião preparatória da Academia Rio-grandense de Letras que intellectuales gauchos estão reerguendo entre nós. Presidiu a sessão o académico João Maia, achando-se à mesma, presentes os académicos Alcides Maya, João C. de Freitas, Jorge Bahlis, Alvaro Porto Alegre, Attila Casses, Leopoldo Bettiol, Almeida Lins, Ary Martins, M. J. Faria Corrêa, João Henrique, Emílio Kemp e Dario de Bittencourt e legalmente representados os académicos Augusto Meyer, Martin Gomes, Mario Totta, Homero Prates, Coelho da Costa, Darcy Azambuja, João Belem, Ernani De Cunto, De Paranhos Antunes, Hollanda Cavalcanti, Manoel Acauan e Abadio Faria Rosa.

Occupou a presidencia de honra da reunião o académico Alcides Maya, que, dirigindo palavras de incitamento aos reerguliam a Academia, evocou os primeiros tempos da mesma e as consecutivas victorias então obtidas. Terminou o festivo regionalista da "Alma Barbara" propondo que fosse aclamado presidente de honra da Academia o fundador da mesma, Olyntho de Oliveira, actualmente residindo no Rio de Janeiro. A suggestão do sr. Alcides Maya foi unanimemente approvada.

Apos a leitura do expediente e da acta da reunião anterior, passou-se á ordem do dia, da qual constava a eleição da primeira directoria academica. Foi apurado o resultado seguinte: Presidente, João Maia; vice-presidente, Augusto Meyer, 1.º secretario, Alvaro Porto Alegre; 2.º secretario, Ary Martins; thesoureiro, Jorge Bahlis; bibliothecario, Dario de Bittencourt.

Em proxima sessão serão eleitas as commissões permanentes da Academia, bem como fixar-se-á a data em que o novo sodalicio se apresentará oficialmente ao Rio Grande do Sul em solemnidade de inauguração definitiva da sua actividade.

Acha-se completo já o quadro académico que se compõe dos seguintes nomes: dr. Abadio Faria Rosa, dr. Alcides Maya, Almeida Lins, Alvaro Porto Alegre, Ary Martins, Athos Damasceno Ferreira, Attila Casses, dr. Augusto Meyer, dr. Barcellos Ferreira, coronel Coelho da Costa, dr. Darcy Azambuja, dr. Dario de Bittencourt, tenente De Paranhos Antunes, dr. Emilio Kamp, tenente Ernani De Cunto, Ernani Fornari, dr. Fabio de Barros, dr. Henrique de Casaes, dr. Hollanda Cavalcanti, professor João Belem, dr. João C. de Freitas, dr. João Henrique, dr. João Maia, professor Jorge Bahlis, dr. Leopoldo Bettiol, dr. Manoel Acauan, dr. Manoel de Carmo, dr. Manoelito d'Ornellas, dr. Mario Totta, dr. Martin Gomes, coronel M. J. Faria Corrêa, dr. Olyntho de Oliveira, dr. Oswaldo Vergara, dr. Souza Lobo, dr. Vieira Pires, dr. Waldemar de Vasconcellos, Othelo Rosa e Zeferino Brasil.

Journal da Manhã

29/11/1934

Pg. 5

ACADEMIA RIOGRANDENSE DE LETRAS

Com a presença da maioria dos socios residentes em Porto Alegre, realizou-se sabado ultimo, á rua sete de Setembro, n.º 1084, mais uma sessão preparatoria da Academia Rio Grandense de Letras.

Do expediente constou uma proposta assinada pelos académicos João Maia, Jorge Bahlis, Leopoldo Bettiol, Almeida Lins, Dario de Bittencourt e Ary Martins relativa á inclusão, no quadro de correspondentes, dos intellectuales Jonas da Silva, de Manaus; Samuel Campello, de Recife; Virgilio Guedes, de Maceio; Passos Cabral, de Aracaju; Almeida Cassin, Heraclito Pereira, Carlos Madeira e Epitacio Pimenta, de Victoria; Noraldino Lima, de Minas Geraes; José de Mesquita, de Curitiba; Francisco Leite, de Florianopolis. Essa proposta foi unanimemente approvada na mesma occasião.

Foi a seguir dada posse á primeira directoria eleita da Academia, constituído pelos srs. João Maia, presidente; Augusto Meyer, vice-presidente; Alvaro José Gomes Porto Alegre, 1.º secretario; Ary Martins, 2.º secretario; Jorge Bahlis, thesoureiro, e Dario de Bittencourt, bibliothecario.

Conforme estava marcado na ordem do dia dessa reunião, procedeu-se na mesma á eleição dos socios que constituirão as commissões permanentes. Estando o sufragio apurado, apurou-se o resultado seguinte: Commissão de Publicidade e Bibliografia — João C. de Freitas, Attila Casses, De Paranhos Antunes, Mario Totta e M. Maria Correa; commissão de Lexicografia — Alcides Maya, Othelo Rosa, João Henrique, Darcy Azambuja e Vieira Pires; e Commissão de Sindicancia — Emílio Kemp, Leopoldo Bettiol e Almeida Lins.

Ficou assentada que a apresentação official da Academia á sociedade porto alegreense se dará a 20 de dezembro vindouro, em sessão solene a realizar-se, naquella data, na Bibliotheca Publica, possivelmente. O programa a que obedecerá esse ato será discutido e aprovado na proxima reunião do cenaculo, a efetuar-se nos primei-

ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Fundada a 1.º de dezembro de 1901

Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Declarada de Utilidade Pública pelo Decreto Federal n.º 32.992, de 9-06-1953 (D. O. da U., de 12-06-1953)

Sede provisória: Rua Duque de Caxias, 1525 - Conj. 49 D

90.000 - PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL - BRASIL

Jornal da Manhã
19.12.1934

ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Esta de emboras a intelectualidade gaucha. Esta noite, perante o mundo oficial, e o que de mais grado possui a sociedade porto-alegrense, inaugura-se a nossa academia de letras.

O ato solene se realizará no salão das conferências da Biblioteca Pública.

O scdalcio que se apresenta hoje ao Rio Grande do Sul é o mesmo de iniciativa do brilhante beletista patricio dr. Olinto de Oliveira, no ano de 1901, e conta no seu quadro de membros efetivos os mais marcados valores mentais do Estado. Por isso não é demais atribuir-lhe a qualidade de expoente maximo da intelectualidade rio-grandense.

A proposito, da evocação de tal iniciativa, não vem fóra de proposito uma referencia, unvida da mais profunda saudade, aos academicos fundadores da Academia desaparecidos na sombria região da morte e que são os seguintes: Aquiles Porto Alegre, Apelles Porto Alegre, Apollinario Porto Alegre, Aurelio V. de Bitencourt, Benjamin Flores, Ernesto Silva, F. A. V. Caldas Junior, dr. Andrade Neves Neto, dr. J. Romagosa, Correa, J. Poulino de Azurenha, Joaquim Alves Torres, dr. Lourenço da Fonseca, P. Machado (Marcello Gama), dr. Sebastião Leão, general Tito Vilalobos.

Prestada essa rapida homenagem á memoria de meus desventurados confrades, preito que actima de tudo exprime um sincero voto de solidariedade humana, cumpri-me evidenciar a legitimidade do reaparecimento da Academia, na hora historica em transcurso, em que o Rio Grande se propõe oferecer ao Brasil e á America, uma demonstração categorica do progresso realizado em todos os departamentos da atividade de seus habitantes.

Desta vez a Academia Rio Grandense de Letras ergue-se, para ficar definitivamente de pé. É uma afirmativa essa, resultante de um pacto de honra.

Podem os detentores ocasionais de adjectivação barata referir-se como bem lhes aprouver á marcha da Academia que, insensível á louvaminha ou á hostilidade, ou prescindirem mesmo de referencias quaisquer, seguirá sempre para diante.

JOAO MAIA

DIARIO DE NOTICIAS

ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS

pág. 8.

20 dez. 1934

Instala-se hoje á noite, solenemente, no salão de conferências da Bibliotéca Publica, a Academia Rio-Grandense de Letras

Fundada em 1901, a Academia Rio-grandense de Letras congregou, em sua fase inicial, que se prolongou por cerca de 4 anos de brilhante progresso, alguns dos mais destacados elementos da nossa intelectualidade de então, entre eles Olinto de Oliveira, Caldas Junior, Paulino de Azurenha, Sousa Lobo, João Maia, Benjamin Flores, Alcides Maia, Mario Tota, Zeferino Brasil, Alcides Lima e Alfredo Lisboa. Em agosto deste ano, um grupo de sobreviventes da velha agremiação literaria decidiu empreender o seu reerguimento, o que foi feito com a reunião de um grupo de 40 nomes, todos de figuras exponenciais da poesia, da historia, do romance, do jornalismo, da critica e da ciencia no Rio Grande do Sul.

É este o quadro efetivo da Academia Rio-grandense de Letras, em sua segunda fase de atividade, com os respectivos patronos: 1) Cadeira Alceu Vamosi, Manoelito de Ornelas; 2) Cadeira Anibal Teofilo, Augusto Meyer; 3) Cadeira Apollinario Porto Alegre, Jorge Bahls; 4) Cadeira Aquiles Porto Alegre, Alvaro Ribeiro, Emilio Kemp; 5) Cadeira Artur de Oliveira, Valdemar de Vasconcelos; 6) Cadeira Artur Rocha, João Maia; 7) Cadeira Barbosa Neto, Atila Cassaes; 8) Cadeira Bernardino dos Santos, Manoel do Carmo; 9) Cadeira Caldas Junior, Martin Gomes; 10) Cadeira Campos Carter, Vieira Pires; 11) Cadeira Carlos Ferreira, João Henrique; 12) Cadeira Carlos Teschauer, Darci Azambuja; 13) Cadeira Carlos von Koseritz, Leopoldo Bettiol; 14) Cadeira Cesar de Castro, Almeida Lins; 15) Cadeira Damasceno Vieira, Henrique de Casais; 16) Cadeira Eduardo de Araujo, João C. de Freitas; 17) Cadeira Eduardo Guimarães, Ernani de Cunto; 18) Cadeira Felipe de Oliveira, Homero Prates; 19) Cadeira Felix da Cunha, Manoel Acaua; 20) Cadeira Fontoura Xavier, Otelo Rosa; 21) Cadeira Francisco Ricardo, Dario de Bitencourt; 22) Cadeira Irineu Trajano, Coelho da Costa; 23) Cadeira Joaquim Caetano, Olinto de Oliveira; 24) Cadeira Jorge Bahls Goulart, Ernani Fornari; 25) Cadeira J. T. de Souza Lobo, Osvaldo Vergara; 26) Cadeira Lobo da Costa, Zeferino Brasil; 27) Cadeira Marcelo Gama, De Paranhos Antunes; 28) Ca-

adeira Mucio Teixeira, Atos Damasceno Ferreira; 29) Cadeira Pardalet Mallet, Alcides Maia; 30) Cadeira Paulino de Azurenha, Fabio de Barros; 31) Cadeira Pedro Velho, Ari Martins; 32) Cadeira Pinto da Rocha, Abade Faria Rosa; 33) Cadeira Renato da Cunha, Sante Uberto Barbieri; 34) Cadeira Roque Collage, João Belém; 35) Cadeira Simões Lopes Neto, Barcelos Ferreira; 36) Cadeira Timoteo Faria Correia Filho, M. J. Faria Correia, e 40) Cadeira Vitor Silva, Holanda Cavalcanti.

A regencia dos destinos da Academia está afeta, até 31 de dezembro de 1926, a um diretório; Ari Martins, 2.º secretario; nomes: João Maia, presidente; Augusto Meyer, vice-presidente; Alvaro Porto Alegre, 1.º secretario; Ari Martins, 2.º secretario; Jorge Bahls, tesoureiro, e Dario de Bitencourt, bibliotecario.

Funcionam ainda, em caráter permanente, com mandato da mesma duração do dessa diretoria, as comissões de Publicidade e Bibliografia, Lexicografia e Sindicancia e Admissão de Socios. Formam a primeira, entre cujas funções está a de dirigir os trabalhos de organização do futuro "Dicionario Bio-bibliografico do Rio Grande do Sul", os srs. Mario Tota, M. J. Faria Correia, João C. de Freitas, Atila Casses e De Paranhos Antunes. Da segunda, á qual incumbe a tarefa de coligir materia para a elaboração de um vocabulario de gauchismo, fazem parte os srs. Alcides Maia, Otelo Rosa, Vieira Pires, João Henrique e Darci Azambuja. A terceira, finalmente, que tem a seu cargo a emissão de pareceres sobre as propostas apresentadas para preenchimento de vagas no quadro social, se compõe dos srs. Emilio Kemp, Leopoldo Bettiol e Almeida Lins.

Para a sessão desta noite, a ter inicio ás 20,30 horas, foi designado, como orador oficial, o academico sr. João C. de Freitas, devendo falar ainda, no ato da abertura dos trabalhos, o presidente da Academia.

Para recepção ás autoridades, corpo consular e demais convidados, foi escalada uma comissão especial constituída pelos srs. M. J. Faria Correia, João Henrique, Dario de Bitencourt, Martin Gomes e Santo Uberto Barbieri.

A sessão terá caráter publico, sendo bem recebidas todas as pessoas interessadas por asuntos literarios que a queiram assistir.

ANEXO A3 – Sessão acadêmica com a participação de Alcides Maia (1937)



ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Fundada a 1.º de dezembro de 1901

Filiada à **Federação das Academias de Letras do Brasil**

Declarada de Utilidade Pública pelo Decreto Federal n.º 32.992, de 9-06-1953 (D. O. da U., de 12-06-1953)

Sede provisória : Rua Duque de Caxias, 1525 - Conj. 49 D

90.000 - PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL - BRASIL

Correio do Povo

Academia Rio-Grandense de Letras

26 JUN 1935

A conferencia de Alcides Maya, na proxima segunda-feira, sobre a personalidade de Apollinario Porto Alegre — Felix Contreiras Rodrigues candidato á vaga Araujo Ribeiro — O fallecimento do academico João Belém

Achando-se já completamente restabelecido da enfermidade que o levára ao leito, o escriptor Alcides Maya, membros da Academia Rio Grandense de Letras, realizará, na proxima segunda-feira, na sede dessa sociedade, á rua dos Andradas n. 1624, ás 20 horas, a sua annunciada conferencia sobre a personalidade de Apollinario Porto Alegre, o fundador do regionalismo gaúcho.

Para essa sessão, que terá a presidencia do academico João Maya, a entrada será franca, sendo convidados a assistirem na quantos se interessarem por assumptos literarios.

Entre os intellectuaes inscriptos para o preenchimento das vagas existentes na Academia, está o conhecido litterato, sociologo e economista dr. Felix Contreiras Rodrigues, que se candidatou á cadeira n. 6, de que é patrono Araujo Ribeiro.

A eleição para o preenchimento desta e das mais poltronas que se encontram no momento sem occupantes, as quaes estão sob a égide de Damasceno Vieira e de José Theodoro de Souza Lobo, está marcada tambem para a proxima segunda-feira, em sessão extraordinaria a ter lugar logo após a leitura da conferencia do escriptor Alcides Maya.

— Conforme já divulgou a imprensa desta capital, falleceu, ante-hontem, em Santa Maria, onde residia, um dos membros fundadores da Academia, o escriptor João Belém, que no scenaculo tinha assento na cadeira 37, sob o patrocínio de Roque Callage.

Nome vastamente conhecido nos circulos intellectuaes do Estado, João Belém, que era tambem socio do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul, deixou diversas obras publicadas, entre as quaes "Musa Ferina" e "Aerólitos", versos; "A Professorinha" e "Corações Gaúchos", operetas, e "Historia do Municipio de Santa Maria", além de diversas peças theatraes ainda hoje representadas com successo no interior.

Associando-se ás homenagens que estão sendo prestadas á memoria do distincto morto, a Academia, em sua proxima reunião, fará inserir em acta um voto de profundo pesar pelo seu prematuro desaparecimento, tendo, outrossim, delegado já poderes ao academico Manoelito de Ornellas, residente em Santa Maria, para representala em todas as cerimoniaes ali realizadas em honra do extinto.

02.07.1935

Às 20 horas de ontem a Academia Rio-Grandense de Letras levou a efeito mais uma sessão na sua sede social á rua dos Andradas.

Achavam-se presentes os socios: srs: João Maia — Alvaro Porto Alegre — Leopoldo Betiol — De Paranhos Antunes — Aurelio Porto — Ari Martins — Otelo Rosa — João C. de Freitas — João Henrique — Dario de Bitencourt e Jose Baklis.

Fizeram-se representar legalmente os srs. Abadie Faria Rosa — Ernani de Cunto — Atílio Casses — Barcelos Ferreira — Manoelito Dorneles e Holanda Cavalcanti.

Aberta a sessão pelo presidente sr. João Maia foi lida a ata da sessão anterior que foi aprovada.

O 2.º secretario sr. Ari Martins leu a efemeride do dia referente ao aniversario da morte de Juvenal Tavares notavel poeta paraense.

Sendo que o sr. Aurelio Porto comparecia pela primeira vez á reunião da Academia saudou-o em nome da agremiação o academico De Paranhos Antunes que teceu elogiosas referencias á obra historica e litteraria do recipiendario.

Este agradeceu e leu alguns versos do seu livro "Farrapiada" livro que sairá á luz da publicacão em setembro vindouro.

Ambos os oradores foram muito aplaudidos.

Seguindo o sr. presidente comunicou aos presentes o fallecimento em Santa Maria no dia 24 do passado do notavel escriptor João Belém uma das mais belas figuras litterarias do Rio Grande membro fundador da Academia de Letras occupante da cadeira n.º 37 patrocinada por Roque Callage. Depois de traçar a biografia do finado escriptor o sr. Maia deu a palavra ao academico sr. João C. de Freitas que requereu um voto de profundo pesar e saudade pela morte do autor de "Musa ferina" aludindo á obra poetica do extinto com frases de louvor citando formozos sonetos.

Aprovado este voto o sr. presidente declarou aberta a inscrição por sessenta dias para a vaga de João Belém e tendo convocação a nova sessão para o dia 15 do corrente na qual falará o academico De Paranhos Antunes traçando o panegirico do seu patrono deu por encerrada a sessão.

ANEXO A4 – Contribuição acadêmica para o “Dicionário biobibliográfico brasileiro ilustrado”

Academia Rio Grandense de Letras

21 JUL 1936

REALIZA-SE HOJE NOVA SESSÃO DESSA ENTIDADE - - A CONTRIBUIÇÃO ACA- DEMICA PARA O "DICCIONARIO BIO- BIBLIOGRAPHICO BRASILEIRO ILLUS- TRADO" DO COMTE. VELHO SOBRINHO

Conforme tem sido noticiado, a Academia Riograndense de Letras realizará esta noite, em sua sede social, uma sessão administrativa, que terá início ás 20,30 horas.

Foi essa reunião especialmente convocada para o fim de se promover a eleição final do candidato que deverá ocupar a cadeira vaga do sodalicio sob n° 4, de que é patrono Achylles Porto Alegre.

Tambem será apresentado á discussão e votação do plenário parecer emitido pela Comissão de Syndicancia e Critica relativo á admissão, na classe de socios correspondentes, de dois intellectuaes estrangeiros e quatro auctores da Capital Federal e de São Paulo.

— Segundo divulgou amplamente, ha algumas semanas, a imprensa desta capital e do Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Letras concedeu um auxilio de rs. 10:000\$ ao escriptor carioca commandante Velho Sobrinho para as despesas de impressão de importante trabalho de divulgação litteraria nacional que o mesmo está organizando. Trata-se do grande "Diccionario Bio-Bibliographico Brasileiro Illustrado", cujo primeiro volume já se encontra em mãos dos editores Pongetti, devendo apparecer ainda este anno.

Para essa obra, attendendo appello que lhe fez o auctor, a Academia Riograndense de Letras enviou, por intermedio de sua secretaría geral, precioso

subsídio, constante de numerosas folhas bio-bibliographicas de patronos, academicos e escriptores riograndenses vivos e mortos, o que permittirá figure o Rio Grande do Sul, infelizmente ainda tão ignorado sob o aspecto cultural pelos demais Estados do paiz, em destaque na monumental publicação a apparecer.

Trabalho digno pelas suas finalidades altamente patrioticas do apoio de todos os brasileiros, o "Diccionario Bio-Bibliographico Brasileiro Illustrado" acolherá, com satisfação, o contributo que lhe desejar enviar qualquer pessoa interessada no assumpto.

A Academia Riograndense de Letras, como collaboradora do auctor no Rio Grande do Sul, incumbir-se-á, gostosamente, de encaminhar ao mesmo tempo as achegas que lhe sejam entregues ou enviadas para a Caixa Postal n° 515 para tal fim.

— Tem tido grande acceptação da parte de todas as pessoas que se interessam pelos aspectos culturaes do Rio Grande, o primeiro numero da "Revista da Academia Riograndense de Letras", em circulação desde os primeiros dias deste mez numa cuidadosa edição de 140 paginas de abundante e variada leitura.

Esse numero está á venda em todas as livrarias e "stands" de jornaes e revistas da cidade, podendo ser ainda encontrado na sede da Academia, á rua General Victorino n° 256.

**ANEXO A5 – Segundo número da Revista da Academia Rio-Grandense de
Letras (1937)**

Academia Riograndense de Letras

O segundo numero da "Revista" - As atividades da Federação das Academias de Letras do Brasil

14 FEV 1937

Por todo o mês corrente, está a ser em circulação o segundo numero da "Revista" da Academia Riograndense de Letras, elaborado, como o anterior, pela Comissão de Publicações da aludida entidade composta pelos academicos srs. Mario Totta, Dario de Bittencourt, Manoelito de Ornellas, Zeterino Brazili e Sante Uberto Barbieri.

Essa edição apresentar-se-á em elegante volume de perto de 100 paginas, com trabalhos meritosos dos academicos srs. Abilio Casses, De Paranhos Antunes, J. Antunes de Mattos, Leopoldo Bettio, Valter Spalding, Olyntho Sanmartin, Mario Birnd, Mathieu da Fontoura, Luiz Carlos de Moraes e sua Walkyria Neves de Salis Goulart, trazendo ainda amplo noticiario

sobre as atividades do sodalicio no segundo semestre de 1936.

Como filiada que é da Federação das Academias de Letras do Brasil, a Academia Riograndense de Letras está obrigada a divulgar pela imprensa local o noticiario que periodicamente recebe daquela entidade, e n'essa acceção dos trabalhos que a mesma vem executando em proveito da grande obra de conagração intelectual que com tanto brilho p'ós já em realização.

O ultimo boletim enviado pela Secretaria da Federação contém em resumo, as seguintes informações de interesse á vida literaria de diversos Estados da União:

CEARA — Comemorando a passagem do 88º anniversario do

nascimento de Casimiro de Abreu, esteve reunida em Fortaleza, a 5 de janeiro pp., a Academia Cearense de Letras, sob a presidência do sr. Antono Salles. Falou sobre o suave lirico das "Primaveras" o academico sr. Herminio de Araujo.

RIO GRANDE DO NORTE — Foi eleito para ocupar a presidência da Academia Norte-Riograndense de Letras, recentemente fundada por iniciativa da Federação e sob amparo off. al do governo, o sr. Henrique Castriciano.

SERGIPE — A Academia Sergipana de Letras, restou significativamente homenageada, á memoria de Pedro Calzans, patino de uma

de suas cadeiras, fazendo nanguitar, na casa de seu nascimento, no município sergipense de Santa Luzia, uma placa comemorativa do 1º centenário daquel notavel pulo das letras nordicstinas. A cerimonia teve lugar a 28 de cezeno b'º, data em que transcorria precisamente a efemerde, tendo sido crador oficial o academico sr. Luiz José Costafino.

DISTRITO FEDERAL — Tendo novos directores a Academia Carioca de Letras. Empossados em sessão de 5 de janeiro, são eles os academicos srs. Affonso Costa presidente (releito); Almachio D. Pinz secretario-geral; Jacques Raimundo, 1º secretario; Othon Costa, 2º secretario; Benedito

tesoureiro (releito) e M. Nogueira da Silva, bibliotecario.

SÃO PAULO — Para a cadeira n. 4 da Academia Paulista de Letras, patronimica de Miranda Azeredo, foi eleito, em janeiro ultimo, o poeta sr. Cyro Costa, nome dos de mais prefeção nos circulos intellectuais da Paulicea.

MATO GROSSO — Tambem a Academia Matogrossense de Letras se associou á serie de homenagens promovidas pela Federação a n'essa data de Quintino Bocayiva, quando, por occasião da passagem de seu 1º centenário. Para esse fim, a entidade de Cuyabá realizou sessão especial a 4 de dezembro quando o respectivo presidente academico sr. José d. Mesquita.

*A' digna Secretaria
da Associação Acadêmica Riograndense de Letras.*
Flora

REPÚBLICA

Orgão do Partido Liberal Catarinense
Diretor: Batista Pereira

ANO IV Florianópolis - Santa Catarina - Quarta-feira 16 de Junho de 1937 NUMERO - 954

Publicações

Por intermédio do membro correspondente em o nosso Estado, sr. 1º Tenente Farmacêutico Ildefonso Juvenal, distinguímo-nos a conceituada e vitoriosa Academia Riograndense de Letras, com a oferta de um exemplar do 2º número da bem elaborada «Revista», correspondente ao primeiro semestre do corrente ano.

Como o número anterior, o segundo número da «Revista» da Academia está excelente.

No seu texto encontram-se magníficas produções dos mais apreciados valores da cultura literária gaúcha.

Em a primeira página a «Revista» homenageia o incansável e ilustre Presidente da Academia, sr. Professor sr. Felix Contreiras Rodrigues, publicando-lhe o cliché e fazendo em torno de sua personalidade justíssimos conceitos.

Os acadêmicos Ribeiro Taquez, Dario de Bittencourt, Passos Cabral, Valdemar de Vasconcelos, J. Antunes Matos, Atila Casses e Walkiria Neves Goulart, enriqueceram as páginas da «Revista» com primorosos versos e Leopoldo Bertoli, com um judicioso e brilhante estudo crítico do apreciado livro *As loucuras*, do dr. Mingote, de Martins Fontes. Davéras apreciável é também a bem fundamentada crítica feita pelo acadêmico Ollato San Martin, sobre Ignêz de Castro, evidenciando as contradições de julgamento pelos poetas, sobre a morte daquela que depois de morta foi rei no reino; outro tanto diremos da bela página descritiva proferida pela pena do acadêmico Luiz Carlos de Moraes, intitulada *Revendo um registro de Notas*.

Evidenciando o incontestável valor da oratória de diversos membros da Academia, publicou a «Revista» bem elaborados discursos, como o do acadêmico Mateus da Fontoura, eleito para a cadeira de Artur Rocha; o Elogio crítico biográfico de Marcelo Gama, feito pelo acadêmico De Paranhos Antunes, apreciado historiador e destacado membro do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul; *Peroração de um discurso de*

paraninfo proferido pelo acadêmico Cesar Santos; e alocução proferida pelo acadêmico Mário Bernard, por ocasião de um banquete que foi oferecido em Pôrto Alegre, pelo motivo de sua justa eleição para a Academia Riograndense de Letras.

Homenageando o escritor uruguaio Boaventura Caviglia (Hijo), correspondente da Academia em Montevidéu, publicou a «Revista» o seu cliché, sendo e logias referências à cultura literária e científica do homenageado.

Na parte noticiosa encontram-se a «Cronologia das sessões realizadas durante o ano de 1936», «Relação das publicações recebidas pela Academia» e descrição da brilhante situação desenvolvida pela mesma no grande Congresso das Academias de Letras realizado na Capital da República.

A Comissão de Publicação da Academia, à qual está anexa a redação da «Revista», é composta pelos acadêmicos Zeferino Brasil, Mário Tota, Manoelito de Ornelas, Sante Uberto Barbieri e Dario de Bittencourt.

O quadro da Academia Riograndense de Letras é composto de 40 membros efetivos, achando-se vagas somente duas cadeiras as de nos 13 e 18, das quais são patronos, respectivamente, os laureados vultos das Letras gaúchas: Celso Ferreira e Eduardo Arns.

Agradecendo a generosidade da oferta formulamos nossos votos pelo engrandecimento da Academia Riograndense de Letras, conceituada associação cultural, que muito vem contribuindo para o engrandecimento das letras nacionais.

ANEXO A6 – Elaboração do “Vocabulário de gauchismos”

Academia Riograndense de Letras

28 SET. 1937

Acha-se quasi concluida a letra A do "Vocabulario de Gauchismos", em elaboraço pelo sodalicio — Na sessão desta noite, pronunciará uma conferencia o dr. Cesar Santos

Como faz parte de suas finalidades a Academia Rio Grandense de Letras, vem elaborando, desde o inicio das actividades na phase actual, um completo e minucioso repertorio, convenientemente documentado, de todos os termos e expressões do nosso linguajar regional, trabalho esse que, no exercicio em curso, se encontra affecto aos academicos srs. Cel. Luiz Carlos de Moraes, dr. Mario Bernd, Clemenciano Barnasque, dr. Alcides Maya e Cel. Aurelio Porto, como integrantes da Commissão de Lexicographia.

Dessa importante obra, a que foi dada a denominação de "Vocabulario de Gauchismos", está prestes a ficar terminada a parte relativa á letra A, que logo que concluida, será lançada á publicidade em fasciculo especial.

Na sessão administrativa desta noite da Academia, o relator da Commissão, Cel. Luiz Carlos de Moraes, apresentará, como materia de ordem do dia, novas contribuições recentemente colligidas pelo alludido orgão academico para discussão e approvaço em plenario.

A reunião terá lugar na séde social, com inicio ás 20,30 horas, e, como de habito, será completada pelo "quarto de hora litterario", que, desta vez, estará a cargo do academico sr. dr. Cesar Santos. Preenchendo essa parte dos trabalhos, pronunciará elle uma conferencia subordinada ao thema "Evoluço psychologica do individuo".

**ANEXO A7 – Fusão da Academia Rio-Grandense de Letras e da Academia
de Letras do Rio Grande do Sul (18 jun. 1944)**

R. do Trabalho
 feira última, quando chegou a notícia da morte do dr. Admar Severo, juiz de direito do Rio Grande do Sul, reunido em sessão prestou ao pranteamento a merecida homenagem suspendendo os seus trabalhos por dez minutos, em memória das suas sessões de profundo pesar e de ao presidente da balhista de Rio Grande representando-o nos prais funebres e apresentando à família enlutada homenagens associadas.

**CÉREBRO
 MÚSCULOS
 CORPO**

Vão muito além. Vão do que qualquer conexão de nós. Vão ao de suportarmos, rente, a situação de todos os setores sempre que a nossa não pudesse implicar de alguma vantagem.

precisamente numa que o custo de vida muito astronômico; homens públicos de estudar uma solução para o trabalhador, este ainda é jogado ao trancido e não partilha de leve, das arguições que estão sendo exaustivas para condenar o projeto.

argumentos expostos em classes industriais e podem ser justos ou não. Mas o que não é raiz da situação do trabalhador não seja como ainda não o pesar na solução do

essidade de melhorar o transporte, em defesa da economia do Estado, não, senão o ferroviário, mais de noventa por cento do transporte no Estado? Se concebe que o seu trabalho não tem estudos básicos na do trabalhador que o

traçada pelas autoridades capazes de achar a solução que encerre, finalmente, a extinção da anomalia e a regularização dos nossos transportes lhe deve, portanto, quer obstáculo.

o trabalhador não alijado do estudo do porque é dele que essencialmente, o seu transporte. A melhoria é uma coisa que se momento atual. Mas a melhoria sem cumprimento humano, sem o trabalhador que o, há mais de vinte e cinco anos, a margem de vantagens proporcionais

se a Procuradoria Regional do Trabalho.

Nesta capital, representou o Conselho na chegada do corpo daquele extinto magistrado o sr. Luiz Valandro Sobrinho, secretário do Conselho, visto achar-se doente, acamado, o seu presidente dr. Djalma de Castilhos Maia.

Fundir-se-ão hoje numa só entidade a Academia Rio-Grandense de Letras e a Academia de Letras do Rio G. do Sul

Sob a presidência do prof. Valter Spalding, a Academia Riograndense de Letras reali-

zará hoje, às 9,30 horas, em sua sede social, a sessão extraordinária de extinção definitiva de seus trabalhos, devendo estar presentes todos os acadêmicos aqui domiciliados e ainda vários que, para esse fim, viajaram especialmente do interior do Estado para Porto Alegre.

A mesma hora, precisamente, em sala diversa mas no mesmo prédio, à rua Riachuelo 1307, a Academia de Letras do Rio Grande do Sul, sob a presidência do dr. Tasso Vieira de Faria, também realizará ato idêntico, procedendo ao encerramento oficial de suas atividades.

O desaparecimento dessas duas entidades se processará em obediência ao plano elaborado pela sua fusão numa só, devendo, às 10 horas da manhã de hoje, ter lugar, no salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, a grande assembleia geral conjunta que fundará a nova Academia única do Estado.

Os trabalhos dessa solenidade

Os lucros extraordinarios em S. Paulo

SAO PAULO, 17 (C. P.) — As declarações de lucros extraordinarios, cujo prazo foi ontem encerrado, atingiram a 240 milhões de cruzeiros, somente nesta capital. Mais de duas mil pessoas fizeram declarações, acreditando-se que ainda restem fazer outras tantas. E' esperada uma prorrogação do prazo.

de serão dirigidos, por especial deferência, pelo dr. Manuel Duarte, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, assim associará o presidente dessa veterana agremiação cultura a tão significativo para a vida literária gaúcha. A nova Academia elegerá hoje mesmo a sua primeira diretoria, a qual terá posse imediata, iniciando desde logo sua atividade cultural.

Na grande sessão conjunta desta manhã, serão oradores dr. Salvador Garcia Carrara, pela Academia de Letras do Rio Grande do Sul, e o dr. Ari Martins, pela Academia Riograndense de Letras.

CARTERINHA COMPRIMIDOS
Melhoral
 contra DORES e RESFRIADOS

Melhoral

CONTRA DORES DE CABECA, DE DENTES, NEURALGIAS - GRIPES - RESFRIADOS.

nadas à coltividade, seria o mesmo que construir um edifício sem alicerces. Seria incorrer no risco de ver o problema solucionado parcialmente, beneficiando uns e prejudicando outros.

E o Estado Novo, para gloria do Brasil, não mais comporta soluções parciais nos seus problemas.

Pique, por fim, o povo do Rio Grande certo de uma coisa: O trabalhador ferroviário não será alijado, como já tem sido por diversas vezes, porque o problema já assumiu aspectos humanos e o atual Diretor da Viação Férrea estará a postos para demonstrar, mais uma vez, os princípios de humanidade que caracterizam a sua administração.

Qualquer que seja a solução dada ao problema, podam o Rio Grande do Sul e o Brasil contar com a disciplina e com a colaboração, jamais desmentidas, que vêm norteando, sempre, as atitudes do ferroviário riograndense. — Um ferroviário.

A INDUSTRIA DAS CASAS DE COMODOS

"Apesar de existir uma lei que regula, de maneira energica, a questão de alugueis de predios, as nossas autoridades, tão prontas a zelar pelas disposições legais, ainda não cogitaram de fazer uma fiscalização em torno das "casas de comodios", que constituem uma verdadeira burla.

O predio não pôde ser aumentado de aluguel. Muitas vezes o proprietario se vê na dura contingencia de locá-lo por

uma quantia irrisória. No entretanto, o inquilino, contando com a tolerancia do poder publico, subdivide a habitação em grande numero de peças, passando a explorar as pessoas de poucos recursos. Atualmente, chega-se a pagar por um quarto a quantia correspondente ao aluguel de uma casa.

E' tão rendosa a industria das casas de comodios, que existem muitas pessoas que vivem desse officio, mantendo sublocadas duas ou tres casas, que lhe dão um rendimento superior ao cargo de fiscal do imposto de consumo. Não seria possível reprimir a ganancia de lucro dos exploradores dessa nova industria? — (a.) Um comerciarario".

Olhe a vida com bons olhos
Colirio MOURA BRAS

CHUVEIRO Diamon
 VENDA VISTA E A PRAZ
 RUA URUGUAY Nº 99
 56.000 (Iluminado) e 40.000 (Sem Iluminado)
 SALA 519 TONE 5820
 Porto Alegre
 Representante: Casa Sanita

Existem algumas vagas de sentenças no Interior. Aceite vendedores para a Capital.

Sangue puro é a fortuna dos
"MILIONARIOS DE SAUDE"
TAYUYÁ
 DE SAO JOAO DA BARRA

Excelente medicação auxiliar no tratamento da SIFILIS e suas manifestações: REUMATISMO, ÚLCERAS, AFEÇÕES DE PELE E DAS MUCOSAS (Boca, nariz e garganta), sífilides, roséolas, DOENÇAS MUSCULARES E OSSÍFICAS.

DR. FARIAS GUIMARÃES CIRURGIÃO DENTISTAS
 Rua Mal. Floriano, 4.
 4.º andar — Sala, 40

ANEXO A8 – Sede acadêmica



ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Fundada a 1.º de dezembro de 1901

Filiada à **Federação das Academias de Letras do Brasil**

Declarada de Utilidade Pública pelo Decreto Federal n.º 32.992, de 9-06-1953 (D. O. da U., de 12-06-1953)

Sede provisória : Rua Duque de Caxias, 1525 - Conj. 49 D

90.000 - PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL - BRASIL

Governo dá espaço a letras do Estado

A Academia Rio-Grandense de Letras deverá ter um espaço doado pelo Estado até o final do atual governo. A promessa foi feita ontem pelo governador Alceu Collares, durante a inauguração da sede provisória da Academia, numa sala da Secretaria de Estado da Cultura. Collares também afirmou que, antes de encerrar sua gestão, cada um dos 19 Conselhos Regionais de Desenvolvimento terá sua Casa de Cultura, com um espaço específico para a Academia de Letras. Hoje, segundo ele, existem no RS 7 mil prédios onde poderiam ser instaladas essas casas.

A secretária de Cultura, Mila Cauduro, confessou-se "altamente gratificada" com a cessão do espaço para a Academia, a qual também pertence. A secretária disse que o ato do governador se deve a seu "talento e espírito revolucionário".

O presidente da Academia, Francisco Pereira Rodrigues, disse que, há 91 anos, os acadêmicos esperam por um espaço próprio, já conquistado até nos estados brasileiros mais pobres. Ele lembrou que, quando prefeito da Capital, Collares já havia proposto à Câmara, mas sem sucesso, a doação do prédio da Cepal, na rua André da Rocha.

Correio do Povo - 17/10/1.992

IMPRESSO

**GOVERNO
DO ESTADO**
A FORÇA QUE VEM DO POVO

PORTE PAGO
PRT/RS
199/91

TRINTA DIAS DE CULTURA

JORNAL DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO RS - ANO IV - Nº 40 - 1992



FESTIVAL DE TEATRO DE PELOTAS - CENA DE "500 MILIGRAMAS"

ACADEMIA EM CASA NOVA



MAURO PORTAL

Em cerimônia realizada dia 16 de outubro, o Governador Alceu Collares cedeu oficial e gratuitamente uma das salas da Secretaria da Cultura, na Andradas, nº 1234, 10.º andar, para o funcionamento, por um período de dois anos, da sede da Academia Rio-Grandense de Letras. Na ocasião, o Governador prometeu ao presidente da entidade, Francisco Pereira Rodrigues, que até o final de seu governo a Academia terá sua sede própria, doada pelo Estado.

ANEXO B – Correspondências

**ANEXO B1 – Expansão cultural promovida pela Academia Rio-Grandense
de Letras**

À Academia Rio Grandense de Letras

"O GREMIO RIOPARDENSE DE LETRAS, pela sua primeira diretoria abaixo assinada, tendo sido fundado nesta cidade em data de 7 de Setembro de 1937, vem requerer á ACADEMIA RIOGRANDENSE DE LETRAS o seu reconhecimento como entidade filiada, propondo-se á execução do programa de expansão cultural que esse sodalicio lhe traçou e com cujos itens se manifesta plenamente de acôrdo. Junta, de conformidade com dispositivo do mesmo programa, um exemplar de seus estatutos e a relação dos sócios efetivos até a presente data."

Porto, 30 de Setembro de 1938

Dr. Severino Tomba Bastian *Presidente.*
Dr. Suetama *vice presidente.*

Felippe Roballo *1.º Secretário*

Nicolau L. Leluvam.
Trombeiro.

Riagio Tarantino
Bibliotecário

GRÊMIO PASSOFUNDENSE DE LETRAS

(FUNDADO EM 7 DE ABRIL DE 1938)

PASSO FUNDO — Rio Grande do Sul — Brasil

Da Secretaria.

N.º

Passo Fundo, 6 de Maio de 1938

Ilmo. Sr. Presidente da ACADEMIA RIOGRANDENSE DE LETRAS

O GRÊMIO PASSOFUNDENSE DE LETRAS, pela sua primeira diretoria abaixo-assinada, tendo sido fundado nesta cidade em data de 7 de Abril de 1938, vem requerer á Academia Riograndense de Letras o seu registro como entidade reconhecida, propondo-se á execução do programa de expansão cultural que esse sodalicio lhe traçou e com cujos itens se manifesta plenamente acôrde.

Junta, de conformidade com dispositivo do mesmo programa, um exemplar de seus estatutos e a relação completa de seus sócios efetivos até a presente data.

Arthur Ferreira Filho
(Presidente)

Gabriel Bastos
(Vice-presidente)

Lucilla V. Schleder
~~II~~ (Secretário ~~XXXXX~~)

Verdi De Cesarof
(1.º Secretário)

Santo Alberto Paolini
~~II~~ (Secretário ~~XXXXX~~ geral)

Daniel Pires
(Tesoureiro)

Antonio Augusto de Souza
(Bibliotecário)

FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL

Séde: RUA MEXICO, 98—6.º Andar
CAIXA POSTAL 32 (LAPA) TELEFONE 42-9799
RIO DE JANEIRO 11/2/1941.

Publica a
Revista das Academias de Letras
orgão de colaboração dos membros das
academias filiadas, distribuído no
Brasil e nos países americanos

DIRETORES:

Presidente
Monte Arraes

1.º Secretario
Francisco Leite

2.º Secretario
Elpidio Pimentel

Tezoureiro
Paulo Bentes

Bibliotecario
Aldo Delfino

Redator de Revista
Severino Filho

Comissão Permanente:

Domingos Barbosa
Carlos Xavier
e
Dioclecio Duarte

Ilmo. Sr.

Presidente da Academia Riograndense de Letras.

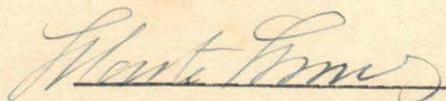
Seja-nos permitido solicitar, por intermédio de V. Ex., aos ilustres membros dessa Academia que enviem regularmente colaborações á Diretoria da Revista da Federação.

Entre os trabalhos de qualquer gênero, que receberemos com o maior agrado, encarecemos a conveniência de investigações e estudos informativos sôbre a vida cultural nesse Estado, já que um dos objetivos imediatos da Federação das Academias de Letras do Brasil é revelar ao país os valores regionais de vária espécie, para fins de mais fecunda aproximação e conjugação dos múltiplos aspectos da inteligência brasileira.

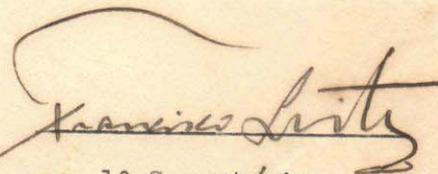
A Federação realizará obra notável ao contribuir, assim, para a valorização da consciência nacional.

Há, nos Estados, temas magníficos, que os ilustres confrades dessa Academia bem conhecem e avaliam.

Temos a honra de nos subscrever com o mais elevado apreço.



Presidente.



1º Secretario.

MOD. 562 (ANT. T 2)

TELEGRAMA DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

PREÂMBULO:

CARIMBO DA ESTAÇÃO:

RECEBIDO:

DE

ÀS

POR

INDICAÇÕES DE SERVIÇO
TAXAS E ENDEREÇO

ARY MARTINS CAIXA
POSTAL 515 PALÉGRE



O preâmbulo contém as seguintes indicações de serviço: espécie do telegrama, estação de origem, número do telegrama, número de palavras, data e hora da apresentação.

B. 64- LIVRAMENTO 475-11-5-12H30

RA
TEXT O E ASSINA

G REMIO FUNDADO HOJE SAU DS BOLIVA R

ANEXO B2 – Casa de Cultura Mário Quintana

URGENTE
MILA CAUDURO
SECRETARIA DA CULTURA
ANDRADAS 1234 10/ANDAR
PORTOALEGRE/RS(90020-008)

Envio de 23/10/92
AB



CORREIO ELETRÔNICO

FRA96464 1610 1435 SCM/RS(F17)
CENTROFONADO-PORTOALEGRE/RS 16/1436

001/001

DESTINATÁRIO

URGENTE
MILA CAUDURO
SECRETARIA DA CULTURA
ANDRADAS 1234 10/ANDAR
PORTOALEGRE/RS(90020-008)



TEXTO

IMPOSSIBILITADA COMPARECER INSTALACAO ACADEMIA SUL-RIOGRANDENSE DE
LETRAS, APRESENTO CUMPRIMENTOS V. EXA. BRILHANTE INICIATIVA QUE
REVELA PREOCUPACAO GOVERNO DO ESTADO INCENTIVO DESENVOLVIMENTO
CULTURAL DA COMUNIDADE GAUCHA
REGINA FLORES DA CUNHA DIRETORA DA CCMQ

REMETENTE

CASA DE CULTURA MARIO QUINTANA
(MARILEZIA AGUIAR/79)
RUA DOS ANDRADAS 736
PORTOALEGRE/RS(90020-004)

SEDAC
PROTOCOLO
Nº 3418
ENTRADA 16 110 192

ANEXO B3 – Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
Gabinete da Presidência

Of. GP/LLC-137/88

Porto Alegre, 18 de maio de 1988.

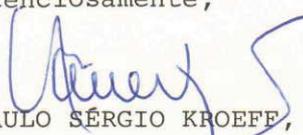
Prezado Senhor:

Tenho a satisfação de comunicar a Vossa Senhoria que o Plenarinho desta Assembléia Legislativa estará a sua disposição no dia 30 do corrente, a partir das 19:00 horas, para realização de uma palestra sobre a "Abolição da Escravatura no Brasil".

Esclareço, outrossim, que esta cêdência poderá ser cancelada caso ocorra interesse desta Casa.

Valho-me da oportunidade para renovar o testemunho de meu apreço.

Atenciosamente,


PAULO SÉRGIO KROEFF,
Chefe de Gabinete da
1ª Vice-Presidência.

Ilmº Sr.
Francisco Pereira Rodrigues,
M.D. Vice-Presidente da Academia Riograndense de Letras,
Rua Riachuelo, 1279,
Nesta Capital.

Ref. Proc. nº 2324/88-1



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
DIRETORIA-GERAL

Ofício nº 349/01-DG

Porto Alegre, 16 de abril de 2001.

Prezado Senhor,

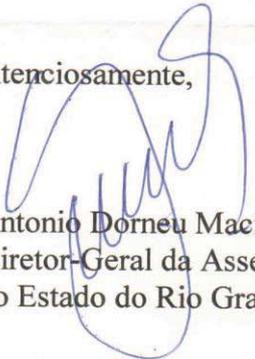
Em atenção à solicitação de Vossa Excelência, comunicamos que o Solar dos Câmara estará à disposição da Academia Rio-Grandense de Letras, nos dias 19 de abril, 03 e 31 de maio, 21 de junho, 05 e 09 de julho, 02 e 16 de agosto, 06 e 27 de setembro e 11 de outubro, do ano em curso, a partir das 17h, para a realização do Ciclo de Conferências – Ano 2001.

Na divulgação do evento deverá constar, em qualquer material gráfico e/ou de divulgação da programação, inclusive nos meios de comunicação, o seguinte crédito: “APOIO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL”.

Outrossim, salientamos a Vossa Excelência, que conforme artigo 280 do Regimento Interno desta Casa, é expressamente proibida a comercialização.

Colocamo-nos a sua inteira disposição, no Setor de Eventos desta Diretoria-Geral, para qualquer esclarecimento que se fizer necessário, através dos fones 210.2591 e 210.2037.

Atenciosamente,


Antonio Dorneu Maciel,
Diretor-Geral da Assembléia Legislativa
do Estado do Rio Grande do Sul.



Excelentíssimo Senhor
Prof. Dr. Ir. Elvo Clemente
DD. Presidente da Academia Rio-Grandense de Letras
Nesta Capital

ANEXO B4 – CIEE

000054

Porto Alegre, 08 de março de 2004.

Ilmo. Sr.
Ir. Elvo Clemente
DD. Presidente da Academia Rio - Grandense de Letras
Nesta Capital

Senhor Presidente:

O CIEE/RS conjuntamente com essa Academia realizou no ano de 2002 o "III Prêmio Literário Escritor Universitário", com mais de 200 (duzentos) trabalhos entregues.

O referido concurso é destinado a estudantes de nível superior, independente de ano e curso. A inscrição é isenta de qualquer taxa e é estipulado um prêmio, em dinheiro, para os três primeiros colocados. É firmada uma data limite para a entrega dos trabalhos, que são julgados por um júri de três pessoas, presidido por um membro da Academia Rio - Grandense de Letras.

O Centro de Integração Empresa - Escola do Rio Grande do Sul - CIEE/RS, vem à presença de Vossa Senhoria propor a continuidade desta parceria para a realização do "IV Prêmio Literário Escritor Universitário", edição 2004. O lançamento do concurso será em abril, para tal solicitamos o pronunciamento formal dessa Academia.

Como nome do Prêmio, sugerimos "CIEE/RS 35 Anos", pois em abril próximo, o CIEE/RS estará completando 35 anos.

Certos de sua especial atenção, colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,


Luiz Carlos Eymael
Superintendente Executivo

ANEXO B5 – Senado Federal



SENADO FEDERAL

Brasília, 14 de janeiro de 1993.

Senhor Presidente,

Incumbiu-me o Senhor Senador Álvaro Pacheco de solicitar a Vossa Senhoria que nos fosse enviado a relação dos membros dessa Academia, com os respectivos endereços e telefones.

Certo de contar com a atenção de Vossa Senhoria, apresento-lhe minhas cordias saudações.

Assinatura manuscrita em tinta azul de Antonio Carlos Ferro Costa.

ANTONIO CARLOS FERRO COSTA
Chefe de Gabinete

Endereço para correspondência:
Senador Álvaro Pacheco - Anexo II - Ala Afonso Arinos Gab.4
Senado Federal CEP 70165-900
FAX - (061) 226.4092

ANEXO C – Documentos

ANEXO C1 – Registro da Academia como pessoa jurídica (1935, 1941 e 1944)

RELAÇÃO DOS SÓCIOS INCORPORADORES DA ACADEMIA RIOGRAN-
DENSE DE LETRAS, EM SUA SEGUNDA FASE:

Manoelito de Ornélas
 Jorge Bahlis
 Álvaro José Gomes Pôrto Alegre
 José Carlos de Sousa Lobo
 Emilio Kemp
 Waldemar de Vasconcelos
 João Maia
 Átila Casses
 Manoel do Carmo
 Martim Gomes
 Vieira Pires
 João Henrique
 Leopoldo Betiól
 Almeida Lins
 Henrique de Casais
 João C. de Freitas
 Ermani de Cunto
 Dario de Bittencourt
 Mário Tóta
 Coelho da Costa
 Alcides Maia
 Otélo Rosa
 Ari Martins
 Manoel Joaquim Faria Correia
 Zeferino Brasil
 De Paranhos Antunes
 João Belém
 Oscar de Holanda Cavalcanti.

Pôrto Alegre, 21 de Abril de 1935



Pôrto Alegre
João Maia

°-235



3
lud

- 2 -

ART. 7º - A Academia poderá aceitar e solicitar auxílios oficiais e particulares, bem como encargos que visem o progresso das letras e da cultura gaúchas.

ART. 8º - Embora convidada, a Academia não se fará representar em nenhuma solenidade pública, de caráter político ou religioso.

ART. 9º - A admissão de sócios correspondentes será feita mediante proposta firmada por tres efetivos e respeitadas, para o proposto, as exigências estipuladas no art. 2º, menos a referida na letra B.

X ART. 10º - No caso de extinção da Academia, liquidado o seu passivo, reverterá o saldo que houver em favor do Estado do Rio Grande do Sul, si antes não se resolver seja transferido a algum estabelecimento público ou a outra associação estadual de fins idênticos ou análogos aos seus.

X ART. 11º - Para reforma destes estatutos, extinção da Academia e aplicação do patrimônio acadêmico, no caso do art. 10º, será preciso o voto expresso de dois terços dos membros efetivos existentes na ocasião.

ART. 12º - Revogam-se as disposições em contrário.

Pôrto Alegre, 22 de Abril de 1935.



ACADEMIA RIOGRANDENSE DE LETRAS

ESTATUTOS

APROVADOS EM SESSÃO EXTRAORDINÁRIA REALIZADA A 8 DE OUTUBRO 1934



- X ART. 1º - A Academia Riograndense de Letras, fundada a 15 de Agosto de 1901, em Porto Alegre, onde tem a sua sede, funcionara, dora avante, acorde com as disposições dos presentes estatutos.
- § 1º) Visa a Academia essencialmente promover a cultura e o desenvolvimento das belas letras no Rio Grande do Sul e intensificar o intercambio intelectual dêsse Estado com os demais da Federação Brasileira.
- § 2º) A Academia compõe-se de 40 membros efetivos, dos quais 30, pelo menos, domiciliados em Porto Alegre, e de 25 membros correspondentes, com residência fora do Estado.
- § 3º) As 40 cadeiras efetivas da Academia estão sob a égide de outros tantos nomes de finados escritores gaúchos ou intelectualmente vinculados ao Rio Grande do Sul, nomes êsses da escôlha dos primeiros ocupantes das referidas cadeiras.
- § 4º) Constituida a Academia com aqueles que tiverem aderido á iniciativa do seu reergulmento, o quadro social será completado mediante escrutínio secreto, e do mesmo modo serão preenchidas as vagas que futuramente ocorrerem.
- § 5º) Em suas atividades, guar-se-á a Academia pelo Regimento Interno que faz parte integrante dos presentes estatutos.
- ART. 2º - Constituem requisitos imprescindíveis para alguém participar do quadro acadêmico, na qualidade de membro efetivo:
- A) possuir notório e comprovado mérito intelectual, justificado pela publicação de obras de valor, literárias ou científicas, ou, pelo menos, por intensa e eficiente colaboração na imprensa;
- B) estar vinculado intelectualmente ao Rio Grande do Sul, seja pela qualidade de riograndense nato, seja como estrangeiro ou filho doutro Estado reconhecidamente devotado á causa das letras gaúchas.
- X ART. 3º - A administração da Academia compete a um Presidente, um Vice-Presidente, um 1º Secretário, um 2º Secretário, um Tesoureiro e um Bibliotecário, eleitos trienalmente entre os efetivos residentes na sede, e reelegíveis.
- X ART. 4º - Cabe ao Presidente, além das atribuições constantes do Regimento Interno, a representação da Academia, ativa e passiva, judicial e extra-judicial, podendo para isso outorgar mandatos para o fóro em geral.
- X ART. 5º - Os membros da Academia não respondem subsidiariamente pelas obrigações contraídas em nome déla, expressa ou implicitamente, pelos seus representantes.
- ART. 6º - A Academia funciona com cinco membros e delibera com dez.

64 ^{lvs} Sr. Official do Registro Especial

A. 1 llo. 107 nº 216

MICROFILMADO

Apresentado hoje para registro de Pessoa Jurídica e apontado sob nº 12 297 no Livro A nº 2 de Protocollo.

Porto Alegre, 25 De Abril de 1935.

O Official successor: P. Parreira



grad Maria, Presidente, da Academia
Porto-Grandense, de Letras, vem requerer o registro dos Estatutos da referida Academia, para o fim de adquirir personalidade jurídica para a qual junta os documentos exigidos pela lei.

Nestes termos, pede
Deferimento.

Porto Alegre, 25 de abril de 1935.



reconheço

firma

em testemunho

de verdade

Porto Alegre,

De 1935

O Notario



Handwritten signatures and flourishes

28.772

SENHOR OFICIAL DO REGISTRO ESPECIAL



Apresentado hoje para inscrição
apontado sob n.º 28772 no Livro A n.º de Protocollo
Porto Alegre, 20 de maio de 1941
O Official: Osbeiro Rosa
A-2 lb. 92^{te} n.º 447

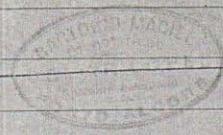
J O A O M A I A, PRESIDENTE da ACADEMIA DE LETRAS DO RIO GRANDE DO SUL, juntando a documentação que se faz necessaria, muito respeitosamente, requer a V-S- se digne de registrar a referida Academia no Registro de Pessoa Juridica.

N/ termos,

p. deferimento.

Porto Alegre
Rua
Residência,
n.º 990.

200 941
300
300
300
200
Recebeu a firma Osbeiro Rosa



28.772

38.121

ACADEMIA SUL-RIOGRANDENSE DE LETRAS
 FILIADA A
 FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL
 RUA RIACHUELO, 1307 — PÔRTO ALEGRE — RIO GR. DO SUL — BRASIL



Ilmo.Sr. Oficial do Registro Especial

Apresentado hoje para inscrição
 apontado sob n.º 38/2 no Livro A n.º de Protocollo
 Porto Alegre, 18 de agosto de 1944
 O Official: Osvaldo Rosa

A-2 ll. 172 no 611

A ACADEMIA SUL-RIOGRANDENSE DE LETRAS, fundada nesta capital a 18 de junho de 1944, com sede à rua Riachuelo n.º 1307, neste ato representada pelo seu Presidente abaixo-firmado, Dr. Olintho Sanmartin, residente à rua 7 de setembro n.º 160, e juntando os documentos legais, vem mui respeitosamente requerer se digne mandar fazer a sua inscrição no Registro das Pessoas Jurídicas.

Nestes termos

E.M. Deferimento

Porto Alegre, 18 de Agosto de 1944
 Olintho Sanmartin
 Presidente da Academia Sul-Rio-grandense de Letras



Reconheço a firma Osvaldo Rosa
 Em testemunho da verdade.
 Porto Alegre, 18 de Agosto de 1944
 O ajud.º substituto Osvaldo Rosa



crp 500

38.121

ANEXO C2 – Alteração do Estatuto (1936)

ACADEMIA RIOGRANDENSE DE LETRAS

CAIXA POSTAL 515

PÔRTO ALEGRE

Rio Grande do Sul - Brasil



MICROFILMADO

Porto Alegre, 11 de Maio de 1936

Sr Official do Cartorio do Registro Especial de Titulos e Documentos.

Elpresentado hoje para avaliação em registro de Pessoa Jurídica apontado sob no. 14345 no Livro A n.º de Protocollo.

Porto Alegre, 12 de Maio de 1936

A. n.º 107 no 216 O Official successor: P. La Parra

A ACADEMIA RIOGRANDENSE DE LETRAS, pessoa juridica de direito privado, com séde e fôro nesta capital, representada pelo seu Presidente que esta subscrêve, vem dizer o seguinte!

que, em sessão extraordinária, levada a efeito em 2 de janeiro do corrente anno de 1936, foi procedida uma alteração nos Estatutos da Academia Riograndense de Letras, já archivados nesse Cartorio;

que tal alteração attingiu, especialmente, a partes não essenciais dos referidos Estatutos;

que a unica parte essencial attingida foi no tocante á Administração da Academia, sendo criado o lugar de Secretario Geral (n.º III) - cargo esse que inexistia pelos anteriores Estatutos.

Tudo exposto, é, agora, a presente, para pedir e

REQUERER a V.S. dignar-se fazer, nos Estatutos da Academia Riograndense de Letras já archivados nesse Cartorio, a necessária avaliação da modificação introduzida, para o que annexa á presente um original e tres vias dos novos Estatutos, destinando-se a primeira ao necessario archívamento e as demais a serem restituídas á requerente, uma vez devidamente annotadas nesse mesmo Cartorio.

na expectativa de d e f e r i m e n t o .

Porto Alegre, 12 de Maio 1936
F. La Parra

Vertical stamps and signatures on the left margin. Includes a circular stamp: 'Cartorio do Registro Especial de Titulos e Documentos - Porto Alegre - Rio Grande do Sul'. Below it, a rectangular stamp: 'Notario Publico - Porto Alegre - Rio Grande do Sul'. There are several handwritten signatures and notes, including 'Em testi.', 'da verda', and 'de 1936'. At the bottom left, there are three postage stamps: a 1000 unit stamp, a 200 unit stamp, and a 200 unit stamp.

ACADEMIA RIOGRANDENSE DE LETRAS- ESTATUTOS -

I

A ACADEMIA RIOGRANDENSE DE LETRAS, fundada a 1.º de Dezembro de 1901 e reerguida, em segunda fase, a 15 de Agosto de 1934, em Pôrto Alegre onde tem a sua sede, funcionara dora avante acôrde com as disposições dos presentes estatutos.

- § 1.º) Visa a ACADEMIA essencialmente promover a cultura e o desenvolvimento das belas letras no Rio Grande do Sul e intensificar o intercâmbio intelectual dêsse Estado com os demais da Federação Brasileira e Extrangeiro.
- § 2.º) Compõe-se a ACADEMIA de quarenta (40) membros efetivos, dos quais trinta (30), pelo menos, domiciliados em Pôrto Alegre, e de vinte e cinco (25) membros correspondentes, com residência fóra do Estado.
- § 3.º) As quarenta cadeiras efetivas da ACADEMIA estão sob a égide dos seguintes nomes de finados escritores gaúchos ou intelectualmente vinculados ao Rio Grande do Sul: Alceu Wamosy, Aníbal Teófilo, Apolinario Pôrto Alegre, Aquiles Pôrto Alegre, Araujo Pôrto Alegre, Araujo Ribeiro, Artur de Oliveira, Artur Rocha, Barbosa Neto, Bernardino dos Santos, Caldre e Flão, Canto e Melo, Carlos Ferreira, Carlos Teschauer, Carlos von Koseritz, César de Castro, Damasceno Vieira, Eduardo de Araujo, Eduardo Guimarães, Felipe de Oliveira, Félix da Cunha, Fontoura Xavier, Francisco Ricardo, Hilário Ribeiro, Irineu Trajano, Joaquim Caetano, Jorge Salis Goulart, J.T. de Sousa Lobo, Lobo da Costa, Marcelo Gama, Múcio Teixeira, Pardal Mallt, Paulino de Azurenha, Pedro Velho, Pinto da Rocha, Renato da Cunha, Roque Callage, Simões Lopes Neto, Taveira Júnior e Vítor Silva.
- § 4.º) Constituída a ACADEMIA com aquêles que tiverem aderido á iniciativa do seu reergulmento, o quadro social será completado mediante escrutínio secreto, e do mesmo modo serão preenchidas as vagas que futuramente ocorrerem.
- § 5.º) Em suas atividades, guiar-se-á a ACADEMIA pelo Regimento Interno, que faz parte integrante dos presentes Estatutos.

II

Constituem requisitos imprescindíveis para alguém participar do quadro acadêmico, na qualidade de membro efetivo:

- a) possuir, impressa em livro, pelo menos uma obra de valor literário; e
- b) ser riograndense nato, ou, muito especialmente, filho doutro Estado ou mesmo extrangeiro que, residindo ha mais de cinco anos no Rio Grande do Sul, se tenha revelado, pelo vínculo intelectual, pessoa reconhecidamente devotada á causa das letras brasileiras em geral.

III

A administração da ACADEMIA está entregue a um Presidente, um Vice-Presidente, um Secretário-Geral, um 1.º Secretário, um 2.º Secretário, um Tesoureiro e um Bibliotecário, eleitos bienalmente, entre os efetivos residentes na sede, e reelegíveis, funcionando também as seguintes Comissões

MICROFILMADO

Permanentes, preenchidas por designação e nomeação do Presidente: de Bibliografia, de Publicações, de Sindicância e Crítica e de Intercâmbio.

IV

Cabe ao Presidente, além das atribuições constantes do Regimento Interno, a representação da ACADEMIA, ativa e passiva, judicial e extrajudicial, podendo para isso outorgar mandatos para o foro em geral.

§ Único - As atribuições dos demais membros da Diretoria e das Comissões Permanentes constituem matéria do Regimento Interno.

V

A ACADEMIA funciona com a presença de 5 membros e, salvo nos casos previstos pelo art. XI dos Estatutos, delibera com a de lei, exigindo-se, entretanto, para as eleições de qualquer natureza, além da presença desse mínimo, a comparência, a legal representação ou o voto expresso de quantos efetivos faltarem para perfazer a maioria absoluta dos acadêmicos em pleno gozo de seus direitos sociais.

VI

Os membros da ACADEMIA não respondem subsidiariamente pelas obrigações contraídas em nome dela, explícita ou implicitamente, pelos seus representantes.

VII

A ACADEMIA poderá aceitar e solicitar auxílios oficiais e particulares, bem como encargos que visem o progresso das letras e da cultura gaúchas.

VIII

Ocupando-se exclusivamente das feições mais nobres da índole da literatura, a ACADEMIA é infensa em absoluto a assunto outro, sobretudo de sectarismo político ou religioso, pelo que, embora convidada, não se fará representar em nenhuma solenidade pública desse caráter.

IX

A admissão dos membros correspondentes será feita mediante proposta firmada por tres effectivos e respeitadas, para o proposto, as exigências estipuladas no art. II, menos a referida na letra b).

X

No caso de extinção da ACADEMIA, liquidado o seu passivo, reverterá o saldo que houver em favor do Estado do Rio Grande do Sul, si antes não se resolver seja transferido a algum estabelecimento público ou a outra associação estadual de fins idênticos ou análogos aos seus.

XI

Para reforma destes Estatutos, extinção da ACADEMIA e aplicação do patrimônio acadêmico no caso previsto pelo art. X, será preciso o voto expresso de dois terços dos membros efetivos existentes na ocasião.

XII

3
P. S. Araújo

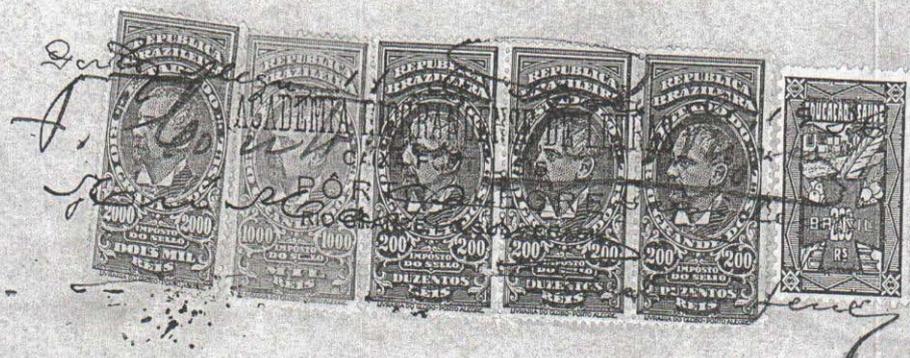
Revogam-se as disposições em contrário.

(Aprovados em sessão extraordinária de 2 de Janeiro de 1936)

Pôrto Alegre, 1º de Maio de 1936.

aa) H. Loureiro Rodrigues ..Presidente

... S. S. S. S. S. ..Secretário-Geral.



ANEXO C3 – Autorização de uso da sede acadêmica (1992)



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA FAZENDA

AUTORIZAÇÃO DE USO

A Academia Rio-grandense
de Letras, para conhecimento.

em 18.00T'92

Dr. Fernando C. M. O'Donnell
A. J. A.

O SECRETÁRIO DA FAZENDA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, por delegação de competência, considerando o disposto nos Decretos nº 34.443 de 24 de agosto de 1992, nº 5.539, de 13 de março de 1934 e nº 174, de 20 novembro de 1940, combinados com as disposições do Decreto-Lei nº 9760, de 5 de setembro de 1946, no que couber, e tendo em vista o que consta no Processo nº 20681 14.00 92.3 autoriza o uso do imóvel descrito na cláusula Primeira à Academia Rio-grandense de Letras, mediante as seguintes cláusulas e condições:

PRIMEIRA: A presente Autorização de Uso refere-se a um imóvel, localizado na Rua dos Andradas, 1234, 10º andar, conjunto 1002 nesta Capital, incorporado ao patrimônio público estadual mediante a Lei nº 9.409, de 28 de outubro de 1991, quando da extinção do Instituto Rio-grandense de Carnes.

SEGUNDA: A presente Autorização, de caráter gratuito, terá duração de 2 (dois) anos, contada da data da assinatura do presente termo, sendo renovável mediante requerimento ao Secretário da Fazenda.

TERCEIRA: A ocupação do(a) USUÁRIO(A) far-se-á nos limites da natureza econômica de sua atividade, não sendo tolerada destinação diversa, sob qualquer pretexto.

QUARTA: Correrá por conta do(a) USUÁRIO(A) qualquer obra ou benfeitoria que venha a construir sobre o imóvel comprometendo-se, outrossim, a zelar, manter e conservar as edificações que haja encontrado.



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA FAZENDA

QUINTA: Para a realização de benfeitorias, quer sejam necessárias, úteis ou voluptuárias, necessitará o(a) **USUÁRIO(A)** de autorização expressa da Secretaria da Fazenda, ficando ciente, desde logo, que o descumprimento de tal exigência acarretará sua perda em proveito do Estado, sem direito a qualquer indenização.

SEXTA:: Na hipótese de realização de benfeitorias, ao término da presente Autorização o(a) **USUÁRIO(A)** proverá às suas expensas a demolição das mesmas, desde que autorizada, e não resulte prejuízo de qualquer ordem à propriedade pública.

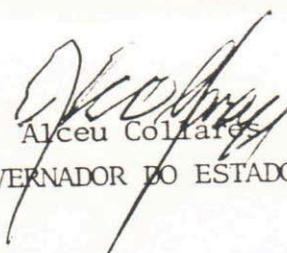
SETIMA: Regendo-se a presente Autorização de Uso pelas normas do Direito Administrativo, reveste-se de natureza unilateral, discricionária e precária, ficando automaticamente extinta no prazo fixado, ou a qualquer tempo, mediante simples notificação da Secretaria da Fazenda.

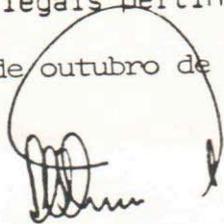
OITAVA: A presente Autorização obriga o(a) **USUÁRIO(A)** a responder por todos os encargos que recaiam ou venham recair sobre o imóvel, com também defendê-lo de esbulhos possessórios que, eventualmente, venham a ocorrer, podendo, inclusive, utilizar-se da ação legal que o caso exigir.

NONA: A Secretaria da Fazenda reserva-se, a qualquer tempo e sem aviso prévio, o direito de vistoriar e fiscalizar o imóvel objeto do presente termo, visando, sempre, o fiel cumprimento das condições de uso aqui fixadas.

E, para que produza seus efeitos, assino o presente termo autorizando o(a) **USUÁRIO(A)** a utilizar o imóvel antes descrito, com a observância das condições impostas e das restrições legais pertinentes.

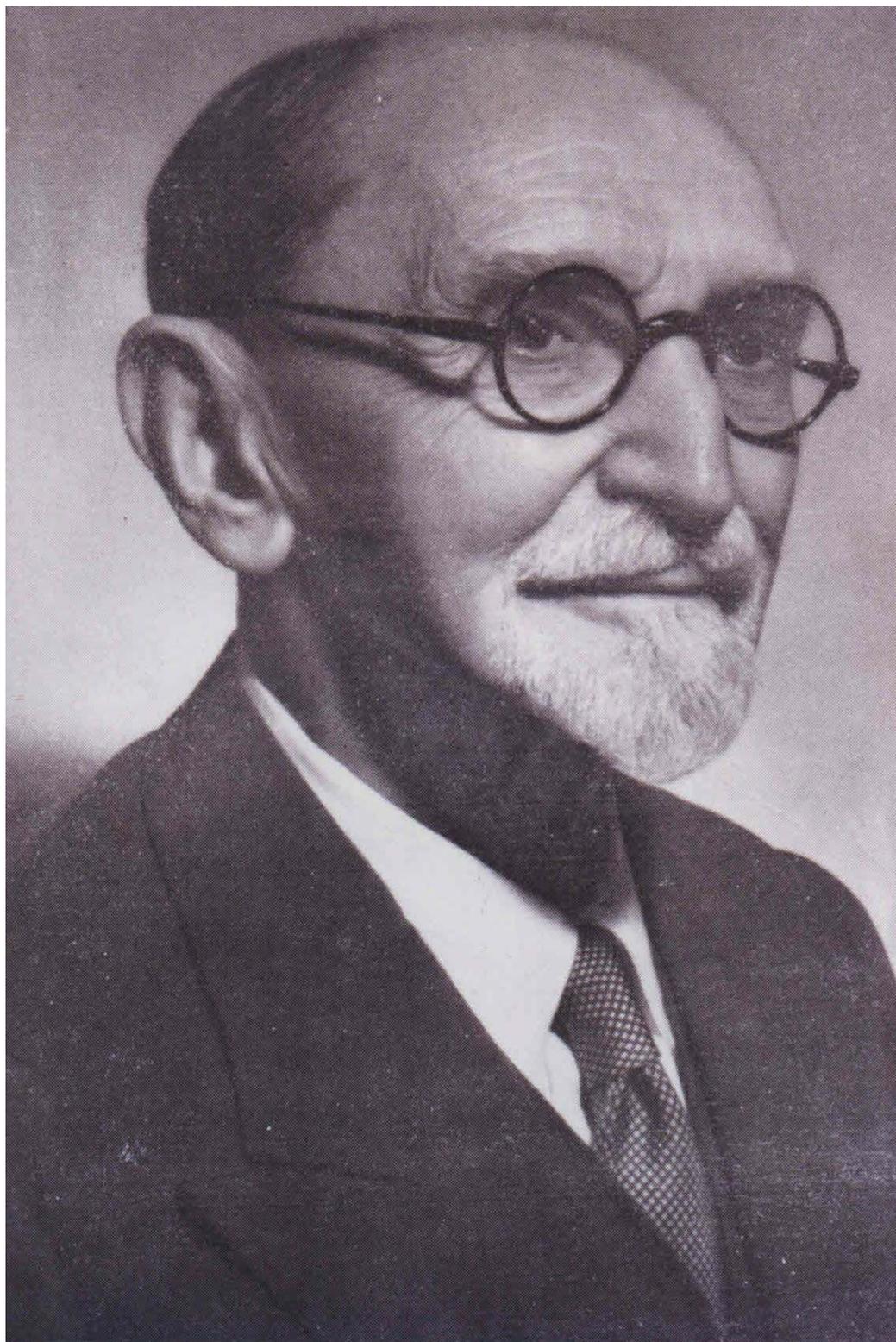
SECRETARIA DA FAZENDA, em Porto Alegre, 16 de outubro de 1992.


Alceu Collares
GOVERNADOR DO ESTADO


Urbano Schmitt,
SECRETÁRIO DA FAZENDA,
em Exercício.

ANEXO D – Acadêmicos

ANEXO D1 – Olinto de Oliveira





**ANEXO D2 – Olinto de Oliveira e Carlos Barbosa (Faculdade de Medicina –
1948)**



ANEXO D3 – Zeferino Brasil (Como de costume, aparece usando sua bengala, acompanhado pelos amigos Olinto Sanmartim e Odacir Beltrão)



ANEXO D4 – Homenagem a Zeferino Brasil

HOMENAGEM A ZEFERINO BRASIL

A Academia de Letras do Rio Grande do Sul e a Academia Rio-grandense de Letras, representadas pela comissão mista que êste subscreve, têm a honra de convidar V. S. e Exma. família para a sessão solene a realizar-se no dia 20 de Novembro em curso, com início às 20,30 horas, no Teatro São Pedro, em memória do glorioso Poeta e Acadêmico

Zeferino Brasil

Usarão da palavra os Acadêmicos Augusto Carvalho e Paulo de Gouveia. Prestarão ainda o seu gentil concurso o Orfeão do Instituto de Educação e a Sociedade de Concertos Sinfônicos "Clube Haydn".

Pelo comparecimento, antecipam seus agradecimentos.

A Comissão

Alvato Pôrto Alegre	Olinto Sanmartin
Alcides Millet	Mário Teixeira de Carvalho
Evandro Ribeiro	Diogo M. Wüth
J. L. Cupi Caldas	J. Antunes de Matos

ANEXO D5 – Ir. Elvo Clemente



**ANEXO D6 – A posse de Ir. Elvo Clemente na Academia Rio-Grandense de
Letras**

Concis do Povo de 23.9.1954

Ato de posse na Academia Rio-grandense de Letras

Realiza às 20.30 da próxima 6.ª-feira, dia 25, no salão nobre do Grêmio Beneficente de Oficiais do Exército, à Rua dos Andradas, 904, 2.º andar, uma sessão solene a Academia Rio-grandense de Letras, sob a presidência de nosso colaborador professor Antonio da Rocha Almeida. A finalidade da sessão é dar posse ao sócio efetivo prof. Antonio João Silvestre Mottin (Irmão Elvo Clemente), eleito a 3 de julho último, por unanimidade de votos, para ocupar a cadeira n.º 6, de que é patrono Apolinário Porto Alegre e que se acha vaga desde o falecimento, a 16 de maio de 1956, do acadêmico professor Mario Bernd. Saudará o recipiendário o acadêmico Hugo Ramirez.

O novo acadêmico frequentou o Curso de Letras Clássicas na Faculdade Católica de Filosofia Ciências e Letras, de onde saiu Bacharel em 1948, Licenciado em 1949 e Doutor em Letras Clássicas em 1953. Em 1956 e 1957 estudou na Europa, tendo concluído os Cursos de Filologia Hispânica em Salamanca (Espanha), de Antiguidade Italiana, na Universidade de Perúsia e de Aperfeiçoamento Profissional e Didático em Saint Quentin Falavrier (Isère, França).

É, desde 1959, professor catedrático, por concurso, de Língua e Literatura Portuguesas na Faculdade de Filosofia e Letras e na Escola de Jornalismo da Universidade Pontifícia. Exerce ainda o magistério no Colégio de Nossa Senhora do Rosário e os cargos de Secretário da Retórica, da revista universitária "Veritas", da revista "Voz de Maria", do "Boletim de Estudos" e da Associação Brasileira de Estudos Clássicos.

Além dos dois anos de estudos passados no Velho Mundo, fez ainda outras viagens, tendo tomado parte em vários congressos de filologia. São de sua autoria: "Aspectos da Vida e Obra de Lobo da Costa" (tese de doutoramento, 1953); "Caminhos da Estilística", onde se encontra um interessante estudo sobre a personalidade de seu atual patrono, 1958; "Educação Religiosa e Marista", 1958; "Estudo estilístico de um conto de Miguel

Torga", 1958; "O Temporal e o Eterno em Paulo Corrêa Lopes" (tese de concurso de cátedra, 1959, além de diversas colaborações esparsas no "Correio do Povo", Revista "Veritas", "Revista do Globo", "Diário de Notícias" e "Jornal do Dia".



Irmão Elvo Clemente

Correio do Povo de 27.9.64



Flagrante da sessão da Academia Rio-grandense de Letras para posse do irmão Elvo Clemente, que tem à sua direita o acadêmico Hugo Ramirez, que pronunciou o discurso oficial de saudação

Posse do Ir. Elvo Clemente na Academia de Letras

Sob a presidência do professor Antonio da Rocha Almeida e com a presença dos acadêmicos Clio Fiori Druck, Ari Martins, Gevaldino Ferreira, Olinto Santmartin, Alcides Gonzaga, Bento Fernandes, Antonio Dias de Oliveira, Mário Calvet Fagundes, Mozart Pereira Soares, Moacir Santana, Ramiro Frota Barcelos, Artur Ferreira Filho, Naziazeno d'Almeida, Osvaldo Miller Barlém, Rui Cardoso Nunes e Lothar F. Hessel, realizou na noite de 25 do corrente, a Academia Rio-grandense de Letras uma sessão solene de posse do novo acadêmico professor irmão Elvo Clemente. Pelo 1.º secretário, sr. Ari Martins, foi lida a efeméride literária, referente ao nascimento em Pôrto Alegre, a 25 de setembro de 1875, do acadêmico Alvaro Pôrto Alegre, sócio honorário da Academia, onde ocupou a cadeira n.º 10, de que é patrono seu tio Achilles Pôrto Alegre.

Soudou o recipiendário o acadêmico Hugo Ramirez. Ambas as orações agradaram bastante a seleta assistência, onde se destacavam o irmão dr. José Otão, rei-

tor da Pontificia Universidade; ministro Francisco da Silva Juarena, vice-reitor e presidente do Instituto de Cultura Hispânica; os cônsules de Espanha, República Argentina e Uruguai; d. Maria Isabel Costa, presidente da Academia Literária Feminina; professora Maria Aragón, presidente da Mesa Redonda Pan-Americana; sr. Nelson Padinelli, presidente da Casa do Poeta Rio-grandense, além de grande número de convidados.

Rompendo o rígido protocolo das sessões solenes de posse, o presidente Rocha Almeida improvisou um quarto de hora literário, onde se fizeram ouvir os declamadores acadêmicos Manoel Bento Fernandes, Moacir Santana, Carmen Viana e Ana Luisa Bueno Simas. Em nome da Academia Literária Feminina saudou o novo acadêmico sua presidente d. Maria Isabel Costa. A próxima sessão será realizada a 2 de outubro próximo de homenagem, póstuma ao acadêmico professor Rubio Brasileiro, sendo orador o dr. Osvaldo Miller Barlém.